



TONI MAGUIRE

*Não conte
para a mamãe*

Memórias de uma infância perdida

B
BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





TONI MAGUIRE

*Não conte
para a mamãe*

Memórias de uma infância perdida

B
BERTRAND BRASIL

NÃO CONTE PARA A MAMÃE

Toni Maguire TÍTULO ORIGINAL DON'T TELL MUMMY

TRADUZIDO POR ISABEL ALVES

ASA

LITERATURA

1ª edição: Setembro de 2008

2ª edição: Maio de 2009

Depósito legal nº 279991/08

ISBN 978-989-23-0297-3

Para Caroline ... que abriu a porta me encorajou a transpô-la
AGRADECIMENTOS

Um agradecimento muito especial a Alison, Gerry e Gary que tanto enriqueceram a minha vida.

A minha agente, Barbara Levy, quero agradecer a paciência e a incomparável comida chinesa.

E a ti, Mavis Cheek, obrigada por escreveres os teus livros espirituosos e bem-humorados que me acompanharam durante as noites à cabeceira da minha mãe.

CAPÍTULO 1

Nada na casa, no pacato subúrbio de Belfast, a fazia sobressair. A imponente construção em tijolo vermelho, recuada em relação à rua, estava rodeada por espaços ajardinados. Tinha a aparência de qualquer outra grande casa de família. O número no portão confirmou que me encontrava no endereço correcto quando consultei o pedaço de papel que tinha na mão, num último gesto de confirmação.

Incapaz de esperar mais, peguei na mala que o taxista havia depositado no passeio, percorri o caminho e abri a porta.

- Sou a Toni Maguire - anunciei à mulher de roupas informais, atrás do balcão de recepção. -

A filha da Ruth Maguire.

Ela olhou para mim com curiosidade.

- Sim. A sua mãe informou-nos da sua chegada esta manhã. Não sabíamos que ela tinha uma filha.

Não, pensei, imagino que não.

- Venha, eu acompanho-a. Ela está à sua espera.

Percorreu energicamente o corredor até à bonita enfermaria, com quatro camas, onde estava a minha mãe. Segui-a, escondendo as minhas emoções.

Quatro senhoras idosas estavam reclinadas em cadeiras viradas para as mesinhas-de-cabeceira, ao lado das respectivas camas. Três das mesinhas estavam cobertas de fotografias de entes queridos, enquanto a quarta, a da minha mãe, estava despida. Senti uma pontada familiar de dor. Nem uma das minhas fotografias de bebé estava ali pousada.

Ela estava sentada na sua cadeira, com os joelhos tapados por uma manta e as pernas apoiadas num banco, ao alto. Não era a mulher robusta que, por ocasião da minha última visita à Irlanda, há mais de um ano, ainda parecia dez anos mais nova do que a idade indicada na certidão de nascimento. Essa mulher fora substituída por esta idosa, mirrada e frágil, com o ar de uma doente em fase terminal.

Os olhos verde-escuros que frequentemente lampejavam de fúria enchiam-se agora de lágrimas ao estender-me os braços. Largando os meus sacos no chão, corri para eles. Pela primeira vez em muitos anos, eu e a minha mãe abraçámo-nos e o meu amor, até aí adormecido, despertou de novo.

- Vieste, Toni - murmurou ela.

- Teria sempre vindo se me tivesses pedido - respondi suavemente, chocada com os ombros descarnados que senti por baixo do roupão.

Uma enfermeira entrou apressada e aconchegou melhor a manta em volta das pernas da minha mãe. Virando-se para mim, perguntou como tinha corrido a viagem de Londres.

- Menos mal - respondi. - São só três horas.

Grata, aceitei uma chávena de chá e fixei atentamente o líquido enquanto me recompunha, não desejando que a minha expressão traísse o choque que a fragilidade da minha mãe me causara. Estava consciente de que ela, anteriormente, já havia sido hospitalizada para acompanhamento do controlo da dor, mas sabia também que esta seria a última vez.

Informado da minha chegada, o médico da minha mãe veio falar comigo. Era um jovem alegre e de aspecto agradável, com um sorriso rasgado.

- Ruth - perguntou ele -, está contente agora que a sua filha a veio visitar?

- Muito contente - respondeu ela, no seu habitual tom de senhora fina, tão inexpressivamente que era como se estivesse a comentar o tempo.

Quando ele se virou para mim, vi a mesma expressão curiosa que atravessara o olhar da rececionista.

- Posso tratá-la por Toni? - perguntou. - É como a sua mãe lhe chama.

- Com certeza.

- Gostava de lhe dar uma palavrinha logo que termine o chá. Dê um salto ao meu gabinete. A enfermeira indica-lhe onde é.

Dirigindo mais um sorriso de reconforto à minha mãe, saiu.

Detive-me uns minutos para adiar o que pressentia ser um encontro difícil, beberiquei o chá lentamente antes de ir, com alguma relutância, saber o que ele queria.

Quando entrei no gabinete, fiquei surpreendida ao deparar-me com outro homem sentado ao lado dele, vestido de um modo informal, apenas com uma fita a identificar a sua profissão.

Sentei-me na única cadeira disponível, olhei para o médico com o que desejei ser uma expressão neutra e esperei que ele começasse a conversa. Assim que o fez, explicando calmamente a situação, fui invadida por uma onda de desânimo. Compreendi que seria necessário fornecer-lhe algumas respostas que sentia relutância em dar, pois implicaria abrir aquelas caixas de memória habitadas pelo fantasma da minha infância.

- Temos alguns problemas com o tratamento da sua mãe e estávamos com esperança de que nos pudesse dar umas luzes. A medicação de controlo da dor não está a funcionar tão bem quanto seria de esperar. E, para ser franco, administrámos a dose mais elevada que podemos prescrever.

Fez uma pausa para ver a minha reacção. Não detectando nenhuma, continuou.

- Durante o dia, reage bem ao pessoal, deixa que a levem para a cafetaria, mostra interesse na aparência e tem apetite. O problema é à noite.

Fez uma nova pausa e eu mantive uma expressão que sabia ser neutra, ainda relutante em demonstrar o que quer que fosse. Ao fim de alguns segundos, ele continuou com um pouco menos de segurança.

- A sua mãe tem noites muito conturbadas. Acorda extremamente angustiada e com mais dores do que deveria sentir. É quase como se estivesse a resistir à medicação.

Ah, as horas fatais, pensei. Conhecia bem essas horas em que o controlo mental se desvanece para deixar emergir as mais negras recordações, despertando-nos, estremunhadas, num estado de desespero, raiva, medo ou até culpa. No meu caso, podia sair da cama, preparar uma chávena de chá, ler ou ouvir música. Mas agora como é que a minha mãe afastaria esses negros pensamentos ?

- Em duas ocasiões pediu à enfermeira que chamasse o padre. Mas - virou-se para o homem ao seu lado -, diz-me o meu amigo que, quando ele chega junto dela, já mudou de ideias a respeito da necessidade de falar com ele.

O padre acenou com a cabeça em sinal de confirmação e eu senti o impacto de dois pares de olhos que analisavam o meu rosto à procura de respostas; desta vez foi o padre quem quebrou o silêncio, debruçando-se sobre a secretária e fazendo a pergunta seguinte: - Toni, há alguma coisa que nos possa dizer para nos ajudar a auxiliar a sua mãe?

Vi preocupação genuína na sua expressão e escolhi cuidadosamente as palavras.

- Penso que compreendo por que motivo as noites da minha mãe podem ser conturbadas. Ela acredita em Deus. Sabe que lhe resta muito pouco tempo antes de ir ao Seu encontro e julgo que tem pavor de morrer. Quero ajudar, mas não há muito que eu possa fazer. Espero, para o bem dela, que encontre forças para falar consigo.

O médico mostrou-se confuso.

- Está a dizer que a sua mãe tem a consciência pesada?

Pensei no que a minha mãe tinha no seu passado que a fizesse sentir culpada, interrogando-me se as suas recordações a perseguiam. Esforcei-me para não deixar transparecer os meus pensamentos, mas deixei escapar um suspiro ao responder.

- Deve ter. É forçoso que tenha. Mas se alguma vez admitirá que errou, não sei. Até agora nunca o fez.

O médico pareceu perturbado.

- Bem, está certamente a prejudicar o controlo da dor. Quando o espírito está tão desassossegado como parece estar o da sua mãe, a medicação pura e simplesmente não produz o devido efeito.

- Nesse caso, terá de acompanhar mais de perto o tratamento e a minha mãe - retorqui, mais abruptamente do que devia, ao perceber que se avolumava uma sensação de impotência. Em seguida, voltei à enfermaria da minha mãe.

Quando entrei, os olhos dela pousaram sobre os meus.

- O que é que o médico queria? - perguntou. Consciente de que ela sabia, encarei-a.

- Disseram-me que mandaste chamar o padre a meio da noite, em duas ocasiões e que estavas extremamente angustiada. - Mas nesse momento faltou-me a coragem como sempre acontecia. - Não há necessidade de nos preocuparmos agora com isso, pois não?

Continuava vivo o hábito de infância de lhe fazer a vontade quando ela não queria discussões.

A minha mãe passou o resto dessa primeira manhã muito chorosa. Eu sabia que era normal nos doentes terminais mas, mesmo assim, isso afectou-me de um modo insuportável.

Carinhosamente, limpei-lhe as lágrimas, recordando tempos em que, sendo eu uma criança, ela fizera o mesmo por mim. Mostrou-se afectuosa como não era há muitos anos: quis pegar-me na mão, conversar e rememorar os tempos mais felizes. Olhei-a então, uma mulher idosa cujos escassos dias de vida provavelmente não iam acabar tão tranquilamente como eu desejava, e compreendi como ela precisava desesperadamente de mim.

- Até quando vais ficar? - perguntou.

- Enquanto precisares de mim - respondi num tom ligeiro, tentando disfarçar o que queria realmente dizer.

A minha mãe, que sempre foi capaz de me ler o pensamento, sorriu. Subitamente, recordeia muito mais jovem, quando éramos extremamente chegadas. Fui assaltada por um ímpeto desse antigo amor.

- Não sei quanto tempo vou durar - disse ela com um sorriso irónico. - Mas não me parece que seja muito.

Fez uma pausa, olhou para mim e perguntou: - Só vieste porque sabes que estou a morrer, não foi?

Apertei-lhe a mão e massajei-a ternamente com o polegar.

- Vim porque me pediste que viesse. Teria sempre vindo se me pedisses. E sim, vim ajudar-te a morrer em paz porque estou convicta de que sou a única pessoa que te poderá ajudar.

Esperava que ela encontrasse a força de vontade necessária para falar honestamente e, durante breves momentos, nesse primeiro dia, acreditei que ela seria capaz.

Puxando-me a mão, ela disse: - Sabes, Toni, os tempos em que eras uma bebezinha foram os mais felizes da minha vida.

Recordo-os como se tivesse sido ontem. Quando nasceste, sentei-me naquela cama de hospital tão orgulhosa por ter sido capaz de te gerar aos vinte e nove anos. Eras uma menina pequenina e perfeita. Sentia por ti um amor desmedido. Queria abraçar-te, cuidar de ti e proteger-te. Queria que tivesses uma boa vida. Sentia uma ternura e um amor imensos, era o que sentia.

Formou-se-me um nó na garganta ao recordar esse longínquo passado em que ela me cobria com o seu amor. Nesse tempo, era uma mãe que me mimava e brincava comigo, que me lia histórias e me aconchegava a roupa na cama; uma mãe cujo perfume eu inalava sempre que se baixava para me dar um beijo de boas-noites.

Uma voz de criança invadiu a minha memória até os sons se tornarem palavras sussurradas ao meu ouvido.

“Onde é que esse amor se perdeu, Toni? Hoje fazes anos. Ela diz que recorda o dia em que nasceste. Diz que te amou profundamente nesse tempo, mas catorze anos mais tarde tentou matar-te. Não se recorda disso? Pensa que tu não te lembras? Bloqueou realmente essa memória? E tu?”

Tapei os ouvidos a essa voz e forcei-a a calar-se. Queria deixar as minhas recordações nas caixas onde as havia guardado durante trinta anos, sem nunca as olhar nem recordar, excepto quando as horas fatais permitiam que elas escapassem e apanhassem boleia na cauda de um sonho ligeiro. Os seus gélidos tentáculos arrastavam-se pelo meu subconsciente, deixando vagas imagens de um outro tempo, até eu despertar para escoraçá-las.

Mais tarde, nesse dia, levei-a a passear pela propriedade na cadeira de rodas. Ela sempre tivera uma paixão por criar belos jardins; era como se investisse neles todos os seus instintos maternos que há muito me haviam sido negados.

Pedi-me para parar junto de várias plantas e arbustos, dizendo-me os seus nomes. Murmurou tristemente, mais para si mesma do que para mim: - Nunca mais vou ver o meu jardim.

Recordei uma visita que lhe fiz no princípio da sua doença. Tinha ido à Irlanda do Norte com um amigo. Aproveitando o facto de o meu pai se ter ausentado nesse dia para jogar golfe, visitei a minha mãe. Ela tinha-me mostrado, orgulhosamente, fotografias do jardim antes de ter começado a trabalhar nele. Era uma área desolada com tufo de ervas e sem uma única flor silvestre a embelezá-lo.

Enquanto me guiava pelo jardim, mostrou-me uma coisa que imediatamente me fez sorrir. No Dia da Mãe e nos aniversários, eu enviara-lhe cestos com pequenas plantas. Ela mostrou-me como, ao misturá-las com outras de estaca, as tinha voltado a plantar na sua diferente colecção de vasos, desde chaminés a velhas bancas de cozinha, vasos de terracota e uma gamela, criando uma explosão de cor em redor do pátio que tinha desenhado.

Nesse dia, disse-me também o nome de todos os arbustos.

- Este é o meu preferido, chama-se budleia - informou-me. - Mas gosto mais da alcunha “arbusto das borboletas”.

Como que a dar crédito à designação mais popular, uma nuvem de borboletas pairava sobre o arbusto de um tom púrpura intenso, com as suas asas a cintilar ao sol da tarde. De outra zona vinha uma fragrância

estonteante de rosas, cujas pétalas iam de uma tonalidade perfeita de creme de natas a tons rosa-escuro. Outra área continha os seus adorados lírios. Numa outra fundiam-se flores silvestres com flores plantadas.

- Quando são bonitas, não são ervas daninhas - disse ela a rir.

Havia caminhos em cascalho, com arcos feitos de arame, onde ela orientara carinhosamente o crescimento de jasmims e madressilvas, acrescentando o seu perfume ao ar. Na base de um deles, encontrava-se uma colecção de gnomos.

- A minha pequena excentricidade - chamou-lhes.

Estava tão feliz e serena naquele dia que este se tornou numa recordação guardada no meu álbum de fotografias mental. Um álbum em que podia pegar, sempre que quisesse, para desfrutar.

No dia seguinte, dirigi-me a um centro de jardinagem, comprei-lhe uma pequena estufa para a proteger dos elementos e mandei -lha entregar.

- Assim, faça o tempo que fizer, podes sempre usufruir do teu jardim - disselhe, sabendo que ela não teria mais do que um Verão para o fazer.

Tinha criado um jardim rural inglês na Irlanda do Norte, um país que nunca havia adoptado como seu, sentindo-se sempre uma estranha.

Invoquei essa recordação e senti uma profunda compaixão por ela, pela minha mãe solitária que criara uma vida imaginária e a transformara na sua realidade.

Havia uma parte de mim que gostava de estar com ela no hospital, apesar da sua fragilidade.

Finalmente conseguia passar com ela algum tempo, consciente de que este se esgotava minuto a minuto.

Nessa noite, ajudei a deitá-la, escovei-lhe o cabelo para trás e beijei-a na testa.

- Vou ficar a dormir na cadeira ao lado da tua cama - disselhe. - Nunca estarei muito longe.

Depois de a enfermeira lhe ter dado os comprimidos para dormir, sentei-me, pegando-lhe na mão, que se havia tornado pequena e frágil. A pele, raiada de veias azuis, parecia quase translúcida. Alguém arranjava as suas unhas, cortando-as, limando-as numa forma oval e pintando-as de um rosa-claro, ao invés das unhas sujas de terra que eu recordava da minha última visita.

Quando ela adormeceu, peguei num dos meus romances de Mavis Cheek e fui para o salão.

Sentia um pesar avassalador pela mãe que eu em tempos tanto amara estar a morrer; pesar por, não obstante todo o mal, todas as coisas que ela fizera, nunca ter sido feliz. Sofri pela relação que sempre desejei ter com ela mas que, à parte a minha primeira infância, me fora negada.

O livro ficou por abrir nessa noite, enquanto o controlo sobre as minhas recordações me abandonava. O meu espírito recuou até esses primeiros dias que passei com ela, nos quais me sentira acarinhada, protegida e amada e que na minha memória eram sempre soalheiros - até à chegada das trevas.

Antoinette, a criança, emergiu no meu espírito, nesse espaço que o crepúsculo cria quando os sonhos nos abandonaram mas a consciência ainda dorme. Vestida em tons de cinza, o seu rosto branco-marfim sorriu-me escondido sob a franja cor de ébano.

“Toni”, sussurrou ela, “porque é que nunca me deixaste crescer?”

“Deixa-me em paz”, gritei em silêncio, invocando toda a minha energia mental para a afastar.

Os meus olhos abriram-se e, naquele momento, somente partículas de poeira dançavam no ar, mas quando levei as mãos à cara, estas ficaram húmidas com as lágrimas de uma criança na face de uma adulta.

“Toni”, sussurrou ela, “deixa-me contar-te o que realmente aconteceu. Chegou o momento.”

Sabia que agora a Antoinette estava acordada e eu não seria capaz de obrigá-la a regressar aos anos de sono para onde a banira. Ao fechar os olhos, permiti que o seu sussurro se infiltrasse no meu espírito enquanto ela começava a nossa história.

CAPÍTULO 2

As minhas primeiras recordações eram de mim e da minha mãe quando vivíamos numa casa com jardim no Kent, onde a minha avó, de baixa estatura, era visita desejada e frequente.

Quando ouvia a sua voz a chamar: “Antoinette, onde estás?”, fazendo de conta que me procurava, parava o que estivesse a fazer, corria ao seu encontro e ela tomava-me nos braços.

Exalava uma fragrância que lhe era característica, uma mistura de pó-de-arroz e de lírios-do-vale, um aroma que no futuro viria sempre a evocar lembranças dela. Inalando esse aroma, sentia o calor do afecto que nos unia.

Em dias soalheiros, ela sugeria passeios descontraídos até à rua principal de Tenterdón, onde nos encaminhávamos para um dos salões de chá com vigas de carvalho. Eu já teria trocado a minha roupa de brincar por um vestido lavado, teria lavado a cara e as mãos e penteado o cabelo antes de ser declarada apresentável para estas saídas.

Assim que calçava os sapatos de salto alto e pegava numa carteira a condizer, a minha mãe colocava bâton vermelho vivo e pó-de-arroz no nariz, e partíamos as três.

Uma empregada de mesa de uniforme preto e branco conduzia-nos à nossa mesa, onde a minha avó pedia o chá da tarde. Scones com compota e chantilly, seguidos de fatias individuais de bolo com uma cobertura rosa e amarela, acompanhados por sumo de laranja diluído, no meu caso, e chá, no caso das duas adultas.

A minha mãe, com um vestido de decote quadrado e a cabeça descoberta, conversava amigavelmente com a minha avó que, fizesse que tempo fizesse,

escondia sempre o cabelo ainda ruivo e dourado debaixo de um chapéu. Senhoras da mesma idade, usando vestidos estampados e chapéus de palha ou toques, cumprimentavam-na com sorrisos, comentavam o quanto eu estava crescida e falavam sobre o tempo, um assunto pelo qual, aos meus ouvidos de criança, os adultos revelavam sempre um interesse desmedido.

Outro passeio especial era quando visitávamos Mrs. Trivett, uma velha amiga de escola da minha avó que, para meu deleite, fazia rebuçados caseiros na sua pequena casa rural, preta e branca. O jardim minúsculo estava repleto de hortênsias cor de framboesa, cujas enormes flores rendilhadas pendiam sobre o muro baixo de tijolo e se agitavam com a brisa. Debaixo de um arbusto, havia dois roliços gnomos, com canas de pesca nas mãos, que me fascinavam.

Talvez tivesse sido Mrs. Trivett quem, mais tarde, plantara na minha mãe as sementes de afecto por estes ornamentos de jardim.

A minha avó dava uma pancada com o batente recentemente polido na porta preta e Mrs.

Trivett, envergando um longo avental, abria-a, libertando o aroma quente do preparado em ebulição que mais tarde se transformava nos rebuçados que eu adorava.

Conduzindo-me à cozinha, mostrava-me como eram confeccionados. Volumosas tiras da mistura preta e branca, de odor adocicado, eram colocadas num cabide junto à porta e depois espremidas e puxadas até triplicarem de tamanho. Só quando o seu comprimento tivesse aumentado a contento de Mrs. Trivett é que eram retiradas, algumas cortadas em pequenos cubos, outras em pedaços maiores, que seriam enrolados para fazer rebuçados de hortelã.

Eu observava extasiada, a boca cheia com algumas das suas amostras, passando a que ela me dissera que podia “testar” pela língua. Mal a última gota do xarope açucarado deslizesse pela garganta, eu começava o mesmo jogo que se tornara hábito entre nós.

- Mrs. Trivett, de que são feitas as meninas?

Nunca me cansava da sua resposta.

- Valha-me Deus, Antoinette, quantas vezes tenho de te dizer? De açúcar e especiarias, claro, e todas as coisas boas.

Eu ria alegremente e ela recompensava-me com outro reбуçado.

Noutras ocasiões, a minha mãe ensinava-me os jogos a que gostava de brincar em criança; o tipo de jogos que eram transmitidos ao longo das décadas, de geração em geração. Vestíamos bonecas e fazíamos bolos de lama, com um pequeno balde e uma pá. Mas o meu preferido envolvia o uso de um serviço de chá que a minha avó me oferecera e com o qual fazia de conta que servia chás. Começava por dispor as minúsculas chávenas e pires em cima de um pano e ao lado destes um bule e uma caneca de leite em miniatura. Depois alinhava os respectivos pratos numa fila perfeita. Quando a mesa de pano estava tal como eu queria, pequenos seixos ou flores faziam a vez de sanduíches e bolos que eram então oferecidos às minhas companheiras de brincadeira adultas ou à minha colecção de bonecas. Era servido chá imaginário, as chávenas circulavam na mesa e migalhas invisíveis eram limpas das caras das bonecas.

A minha mãe não só tinha uma paciência infinita para me ensinar brincadeiras de criança, como adorava vestir-me com roupas bonitas, muitas das quais confeccionadas por ela, dedicando horas ao franzido de folhos, cosido à mão, que era aplicado sobre o corpete, seguindo a moda na época.

Levou-me a tirar uma fotografia profissional com um vestido de guingão, debruado a branco, que ostentava um desses franzidos, na qual estou a sorrir, confiante, para a objectiva, com uma perna roliça cruzada sobre a outra. Tinha um ar de criança amada, e sabia que o era.

A minha mãe inscreveu-me num concurso da Miss Pears e, para seu deleite, fui uma das segundas classificadas. Uma pequena fotografia encaixilhada ocupava um lugar de honra na prateleira do fogão de sala.

Mas esses dias felizes, quando éramos só as duas na família, estavam contados. Durante anos, sonhei com o seu regresso, mas mais de dez anos depois, quando finalmente regressaram, não trouxeram qualquer felicidade.

O meu pai permaneceu no exército vários anos depois da guerra e só nos visitava esporadicamente, pondo a casa em alvoroço durante o pouco tempo que ficava. A mim parecia-me mais um hóspede importante do que um pai. Dias antes da sua chegada, iniciava-se o rebuliço de limpezas, as almofadas eram sacudidas, a mobília polida e os soalhos lavados. O aroma quente do forno enchia a casa porque se faziam as suas bolachas e bolos favoritos e, no dia há muito aguardado, a minha mãe vestia-me com a minha melhor roupa e ela usava a sua. Olhando constantemente pela janela, impacientes, esperávamos que o portão se abrisse e soasse uma ribombante saudação que levava a minha mãe a precipitar-se lá para fora e a lançar-se nos seus braços abertos.

A minha impressão era a de um homem alto e atraente que fazia a minha mãe rir de felicidade, com um brilho rosado nas faces. A sua chegada era sempre acompanhada de presentes, como meias de seda para ela e bombons para mim. A minha mãe desembulhava os seus pacientemente, dobrando com todo o cuidado o papel para uso futuro, enquanto eu rasgava os meus com guinchos de prazer. Ele, o bem-intencionado visitante, sentava-se na cadeira mais confortável e sorria perante o nosso deleite.

Quando fiz quatro anos, abri um volumoso embrulho, revelando um enorme elefante vermelho de peluche. Ao pegar nele, achei-o mais bonito do que qualquer boneca. Pus-lhe o nome de Jumbo e, durante meses, recusei separar-me dele. Segurando no Jumbo pela tromba arrastava-o pela casa, insistia em dormir com ele e em levá-lo nas nossas visitas.

Alguns meses depois desse aniversário, o meu pai anunciou que lhe agradava a ideia de uma vida civil. Disse que pretendia passar mais tempo com a mulher e a filha. Quando ouviu essas palavras, o rosto da minha mãe iluminou-se e, nas semanas seguintes, a sua felicidade era visível enquanto esperava pelo seu regresso, desta vez para ficar.

Os aromas a bolos e as limpezas febris à casa informaram-me do dia da sua chegada, mas só três dias depois é que finalmente regressou. Dessa vez, não houve presentes, depois de ter gritado a sua saudação, e poucas horas mais tarde a atmosfera despreocupada da nossa casa mudou para sempre. Começara a acumular-se uma tensão.

Depois de me ter deitado, abraçada ao meu adorado elefante, a primeira discussão que ouvi entre os meus pais invadiu o meu sono. Sentime inquieta. Até então, nunca tinha ouvido uma voz exaltada. Apertei o Jumbo com um pouco mais de força, na esperança de que se calassem, e, em desassossego, acabei por adormecer.

Muito tempo depois, a minha mãe disse-me que havia sido por causa do vício da bebida e do jogo do meu pai. Eu desconhecia as razões; só sabia que o resultado me inquietava. Quando ele deixou o exército recebeu o dinheiro da indemnização, só regressando a casa depois de o gastar até ao último tostão numa mesa de póquer, e as esperanças da minha mãe de comprar uma casa que pudesse transformar num lar para a família foram destruídas. Ficou claro enquanto ela falava, num dos raros momentos de intimidade que tínhamos, que era apenas a primeira de muitas desilusões futuras.

A minha mãe sabia que, com uma filha a crescer e sem um pé-de-meia de recurso, teria de trabalhar se queria concretizar o seu desejo de ser senhora da sua própria casa. Mas não ia ser fácil. Não só as mulheres não recebiam salários iguais na década que se seguiu à guerra, como o trabalho era escasso. Os militares vitoriosos que haviam permanecido no exército para ajudar a reconstruir uma Alemanha devastada tinham regressado, deparando-se com níveis assustadores de desemprego, condições precárias de habitação e o racionamento dos bens essenciais. Com uma inabalável determinação, que era parte integrante do seu carácter, a minha mãe nunca admitiria a derrota e a sua perseverança acabou por ser recompensada.

Arranjou emprego numa garagem, muito perto de casa, como caixa nocturna, em que parte do seu salário era um pequeno e sombrio apartamento para a família.

O meu pai também teve dificuldades em arranjar trabalho. Embora tivesse formação em mecânica, o único emprego que conseguiu arranjar foi numa fábrica, a fazer igualmente o turno da noite. Não tendo outra alternativa, aceitou.

A nossa vida enveredou então por uma rotina diferente, com ele a chegar a casa todas as manhãs a queixar-se do cansaço e a ir deitar-se imediatamente,

enquanto a minha mãe, que tinha uma casa para governar e uma filha para cuidar, dormia apenas quando podia.

Embora, por vezes, a minha avó se encarregasse de me levar aqui ou ali, raramente nos visitava e os dias de convívio com a minha mãe também haviam chegado ao fim. Eu acordava no pequeno apartamento, abraçava o Jumbo e ia à procura dela. Ao deparar-me com a casa vazia, ia até à garagem em camisa de dormir, ainda ensonada, em busca da sua companhia.

Nesses primeiros tempos, ela nunca se zangava comigo, pegava simplesmente no meu corpo sonolento, ria-se, levava-me para o quarto e metia-me na cama.

Alguns meses antes do meu quinto aniversário, mudámo-nos novamente, desta vez para uma pequena casa geminada com jardim. O meu pai tinha acabado de ser promovido, o que significava um trabalho regular e um horário melhor. O horário nocturno era cansativo para a minha mãe e, pela primeira vez desde o regresso do marido, achou que podia tornar-se dona de casa a tempo inteiro.

Na noite anterior ao dia dos meus anos, fiquei acordada a pensar no presente que receberia.

Tinha passado a semana a implorar à minha mãe que me dissesse. Imune às minhas súplicas, ela ria-se e dizia-me que tinha de refrear a curiosidade e esperar pelo dia para descobrir.

Acordei cedo, corri até ao andar de baixo, recordando a chegada do Jumbo um ano antes, e examinei a sala de estar. Não vi nada. Vendo a expressão de desalento no meu rosto, a minha mãe disse que íamos visitar uma pessoa e que aí receberia o meu presente.

Assim que terminei o pequeno-almoço, numa grande excitação, a minha mãe vestiu-me, abotoou-me o casaco e lá fui eu de mão dada com ela a caminho da paragem. Um autocarro vermelho de dois andares levou-nos à aldeia seguinte, a vários quilómetros de distância.

Sáímos e caminhámos até uma casa próxima que eu nunca havia visto. Estava intrigada. Não fazia ideia do que poderia ser o meu presente. Sabia que eram comprados em lojas.

Quando a minha mãe bateu à porta, ouvi latidos estridentes de vários cães. O meu entusiasmo cresceu. O Jumbo, apesar da estima que ainda lhe votava, começava a perder os seus atractivos aos meus olhos. O que eu agora queria acima de tudo no mundo era um cachorrinho. Pensei se seria aquele o dia em que o meu desejo se tornaria realidade.

Uma mulher pequena e gorducha, de cabelo grisalho, abriu a porta. A rondar os seus pés andavam vários terriers de pêlo áspero, pretos e acastanhados, recebendo-nos a abanar a cauda e aos saltos. Tentando acalmar as frenéticas saudações, ela conduziu-nos apressadamente para uma grande cozinha. A minha excitação aumentou quando vi, diante do fogão, um cesto cheio de cachorros adormecidos. Ao lado, uma pequena criatura peluda, com o pêlo preto e acastanhado dos cães adultos, olhos brilhantes e travessos, ainda cambaleava, farejando o ar com um nariz preto e redondo.

Antes de a minha mãe ter tempo de pedir à senhora para me mostrar os outros, já eu tinha corrido para a cadelinha aventureira, ajoelhando-me. Percebi, de imediato, que ela queria ser minha. Ao pegar nela, inalando aquele cheiro quente de cachorrinho e sentindo as pequenas lambidelas da sua língua rosada e rugosa na cara enquanto ela se contorcia nos meus braços, o laço formou-se; ela passou a ser a melhor amiga da minha infância.

- É desse que gostas mais? - perguntou a minha mãe.

A minha expressão radiante foi resposta suficiente.

- Então é teu. É o teu presente de aniversário.

Suspirei de pura felicidade ao ver o meu maior desejo realizado. Beije a cadelinha na cabeça preta e acastanhada muito macia e, numa manifestação de jovem amor maternal, mostrei-lhe que me pertencia.

- Que nome lhe vais pôr? - quis saber a minha mãe.

A recordação de uma outra figura pequena e determinada veio-me à memória, uma figura que tinha visto num dia passado na praia, nesse ano. A minha avó levava-me de comboio à vila balnear de Ramsgate, na costa do Kent. Agarrada a um grande cone de gelado, tinha visto uma roda de crianças a rir, pregadas ao chão debaixo de um sol quente e de olhos fixos em qualquer coisa fora do meu campo de visão. Puxando impacientemente pela mão da minha avó para a arrastar, olhei na mesma direcção das outras crianças e as duas figuras de Punch e Judy surgiram no meu campo de visão. O meu gelado esquecido derreteu-se e escorreu-me pela mão enquanto, colada ao chão, me deixava encantar pelas suas palhaçadas. Vaiava quando Punch atacava Judy e aclamava com todas as outras crianças quando Judy lhe respondia na mesma moeda. Mesmo quando o bonecreiro apareceu a pedir com a sua caixa, o mistério das duas figuras em miniatura continuou por desvendar e a minha paciente avó foi alvo de um chorrilho de perguntas sobre os fantoches brigões.

- Vou pôr-lhe o nome de Judy - respondi.

Esse aniversário viria a ser a recordação mais feliz da minha infância.

A minha mãe matriculara-me numa pequena escola privada. Levava-me todas as manhãs, e todas as tardes estava à minha espera no portão da escola, com um sorriso afectuoso. Sentia-me muito crescida com o meu uniforme, lápis, borracha e os primeiros livros escolares, cuidadosamente arrumados numa sacola de lona que levava a tiracolo. Apesar de gostar desses primeiros dias de aulas, passava quase todo o dia ansiosa, a pensar na Judy e morta que a campainha tocasse para ir embora. Engolia apressadamente o leite e as sanduíches que me eram dados depois de ter tirado o bibe azul-marinho do uniforme. Só quando terminava a refeição é que me deixavam sair para jogar à bola com a Judy durante uma hora. Quando a minha mãe achava que eu e ela já nos tínhamos exercitado o suficiente para ficarmos as duas sossegadas, abria a porta da cozinha e chamava-nos para dentro. Tirava então da minha sacola um livro de leitura, onde diariamente aprendia novas palavras, ou um de aritmética onde andava a aprender a dizer as horas. Sentava-me à mesa a trabalhar enquanto a minha mãe preparava o jantar e a Judy, exausta, se deitava aos meus pés.

No Natal, quando ela começava a tornar-se numa pequena cadela, usei as minhas economias para lhe comprar uma bonita trela vermelha, com a coleira a condizer. Agora, orgulhosamente agasalhada no meu casaco de Inverno azul-marinho e com a Judy a saltar ao meu lado, indiferente ao frio graças ao seu pêlo natural, levava-a a passear, radiante sempre que alguém parava a admirá-la. A minha felicidade ficou completa quando a minha avó começou de novo a visitar-nos. Nunca me foi dada qualquer explicação para a interrupção das suas visitas. Anos mais tarde, admitiu-me que tinha ficado escandalizada por vivermos por cima de uma garagem, que nunca gostara do meu pai e nunca o achara digno da minha mãe. Embora nessa altura estivesse plenamente de acordo com ela, era demasiado tarde para comentar.

Como eu, ela adorava a Judy, que a recebia sempre com entusiasmo. A minha avó pegava nela ao colo, fazia-lhe cócegas na barriga e era recompensada com lambidelas que lhe limpavam o pó-de-arroz perfumado.

Juntamente com as visitas da minha avó vinham presentes, sobretudo livros que, quando a minha mãe estava ocupada, a minha avó arranjava sempre tempo para ler comigo.

Quando os meus pais me informaram, em Fevereiro, de que íamos viver para a Irlanda do Norte, de onde o meu pai era natural, o meu prazer apenas foi destruído pela ideia de não poder estar com tanta frequência com a minha avó. Contudo, as suas garantias de que nos visitaria frequentemente dissiparam os meus receios.

Mas haveriam de passar seis anos antes de voltar a vê-la.

Enviávamos regularmente cartas que escondiam a verdade da nossa vida familiar. Ela nunca se esquecia dos aniversários e dos natais, mas a carta tão desejada a anunciar uma visita nunca chegou. Desconhecendo então as muitas desculpas que a minha mãe lhe dava, a minha avó foi gradualmente desaparecendo da minha vida para se tornar alguém que em tempos me amara.

CAPÍTULO 3

Três baús estreitos de madeira e uma mala estavam pousados no chão da nossa sala de estar, contendo os objectos acumulados de um casamento. Durante os dez anos seguintes, vi-os serem embalados e desembalados muitas vezes até se tornarem para mim um símbolo de optimismo vencido. Contudo, com cinco anos e meio, encarei-os como o início de uma aventura excitante. A minha mãe havia fechado, triunfante, o terceiro, com pregos, na noite anterior e, quando uma carrinha chegou para os levar, a nossa viagem começou.

O meu pai, que já estava na Irlanda do Norte há várias semanas à procura de alojamento apropriado, tinha-nos finalmente mandado ir. A sua ansiada carta chegara uma semana antes e a minha mãe tinha-me lido algumas passagens. Disse-me entusiasticamente que ele tinha encontrado uma casa no campo para vivermos. Mas, primeiro, visitaríamos a família dele, que aguardava ansiosamente a nossa chegada. Passaríamos duas semanas com eles, até os nossos baús e mobília chegarem, e nessa altura mudar-nos-íamos para a nossa nova casa.

A minha mãe não se cansava de repetir que eu ia adorar a Irlanda, que teríamos uma boa vida e que eu ia gostar de conhecer todos os meus novos parentes. Falava entusiasmada dos seus planos futuros; íamos residir no campo, criar aves de capoeira e cultivar os nossos próprios legumes. Ao imaginar pintainhos amarelos e fofinhos como os dos postais de Páscoa, o meu entusiasmo cresceu, fazendo coro com ela. Ouvi as passagens da carta do meu pai que ela me leu a respeito dos meus primos, da casa no campo e das saudades que ele sentia de nós. Ela descreveu uma vida futura idílica com uma felicidade contagiante.

Quando a carrinha partiu com os baús e mobília, olhei para as salas vazias com um misto de emoções: nervosa por deixar tudo o que era familiar e excitada por ir viver num novo país.

A minha mãe pegou na nossa bagagem de mão e eu segurei firmemente na trela da Judy ao iniciarmos a viagem de vinte e quatro horas. O que me parecia uma aventura deve ter parecido à minha mãe um insuportável tormento. Não só tinha de olhar por mim e pelas nossas malas como também pela Judy, que era agora uma pequena e travessa cadela terrier de olhos brilhantes.

Fomos de autocarro até à estação ferroviária, com floreiras e simpáticos bagageiros.

Apanhámos um comboio para as Midlands, onde fizemos o transbordo para Crewe. Sentada no compartimento, observei o vapor a flutuar em nuvens fumegantes da locomotiva à frente, ouvindo as rodas a emitir um ruído metálico que me parecia dizer: “vamos para a Irlanda do Norte, vamos para a Irlanda do Norte.”

Mal conseguia ficar quieta, mas a excitação não me tirou o apetite. Atenta ao nosso orçamento, a minha mãe havia preparado um almoço. Ao desembulhar o papel-manteiga manchado de castanho, descobri várias sanduíches de carne enlatada e um ovo cozido que descasquei e comi enquanto admirava a paisagem. Seguiu-se uma maçã fresca, enquanto a minha mãe se servia de chá de uma garrafa-termo. Havia um embrulho separado com algumas sobras para a Judy, uma garrafa de água e uma pequena tigela de plástico. Ela comeu tudo, lambeu-me regaladamente os dedos e depois adormeceu enroscada aos meus pés. Quando terminámos, a minha mãe tirou um pano húmido de outro pequeno saco e limpou-me a cara e as mãos, antes de pegar numa caixa de pó-de-arroz dourada e retocar rapidamente o nariz e o queixo. Franzindo os lábios, pintou-os de vermelho-escuro, a sua cor favorita.

A estação de Crewe era um lugar enorme e cavernoso, sujo e mal iluminado, o oposto das bonitas estações pintadas de fresco do Kent. A minha mãe agasalhou-me com o casaco de lã, deu-me a trela da Judy para a mão e preparou as nossas malas.

O comboio de ligação com o barco, entre Crewe e Liverpool, estava apinhado de passageiros alegres, muitos deles militares que iam a casa de licença, contagiados pelo espírito das férias.

Não faltaram braços para ajudar a pôr as nossas malas na bagageira sobre as nossas cabeças.

A Judy recebeu várias palmadinhas e elogios que muito me agradaram. A minha bonita mãe, com o seu cabelo escuro pelos ombros e figura elegante,

teve de explicar a mais do que um militar atrevido que o marido a esperava em Belfast.

Peguei nos livros de colorir e nos lápis de cera para não perder nada, tentei desesperadamente manter os olhos abertos mas em vão. Uma hora depois, o sono levou a melhor.

Quando acordei, já estávamos em Liverpool. Através das espirais de fumo, vi o barco pela primeira vez: uma enorme e assustadora massa cinzenta que se erguia acima de nós.

Projectava uma sombra sobre as dezenas de pessoas que, transportando bagagens de todos os tipos, se precipitavam a fazer fila na base da prancha de embarque. Os feixes amarelos de luz fraca dos lampiões reflectiam-se timidamente na água gordurosa, por baixo do barco, que oscilava em movimentos suaves. Nunca vira mais do que os pequenos barcos de pesca de Ramsgate, ficando assombrada com a imagem de viajar num navio gigantesco. Segurei com força a trela da Judy e aproximei-me mais da minha mãe em busca de conforto, quando avançámos para nos juntarmos à fila.

Alguém nos ajudou a subir para o navio, onde um assistente de bordo, de casaco branco, nos conduziu ao nosso pequeno camarote de segunda classe, mobilado com uma cadeira de madeira, uma cama individual e um pequeno lavatório.

- O quê? Uma cama só para as duas? - exclamei, incrédula.

O assistente de bordo afagou-me a cabeça e riu-se.

- Claro, não és muito grande.

Nessa noite, aninhei-me contra a minha mãe, dormindo embalada pela ondulação do mar, durante a maior parte das doze horas de travessia. Nunca experimentei a sensação de enjoo que, segundo o camareiro que nos serviu chá e torradas de manhã, tinha atingido muitos outros passageiros.

Chegámos a Belfast antes de o sol nascer completamente e mais uma vez fizemos fila para desembarcar. Havia passageiros a acenar, debruçados na

amurada, mas pelo facto de ser muito pequena tive de conter a minha ansiedade. Quando o barco deu o último solavanco, a prancha de desembarque foi descida e eu tive a minha primeira visão da cidade de Belfast.

A luz da alvorada reflectia-se no empedrado molhado onde pequenos póneis puxavam carroças de madeira, para um lado e para o outro. Em redor da prancha de desembarque circulavam pessoas cujo bafo o frio condensava, exibindo rasgados sorrisos de alegria perante a perspectiva de reencontros. Os meus ouvidos foram assaltados pela áspera pronúncia norte-irlandesa à medida que parentes e amigos se encontravam.

Tudo parecia e soava terrivelmente diferente enquanto procurávamos o meu pai. Vimo-lo ao mesmo tempo, a caminhar ao nosso encontro com um sorriso rasgado. Abraçou a minha mãe com força, beijando-a, pegou em mim ao colo com um movimento arrebatado e deu-me um beijo repenicado em cada face. A Judy farejou-lhe os pés, desconfiada, e desta vez não abanou a cauda.

Ele disse ter sentido muitas saudades nossas, que estava muito feliz por termos chegado e que estavam todos ansiosos por nos ver. Pegou nas nossas malas e encaminhou-se à frente para um carro.

Pedira-o emprestado, confessou-nos com uma piscadela de olho, para a última etapa da nossa viagem. A minha mãe exultou de prazer quando o ouviu dizer que não queria que ela fosse para Coleraine de comboio, desperdiçando momentos preciosos em que podiam estar todos juntos.

Comigo atrás, bem agasalhada numa manta de xadrez, partimos para a última etapa da viagem. Ele pegou-lhe na mão e ouvi-o dizer: - Vai ser tudo diferente, vais ver, vamos ser felizes aqui. Também vai ser bom para a Antoinette respirar este ar puro. - A minha mãe pousou a cabeça escura no ombro dele e por breves momentos ele também encostou a sua, de tons castanhos avermelhados. Nesse dia, a felicidade deles era palpável. Apesar de jovem, senti-a.

Pela primeira vez, sentime excluída. O meu pai manteve a atenção fixa na minha mãe.

Distingui os sorrisos dela, que naquele dia não me eram destinados, e percebi que estavam absorvidos um no outro. Um sentimento de apreensão, como se me estivesse a ser feito um aviso de mudanças futuras, tomou conta de mim enquanto observava a paisagem que ia desfilando.

Vi as montanhas irlandesas cor de anil e os picos ainda envoltos na neblina matinal. Na paisagem agreste, casas térreas, cinzentas e quadradas, pontuavam extensões verdejantes, tão diferentes das casas rurais pretas e brancas, com telhados de colmo, do Kent. Avistei rebanhos de ovelhas muito juntas para se aquecerem, em campos delimitados por muros baixos de sílex. Passámos por lugarejos onde uma pequena casa, transformada na venda da aldeia, servia a comunidade local. Porcos, com galinhas descarnadas a debicar em volta, fossavam com satisfação nos quintais enlameados de pequenas quintas com casas de um piso.

Acenavam-nos crianças ao passar e, retribuindo o gesto, encostei a Judy à janela para as ver.

Depois de concluir que o aspecto da Irlanda me agradava, os meus pensamentos viraram-se para a minha família irlandesa. Embora adorasse a minha avó materna que ficara em Inglaterra, estava ansiosa por conhecer os novos parentes. A minha mãe tentara descrever-me a família, mas eu não conseguia visualizar as pessoas. Sabia que me tinham visto em bebé mas não guardava qualquer memória delas.

Os campos deram lugar a estradas largas, com grandes casas em jardins arranjados que, por sua vez, deram lugar a ruas de compactas casas geminadas, com janelas de ressalto e jardins rectangulares rodeados de sebes bem aparadas. Seguiram-se filas de casas com os arbustos sem flores protegidos por muros baixos.

O meu pai disse-nos que não tardaríamos a chegar a casa da mãe dele, onde almoçaríamos, o que me lembrou que sentia fome. Já tinham passado algumas horas desde o pequeno-almoço com chá fraco e torradas.

Minutos mais tarde, a vegetação desapareceu por completo, as ruas tornaram-se mais estreitas e as casas mais sombrias, até que virámos para uma rua com pequenas casas de tijolo vermelho cujas portas de entrada

abriam directamente para o passeio. Era o bairro, disse o meu pai, onde ele tinha crescido e onde viviam alguns membros da minha família irlandesa, incluindo os meus avós. Estiquei o pescoço e vi uma rua completamente diferente de tudo o que havia visto até então.

Mulheres com lenços amarrados por cima dos rolos do cabelo estavam debruçadas sobre as portas de entrada de dois batentes, chamando as vizinhas ao mesmo tempo que vigiavam crianças pequenas e ranhosas a brincar nas sarjetas. Outras, de pernas despidas e chinelos de pêlo, permaneciam encostadas às paredes com cigarros entre lábios pálidos. Crianças esfarrapadas jogavam críquete contra wickets desenhados nas paredes. Cães de raça duvidosa ladravam furiosamente, saltando ao tentar agarrar bolas. Homens de suspensórios sobre as camisas sem colarinho andavam sem rumo, de mãos nos bolsos e bonés nas cabeças, enquanto um outro grupo estava a ter o que parecia uma conversa acalorada.

Apareceram mais cães a correr à volta do carro quando estacionámos e saímos, cansados. Não sabendo se eram dóceis ou não, abracei a Judy, num gesto protector. Ela reagiu à minha preocupação, abanando a cauda e contorcendo-se para ser posta no chão. Aguardava para nos receber uma mulher baixa e forte, de cabelo grisalho, com as mãos nas ancas e um sorriso na cara.

Prendeu o meu pai num abraço apertado e depois abriu a porta. Subimos a íngreme escada sem passadeira, directamente do passeio para a minúscula sala de estar da casa dos meus avós.

A divisão estava quente, graças a um fogo de carvão que ardia vivamente, e apinhada com os membros mais próximos da família do meu pai. O meu avô parecia uma versão mais pequena e mais velha dele. Era um homem baixo e corpulento que, como o meu pai, tinha cabelo espesso e ondulado penteado para trás. Mas enquanto as ondas do meu pai cintilavam com reflexos de um tom vermelho-escuro, o cabelo do meu avô perdera a cor e exibia um cinza amarelado claro. Como o meu pai, tinha olhos cor de avelã com pestanas espessas mas, quando sorria, revelava dentes amarelos e não o branco reluzente da boca do meu pai.

A minha avó, uma mulher rechonchuda e bem-disposta, completamente vestida de preto, tinha cabelo branco, preso num carrapito, e faces vermelhas sob uns brilhantes olhos azuis.

Andava alegremente à nossa volta e eu gostei imediatamente dela.

- Antoinette - exclamou -, não te via desde bebezinha e olha para ti agora, tão crescida.

Fez avançar uma mulher nova que me apresentou como sendo a minha tia Nellie. Miudinha, com cabelo escuro e olhos castanhos, era a única irmã do meu pai.

Outros dois homens, que o meu pai disse serem os seus irmãos mais novos, os meus tios Teddy & Sammy, foram os próximos a ser apresentados. Era notório que olhavam com admiração para o irmão mais velho. O Teddy, um adolescente muito magro de cabelo ruivo e com um sorriso contagiante, era um jovem de quem seria impossível não se gostar, ao passo que o Sammy, de cabelo preto, vários anos mais velho, tinha um ar mais sério. Embora parecesse satisfeito por nos ver, o Sammy foi mais contido a saudar-nos.

O Teddy ofereceu-se para levar a Judy à rua, e ela bem precisava e, grata, passei-lhe a trela para a mão. Sentindo-me retraída no novo ambiente, não queria por enquanto aventurar-me a sair.

A minha avó e a Nellie atarefaram-se à nossa volta, pondo comida na mesa e deitando água a ferver numa panela de alumínio.

- Vá, agora sentem-se. Devem estar com fome.

Apressaram-se a aproximar cadeiras de uma mesa repleta e os parentes observaram a minha mãe a encher-me o prato. Havia uma variedade de sanduíches, umas de carne de porco ou vaca enlatada, outras de pasta de peixe. Havia pão de soda integral e pequenas e espessas panquecas irlandesas com montes de manteiga e compota de morango. Seguiu-se um bolo de fruta que deve ter consumido as rações de toda a família. Eu não precisei de encorajamento para comer, tendo-me atirado com entusiasmo,

rodeada pelo murmúrio amigável da conversa dos adultos que bombardeavam os meus pais de perguntas.

Quando já não conseguia comer mais, os meus olhos começaram a fechar-se à medida que o calor na sala, a longa viagem e a comida produziam os respectivos efeitos. Ouvi vozes alegres de adulto exclamarem que eu havia adormecido e depois senti os braços fortes do meu pai pegar em mim e levar-me para um quarto no andar de cima.

Às quatro horas, começara a anoitecer quando a minha mãe me acordou. Sonolenta, deixei-a lavar-me e vestir-me para outra visita. Ao que parecia, toda a família do meu pai nos queria ver e eu, habituada à pequena família da minha mãe, constituída pela avó e alguns primos que raramente via, sentime incapaz de recordar todos os nomes que ouvia. O jantar seria em casa do meu tio-avô, na mesma rua. O tio Eddy e a tia Lilly, como me mandaram tratá-los, e as suas duas filhas adolescentes, a Mattie e a Jean, tinham preparado para nós uma refeição especial que, como viria a aprender, era comida irlandesa típica: fatias grossas de frango, fiambre cozido envolvido numa camada doce de mel e mostarda, ovos cozidos, tomates muito vermelhos e batatas cozidas com a casca. Seguiu-se charlotte caseira e inúmeras chávenas de chá e, mais uma vez, sentime envolvida pelo afecto da família do meu pai.

Fizeram perguntas sobre a nossa vida em Inglaterra, como havia corrido a viagem e que planos tinham agora os meus pais. Onde tencionávamos viver? Em que escola me iam matricular? Apercebi-me da surpresa deles quando a minha mãe respondeu que me iam pôr numa escola privada pois era o tipo de escola a que estava habituada. Anos mais tarde, compreendi que só os alunos de Park Street, uma das áreas mais pobres de Coleraine, que recebiam bolsas de estudo, teriam frequentado a escola que a minha mãe escolhera para mim.

Raramente nos davam tempo de responder às perguntas, impacientes por nos transmitir todas as novidades da família. Mesmo assim, foi claro para mim que a minha mãe não estava interessada. Tinha aprendido a reconhecer o sorriso cortês que ela exibia quando estava na companhia de pessoas que a enfadavam. Em contraste, um sorriso alegre quase nunca abandonou o rosto do meu pai que, sendo o centro das atenções, se ria a cada novo mexerico.

Cansada com toda a emoção do dia, feliz por fazer parte de uma família tão numerosa, dormi, regalada, numa cama de montar, aos pés da cama dos meus pais.

A luz do dia, filtrando-se através das finas cortinas que revestiam a pequena janela, acordou-me na manhã seguinte. Fui à procura da minha mãe e disseram-me que os meus pais tinham ido passar o dia fora e que eu ficaria com a minha avó.

A minha mãe nunca me havia deixado sem me avisar e, mais uma vez, senti uma sombra de apreensão, uma sensação de perda. Mas ao fitar o rosto bondoso da minha nova avó, as minhas dúvidas dissiparam-se.

Enquanto ela me preparava uma “fritada do Ulster”, como lhe chamou, que consistia em panqueca frita, morcela e ovo, lavei-me na banca da cozinha. Quando fui à casa de banho exterior, fiquei desanimada ao dar com folhas muito bem cortadas de jornal em vez de papel higiénico. Quando falei nisto à minha avó, ela mostrou-se embaraçada e disse-me que o papel higiénico tinha acabado e que depois do pequeno-almoço ia comprar mais. Só alguns meses mais tarde é que compreendi que a miséria dava ao papel de jornal vários usos e que o papel higiénico era considerado um luxo supérfluo.

Quando os pratos do pequeno-almoço foram lavados, ela pôs a ferver mais panelas de água e disse-me que eu podia ajudá-la a lavar a roupa. Fomos para o minúsculo quintal das traseiras, onde uma grande bacia de metal estava cheia de água com sabão a ferver. Ela colocou uma tábua e começou a lavar toalhas e camisas, esfregando-as energicamente para cima e para baixo nas arestas com mãos vermelhas e gretadas, muito diferentes das da minha mãe com as suas unhas cuidadosamente pintadas de verniz escarlate.

Ajudei-a a torcer as peças encharcadas, através da calandra, segurando numa ponta enquanto ela ia introduzindo a outra, processo que repetimos várias vezes. Quando a roupa ficou completamente torcida, pendurámos as peças, com os dedos que já começavam a ficar dormentes do frio, numa corda suspensa entre a porta das traseiras e a casa de banho. Por fim, levantámo-la o mais alto possível com a vara de madeira que a fixava, deixando-a flutuar sobre as nossas cabeças no ar frio.

Todos os finais de tarde, excepto ao domingo, a roupa ainda húmida era colocada num estendal diante da lareira, inundando a sala com o cheiro a roupa fumegante e não deixando passar o calor.

Ao meio-dia, o meu avô chegava, não do trabalho, como eu pensava, mas dos angariadores de apostas ou, se tivesse tido sorte nos cavalos, do pub. Eu era incumbida de pôr a mesa, que estava coberta com papel de jornal limpo, antes de ser servida a refeição de sopa e pão de soda.

Nesse fim-de-semana, passei quase todo o meu tempo com os meus avós enquanto os meus pais desapareciam, só regressando quando eu já estava na cama a dormir. No domingo de manhã, a minha mãe apercebeu-se do meu rosto abatido, quando me dei conta que ela e o meu pai iam sair novamente, e prometeu que passaríamos o dia seguinte juntos.

- Primeiro vou levar-te para te matriculares na nova escola - disse ela. - Depois, se te portares bem e ficares hoje a ajudar a tua avó, levo-te a almoçar fora.

Serena, dirigi-lhe um sorriso radioso, de novo feliz, e ela deu-me um rápido abraço, deixando o cheiro do seu perfume a pairar no ar.

O dia de segunda-feira foi anunciado por um fraco sol de Inverno que iluminou a manhã gelada, embora não a aquecesse. Contudo, com a expectativa de um dia inteiro com a minha mãe nem senti o frio.

- É só meia hora a pé - garantiu-me ela.

Depois do pequeno-almoço, saímos de mãos dadas, percorrendo as ruas estreitas em redor de Park Street, atravessámos o largo da vila e penetrámos em avenidas ladeadas de árvores, seguindo-se casas altas de tijolo vermelho, recuadas em relação à rua. Ao chegar a uma que apenas se distinguiu das casas vizinhas pelos vários pré-fabricados cinzentos e campos de ténis cercados de vedações, entrámos no seu amplo átrio assoalhado e apresentámo-nos à secretária da escola.

Poucos minutos depois, fomos conduzidas ao gabinete da directora. Era uma mulher imponente de cabelo branco, com ligeiros reflexos azuis, usando um

saia-casaco cinzento de alfaiate que uma toga preta cobria quase por completo.

- Como estão, sou a Dr^a Johnston - disse ela, tocando-me ao de leve no ombro. - Tu deves ser a Antoinette.

Depois de conversar com a minha mãe durante alguns minutos, fez-me um curto teste de leitura, a que me submeti, lendo do princípio ao fim sem me engasgar uma única vez, apesar dos nervos. Quando terminei ela sorriu-me afectuosamente.

- Lês muito bem, Antoinette, apesar de só teres estado alguns meses na escola. Foi a tua mãe que te ensinou?

- Não, foi a minha avó - respondi. - Costumávamos ler a banda desenhada do Flook no Daily Mail. - Ela riu-se e perguntou que mais me tinha ensinado a minha avó. Pareceu achar graça quando eu disse que tinha aprendido a contar jogando cartas.

- Bem, não há dúvida de que estás preparada - garantiu ela à minha mãe. - Acho que tem aqui lugar.

A minha mãe ficou satisfeita e a sua alegria encheu-me de satisfação. Após várias formalidades, a Dr^a Johnston levou-nos a visitar a escola. Ao observar as crianças em grupo, com os seus uniformes verdes, a brincar durante o intervalo, pensei que iria ser feliz ali.

Munidas de listas do que era necessário, eu e a minha mãe percorremos a curta distância para a cidade. Primeiro, comprámos o meu uniforme, o vestido verde, três camisas brancas e uma gravata preta e verde. A última compra, que a minha mãe me disse ser um presente da minha avó inglesa, foi um elegante blazer verde com um belo emblema branco no bolso da frente. A paragem seguinte foi na livraria.

Carregadas de embrulhos, encaminhámo-nos para um salão de chá próximo, para o prometido almoço especial.

- Acho que vais gostar da tua nova escola - disse a minha mãe assim que a comida chegou.

Com a boca cheia de crumpet torrado e barrado de manteiga, respondi com um aceno alegre.

Na manhã em que as aulas começavam, saltei ansiosamente da cama e corri ao andar de baixo para me lavar e tomar o pequeno-almoço que a minha avó já havia preparado. O meu pai tinha saído para o trabalho e a minha mãe colocara a minha roupa nova na cama deles. Senti o cheiro a novo das peças. Vesti-me sozinha, desde as cuecas verdes ao uniforme, pedindo ajuda à minha mãe com a gravata. Ela penteou-me o cabelo, prendendo-o com um gancho e, depois, com a sacola a tiracolo onde levava todos os meus livros novos, dei uma olhadela ao espelho. Uma criança feliz com um leve vestígio de gordurinhas de bebé sorriu-me com confiança. Por momentos enchi o peito e a seguir desci as escadas, fui abraçada pela minha avó e depois a minha mãe, e saí para a escola.

A minha professora apresentou-me às minhas colegas de turma e sentou-me ao lado de uma rapariga simpática de cabelo loiro que me disse chamar-se Jenny. A manhã passou depressa e eu sentime grata pela instrução extra que recebi da minha avó inglesa. Não tive dificuldades na leitura nem na aritmética e fui recompensada com um sorriso e palavras elogiosas da minha professora.

Quando a campainha tocou, a turma precipitou-se para fora da sala em direcção ao recreio, onde a Jenny me tomou sob a sua protecção. Considerando o meu nome difícil de pronunciar, as crianças, entre gargalhadas, chamavam-me “Aninete”. Sabendo que eram gargalhadas bem-intencionadas, sentime feliz por fazer parte do grupo e ri-me também. No fim do dia, já eu e a Jenny nos havíamos tornado grandes amigas. Ela parecia gostar do prestígio de zelar por uma rapariga mais pequena com um sotaque estranho e orgulhosamente apresentou-me às minhas companheiras de turma. Usufruindo da sua atenção, senti o calor que uma amizade súbita proporciona. Foi assim satisfeita a necessidade de uma melhor amiga que surge quando a primeira infância termina e a segunda começa.

Passámos mais duas semanas em casa dos meus avós até que chegou o dia de mudarmos de casa. Desta vez, experimentei sentimentos contraditórios; adorava pertencer a uma família tão grande, sobretudo porque era a mais nova e o centro das atenções. Todos me apapricavam e me enchiam constantemente de carinhos. Até o meu taciturno avô falava comigo, mandando-me fazer recados à pequena venda da terra para comprar cigarros para ele e rebuçados para mim. Quando ninguém estava a olhar, até fazia festas à Judy. Sabia que ia ter saudades deles, mas o meu lado aventureiro desejava ansiosamente ir viver para o campo e ajudar a minha mãe a criar aves de capoeira.

Chegara-se a um compromisso para me satisfazer a mim e aos meus avós. Nessa época era comum, nas zonas rurais, os autocarros só circularem duas vezes por dia, uma vez de manhã para levar os trabalhadores para a cidade e outra vez ao fim da tarde para trazê-los de volta.

Ficou combinado que eu iria, em todos os dias de escola, lanchar a casa dos meus avós que depois me levariam até ao autocarro. A minha mãe estaria à minha espera na paragem, à chegada. Sabendo que não ia ver-me até depois das férias da Páscoa, a minha avó preparou um embrulho com comida, cheio com os meus pães de soda e panquecas favoritos, que metemos no carro juntamente com tachos, embalagens de mercearia e combustível.

Depois de comovidas despedidas da minha avó, carregámos o carro com as malas. Iniciámos então a viagem para a nossa nova casa, comigo e com a Judy apertadas atrás. Seguia-nos uma carrinha com a nossa parca mobília de Inglaterra, da qual a minha mãe não teria aguentado separar-se.

As ruas principais deram lugar às estradas rurais e, em seguida, metemos por uma vereda onde as sebes eram selvagens e o cascalho substituíu o alcatrão, até chegarmos a um caminho de terra batida que conduzia a um portão de madeira.

O meu pai saltou esfuziante do carro, abriu o portão com um gesto teatral e nós vimos pela primeira vez a casa de telhado de colmo. Não era o que eu havia imaginado.

De novo no hospital, o frio atingiu-me a pele à medida que as recordações me surgiam na memória e sentime incapaz de me mexer. A dureza da cadeira mantinha-me acordada; a Antoinette desaparecera e a Toni, a minha personalidade adulta, estava de novo ao comando.

Servi-me de vodka da minha garrafa de bolso, acendi um cigarro e encostei a cabeça ao espaldar da cadeira para reflectir sobre a felicidade desses primeiros anos. Por que razão sentiria, perguntei-me, que se avizinhava uma tragédia? Não havia nada naquele lugar que me assustasse.

“Há, sim, Toni”, fez-se ouvir o sussurro. “Estás com medo de mim.”

“Não, não estou”, retorqui. “Tu és o meu passado e o passado está resolvido.”

Mas a negação era vã. Olhando para os cantos da sala vazia, através da nuvem de fumo do meu cigarro, senti o poder da Antoinette a arrastar-me pelo portão até à casa de colmo.

CAPÍTULO 4

Numa extensão de cascalho repleto de dentes-de-leão, erguia-se uma pequena casa quadrada.

A tinta branca descascada expunha manchas cinzentas de um tempo anterior e escorria água salobra das caleiras, deixando marcas escuras. Havia dois barris de água presos por grampos de ferro enferrujados, a porta de um estábulo fechada a cadeado e quatro janelas encardidas sem cortinas.

Ao lado da casa viam-se dois telheiros decrepitos com telhados de chapa ondulada. Um emaranhado de silvas e urtigas obstruía a porta de dois batentes do maior e as ripas em falta deixavam aberturas negras nas paredes. A porta do telheiro mais pequeno estava aberta, denunciando retalhos amarelecidos de jornal pendurados em cordel e o assento de madeira gasto de uma sanita química. Havia um caminho formado por tábuas, praticamente

encoberto por silvas e ervas daninhas, e o rectângulo de madeira em frente havia apodrecido com a humidade.

Sabia que a minha mãe via as bonitas casas rurais do Kent. Via o seu atraente marido e nutria o amor por uma recordação fixa, gravada no espírito. Era a de um salão de baile onde ela, mais velha do que a maioria das mulheres presentes, dançara até à exaustão nos braços de um sedutor de cabelo castanho avermelhado, perante a inveja das amigas.

Com essa imagem na memória e o optimismo ainda intacto, começou a expor os seus planos.

O anexo maior seria convertido num galinheiro seco, plantaria uma horta nas traseiras da casa e flores por baixo das janelas. Pegando-me na mão, levou-me para dentro.

A corrente de ar que entrou pela porta aberta levantou as bolas de algodão dos cantos. A última batalha de centenas de moscas havia terminado nas gigantescas teias de aranha empoeiradas que pendiam de vigas por pintar e das janelas, e um rasto de antigas caganitas de rato conduzia ao único armário embutido. As paredes haviam sido pintadas de branco mas, desde o chão até à altura da minha cintura, estavam repletas de manchas verdes de humidade.

Uma salamandra preta alimentada a turfa erguia-se numa ponta da sala e, debaixo de uma janela, encontrava-se a única outra peça de mobiliário: uma prateleira de madeira, com uma bacia de metal em cima, e uma banheira de estanho em baixo.

Duas portas nos extremos opostos levavam aos quartos. Junto à porta de entrada, uma escada, não muito maior que um escadote, permitia o acesso ao sótão. Quando subimos para explorar, deparámo-nos com um amplo espaço escuro onde somente o colmo nos protegia dos elementos e um odor bafiento e húmido fez-me franzir o nariz.

A minha mãe deitou vigorosamente mãos à obra de concretizar o seu sonho, varrendo o chão enquanto os homens descarregavam a carrinha. Foi trazida turfa; acendeu-se a salamandra e retiraram água do poço ao fundo do jardim.

A minha primeira tarefa foi remover todas as rãs que vinham no balde, devolvendo-as cuidadosamente à relva mais próxima do poço.

- Depois podem decidir se querem voltar para junto das famílias ou ficar à superfície ao sol -

explicou a minha mãe.

Enquanto a salamandra irradiava calor, a mobília familiar era disposta na sala, agora limpa de teias de aranha, e o rádio a pilhas tocava música que a minha mãe acompanhava a trautear, impregnando a sala anteriormente desolada de uma atmosfera alegre.

Foram preparadas sanduíches com chá e eu comi a minha de carne enlatada lá fora, sentada com a Judy na relva, dando-lhe pedaços enquanto ela se familiarizava com os novos odores, farejando e inclinando a cabeça, ao mesmo tempo que me lançava olhares optimistas.

O Kent parecia estar a mundos de distância e eu, tal como ela, sentia vontade de partir à descoberta. Apercebendo-me de que os adultos estavam atarefados, pus a trela vermelha à Judy e saí pelo portão. Ao caminharmos pela estrada vizinha, o sol de início da Primavera aquecia-nos, dissipando o frio persistente da casa. As sebes negligenciadas estavam repletas de flores silvestres. Havia tufo de primulas e madressilva silvestre precoce. Violetas púrpura espreitavam por baixo dos espinheiros-alvares. Baixei-me e colhi algumas para fazer um ramo para a minha mãe. Não dei conta de o tempo passar, absorvida pelos novos sons e visões e, avistando mais flores, sentime tentada a avançar mais.

Detendo-me para observar alguns porcos anafados de um campo vizinho, com as crias gorduchas a correr ao lado, ouvi o meu pai gritar: - Antoinette, onde estás?

Dei meia-volta e corri confiante ao seu encontro, segurando no meu ramo de flores silvestres.

Mas o homem que vi dirigir-se para mim não era o pai bem-parecido e sorridente que nos tinha ido esperar ao barco. Em seu lugar, vi avançar um

homem carrancudo, de faces vermelhas, que mal reconheci; um homem que subitamente me pareceu gigantesco, com olhos injectados e uma boca que tremia de raiva. O meu instinto disse-me que fugisse mas o medo colou-me ao chão.

Ele agarrou-me pelo pescoço, passou o braço com toda a força à volta da minha cabeça e puxou-me para ele. Levantou o meu vestido de algodão até à cintura e desceu-me as cuecas até aos tornozelos. Uma mão calejada segurou no meu corpo seminu contra as suas coxas enquanto a outra afagou as minhas nádegas despidas, beliscando uma delas com violência.

Segundos depois, ouvi uma pancada e senti uma dor aguda. Contorci-me e gritei em vão. Uma mão apertou ainda mais o meu pescoço, enquanto a outra se elevava e caía repetidamente. A Judy escondeu-se atrás de mim e o ramo, agora esquecido, ficou esmagado no chão.

Até então, nunca ninguém me magoara deliberadamente. Sempre que os meus joelhos gorduchos embatiam um no outro, fazendo-me tombar, a minha mãe pegava em mim e limpava-me as lágrimas. Gritei e chorei de dor, incredulidade e humilhação. Enquanto ele me sacudia, as lágrimas e o ranho corriam-me pela cara abaixo. Todo o meu corpo tremia de terror.

- Nunca mais tornes a afastar-te de casa assim, minha menina - gritou ele. - Agora regressa para junto da tua mãe.

Logo que puxei as cuecas para cima a fim de cobrir as minhas nádegas doridas, ainda a soluçar, a mão dele agarrou-me pelo ombro e arrastou-me até casa. Sabia que a minha mãe ouvira os meus gritos mas não se manifestou.

Nesse dia, aprendi a temê-lo, mas o pesadelo só começou um ano depois.

A segunda Páscoa tinha chegado à casa de colmo e o frio cortante do nosso primeiro Inverno estava praticamente esquecido. O anexo fora reparado e tinham sido instaladas incubadoras no que outrora havia sido o meu quarto. Contra a minha vontade, fui transferida para o sótão.

As nossas primeiras galinhas, que a minha mãe encarava mais como animais de estimação do que fonte de rendimento, debicavam alegremente na erva. O galo pavoneava-se diante do seu harém, exibindo orgulhosamente a sua plumagem de cores vivas, e as incubadoras estavam cheias de ovos. Infelizmente, um sem-número de coelhos servira-se muitas vezes das flores, plantadas com tanto optimismo, por baixo das janelas e as únicas sobreviventes da horta eram as batatas e as cenouras.

As férias, agora que eu era um ano mais velha, significavam mais tarefas domésticas: usar um coador para retirar rãs dos baldes de água, apanhar cavacas para o fogão e procurar ovos.

Relutantes em usar as capoeiras, as galinhas criadas ao ar livre escondiam os ninhos em locais recônditos, alguns no nosso quintal, outros camuflados debaixo de arbustos nos campos vizinhos. A maioria estava na capoeira seca e todos os dias enchíamos cestos com ovos, prontos para as duas visitas semanais do merceeiro que nos comprava e fornecia bens alimentares.

Eu estava incumbida de ir todas as manhãs ao lavrador local buscar leite em canados de metal; naquele tempo ainda não se praticava a pasteurização. Todos os dias, a mulher do lavrador convidava-me a entrar na sua cozinha aquecida e dava-me chá com leite e pão de soda antes de eu regressar a casa.

Durante o dia, andava demasiado ocupada para me preocupar com a mudança de clima em nossa casa. A apreensão que eu sentira um ano antes começava a tornar-se uma realidade. A felicidade da minha mãe era ditada pelos humores do marido. Sem transportes públicos, sem qualquer controlo sobre o dinheiro e sem um telefone público nas proximidades, a mulher feliz que, noutro tempo, se sentava a rir em salões de chá no Kent parecia uma recordação distante. Somente a Judy e um Jumbo muito esfarrapado permaneciam como lembranças dessa época.

Quando caía o crepúsculo, sentava-me a ler os meus livros à luz alaranjada das candeias de parafina, enquanto a minha mãe esperava que o meu pai chegasse a casa. Eu permanecia calada na esperança de que o silêncio me tornasse invisível.

Havia noites, antes de me ir deitar, em que ouvia o carro dele entrar no pátio em cascalho de nossa casa. Ela levantava-se num salto, punha a chaleira ao lume, colocava o jantar dele, previamente preparado, num prato e exibia um sorriso de boas-vindas. Eu sentia um alvoroço no estômago, interrogando-me sobre que pai iria aparecer à porta. Seria o alegre e jovial, trazendo uma caixa de bombons para a minha mãe e dando-me uma palmadinha debaixo do queixo? Ou o carrancudo que eu vira pela primeira vez na estrada e que, depois disso, se manifestava com uma frequência cada vez maior?

O primeiro podia transformar-se no segundo a uma ofensa imaginária. Eu sabia que a minha simples presença o irritava. Sentia o olhar dele pousado em mim enquanto continuava de olhos colados no livro, sentindo a tensão muda intensificar-se.

“Não podes ajudar mais a tua mãe?”, era uma pergunta que me fazia insistentemente.

“Que é que estás a ler agora?”, era outra.

A minha mãe, que ainda amava o homem atraente que nos tinha ido esperar ao cais, era indiferente ao desespero da minha situação. Se a questionava durante o dia, querendo saber por que razão o meu pai andava tão zangado comigo, dizia-me apenas que tentasse agradar-lhe mais.

Nas noites em que o carro não regressava antes de me ir deitar, a alegria da minha mãe dissipava-se e eu acordava a meio da noite com o som de vozes exaltadas. A discussão continuava até ele a calar com os seus gritos de bêbado. As manhãs que se seguiam a essas noites eram vividas em tensão, enquanto a minha mãe andava pela casa em silêncio e eu procurava qualquer pretexto para sair. Essas noites precediam, com frequência, o regresso do pai jovial no dia seguinte, que trazia para casa guloseimas e perguntava como estava a sua “pequenina”. Dava flores ou bombons à minha mãe, beijando-a na face e proporcionando-lhe uma felicidade momentânea.

Comecei a temer os fins-de-semana. Todas as sextas-feiras, a minha mãe esperava pelo marido, que raramente aparecia, e eu era acordada pelas altercações, palavras indistinguíveis de fúria a invadirem o meu quarto,

paralisada pelo medo e escondendo-me debaixo dos cobertores para tentar escapar àqueles sons horríveis.

Todos os sábados de manhã, deitado na cama com uma dor de cabeça que infligia a si mesmo, ordenava à minha mãe que me mandasse servir-lhe chá ao quarto. Contrariada, ela obedecia, obrigando-me a não me afastar de casa. As visitas ao lavrador para ir buscar o leite eram agora controladas; as chávenas de chá com leite e o pão quente com manteiga na companhia simpática da mulher do lavrador tinham acabado.

Parecia ser eu a catalisadora da sua fúria. Depois de uma das minhas visitas ao lavrador, voltei com uma garnisé.

- Vai devolver isso, minha menina - foram as suas primeiras palavras quando a viu.

Excepcionalmente, a minha mãe ficou do meu lado.

- Ora, Paddy, deixa-a ficar com ela - tentou persuadi-lo, usando o nome carinhoso pelo qual o tratava. - Pode andar lá fora com as outras galinhas e a Antoinette pode recolher os ovos dela.

Ele emitiu um ruído contrariado mas não disse mais nada e a pequena galinha, June, tornou-se o meu animal de estimação. Parecia saber que era especial porque, quase todas as manhãs, entrava na capoeira para pôr um ovo para o meu pequeno-almoço.

Na Páscoa, o meu pai teve uns dias de férias e eu sabia que a minha mãe estava a contar passar um dia fora num passeio de carro. Sentámo-nos na Sexta-feira Santa à espera dele, eu num estado de nervos terrível e a minha mãe com uma expressão de esperança no rosto.

Quando ouviu o estalar do cascalho, a sua cara iluminou-se. O pai jovial entrou e beijou-a na face. A mim deu-me uma caixa com um ovo de Páscoa e a ela uma caixa de bombons sortidos.

- Preparei uma refeição especial - disselhe ela. - Vou só recolher as galinhas e a seguir sirvo a comida.

Trauteando alegremente, saiu da sala, deixando-nos aos dois.

Por conhecer as suas variações de humor, olhei desconfiada na sua direcção mas, desta vez, ele estava a sorrir.

- Chega aqui, Antoinette - ordenou, dando uma palmada na almofada ao seu lado.

Passou-me o braço pela cintura, arrastando-me para o sofá. Senti-o então colocar o braço sobre os ombros, puxando-me para mais perto de si. Desejando o seu afecto, aninhei-me contra ele. Teria, questionei-me esperançosa, deixado de estar zangado comigo?

Sentime protegida e em segurança, chegando-me mais para ele e cheia de felicidade por o seu afecto para comigo ter finalmente ressurgido. Ele afagou-me o cabelo.

- És a minha menina bonita, Antoinette - murmurou ele enquanto a sua outra mão começava a acariciar-me as costas. Como um pequeno animal enrosquei-me ainda mais contra ele. - Amas o teu papá?

Todas as recordações do seu mau génio me abandonaram ao sentir-me, pela primeira vez em meses, amada por ele. Acenei alegremente com a cabeça. A mão nas minhas costas desceu um pouco mais e depois moveu-se suavemente para as minhas pernas. Avançou até à bainha da minha saia e eu senti a mesma mão calejada, que um ano antes me tinha espancado furiosamente, deslizar sobre o meu joelho. O meu corpo ficou tenso. Uma das suas mãos segurou-me na cabeça com força, para me tolher os movimentos, enquanto a outra me fixou pelo queixo. Encostou a boca dele à minha. Com a língua abriu caminho por entre os meus lábios. Senti baba correr-me pelo queixo e o cheiro entranhado a whisky e o hálito a tabaco encheram-me as narinas. A sensação de segurança que começara a experimentar abandonou-me para sempre, sendo substituída pela repulsa e pelo terror. Abruptamente, largou-me, segurou-me pelos ombros e fulminou-me com o olhar.

- Não digas nada à mamã - advertiu ele, dando-me um leve abanão. - É o nosso segredo, Antoinette, estás a ouvir?

- Sim, papá - sussurrei. - Prometo que não digo.

Mas disse. Sentia-me segura do amor da minha mãe. Amava-a e sabia que ela me amava. Ela haveria de mandá-lo parar. Mas não mandou.

CAPÍTULO 5

Pestanejei, forçando o cérebro a regressar ao presente e ao hospital. Mais uma vez, destapei a garrafa de bolso, servi-me do resto da vodka e acendi outro cigarro.

“Lembraste agora?”, segredou a Antoinette. “Acreditas realmente que a tua mãe te amava?”

“Amava, sim”, protestei debilmente. “Mas amava-o mais a ele”, foi a resposta.

Na tentativa de conter a enxurrada de recordações que se debatiam para se propagar, bebi um grande gole de vodka e inalei o meu sedativo de nicotina.

Por entre a bruma, a Antoinette ergueu uma imagem incómoda; a sua nitidez era demasiado forte para que eu pudesse eliminá-la por simples força de vontade.

Como se fosse ontem, vi a sala na casa de colmo com duas pessoas no seu interior. Uma mulher estava sentada num sofá forrado a chintz com uma criança pequena, em pé, diante de si. De punhos fechados e olhos suplicantes, a criança invocou todas as suas energias para o confronto e procurou as palavras que descrevessem o acto de um adulto.

Foi na semana após aquele beijo. A Antoinette havia esperado para ficar sozinha com a mãe depois de o pai regressar ao trabalho. Vi-a ainda confiante no amor dessa mãe mas debatendo-se para encontrar as palavras certas para explicar um acto que lhe era estranho. O nervosismo transparecia na sua pose e a irritação da mãe tornava-se mais visível a cada palavra que lhe saía dos lábios. A pequena e fiel Judy, pressentindo um problema, estava

ao lado da criança, de focinho levantado e olhos repletos de uma preocupação canina.

Mais uma vez, senti a chama da fúria a intensificar-se nos olhos verde-escuros da mãe. Desta vez, através dos meus próprios olhos de adulta, senti uma outra emoção escondida. Recuando no tempo, analisei a imagem em busca de uma pista do que poderia ser e logo compreendi.

Ela tinha medo do que estava prestes a ouvir.

A Antoinette, com seis anos e meio, apenas viu a fúria. Os seus ombros franzinos descaíram e no seu rosto surgiram expressões de perplexidade e mágoa ao ver a última esperança de segurança abandoná-la. A mãe não tencionava protegê-la.

Ouvi mais uma vez a voz da mãe a dar-lhe a ordem: - Nunca mais fales disso, nunca mais, ouviste?

E ouvi-a responder.

- Não, mamã.

A sua educação havia começado; o seu silêncio estava garantido e o caminho para o que viria a seguir fora definido com sucesso.

“Vês, contaste-lhe, contaste-lhe, sim”, segredou a minha atormentadora.

Durante anos, bloqueara a imagem da minha mãe a ouvir aquela revelação. Tinha-a forçado a abandonar a minha memória. Tinha obrigado a Antoinette, a criança assustada, a desaparecer e ela levava consigo as minhas recordações. Com uma triste resignação, apercebi-me de que a minha mãe sempre soubera o que o meu pai sentia por mim. De que outro modo podia a criança ter descrito esse beijo se não o tivesse sentido na pele? Era impossível que o tivesse inventado. Naquele tempo, nas zonas rurais, não havia a influência da televisão e ela não tinha livros nem revistas que lhe permitissem aprender essas coisas. A minha mãe tomara conhecimento da verdade unicamente pela voz da filha.

“Lembraste do nosso último ano, Toni?”, perguntou a Antoinette. “O ano antes de me teres deixado? Olha para esta imagem.”

Ela introduziu outra recordação no abrigo do meu espírito. Revelava o meu pai a chegar da prisão, onze anos mais tarde. A minha mãe sentada, a olhar pela janela, à espera dele. Só quando o viu ao longe é que o seu rosto ganhou vida, e ela precipitou-se na direcção dele.

“Nesse momento, foste esquecida. Ela nunca te perdoou, mas a ele sim.”

No entanto, eu teimava em não aceitar as recordações que eram libertadas no meu espírito. Há muito que tinha compreendido que a memória da minha mãe se fixara para sempre na imagem do homem atraente e charmoso da sua juventude. Cinco anos mais velha do que ele e carregando o fardo de uma mãe muito bela, continuou aos seus próprios olhos a ser uma mulher sem atractivos que tivera a sorte de casar com um homem assim.

“E nada nem ninguém o levaria”, ripostou a Antoinette. “Pensa nos últimos meses na casa de colmo e pensa no que ela finalmente fez.”

Nessa noite, interroguei-me se ela o teria amado tanto que cometera a suprema traição para o preservar?

Acendi outro cigarro, pensando se alguma das minhas perguntas alguma vez teria resposta, se alguma explicação seria dada, ou se ela teria vivido num estado de rejeição durante tanto tempo que a verdade para ela também havia sido obstinadamente enterrada.

Sentindo o cansaço apoderar-se de mim, fechei brevemente os olhos e, meio adormecida, regressei à casa de colmo.

Uma sucessão permanente de mudanças quase imperceptíveis, ao longo de dois anos, tinha gradualmente urdido a trama da minha vida. Para me confortar, tentava invocar o rosto da minha avó inglesa e as recordações de segurança e amor quando estava com ela. Relembrava o tempo em que vivera só com a minha mãe, os dias em que ela me lia as minhas histórias preferidas à hora de deitar, os dias em que simplesmente me sentia feliz.

Na cama, à noite, sentindo o estômago apertar cada vez mais de desespero, tentava agarrar-me a essas recordações esquivas e preservar a sensação de calor que me proporcionavam; mas de dia para dia elas escapavam para mais longe, tornando-se inacessíveis.

Tinha-se formado uma distância entre mim e a minha mãe, um espaço frio que eu não conseguia transpor. Terminara o tempo em que ela pedia boleia a um vizinho para a cidade para me fazer a surpresa de me ir esperar à escola. Terminara o tempo em que ela ouvia a minha tagarelice com um sorriso e terminara o tempo em que passava horas a fazer-me roupas bonitas. Em lugar da minha mãe, carinhosa e alegre, surgiu uma estranha, invadindo aos poucos o seu corpo até a mãe que eu conhecera deixar de existir, uma estranha que tinha muito pouco tempo para mim. Sem compreender o que fizera de mal, sentia-me cada vez mais desorientada, infeliz e só.

No início das férias grandes, apercebi-me de que o fim das visitas aos meus avós estava para breve quando a minha mãe me informou que eu não voltaria à escola primária na vila. Em vez de chorar à frente dela, levei a Judy a passear e, assim que desapareci de vista, deixei que as lágrimas caíssem. Não voltar a ver a minha melhor amiga, não fazer parte da escola onde pensei ficar vários anos e nunca mais estar sozinha com os meus avós e ter as conversas estimulantes com os meus parentes que tanto apreciava. A panorâmica era demasiado sombria para ser tolerável.

Aprendi o significado da palavra isolamento nesse Verão e uma sensação que era demasiado nova para designar penetrou-me a alma: era a sensação de traição.

Chegou o mês de Setembro e o primeiro dia numa nova escola, alguns dias antes de completar sete anos. Desta vez, não experimentei qualquer entusiasmo enquanto vestia o meu velho uniforme escolar e me preparava para a primeira de muitas longas caminhadas. Não só os transportes públicos eram escassos, nesse tempo, como a escola não dispunha de autocarro.

Recordava outras escolas em que a minha mãe me tinha acompanhado no primeiro dia de aulas e a distância era curta. Agora tinha de fazer a pé, sozinha, os seis quilómetros diários para a escola e de regresso.

A primeira vez, a estrada pareceu estender-se até ao infinito, apenas com umas casas dispersas a alterar a paisagem que, nesse dia, não me deu qualquer prazer. Depois de me ter arrastado ao longo de mais de uma hora, fiquei bastante surpreendida por ter dado com a escola. Havia alunos que chegavam de bicicleta e a pé e, pela primeira vez, apercebi-me de que era uma escola mista. Até então, estava habituada a escolas exclusivamente de raparigas. Endireitando os ombros para enfrentar os desafios que me esperavam, entrei e fui à procura de um professor.

O edifício da escola era o oposto da construção de tijolo antiga a que eu estava habituada. Era um edifício baixo, cinzento e utilitário, dividido em duas salas de aula, uma para os alunos com menos de oito anos e a outra para crianças entre os oito e os onze. Não havia relvados para brincarmos no recreio, mas um pátio de cimento, considerado suficiente para as necessidades das cerca de cem crianças que a frequentavam. Nesta escola, quando o intervalo chegou, não houve nenhuma Jenny que me apresentasse aos outros alunos nem a alegre camaradagem que me fez sentir parte do grupo; pelo contrário, grupos de crianças vestidas com um uniforme diferente fixaram-me com evidente desconfiança.

Os alunos, na sua maioria filhos de lavradores locais, troçaram do meu sotaque inglês e do meu antigo uniforme de escola particular que, não estando gasto, os meus pais haviam insistido para que eu usasse, ao passo que os professores me ignoraram.

Mal chegou a hora do almoço, grupos ou pares de crianças barulhentas correram para a pequena cantina, precipitando-se a guardar lugares para os amigos. Confusa, olhei em volta à procura de uma cadeira. Avistando uma ao fundo da mesa, pousei aí a minha sacola antes de me pôr na fila para a comida. Foi servido puré de batata com carne enlatada e couve cozida e, enquanto engolia a custo, compreendi que entrara num mundo diferente onde já não era a “

Aninete” mas uma estranha para todos os que me rodeavam. O orgulho manteve-me calada enquanto as crianças zombavam de mim com uma agressividade latente à qual, ao longo dos anos, viria a habituar-me mas que naquele momento ainda era uma incógnita.

No mesmo ano, enquanto o Verão dava lugar ao Outono e os dias se tornavam mais curtos, trazendo consigo um crepúsculo sinistro, a minha caminhada de seis quilómetros para regressar a casa parecia demorar mais tempo de dia para dia. As sebes e as árvores projectavam sombras arrepiantes, transformando o que havia sido um percurso bonito numa viagem aterrorizante.

Aos poucos o meu medo do escuro foi crescendo e o crepúsculo com as suas sombras tornou-se um inimigo. Tentava caminhar mais depressa mas a minha sacola, cheia de lápis afiados e livros de leitura e aritmética, parecia mais pesada a cada passo. Em meados de Outubro, quando o acerto da hora transformou as tardes em noites, o vento começou a desfolhar as árvores. Em Novembro, descobri outro inimigo, a chuva. De cabeça baixa, avançava a custo através de aguaceiros torrenciais, certa que pela manhã o meu casaco ainda estaria húmido. A água penetrava até ao uniforme e, ao longo das semanas, os vincos foram desaparecendo gradualmente até que a rapariga elegante e segura que havia sido poucos meses antes desapareceu. Quando me olhava ao espelho via uma criança enxovalhada, cujas gordurinhas de bebé se haviam desvanecido. Uma criança vestida com roupas amarrotadas, de cabelo escorrido pelos ombros, uma criança com um aspecto descuidado, cujo rosto revelava uma estóica resignação às mudanças na sua vida.

A meio caminho entre a escola e a casa de colmo havia uma loja que, à semelhança de muitas das construções dispersas pelas proximidades, estava preparada para resistir ao agreste clima irlandês e não exactamente para embelezar a paisagem. Era um edifício baixo de pedra, com um pavimento cimentado e um simples balcão de madeira, atrás do qual havia inúmeras prateleiras. Exibia uma abundância de mercadorias que respondiam às necessidades dos agricultores locais e dos seus trabalhadores; havia tudo, desde petróleo para candeeiros ao delicioso pão de soda caseiro e os presuntos curados localmente.

As mulheres entravam não apenas para adquirir bens essenciais mas para usufruírem de uns momentos de liberdade dos maridos e estarem alguns minutos na companhia das outras mulheres. Sem transportes públicos, com electricidade deficiente e, em muitos casos, como era o nosso, sem água corrente sequer, os dias eram mais cansativos e duros para as mulheres.

Pareciam sair de casa com pouca frequência, excepto aos domingos, em que a comunidade de fiéis protestantes raramente faltava ao serviço religioso.

A dona da loja, uma mulher afável, recebia-me sempre com um sorriso afectuoso. Assim que avistava a loja, apressava o passo porque lá dentro escapava ao frio e ficava na companhia de pessoas simpáticas. Mandavam-me sentar, davam-me sumo de laranja e, por vezes, até me ofereciam um scone acabado de sair do forno, ainda a derramar manteiga derretida. A amizade da dona, depois da tristeza do dia escolar, reconfortava-me e a segunda metade da minha caminhada tornava-se mais fácil de aguentar.

Num desses dias raros em que o sol de Inverno afasta as sombras do crepúsculo, uma pequena cadela preta e branca, que parecia uma colite em miniatura, estava presa junto do balcão. Com a pelagem emaranhada e uma ponta de corda ao pescoço, tinha um ar tão descuidado e carente de afecto como eu. Quando me baixei para acariciá-la, ela retraiu-se com um gemido.

- O meu filho salvou-a do dono - disse-me a comerciante. - Tratavam-na a pontapé, espancavam-na e até a enfiaram pela retrete abaixo, coitadinha. Muito gostava de lhes dar o mesmo tratamento, tanta crueldade com a pobre bicha. Que espécie de gente faz coisas assim?

Tenho de lhe arranjar uma boa casa. Tenho a certeza de que ela só precisa de afecto.

Lançou-me um olhar de esperança.

Senti uma lambidela quente na mão e, ajoelhando-me, encostei a cabeça ao sedoso focinho preto e branco. Sabia o que era precisar de afecto e senti um ímpeto de protecção enquanto a afagava com ternura. Cinco minutos mais tarde, depois dos scones e do sumo de laranja, ia pela estrada com a recém-baptizada Sally pela corda. Nesse dia, o resto da minha viagem decorreu com muito mais ânimo. Parando com frequência para garantir à Sally que nunca mais ninguém lhe faria mal, que lhe daria o meu amor e que a partir de agora a Judy seria amiga dela, era recompensada com lambidelas quentes. Com essa confiança instintiva que é característica dos cães, ela parecia saber que tinha encontrado protecção porque ergueu a cauda e apressou o passo.

Quando virei para o nosso caminho, a luz alaranjada do candeeiro a parafina já estava acesa, abri o portão e entrei em casa.

- Que é que temos aqui? - exclamou a minha mãe, baixando-se para afagar a minha nova amiga. Conte-lhe o que a dona da loja me havia dito.

- Posso ficar com ela, não posso? - implorei.

- Bem, agora não podemos mandá-la embora, pois não? - foi a sua resposta.

Percebi que não era preciso dizer mais nada, pois ela já estava a fazer-lhe festas.

- Coitadinha - sussurrou a minha mãe.

Para minha surpresa, vi surgirem-lhe lágrimas nos olhos.

- Como é que as pessoas podem ser tão cruéis?

Demasiado jovem para perceber a ironia das suas palavras, compreendi apenas que a Sally tinha encontrado um lar.

A Judy aproximou-se, com a cauda a abanar e farejou, curiosa, a recém-chegada com o que me pareceu ser uma saudação amiga na minha direcção. Era como se ela, um animal de natureza territorial, pressentisse que a Sally não constituía qualquer ameaça. Decidiu logo aceitá-la como companheira e novo membro da família.

Na manhã seguinte, para meu alívio, apareceu o pai jovial e, surpreendentemente, mostrou-se encantado com a nova cadelinha que, desesperada por afecto, ao contrário da Judy, o olhou cheia de adoração.

Agora, nas minhas paragens na loja, mantinha a dona a par das brincadeiras da Sally, da amizade que tinha feito com a Judy e até lhe falei da June. Ao saber, algumas semanas mais tarde, que as galinhas escondiam os ovos nas ervas altas junto às sebes, ofereceu-me uma pequena cabra.

- Antoinette - disseme ela -, leva isto à tua mãe. Não há nada melhor para manter a erva aparada.

Orgulhosamente, preendi o pequeno animal a um pedaço de corda, pensando que agora podíamos ter leite de cabra, além da erva cortada, e levei-a para casa, oferecendo-a de presente à minha mãe.

- Agora podemos ter leite - disselhe enquanto as duas cadelas olhavam com desdém para a minha nova amiga, emitindo dois latidos e afastando-se.

- É um bode, meu amor - disse ela, com uma gargalhada. - Os bodes não dão leite. Desta vez tens de o devolver.

Na manhã seguinte, o pequeno bode trotou mais uma vez ao meu lado, fazendo-me companhia durante os primeiros três quilómetros da viagem, quando voltei à loja para restituí-

lo. Por essa altura, experimentei uma sensação de alívio ao entregá-lo, depois de a minha mãe ter explicado quanto os chifres dele iriam crescer e como o animal poderia fazer mal com eles.

Durante esses meses de Inverno, houve momentos de genuína afeição entre mim e a minha mãe, a que eu dava um grande valor, pois era evidente que, no geral, a sua atitude para comigo mudara inexplicavelmente. Ao passo que antes se orgulhava da minha aparência, em vestir-me com roupa bonita, lavar-me regularmente o cabelo e atá-lo com fitas, o seu interesse pelo meu aspecto tinha praticamente acabado. O meu uniforme escolar tornava-se cada vez mais pequeno; o vestido ficava vários centímetros acima do joelho e a camisola, que mal me chegava à cintura, estava a ficar puída nos cotovelos. As pregas do uniforme tinham praticamente desaparecido, deixando vincos em seu lugar, e o verde-escuro tornara-se ruço, o que contribuía mais para a minha figura enxovalhada e descuidada. O meu cabelo, que em tempos a minha mãe escovava diariamente com amor, caía agora escorrido. Os anéis da infância haviam desaparecido há muito, dando lugar a uma cortina desalinhada, pelos ombros, a emoldurar um rosto que raramente sorria.

Nos dias de hoje, as professoras teriam falado com a minha mãe, mas, nos anos 50, manifestavam o seu desagrado na criança.

Uma professora nova, compadecendo-se de mim, tentou ser benevolente. Levou uma bonita fita amarela para a sala de aula e, durante o intervalo,

penteou-me e atou-me o cabelo, exibindo um pequeno espelho para eu poder admirar a minha imagem.

- Antoinette - disse ela -, diz à tua mãe que te penteie o cabelo assim todos os dias. Ficas muito bonita.

Pela primeira vez em muitos meses, senti que era bonita e, animada, exibi a minha nova aparência à minha mãe. A sua fúria pareceu nascer do nada ao arrancar-me a fita do cabelo.

- Diz à professora que eu sei muito bem vestir a minha filha - ripostou ela, visivelmente furiosa.

Fiquei perplexa. Que é que fiz de mal, perguntei, sem obter qualquer resposta.

No dia seguinte, o meu cabelo retomou o seu estilo desalinhado e a professora reparou.

- Antoinette, onde está a fita que te dei?

Ao aperceber-me de que ia de algum modo deixar ficar mal a minha mãe se repetisse as suas palavras, fixei o chão. Seguiu-se um silêncio enquanto ela esperava pela minha resposta.

- Perdi-a - ouvi-me balbuciar, sentindo as faces ruborizarem com a mentira. Passei por ingrata e impertinente aos olhos dela e senti a sua irritação.

- Bem, ao menos arranja-te, menina - disse ela bruscamente e assim perdi a minha única aliada na escola, porque foi a última vez que ela se deu ao trabalho de me tratar com bondade.

Sabia que era pouco popular entre as minhas colegas, assim como entre as professoras. Sabia também, apesar de muito nova, que essa versão não só era causada pela minha maneira de falar mas também pela minha aparência. Apercebia-me da aparência diferente das outras raparigas, com os seus penteados bonitos e brilhantes. Algumas usavam o cabelo preso com

ganchos, outras tinham-no atado atrás com fitas. Só eu o usava solto, num desalinho horrível.

Os uniformes delas estavam impecavelmente engomados, as blusas lavadas e brancas e as camisolas sem remendos. As outras crianças que viviam longe da escola tinham bicicletas e, como tal, os seus sapatos não estavam estragados com a humidade contínua que eliminara o brilho dos meus.

Decidi fazer alguma coisa pela minha aparência. Talvez passasse então a ser mais popular.

Enchi-me de coragem, esperei até ficar sozinha com a minha mãe para abordar soluções para melhorar a minha aparência. Nessa tarde, ao chegar a casa das aulas, aflorei nervosamente o assunto.

- Mamã, posso passar a ferro o meu vestido? Preciso de voltar a vincar as pregas. Posso usar a graxa do papá? Posso lavar o cabelo esta noite? Quero ir para a escola com melhor aspecto.

Os meus pedidos sucederam-se, deparando com um silêncio que se tornava mais tenso a cada sílaba proferida.

- Já acabaste, Antoinette? - perguntou ela no tom frio que me habituara a conhecer.

Levantei os olhos na sua direcção e, com um desânimo total, reconheci a fúria no seu rosto. A fúria que vira nos seus olhos quando tentei falar-lhe do beijo do meu pai voltara.

- Porque é que tens de armar sempre confusão ? - perguntou, quase num silvo. - Porque tens de criar sempre problemas? Não há nada de mal no teu aspecto; sempre foste uma menina vaidosa.

Compreendi então que tinha morrido qualquer hipótese de ser aceite através da melhoria da minha aparência, e conhecia suficientemente bem a minha mãe para não argumentar.

Discordar resultaria no único castigo que eu não era capaz de aguentar: ser completamente ignorada.

Todos os dias, dirigindo-me para a escola com as mãos e os pés gelados, temia o dia que tinha pela frente - a animosidade das crianças, o desprezo mal encoberto das professoras - e procurava mentalmente uma maneira de levá-las a gostar de mim.

Fazia sempre meticulosamente o trabalho de casa, tinha notas altas, mas sabia, por qualquer razão, que isso só contribuía para a minha falta de popularidade. Reparava que, nos intervalos, as outras crianças tinham rebuçados, dropes de fruta ou caramelos. Por vezes, trocavam-nos por berlindes, sempre cobiçados como instrumentos de negociação. Sabia que os rebuçados eram apreciados pelas crianças, mas como podia comprá-los sem dinheiro? Depois descobri a minha oportunidade. Uma vez por semana, a professora recolhia o dinheiro das refeições escolares, nas duas salas de aula, e punha-o numa caixa de metal que guardava na secretária.

Engendrei um plano.

Esperei que as outras crianças saíssem, corri rapidamente para a secretária, abri a caixa e tirei todo o dinheiro que pude enfiar nas minhas cuecas largas, com elásticos nas pernas. Até ao fim do dia, andei cautelosamente pela escola, as moedas contra a pele a recordarem-me a minha culpa. Temia que, ao tilintarem, denunciassem o roubo, mas rejubilei com o êxito do meu plano.

Naturalmente, quando o roubo foi descoberto, toda a nossa turma foi interrogada e as sacolas revistadas. Mas ninguém se lembrou de revistar os corpos.

Eu era uma criança muito calada porque sofria de uma grande depressão. À superfície, parecia bem-comportada mas ninguém se interessava pelos meus sentimentos mais profundos. Em resultado, era a última criança de quem se suspeitava. Quando regresssei a casa nessa noite, enterrei o dinheiro no jardim. Dias mais tarde, desenterrei algumas moedas para comprar um saco de rebuçados, na loja da aldeia, a caminho da escola.

Juntando-me às outras crianças no recreio com um sorriso inseguro, estendi o braço com o saco, oferecendo-os. Fui imediatamente rodeada. As crianças mergulharam as mãos no meu saco, acotovelando-se umas às outras para pegarem ansiosamente no que eu lhes oferecia.

Permaneci no centro do grupo, ouvindo-as rir e sentindo pela primeira vez que fazia parte do grupo. Uma onda de felicidade invadiu-me ao sentir-me finalmente aceite. Depois o meu saco esvaziou-se e o último rebuçado sumiu. Compreendi que era de mim que as crianças se riam quando se afastaram com gritos de alegria tão depressa como tinham aparecido.

Percebi então que, apesar de gostarem dos rebuçados, nunca viriam a gostar de mim. Depois desse dia, passaram a gostar ainda menos pois apercebiam-se do desespero com que desejava a sua aprovação e desprezavam-me por isso.

Recordei as visitas a casa de Mrs. Trivett e a pergunta que sempre lhe fazia: “De que são feitas as meninas?” Recordei a sua resposta e pensei então que devia ser feita de uma substância diferente.

CAPÍTULO 6

Estava sempre exausta quando finalmente chegava a casa, mas ainda tinha deveres para fazer.

Sentava-me à mesa da cozinha, que também fazia as vezes de sala de estar, tentando desesperadamente manter-me acordada. O único calor provinha do fogão, situado na outra ponta da sala, e a única luz dos candeeiros a petróleo, que emanavam um halo fraco e alaranjado.

Mal terminava os trabalhos de casa, tentava sentar-me mais perto do fogão a ler ou observava a minha mãe a enfiar um tabuleiro, onde punha uma polpa que magicamente se transformava em scones ou pão de soda. Nesse tempo, tínhamos de ser o mais auto-suficientes possível. Comprar bolos e pão era considerado um luxo tão grande como carne vermelha ou fruta

fresca. Pura e simplesmente não comprávamos nada que não fosse feito ou cultivado em casa.

Tínhamos as nossas galinhas, que não só nos forneciam uma quantidade regular de ovos mas pagavam parte dos artigos de mercearia que comprávamos duas vezes por semana, quando a carrinha chegava. As batatas e as cenouras vinham da nossa horta e, quando eu ia à herdade vizinha buscar leite, também trazia o soro de leite coalhado que a minha mãe usava para fazer bolos.

Agora que tinha sete anos e meio, sabia ler fluentemente e, durante o tempo que passámos na casa de colmo, o meu amor aos livros cresceu. Aos fins-de-semana, aparecia uma biblioteca itinerante e eu podia escolher os livros que quisesse. Para além dos meus animais, os livros eram o meu escape. Podia evadir-me para outros mundos de fantasia, de aventura e diversão.

Podia brincar aos detectives com “Os Cinco” da Enid Blyton, explorar o mundo submarino inventado por Charles Kingsley e sentir medo com os contos dos irmãos Grimm. O livro Mulherzinhas mostrou-me que as mulheres podiam ser independentes. Sonhava ser como Jo quando crescesse. À luz do candeeiro de parafina, podia viver aventuras secretas com amigos imaginários e desaparecer com eles numa vida em que andava lindamente vestida e todos gostavam de mim. À medida que o meu amor pela leitura crescia, também crescia o ressentimento do meu pai com isso.

Ele nunca lia mais do que a secção de desporto no jornal e achava o meu interesse e o da minha mãe por livros uma perda de tempo. Enquanto, no caso dela, não se atrevia a criticá-la, não tinha quaisquer escrúpulos em descarregar em mim o seu desagrado.

- Para que é que estás a fazer isso? - resmungava. - Não arranjas nada de melhor para fazer? A tua mãe não precisa de ajuda? Vai ver se há loiça para lavar.

Noutras ocasiões, dizia: - Já fizeste os deveres?

Quando eu respondia que sim, ele emitia um resmungo de desdém. Irritada, sentia o peso do seu ressentimento e ansiava pela hora de me deitar para

poder escapar.

Cheio de rancor por quem pudesse ser feliz ou culto, as fúrias e os ataques de mau génio do meu pai eram imprevisíveis. Havia dias em que chegava bastante cedo a casa, trazendo rebuçados e chocolates para mim e para a minha mãe. Eram as noites em que o pai jovial aparecia com abraços para a minha mãe e saudações afectuosas para mim. Na minha mente, eu tinha dois pais, o mau e o bom. Do mau sentia um medo terrível, ao passo que o bom, que recordava ter-nos ido esperar ao cais, era o homem risonho e bem-disposto que a minha mãe amava. Agora, só me eram permitidos breves vislumbres do pai bom, mas tinha sempre esperança de mais.

Na Primavera, o meu pai alugou um barracão de madeira onde disse que podia guardar as ferramentas destinadas às reparações do carro. A capoeira, alegou, ocupara os telheiros disponíveis próximos de casa. Assim poupamos dinheiro, disse ele, já que era um mecânico qualificado. Não era uma estupidez pagar muito dinheiro a outros por um trabalho que ele fazia melhor?

A minha mãe concordou, o que o deixou de bom humor e, de súbito, os seus modos para comigo alteraram-se. Deixou de andar constantemente zangado, criticando tudo o que eu fazia. Enquanto, em tempos, alternava entre querer-me longe da vista, ignorar-me ou gritar comigo, agora era sempre simpático. Recordando os seus apalhões apressados daquela vez em que a minha mãe não estava na sala, encarei a sua mudança de atitude com desconfiança, mas esforcei-me por afastar as minhas dúvidas porque, acima de tudo, sentia uma necessidade desesperada de ser amada pelos meus pais. Deveria ter confiado nos meus instintos.

- Ela esteve a trabalhar muito nos deveres escolares este fim-de-semana - disse ele uma tarde à minha mãe. - E depois de tantas caminhadas para a escola e para casa, vou levá-la a dar uma volta de carro.

A minha mãe sorriu, radiante.

- Sim, Antoinette, vai com o papá. Ele vai levar-te a dar uma volta.

Entrei para o carro entusiasmada, o meu prazer apenas foi estragado quando a Judy foi impedida de nos acompanhar. Enquanto ia olhando pela janela, pensei qual seria o nosso destino. Não tardei a descobrir. Ao fundo da nossa estrada, ele virou para o campo onde ficava o pequeno barracão de madeira que havia alugado. Seria este o destino de todos os meus passeios de fim-de-semana.

Ele entrou com o carro na construção sinistra e sombria. A única paz natural entrava por uma pequena janela, tapada por uma serapilheira, pregada dos dois lados. Com uma sensação de náusea, senti um medo desconhecido e sabia que não queria sair do carro.

- Papá - supliquei -, por favor leva-me para casa, não gosto disto.

Ele limitou-se a olhar para mim com um sorriso que não contagiou os seus olhos.

- Fica aí, Antoinette - ordenou. - O teu papá tem um presente para ti. Vais ver como vais gostar.

O medo que eu sentia transformou-se num terror, pesado como chumbo, que me manteve colada ao assento. Ele saiu do carro para trancar o barracão e depois abriu a porta do passageiro. Quando me virou para o encarar, reparei que tinha aberto o fecho das calças.

Tinha o rosto vermelho e os olhos vidrados. Fixando-os, vi que ele já não parecia estar a verme. No meu íntimo, rebentou um tremor, sacudindo-me o corpo e subindo-me à garganta, onde ganhou forma num gemido.

- Agora sê boa menina - disse ele, pegando na minha mão de criança, pequena, roliça e com covinhas. Segurou-a com força, obrigou os meus dedos a agarrar-lhe no pénis e depois moveu-os para cima e para baixo. Durante o tempo em que fiz isso, ouvi pequenos gemidos animais a escapar-lhe da garganta e a misturarem-se com os seus grunhidos. Fechei os olhos com força, na esperança de que, se não visse, aquilo parasse, mas não parou.

De súbito, ele libertou-me a mão e lançou-me para trás sobre o assento. Senti uma mão segurar-me com firmeza, pressionando-me a barriga enquanto a outra me puxava o vestido para cima e descia violentamente as cuecas. Tive vergonha quando o meu pequeno corpo ficou exposto aos olhos dele e fui empurrada ainda mais contra o frio assento de couro. Ele virou-me de lado, deixando-me as pernas desamparadas e suspensas, e foi em vão que as tentei fechar. Foram abertas à força, sabia que ele estava a olhar para uma parte de mim que pensei ser privada, senti uma almofada a ser colocada debaixo das nádegas e, depois, a dor quando ele me penetrou, não com violência suficiente para me rasgar ou ferir, mas com força suficiente para magoar.

Fiquei frouxa e muda como uma boneca de trapos, tentando focar tudo menos o que me estava a acontecer enquanto o odor do barracão, com a sua combinação de humidade, óleo e gasolina, misturado com o cheiro masculino a tabaco e suor entranhado do meu pai, parecia infiltrar-se em todos os poros da minha pele.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele emitiu um grunhido e afastou-se de mim. Senti uma substância quente, húmida e pegajosa pingar-me sobre a barriga. Ele atirou-me um pedaço de serapilheira.

- Limpa-te com isso.

Muda, obedeci.

As suas palavras seguintes viriam a tornar-se um refrão constante: - Nada de ir contar à tua mãe, minha menina. É o nosso segredo. Se lhe contares, ela não irá acreditar em ti. Vai deixar de te amar.

Eu já sabia que isso era verdade.

O único segredo que escondi do meu pai era o segredo que escondia de mim mesma. A minha mãe sabia. O único medo dele era que ela descobrisse. Foi nesse dia que começou o nosso jogo; o jogo chamava-se “o nosso segredo”, e ele e eu haveríamos de o jogar por mais sete anos.

CAPÍTULO 7

O meu oitavo aniversário chegou, trazendo consigo um Outono precoce seguido do frio do Inverno. Fornadas de turfa castanho-escura eram regularmente colocadas na salamandra, produzindo uma incandescência vermelha, mas por mais que a enchêssemos o calor nunca parecia propagar-se por mais de alguns passos. Eu encolhia-me junto dela, o mais possível, enquanto o meu casaco, sapatos e meias de lã, sempre húmidos, fumegavam no estendal de madeira. Como só tinha um de cada era, precisava que estivessem utilizáveis no dia seguinte.

A voz da minha mãe elevava-se do fundo das escadas, que se mantinham sem passadeira, para me acordar todas as manhãs, ainda o sol não nascera, e o frio fazia-me arder a ponta do nariz, que emergia do conchego dos cobertores. Automaticamente o meu braço estendia-se para a cadeira de madeira, que servia de mesa e roupeiro, procurando às apalpadelas a roupa que enfiava debaixo dos cobertores. Primeiro vestia as cuecas do uniforme, seguidas das meias de lã, trazidas da cozinha na noite anterior. Depois, a bater os dentes, tirava rapidamente o casaco do pijama desabotoado para substituí-lo por uma camisola interior de lã. Só então punha as pernas de fora da cama, abandonando o calor do meu ninho e aventurando-me no frio da casa sem aquecimento. Apressava-me a pôr a chaleira no fogão que, depois de remexer com o atiçador alguns pedaços de turfa, aos poucos ganhava vida.

Lavava-me rapidamente no lava-loiça da cozinha, enquanto o meu ovo cozia, e depois vestia o resto da roupa. Tomava o pequeno-almoço à pressa e, vestindo o meu casaco ainda húmido, pegava na sacola e saía para a escola.

Aos fins-de-semana, vestida com uma velha camisola, luvas sem dedos e galochas, ajudava a minha mãe a recolher ovos das capoeiras secas e dos esconderijos dispersos das galinhas criadas ao ar livre. Na esperança de conseguir ovos castanhos, ela dava-lhes chocolate quente todas as manhãs, às onze horas. Nunca tivemos a certeza se a proporção de ovos castanhos crescera em relação aos brancos, mas as galinhas apareciam a correr quando ela as chamava.

Mergulhavam sofregamente os bicos no líquido morno e doce, vezes sem conta. Levantando as cabeças das gamelas, sacudiam-nas, com os seus olhos pequeninos a reluzir enquanto o líquido lhes deslizava pelas gargantas.

Eu retirava rãs do balde do poço e apanhava galhos para acender o fogão. Mas os meus momentos preferidos eram quando a minha mãe fazia bolos. Tirava os scones e o pão de soda do tabuleiro de forno e, quando arrefeciam, colocava-os em latas pois era necessário proteger a comida do exército de ratos que se abrigava connosco nos meses de Inverno.

Os bolos e as bolachas de aroma adocicado eram colocados em pratos e, se estivesse bem-disposta, a minha mãe deixava-me rapar a tigela, movendo os meus dedos pelo creme e pelos lados, a fim de recolher escurupulosamente a mistura amanteigada até à última gota. E lambia-os até ficarem limpos, sob o olhar brilhante e esperançoso da Judy e da Sally.

Era nesses dias que breves manifestações do velho afecto que alimentava o meu amor surgiam entre mim e a minha mãe. Se a sua mente fixava a memória do atraente irlandês de cabelo castanho avermelhado daquele salão de baile, do homem que a fora esperar ao cais, um homem pródigo em abraços e promessas não cumpridas, a minha estava para sempre retida na mãe extremosa e sorridente da minha primeira infância.

Com o dinheiro que tinha roubado, comprei uma lanterna e pilhas. Escondias no meu quarto e à noite lia em segredo. Enfiada na cama, com os cobertores puxados para cima, cansava os olhos todas as noites com a fraca luz da lanterna apontada às páginas. O ruído e a correria dos insectos e animais pequenos alojados no colmo sumiam-se assim que me absorvia na leitura.

Por algum tempo então, conseguia esquecer os dias em que o meu pai me levava a “passear”.

Sempre que ele pegava na chave do carro e anunciava que era hora da surpresa, eu implorava silenciosamente à minha mãe que recusasse, que lhe dissesse que precisava de mim para ir fazer algum recado, para recolher os ovos, tirar as rãs da água do poço ou trazer para casa a água para lavar roupa dos barris da chuva, mas ela nunca o fez.

- Anda, minha querida, vai lá com o papá enquanto eu preparo o lanche - era o seu refrão semanal enquanto ele me levava para o barracão de madeira, onde eu aprendi a separar os meus sentimentos da realidade.

Ao regressarmos, tínhamos sanduíches à nossa espera e um bolo caseiro, cortado em fatias grossas, colocadas num prato grande de casquinha, que estava disposto num naperão de renda.

- Vai lavar as mãos, Antoinette - ordenava-me ela antes de nos sentarmos diante do nosso lanche de domingo à tarde.

Nunca me interrogou sobre os passeios, nunca perguntou onde tínhamos ido nem o que tínhamos visto.

As visitas a Coleraine, outrora um dado adquirido, tornaram-se ocasiões especiais aguardadas com ansiedade. Sentia saudades da minha numerosa família, do afecto que sempre sentira em casa dos meus avós e do companheirismo dos meus primos.

Nas raras ocasiões em que o meu pai decidia que se impunha uma visita, enchia-se a banheira de metal, na noite anterior, numa zona da cozinha, separada por uma cortina. Sentava-me dentro dela num fundo de água com sabão, lavando o corpo e o cabelo. A minha mãe secava-me com uma toalha, envolvia o meu corpo franzino num velho roupão seu e sentava-me diante do fogo. Pegava na sua escova prateada e penteava-me o cabelo castanho-escuro até brilhar. Na manhã seguinte, pegava na minha melhor roupa e o meu pai engraxava-me os sapatos, enquanto a minha mãe supervisionava o meu vestir. Penteava-me o cabelo para trás e prendia-o com uma bando-lete de veludo preta. Olhando-me ao espelho, deparava-me com uma imagem diferente da que os meus colegas viam na escola da aldeia. A criança desleixada e de roupa amarrotada havia desaparecido, dando lugar a uma criança com uma aparência cuidada, impecavelmente vestida e com pais que a amavam.

Foi o início do segundo jogo, no qual os três participávamos: o jogo das famílias felizes. Era um jogo orientado pela minha mãe, que consistia em representar o seu sonho: o sonho de um casamento feliz, um marido atraente, uma casa de colmo e uma filha bonita.

Durante as nossas visitas “familiares”, a minha mãe sentava-se com uma expressão que já me habituara a reconhecer. Era uma expressão que revelava tratar-se de um sofrimento para ela estar ali. Um sorriso educado, ligeiramente superior, dançava-lhe nos lábios; um sorriso que indicava tolerância a essas visitas, mas nunca prazer; um sorriso que eu sabia que desapareceria mal a visita terminasse e o carro saísse da rua dos meus avós.

Depois, lá vinha o caudal ininterrupto de comentários desdenhosos que se infiltravam nos meus ouvidos, um por um. Cada parente era alvo da avaliação verbal da minha mãe, acompanhada de uma gargalhada sem humor. Eu via a nuca do meu pai avermelhar-se cada vez mais enquanto ela lhe recordava, quilómetro a quilómetro, as suas origens e, por comparação, o seu próprio valor.

Se a memória que a minha mãe guardava do meu pai paralisou no atraente “Paddy” que dançara com ela toda a noite, aos olhos dele ela permaneceu eternamente a inglesa chique que era demasiado boa para ele.

Enquanto a minha mãe vomitava as suas opiniões sobre o dia, o meu prazer evaporava-se até se transformar numa recordação distante logo que chegava ao meu quarto. O jogo das famílias felizes havia terminado e eu sabia que não seria jogado até à próxima visita.

Pouco antes do nosso último Natal na casa de colmo, voltámos a visitar os meus avós. Para meu deleite, na pequena sala de trás onde no passado o meu avô tinha consertado sapatos, estava um pássaro de aspecto estranho. Era maior que uma galinha, com plumagem cinzenta e uma garganta vermelha. Estava preso a uma argola na parede, com uma corrente ligada a uma das patas. Fitou-me, com aquilo que me pareceu um olhar de esperança. Esperança de companhia. Esperança de liberdade. Quando perguntei aos meus avós como se chamava, responderam simplesmente “peru”.

Pus-lhe imediatamente o nome de Sr. Peru. No início, atenta ao seu bico, que era consideravelmente maior do que o de uma galinha, limitei-me a pairar com ele. Mais tarde, apercebendo-me de como era dócil, ganhei coragem e estendi a mão para afagá-lo. A ave, desorientada por não saber onde estava, deixou-me fazer-lhe festas sem protestar e eu convenci-me de que fizera

mais um amigo com penas. Ninguém me disse qual seria o destino do meu novo amigo.

Os meus avós tinham-nos convidado para o almoço de Natal e eu, submissa, vesti o uniforme e desempenhei o papel da filha de uma família feliz. Uma pequena árvore de Natal, carregada de decorações vermelhas e douradas, estava na janela da pequena e atulhada sala de estar. O

meu pai, corado do álcool, era o centro das atenções. Bem-humorado e jovial, era o filho predilecto e o irmão adorado da família, e eu era amada por ser sua filha.

Os meus avós haviam transferido a pequena mesa do seu lugar junto à janela, onde agora se encontrava a árvore, para o centro da sala. Era tão raro usarem as extensões da mesa que até pareciam de uma madeira mais leve, quando a mesa foi alargada para dar lugar a oito pessoas.

Os talheres tinham sido polidos, foram colocados crackers de Natal ao lado dos pratos e haviam sido pedidas cadeiras emprestadas. Eu estava sentada em frente ao meu pai.

Da exígua cozinha emanavam aromas deliciosos, juntamente com os sons de uma intensa actividade. A minha avó e a minha tia colocaram carne, legumes cozidos e batatas assadas estaladiças a nadar em molho em travessas que traziam para a mesa. A minha mãe não se tinha oferecido para ajudar, nem tal lhe foi pedido.

Quando olhei para o meu prato cheio de comida, senti água na boca; o pequeno-almoço consistira numa apressada chávena de chá e numa bolacha. Impaciente, esperei que o primeiro adulto comesse para poder fazer o mesmo, entretanto o meu pai apontou para a carne e contou-me o que havia acontecido ao meu amigo.

A fome deu lugar à náusea e o silêncio pairou durante alguns segundos, enquanto eu passava os olhos pela mesa, incrédula. Os olhos do meu pai escarneciam de mim e provocavam-me ao mesmo tempo. Apercebi-me do divertimento nos rostos dos adultos que trocavam olhares e fiz um esforço para não deixar transparecer qualquer sentimento. Instintivamente percebi

que, se recusasse comer, ele não só ficaria satisfeito como, por qualquer razão, naquele misterioso mundo dos adultos onde os sentimentos das crianças não são reais, as lágrimas que eu derramasse pelo Sr. Peru seriam alvo de troça.

Comi-o, apesar de cada garfada se colar à garganta. Ao forçar-me a engolir a comida, uma raiva impotente cresceu-me no peito; nesse Natal, o ódio nasceu. Os risos à mesa tornaram-se no som dos adultos a conspirar e a minha infância, ainda não completamente terminada, encontrava-se suspensa por escassos e débeis fios.

Rebentámos os crackies e pusemos os chapéus de papel. O calor da lareira e o whisky diluído com água, que toda a gente, excepto eu e a minha mãe, bebeu em doses abundantes, fez com que todos ficassem bem corados. A minha mãe ia bebendo o seu xerez ao passo que eu bebia sumo de laranja.

O meu pensamento demorava-se no pássaro grande e meigo que, com um ar desolado, passara os últimos dias de vida na pequena sala de trás. Senti vergonha que o Natal tivesse ditado a sua morte e que, para evitar ser ridicularizada, eu tivesse comido a sua carne.

O bolo de Natal foi servido a seguir e a minha porção tinha a moeda de prata. Chegara então o momento de abirmos os presentes. Os meus avós deram-me uma camisola nova, a minha tia e tios fitas para o cabelo, ganchos, bugigangas e uma boneca. Os meus pais passaram-me um grande embrulho com um selo inglês. Quando o abri, deparei-me com vários livros da Enid Blyton, enviados pela minha avó inglesa, com o meu nome escrito neles. Fui invadida por um desejo profundo de voltar a vê-la e assaltada por recordações dos meus primeiros anos de felicidade. Revi a sua figura pequena, imaculadamente vestida, ouvi a sua voz chamar “Antoinette, onde estás?”, distingui o meu próprio riso, fingindo que me escondia, e senti o seu perfume a lírios e a pó-de-arroz sempre que ela se baixava para me beijar. De algum modo, pensei, se ela ali estivesse, o nosso lar seria novamente feliz.

Os meus pais deram-me um estojo para os lápis, para usar na escola, e dois livros em segunda mão. Pouco depois, chegara a hora de partirmos.

Nessa noite, regressámos à casa de colmo e eu fui imediatamente para a cama, demasiado cansada para ouvir as correrias dos bichos no colmo ou para ligar a lanterna.

No dia 26, fui dar um passeio sozinha, deixando excepcionalmente as cadelas em casa, na esperança de ver coelhos e lebres a brincar. Havia um campo no cimo de um pequeno outeiro onde me podia deitar a observá-los. Nessa manhã, teria uma desilusão. O tempo estava demasiado frio para mim e para eles.

Só na Páscoa é que a minha paciência foi recompensada; deitada, imóvel, no cimo do outeiro semeado de margaridas, contive a respiração, com medo que o mais leve ruído alertasse a família de coelhos. Permaneci fora de vista mas suficientemente perto para contemplar as manchas brancas dos seus rabinhos. Famílias inteiras abandonavam as tocas para cabriolar no campo em baixo e dar as boas-vindas à Primavera. Nesse dia, encontrei um coelho bebé que parecia ter sido abandonado pelos pais. Estava sentado, imóvel, com os olhos brilhantes a piscar nervosamente quando me baixei para pegar nele ao colo. Enfiando-o debaixo da camisola, para o agasalhar, senti o seu coração a bater desenfreado enquanto corria para casa.

- O que tens aí? - exclamou a minha mãe, vendo o volume formado pelo coelho.

Levantei a camisola, mostrei-lho e ela pegou-lhe com cuidado.

- Vamos cuidar dele até ter idade suficiente para procurar a família - declarou.

Reuniu jornais, ensinou-me a rasgá-los e a usá-los para fazer um ninho acolhedor e depois, arranjando uma caixa de madeira, construiu a primeira gaiola improvisada. Quando os agricultores souberam que tínhamos salvo um coelho, trouxeram-nos mais. Explicaram que os cães e as raposas matavam muitas vezes os pais, deixando as crias indefesas. Cuidar destes coelhos órfãos era uma actividade que eu partilhava com a minha mãe. Colocávamos palha, água e comida nas gaiolas e dávamos-lhes de comer à mão.

- Quando forem grandes - advertiu-me ela -, já não podemos mantê-los aqui como animais de estimação. São coelhos bravos. Pertencem à natureza. Mas ficam até terem idade para serem libertados.

O meu pai observava-nos em silêncio enquanto nos entregávamos a estas actividades. Sempre sensível aos humores dele, sentia um crescente ressentimento e tinha consciência dos seus olhos postos em mim. Mas, dessa vez, nada disse pois era um interesse que a minha mãe partilhava comigo.

Algumas semanas depois de o primeiro coelho ter sido salvo, quando nos preparávamos para o libertar nos campos, desci e encontrei a minha mãe em fúria, fulminando-me com o olhar.

Antes de poder esquivar-me, ela levantou a mão e acertou-me em cheio na cara. As suas mãos, surpreendentemente fortes para uma pessoa daquele tamanho, agarraram-me pelos ombros e sacudiram-me. O meu pai observava-nos furtivamente, enquanto se aquecia ao fogão, exibindo um sorriso complacente de satisfação nos lábios.

- Que é que eu fiz? - foram as únicas palavras que consegui articular com o cabelo a voar-me para os olhos e a cabeça violentamente sacudida.

- Foste à gaiola dos coelhos. Deixaste a porta aberta. Os cães entraram e desfizeram-nos.

- Eu fechei a porta ontem à noite - tentei protestar. - Não voltei lá depois.

A mão dela ergueu-se mais uma vez. Disse-me que desta vez a estalada era pela mentira.

Depois arrastou-me até à sala de trás para me mostrar a carnificina. Havia pedaços no chão ensanguentado, tufo de pêlo espalhados por todo o lado e as únicas partes intactas eram as patas. Quis gritar, mas a minha garganta pareceu fechar-se enquanto o meu corpo se sacudia com soluços reprimidos.

Obedecendo às ordens dela, enchi um balde de água e comecei a esfregar o sangue do chão.

Enquanto trabalhava, o único pensamento que me ocupava a mente era a certeza de ter fechado a porta da gaiola.

CAPITULO 8

A vida na casa de colmo continuou, cada dia sucedendo-se ao anterior: as caminhadas para a escola, as minhas tarefas de fim-de-semana e os “passeios”. Ocasionalmente, a rotina era quebrada com uma visita aos meus avós, mas a alegria de visitá-los esmorecera desde o Natal.

Um sábado, quando fui buscar o leite à quinta vizinha, a mulher do lavrador convidou-nos para um lanche ajantarado no domingo seguinte. Deu-me um bilhete para entregar à minha mãe e, para minha satisfação, os meus pais aceitaram.

Os lanches ajantarados no campo eram servidos às seis horas, pois a comunidade agrícola levantava-se de madrugada e deitava-se cedo. O jogo das famílias felizes começou assim que eu, tendo acabado de tomar banho e de pentear impecavelmente o cabelo, enverguei a minha melhor roupa. Estava com esperança de explorar a quinta e foi, por isso, com relutância que a vesti, sabendo que a minha mãe, receosa que se sujasse, não gostava que eu brincasse com ela. À chegada, como se me tivesse lido o pensamento, a mulher do lavrador disse aos dois filhos: - Levem a Antoinette e mostrem-lhe a quinta. Ela gosta de animais.

Corri ansiosamente para o exterior com os dois rapazes, antes de a minha mãe poder advertir-me para que não me sujasse. Apesar de serem dois anos mais velhos, sempre tinham parecido tímidos mas, uma vez lá fora, longe dos adultos, tornaram-se muito amigáveis. Primeiro, mostraram-me uma pocilga com uma porca gorda que permanecia imóvel, deitada de lado, com as tetas ocupadas por leitões que mamavam com sofreguidão, e ela aparentemente indiferente às crias. Ao ouvir as nossas vozes, abriu um olho de pestanas brancas; vendo que não constituíamos qualquer ameaça para os filhos, fechou-o, sonolenta, e voltou a dormir.

Depois, segui os rapazes até ao local onde se fazia a ordenha mecânica das vacas. As enormes criaturas bovinas não nos prestaram atenção e mantinham-se pacientemente de pé enquanto a maquinaria lhes mungia os úberes. Perto dali, havia um anexo onde se fabricava manteiga com uma bateadeira accionada à mão. Finalmente, entrámos num palheiro onde o feno estava dividido em fardos empilhados até ao tecto. Havia uma escada de mão encostada ao monte mais alto e, entre muitas gargalhadas, brincámos às escondidas até a mulher do lavrador nos chamar para casa.

Os rapazes tiveram de ir lavar-se porque, apesar de ser domingo, haviam estado a ajudar o pai na quinta. O lavrador apareceu para se preparar para a refeição e a minha mãe ofereceu-se para ajudar a mulher a pôr a mesa.

- Antoinette, viste os gatinhos quando foste lá fora? - perguntou a mulher do lavrador.

- Não - respondi.

O meu pai, nesse dia, era o bom pai e pegou-me na mão.

- Anda daí - disse ele. - Enquanto acabam de preparar o lanche, eu levo-te a ver os gatinhos.

Foi o último dia em que acreditei no bom pai.

Sempre a segurar-me na mão, levou-me para o palheiro onde, momentos antes, eu e os rapazes tínhamos brincado. Ao dirigirmo-nos ao fundo, descobrimos o ninho de gatinhos multicolores, desde o preto retinto a um dourado alaranjado, tão pequeninos que os olhos ainda eram de um azul leitoso. Enquanto os admirava, um deles bocejou, revelando delicados dentes brancos. Entre eles surgiu uma língua pequena muito rosada. Embalada pelos aromas da quinta e encantada com as irrequietas bolinhas de pêlo, ajoelhei-me para afagar aqueles bichinhos tão macios. Ergui ansiosamente os olhos para o meu pai, na esperança de que ele me deixasse ficar com um. Quando os meus olhos se cruzaram com os dele, paralisei: o bom pai tinha-se evaporado; vi o brilho, vi o seu olhar escarninho e senti mais uma vez aquele nó de terror que dominava as minhas cordas vocais, roubando-me a fala.

Como que em câmara lenta, senti as mãos dele levantar-me brutalmente o vestido, senti o puxão às cuecas que ele desceu até aos tornozelos, senti a aspereza da palha no meu corpo nu, senti-o penetrar-me e, segundos mais tarde, senti os seus espasmos. O líquido viscoso escorreu-me pela perna mas, quando baixei os olhos, só consegui ver as cuecas brancas caídas sobre os sapatos pretos acabados de engraxar.

Logo que apertou o fecho, tirou um lenço lavado do bolso e atirou-mo. Como que através de um túnel, ouvi a sua voz dizer: - Limpa-te com isso, minha menina.

A felicidade que sentira nesse dia dissolveu-se, o sol sumiu e, no seu lugar, o crepúsculo coloriu o mundo, transformando-o num lugar hostil e cinzento. Obedeci-lhe enquanto ele me observava.

- Estás pronta, Antoinette? - perguntou, sacudindo-me a roupa. Ostentando então a expressão do “bom pai”, pegou-me na mão e levou-me de regresso a casa para jantar.

A mulher do lavrador era toda sorrisos. Pensando que a minha expressão acabrunhada se devia ao facto de o meu pai não me ter deixado ficar com um gatinho, disse: - Os gatos não são bons animais de estimação, Antoinette. Os gatos das quintas só querem caçar ratos.

Olhei-a em silêncio. As palavras não saíram e, entorpecida, ocupei o meu lugar à mesa.

Sentámo-nos diante de um generoso lanche ajantarado irlandês. Ela havia servido uma refeição de presunto curado em casa, frango assado, ovos cozidos, salada, croquetes de batata, pão de soda e compota caseira. Estava sempre a dizer: - Vá, Antoinette, come. - Depois observava a minha mãe. - Ela está muito calada hoje.

Os olhos da minha mãe cruzaram-se com os meus numa expressão de desdém que me gelou, e depois virou-se para a mulher do lavrador com o seu sorriso educado de sempre, e respondeu: - É um rato de biblioteca, a minha filha. Não é dada à conversa.

Além das visitas aos meus avós, não me recordo de mais nenhuma saída em família durante esse período da minha vida.

Sentada no salão do hospital, pensei nessa menina pequena que em tempos fora. Pensei nela quando era uma criança de colo ingênua, confiante no amor da mãe e sem razões para desconfiar dos adultos. Vi de novo a sua imagem a sorrir, confiante, para a objectiva quando tinha três anos. Recordei a sua excitação por viajar para a Irlanda do Norte, a sua felicidade ao entrar para uma nova escola e o seu amor pela cadela Judy. Interroguei-me então sobre a pessoa em que a Antoinette se haveria tornado se a tivessem deixado crescer normalmente.

Senti a sua presença quando uma outra imagem se me insinuou no espírito à força. Vi uma sala escura; nela, uma criança pequena e assustada estava enroscada na cama, a chuchar no polegar para encontrar algum conforto. Os seus caracóis castanho-escuros estavam empastados, colados à nuca, enquanto os seus olhos se mantinham bem abertos. Sentia demasiado medo para os fechar, não fosse o seu pesadelo regressar: o pesadelo de ser perseguida, de perder o controlo; o pesadelo que ainda assombrava o meu sono começou nesse momento com ela.

Consciente de que os dias em que podia chamar pela mãe tinham acabado, não podia fazer mais do que tiritar, deitada na cama, até que o sono regressasse e a forçasse a fechar os olhos com relutância.

Depois recordei, pela primeira vez em muitos anos, a suprema traição a essa menina, a traição que decidiu o seu destino. Só escondendo essa traição no mais fundo da minha memória e criando a Toni poderia ter havido salvação.

Se tivesse sido capaz de comunicar com ela, ao longo dos anos, ter-lhe-ia pegado e levado para um lugar seguro, mas a Antoinette já lá não estava para poder ser salva.

Regressava sempre à mesma pergunta: “Por que razão a minha mãe sucumbiu a um estado de negação tão profundo que permitiu que a filha tivesse uma infância assim?”

Sempre pensara que a minha mãe tivera uma vida arruinada, nunca experimentando a felicidade; uma vida destruída pelo egoísmo do meu pai. Sempre compreendera que as suas origens radicavam na classe média inglesa que nunca fora feliz na Irlanda do Norte e estava convencida de que ela havia simplesmente casado com o homem errado. Mas naquele momento, pela primeira vez, sem distrações a desviar o meu espírito destas memórias, compreendi exactamente o que a minha mãe fizera. Quando lhe falei sobre aquele beijo, ela sabia o que inevitavelmente iria seguir-se. Tinha trinta e seis anos quando lhe contei, era uma mulher que vivera uma guerra. Tirou-me da escola onde eu era feliz. Uma escola onde leccionavam alguns dos melhores professores da Irlanda do Norte e onde a directora, uma mulher interventiva e inteligente, teria reconhecido a mudança numa criança e questionado as suas causas. Foi nesse momento, compreendi, que a minha mãe se tornou cúmplice do meu pai.

“Compreendes agora, Toni?”, chegou o sussurro. “Compreendes agora o que ela fez?”

“Não”, respondi. “Não, não compreendo o que ela fez. Quero que seja ela a dizer-me. Quero que seja ela a dizer-me porquê.”

“Lembra-te dos jogos, Toni”, continuou o sussurro.

Primeiro, foi o jogo dele do “nosso segredo”. Depois foi o jogo das “famílias felizes” e, por fim, o derradeiro jogo dela, da Ruth, “a vítima”.

O meu espírito recuou até às muitas ocasiões em que ela usava o seu sotaque inglês e a atitude senhoril para se desenvencilhar de situações, convencendo as pessoas de que eu era a criança difícil e ela a mãe paciente e sofredora.

Ela sabia que, tendo de percorrer seis quilómetros da escola para casa, eu não teria tempo de fazer amizades. As crianças que frequentavam a escola da aldeia viviam nas proximidades e, assim, durante os fins-de-semana e as férias, eu estaria isolada. Não havia ninguém a quem eu pudesse confiar os meus problemas.

Suponho, reflecti com tristeza, que sempre soubera que fora assim. Nunca deixara de amar a minha mãe pois isso é natural numa criança. Nunca fui

capaz de deixar de a amar e nunca desejei tal coisa. Mas agora, quando lhe restava tão pouco tempo de vida, pensei se finalmente me ofereceria uma explicação. Admitiria que não fora vítima, que a culpa que tentara imputar-me não era minha? Viria dos seus lábios alguma súplica de perdão?

Era o que eu desejava e o que esperava quando voltei para a cabeceira da minha mãe, acabando por adormecer na cadeira reclinável.

CAPÍTULO 9

Um nevoeiro negro de depressão pairava sobre a casa de colmo. Remoinhava em torno das nossas cabeças, impregnando os nossos espíritos. Envenenava a atmosfera e transformava-se em palavras que funcionavam como instrumentos de azedume, censura e raiva. As recriminações da minha mãe eram sempre as mesmas. Ele jogava, bebia e gastara o dinheiro da indemnização. A voz dela corria com ele de casa, seguindo-o até ao portão. A força da fúria dele regressava, demorando-se como uma sombra negra em todos os cantos da casa.

Mais uma vez, os baús estavam na sala de estar e as cadelas, como se pressentissem uma interrogação quanto ao seu futuro, esconderam-se debaixo da mesa.

A minha mãe já me tinha dito que teríamos de mudar de casa. No andar de cima, quando me ia deitar, tapava a cabeça com os cobertores para afastar a ansiedade alimentada pelo som constante das suas zangas.

O isolamento do negócio avícola, o frio e a falta de dinheiro, porque, por mais duramente que ela trabalhasse, nunca havia que chegasse, instigavam a sua fúria. Mas um sorriso do meu pai conseguia sempre dissipá-la.

A ambição da minha mãe sempre fora ser dona de uma casa sua, a exemplo da própria família. Aqui, as suas esperanças de um negócio lucrativo tinham-se gorado; era uma luta terrível para pagar a renda e nunca sobrava nada para economizar.

- Antoinette - informou-me ela uma noite -, amanhã vou levar-te a conhecer uma senhora de idade. Se ela gostar de ti, é possível que vivamos com ela. Quero que te portes muito bem e, se nos mudarmos para lá, voltas para a tua antiga escola. Gostavas disso, não gostavas?

Senti a esperança invadir-me o peito mas tentei escondê-la, respondendo.

- Sim, mamã, gostava muito.

Nessa noite, fui deitar-me agarrada a essa réstia de esperança. Seria possível que realmente saísse daquela escola de aldeia onde ninguém gostava de mim e regressasse a uma escola onde tinha sido popular? Depois, ocorreram-me outros pensamentos: quem era essa senhora de idade e porque é que era a minha mãe que me ia levar e não o meu pai? Perguntas para as quais não tinha resposta fervilharam-me na cabeça até sucumbir a um sono agitado.

Acordei cedo, na manhã seguinte, e a recordação da conversa da noite anterior com a minha mãe veio-me imediatamente à memória. Uma sensação de excitação percorreu-me, sensação essa que procurei refrear porque não queria que se lhe seguisse uma desilusão.

Seria verdade que passaria o dia fora com a minha mãe e que talvez voltasse para a minha velha escola, abandonando de vez a escola da aldeia que tanto odiava? A esperança ardia dentro de mim quando descí as escadas.

As panelas de água a ferver no fogão tranquilizaram-me logo que a minha mãe me disse que se destinavam ao meu banho. Mal terminei o pequeno-almoço, a banheira de metal estava cheia. Despindo-me rapidamente, meti-me na água. Primeiro, ensaboei-me toda, saboreando a sensação da água espumosa a escorrer-me pelos dedos, depois enxaguei o corpo com a toalha do rosto, lavei o cabelo na água de chuva aquecida e passei por água até estar muito limpo, antes de a minha mãe me secar energicamente com a toalha. Em seguida, ela pegou na escova de cabo prateado e, com movimentos lentos, começou a pentear-me. Embalada pelo ritmo hipnótico da escova e relaxada pelo calor do fogão, encostei-me aos seus joelhos, contente com a sua atenção. Uma sensação de segurança, instilada pelos seus

cuidados, apoderou-se de mim. Desejei que acontecessem todas as noites, como no passado.

Depois de me prender o cabelo com uma fita, a minha mãe pegou na minha melhor roupa, deu-me um par de meias brancas lavadas e engraxou-me os sapatos. Assim que ficámos as duas prontas, o meu pai levou-nos de carro a Coleraine, onde eu e a minha mãe apanhámos um autocarro que nos levou alguns quilómetros para o interior.

Quando o autocarro nos largou, percorremos alguns metros a pé até chegarmos à entrada de uma vereda, parcialmente encoberta por sebes bastante crescidas. Numa árvore estava pregado um letreiro onde simplesmente se lia “Cooldaragh”.

Não havendo nenhum portão a impedir a nossa entrada, percorri de mão dada com a minha mãe o longo caminho privado. Os ramos das árvores de ambos os lados, por podar, entrançavam-se sobre nós, quase nos tocando, e formavam um tecto rendilhado de uma frescura verde. Nas suas raízes, ervas densas e altas emaranhavam-se com urtigas e invadiam o cascalho. Quando comecei a interrogar-me sobre o lugar para onde nos dirigíamos, dobrámos uma curva e vi Cooldaragh pela primeira vez. Sustive a respiração. Era a casa maior e mais bela que já vira.

Ao aproximarmo-nos, dois cães correram para nós a abanar as caudas, seguidos por uma ativa senhora de idade. Era alta e magra, com cabelo branco preso no alto da cabeça. A sua postura erecta contradizia a necessidade da bengala que tinha na mão esquerda; estendeu a mão direita à minha mãe. Fazia-me lembrar personagens que eu vira em fotografias sépia de uma outra época. Apertando-lhe a mão, a minha mãe fez as apresentações.

- Esta é a minha filha, Antoinette - disse, pousando-me a mão no ombro e sorrindo. - E esta senhora, Antoinette, é Mrs. Giveen.

Um acesso de timidez silenciou-me, mas a senhora idosa, parecendo compreender, sorriu-me.

Mrs. Giveen conduziu-nos para uma sala onde já estava preparado um tabuleiro de chá. Até eu, apesar de nova, não tardei a perceber que se tratava

de uma espécie de entrevista e que tanto eu como a minha mãe estávamos a ser apreciadas e avaliadas. Ela fez-me várias perguntas, querendo saber o que eu gostava de fazer, e questionou-me sobre quais eram os meus passatempos. Depois começou a interrogar-me sobre a escola e se eu gostava de lá andar.

Antes de poder responder, a minha mãe interveio.

- Teve muito bom aproveitamento na escola primária, na cidade. Mas, infelizmente, tivemos de mudar de casa. Fomos viver para muito longe e tivemos de a tirar de lá. Mas ela adorava essa escola, não adoravas, Antoinette?

Confirmei que sim.

A minha mãe continuou.

- Se viéssemos residir para aqui, há um autocarro que a deixa na escola todos os dias. Uma das razões que me leva a desejar esta mudança é o facto de a minha filha poder regressar à escola onde foi tão feliz.

A senhora idosa olhou para mim e perguntou: - Antoinette, é isso que queres?

Senti o coração subir-me à boca.

- Sim, gostaria imenso de voltar para a minha antiga escola.

Depois do chá, de súbito, ela estendeu-me a mão.

- Anda, pequena. Deixa-me mostrar-te a casa.

Embora não me recordasse nenhuma das minhas avós, nem a natureza calorosa e afectiva delas, gostei instintivamente da senhora. Conversava comigo enquanto me conduzia ao exterior e me apresentava os cães a quem era evidentemente muito afeiçoada. Pousou uma mão no terrier cuja cor me fez lembrar a Judy.

- Este cão veio para aqui ainda era um cachorrinho. Agora tem treze anos e chama-se Scamp.

Deu uma palmada no cão maior, que a olhou com adoração.

- E este é o Bruno. E cruzado de um pastor-alemão e um colite. Tem dois anos.

Fez-me perguntas sobre as minhas cadelas. Falei-lhe da Judy, disselhe que tinha sido um presente pelos meus cinco anos, que salvara a Sally e a tinha levado para casa. Falei-lhe também da June, a garnisé. Dando-me uma palmadinha no ombro, ela tranquilizou-me.

- Se vieres para aqui, podes trazer as cadelas. Há muito espaço para elas.

Suspirei de alívio. Era a pergunta que tinha em mente e não a fizera. Observando os cães dela a brincar no relvado, reparei em densos arbustos floridos, suficientemente grandes para uma criança brincar, que ela me explicou serem rododendros. Atrás deles, estendia-se uma mata com árvores altas e frondosas.

- Tenho uma plantação de árvores de Natal - disse-me Mrs. Giveen. - Assim, nessa época, posso sempre escolher uma árvore do meu agrado.

Comecei a sentir-me muito à vontade com ela. Continuei a tagarelar enquanto ela me conduzia pelo terreno, onde pequenos e robustos póneis pastavam num grande campo.

Confiantes, aproximaram-se da vedação e fitaram-nos com uns olhos húmidos e escuros, sob pesadas franjas. Inclinando-se sobre a vedação para os afagar com carinho, Mrs. Giveen explicou que eram velhos póneis retirados de serviço; antigamente transportavam turfa dos brejos. Agora andavam em liberdade e podiam terminar as suas vidas em paz. Endireitou-se, tirou do bolso alguns cubos de açúcar e ofereceu-os aos pequenos póneis. Observei, surpreendida, os seus narizes aveludados a roçarem-lhe a mão e a remover suavemente os cubos de açúcar.

- Então, Antoinette - perguntou ela de súbito -, gostavas de vir viver para aqui?

A casa e a propriedade pareciam-me mágicas, como os lugares sobre os quais tinha lido nos meus contos de fadas. Nunca imaginara que pudesse viver num lugar daqueles. Ainda com dificuldade em acreditar que ela estava a falar a sério, ergui o olhar na sua direcção e disse apenas: - Sim, gostava muito.

Ela voltou a sorrir-me e levou-me à minha mãe, depois mostrou a casa às duas. Primeiro entrámos num enorme pavilhão de caça onde mosquetes e uma variedade de facas de cabos toscos decoravam a parede por cima de uma grande lareira em mármore. Mais tarde soube que haviam sido ali colocados pelo seu avô que tinha combatido os índios na América. No corredor, uma pesada porta de carvalho dava acesso ao salão privado dela, mobilado, ao meu olhar inexperiente, com cadeiras e sofás muito elegantes e aprimorados, com pernas esguias.

Ao longo dos meses seguintes, soube que eram valiosas antiguidades estilo Luís XV.

Enquanto as duas mulheres conversavam, apercebi-me de que a minha mãe estava a ser entrevistada para o lugar de governanta e dama de companhia. Ao que parecia, Mrs. Giveen já não dispunha de meios suficientes para ter o pessoal necessário a uma casa daquela dimensão, desde que a abertura das fábricas na Irlanda do Norte pusera fim à mão-de-obra barata.

Presumi que o meu pai continuaria a exercer o trabalho de mecânico na cidade. Sem renda para pagar e com o salário que lhe rendia o novo emprego, a minha mãe esperava economizar para um dia poder comprar uma casa.

Quando soube que íamos viver para lá, percebi que tinha passado uma espécie de teste e a minha mãe ficou muito feliz e satisfeita comigo. Não me recordo, com nitidez, de ela ter embalado as coisas da casa de colmo, mas tínhamos muito poucas posses e creio que a maior parte da velha mobília ficou para trás. As galinhas foram vendidas a lavradores vizinhos, incluindo a June, a minha garnisé, o que me entristeceu. Parecia que continuávamos a

possuir apenas algumas malas e os baús, agora amolgados. Como fizera nas mudanças anteriores, a minha mãe encheu-os com vestuário, roupa de cama e livros.

A chegada a Cooldaragh, Mrs. Giveen aguardava-nos à porta.

- Antoinette, minha querida - disse ela -, anda comigo que eu vou mostrar-te o teu quarto.

Conduziu-me pelo pavilhão de caça, subindo a escadaria principal até uma galeria com várias portas. Mostrou-me o meu espaçoso quarto, mobilado com uma cama de ferro à moda antiga, coberta com um espesso edredão de penas. Ao lado, havia uma mesa-de-cabeceira com uma camilha e um candeeiro a petróleo em cima. Junto da janela estava uma pequena escrivaninha e ao lado uma estante. Ela disse-me então, para minha satisfação, que o seu quarto era ao lado do meu. Esta informação transmitiu-me uma sensação de segurança.

Havia mais duas escadas que conduziam à área desocupada dos quartos dos criados. No passado, uma destinava-se aos homens e a outra às mulheres. Os meus pais ficaram com o quarto da governanta, que era próximo da única casa de banho. Antigamente, quando a casa tinha um efectivo completo de criados, a água para os banhos era aquecida no fogão de turfa na cozinha e transportada para cima por um exército de criadas. Agora, acarretar as inúmeras panelas de água necessárias aos nossos banhos semanais tornava-se uma tarefa penosa.

Na base dessas escadas havia mais duas salas que eram, no passado, as copas do mordomo e das criadas. Uma porta dava acesso a um pequeno pátio onde uma bomba fornecia a nossa água potável. Barris de água da chuva recolhiam mais água para as nossas outras necessidades e, todas as manhãs, era preciso encher baldes e colocá-los ao lado do fogão.

Um comprido corredor em tijoleira levava da cozinha e das copas ao corpo principal da casa, onde se situava a sala de estar dos meus pais.

Mais tarde, quando explorei a casa sozinha, contei vinte e quatro divisões. Somente quatro quartos estavam mobilados, dois dos quais eram ocupados

por mim e pelos meus pais. Os mais pequenos e mais empoeirados, que não continham mobília, pertenciam à área desocupada dos criados.

Não só não havia água corrente nem electricidade em Cooldaragh, sendo toda a casa iluminada com candeeiros a petróleo ou velas, como a camioneta só ia para a vila uma vez por dia, partindo de manhã e regressando depois das seis da tarde. Ficou decidido que eu frequentaria a escola em regime de semi-internato. Isso significava que podia ficar na biblioteca aquecida a fazer os deveres e jantar com os alunos internos enquanto esperava pela camioneta.

Quando nos instalámos, a minha mãe teve de me levar às compras, pois eu precisava de um novo uniforme para regressar à escola secundária de Coleraine. Embora tivesse ficado feliz com a ideia de voltar, já não era a criança alegre e confiante que haviam conhecido, tornando-me bastante mais reservada. Como o tempo passara e os professores não tinham testemunhado a minha gradual mudança, pareceram atribuir essa transformação à diferença produzida pelo tempo.

O meu pai passava a maior parte dos fins-de-semana fora, “a fazer horas extraordinárias”, como a minha mãe explicava, o que era um alívio para mim. Nesses dias, eu e ela almoçávamos com Mrs. Giveen na sala de jantar dela. A semelhança da sala de visitas, esta estava mobilada com antiguidades e o tampo do aparador de mogno apresentava-se totalmente coberto de pratas. Sentávamo-nos as três à mesa bem polida, que era suficientemente espaçosa para sentar dez pessoas. A minha mãe, que nunca foi grande cozinheira, era capaz de preparar um assado ao fim-de-semana. Olhando para trás, diria que o meu pai se ausentava deliberadamente porque Mrs. Giveen pertencia a uma espécie em vias de extinção, a aristocracia norte-irlandesa. O meu pai sempre se sentira intimidado por estas pessoas, ao passo que a minha mãe estava à vontade na sua companhia. Acho que secretamente se iludia a si mesma, pretendendo ser uma amiga e não uma governanta.

A velha senhora estava na casa dos oitenta e transpirava orgulho e dignidade. Intuitivamente sabia que ela se sentia só e estabelecemos um laço que é frequente surgir entre os muito novos e os mais velhos. Após o almoço,

eu ajudava a minha mãe a levantar a mesa e a lavar a loiça no fundo lava-loiça da copa das criadas. Depois saía para o jardim com todos os cães.

Brincava nos rododendros, que eram suficientemente altos para me colocar em pé no meio deles, ou visitava os póneis de pêlo comprido. Se lhes desse guloseimas, eles deixavam-me acariciar-lhes os focinhos macios e afagá-los o pescoço.

Durante esse tempo, sentime em segurança graças à localização do meu quarto. O meu pai não se atrevia a aproximar-se de mim, estando o quarto de Mrs. Giveen separado do meu por uma parede.

Em dias de chuva, explorava a casa. Mrs. Giveen tinha armários cheios de recordações das guerras na América, adorava falar do avô e mostrar-me todas as lembranças que guardava dele.

Noutros dias, levava um livro para a espaçosa cozinha, que estava sempre impregnada de deliciosos aromas, graças aos diferentes pães e bolos que a minha mãe confeccionava. Ali, cozinhava-se no velho fogão a turfa. Antes de me perder nas aventuras dos Cinco ou de ir nadar com os célebres bebés aquáticos de Kingsley, era incumbida de várias tarefas.

Mandavam-me ir buscar baldes de água potável, lá fora, com a bomba. Ia apanhar turfa para o fogão e cestos de lenha para as lareiras dos nossos quartos. Em dias de bom tempo, que não eram muito frequentes no Inverno norte-irlandês, deambulava pela mata, recolhendo ramos caídos e galhos grossos para os fogos, que eram colocados na parte de trás do fogão a secar, e depois usados como acendalhas. A minha mãe havia lido em qualquer lado que o chá de urtigas tinha propriedades medicinais, daí que, protegida com luvas de jardinagem, eu enchesse cestos com estas ervas daninhas que ela fervia no fogão, inundando a cozinha de um aroma pungente.

Nas manhãs de Inverno, em dias de escola, quando percorria os corredores iluminados por velas para ir buscar água para me lavar, ouvia as correrias dos ratos. Não tinha medo, considerava-os apenas inconvenientes, pois a sua presença significava que tínhamos de “guardar toda a comida em latas ou frascos. Uma manhã, reparei que o meu pai tinha deixado um pacote de açúcar fora, num dia em que chegara tarde a casa. Em cima dele estava um

rato gordo, com olhos pequeninos e bigodes trémulos. Enxotei-o e deitei fora o açúcar restante.

Embora houvesse um exército de ratos em Cooldaragh, todas as manhãs apareciam caganitas frescas e a minha função era limpá-las.

A Páscoa veio e foi, trazendo consigo uma melhoria no tempo. Pude então retomar as minhas actividades de exploração da mata que ocupavam a maior parte do meu tempo, na companhia dos cães. Passeava pelo bosque coberto de juncos e aquecido pelos raios de sol que incidiam sobre a nova folhagem verde. Ouvia os alegres acordes do chilrear dos pássaros, enquanto os futuros pais velavam pelos ninhos cheios de ovos. O Scamp, que estava agora cego, era demasiado velho para essas caminhadas mas os outros três acompanhavam-me alegremente, correndo à minha volta e cavando entre a vegetação. A Judy afastava-se frequentemente de mim, numa busca esperançosa de coelhos. O Bruno, quando eu ordenava “Busca!”, partia à procura dela e trazia-a de volta.

Entre a plantação de árvores de Natal e a mata corria um ribeiro. Eu ia para ali, à procura de ovos de rã e remexendo na água com um pau para ver se se escondiam seres vivos na lama. A minha paciência era muitas vezes recompensada ao ver pequenas rãs que tinham acabado de abandonar o estado de girinos ou avistava os sapos que se protegiam nos tufos de erva semeados de prímulas.

A tardinha, acompanhava Mrs. Giveen para dar guloseimas aos póneis. Estes sabiam a que horas aparecíamos, colocando-se junto à vedação e aguardando-nos pacientemente. Mal regressava a casa, ajudava a minha mãe a preparar o jantar, que tinha de estar pronto antes de o meu pai chegar do trabalho. Levava o tabuleiro de Mrs. Giveen ao salão dela e, depois, regressava à cozinha para comer com os meus pais.

Durante esses meses, o meu pai pouco falou comigo. No entanto, continuava a sentir que me seguia com o olhar mas, de um modo geral, ignorava-me e eu fazia-lhe o mesmo.

Esse período foi um tranquilo interlúdio na minha vida. À medida que os dias avançavam, pensei que fosse durar para sempre; mas como podia isso

acontecer?

No início das minhas férias grandes, acordei com um silêncio arrepiante em casa. Pressenti que se passava algo quando descí as escadas dos fundos em direcção à cozinha. Enquanto me preparava o pequeno-almoço, a minha mãe disse-me que Mrs. Giveen tinha morrido, tranquilamente, durante a noite. Falou comigo com cuidado, consciente da afeição que eu sentia pela velha senhora. Fui invadida por um sentimento de desolação pois sabia que ela, sem saber, fora minha protectora, para além de amiga. Queria despedir-me dela. Subi as escadas até ao seu quarto. Estava deitada na cama, com os olhos fechados e uma ligadura atada em volta do queixo até ao cimo da cabeça. Não tive medo da primeira vez que fui confrontada com a morte. Sabia apenas que ela já não estava entre nós.

Os cães mantiveram-se sossegados nesse dia. Pareciam sentir, como eu, que tinham perdido uma amiga. Nessa tarde, dei aos pôneis as guloseimas, afaguei-lhes o pescoço e encontrei algum conforto nos seus olhos solenes.

Não me recordo do funeral nem da chegada de familiares, mas é evidente que se realizaram.

Recordo-me da nora dela, que passou algumas semanas lá em casa, acima de tudo para proceder a um inventário da casa, com especial incidência nas antiguidades. Era uma mulher adorável e encantadora que cheirava sempre a perfume. Convidava-me para entrar no seu quarto, que ficava em frente ao meu, e oferecia-me ganchos e fitas para o cabelo. Trouxe-me também de Londres um vestido de xadrez, o que foi ainda mais excitante. A minha mãe, costureira experiente, fez-me o meu primeiro saia-casaco com flanela cinzenta. Sentime muito orgulhosa da minha súbita aparência adulta, reflectida no espelho, e fiquei ansiosa por usá-lo quando a jovem Mrs. Giveen me levou à igreja.

Durante a sua visita o serviço religioso de domingo foi interrompido pela aparição de um pequeno morcego que entrou inesperadamente, descrevendo voos picados sobre as nossas cabeças. Aos meus olhos, não passava de um rato voador; mas para os fiéis em pânico era uma criatura que inspirava medo. Nesse domingo, o serviço acabou mais cedo. Os adultos, concluí, tinham medo de coisas muito estranhas.

Foi a primeira vez que vi a minha mãe com outra mulher, de idade semelhante, cuja companhia ela apreciava. Sempre soubera, por instinto, que ela não gostava da minha avó paterna nem apreciava muito a companhia da minha tia. Muitas vezes, aos fins-de-semana, sentávamo-nos as três no jardim, na parte lateral da casa, onde tomávamos o chá da tarde, à maneira inglesa. A minha mãe levava lá para fora um carrinho com sanduíches de ovo e agrião cortadas com primor ou fiambre caseiro em fatias finas. Havia scones caseiros frescos com compota e natas, seguidos de bolo de frutas. Tudo era acompanhado com chá servido de um bule de prata em chávenas de porcelana. A minha mãe e a jovem Mrs. Giveen conversavam e, nesses dias, eu sentia-me muito crescida porque era incluída nas conversas.

O dia que eu temia chegou quando Mrs. Giveen me disse que teria de regressar à sua casa de Londres. Antes de partir, deu-me um presente.

- Antoinette - disse ela -, eu sei que ainda falta algum tempo para o teu aniversário. Lamento não estar cá nessa altura mas tenho aqui um presentinho para ti.

E ofereceu-me um pequeno medalhão de ouro numa corrente que me colocou ao pescoço.

Com a partida dela, creio que a minha mãe se julgou a dona da casa. E, durante o ano seguinte, foi realmente assim.

CAPÍTULO 10

A luz dourada dos raios do sol bateu-me nas pálpebras, forçando-me a abrir os olhos.

Sonolenta, os meus olhos percorreram o quarto como uma flecha. O sol iluminou o meu novo vestido de xadrez pendurado atrás da porta, intensificando os tons vermelhos e azuis do padrão, o que os transformava em cores de jóias.

Uma pontada de excitação disseme que completava o meu décimo aniversário. Era o dia da minha primeira festa; todas as raparigas da minha turma deviam aparecer, num total de catorze. O meu pai, ao saber que a minha mãe tinha concordado, informou-nos que passaria o dia a jogar golfe, dando-me assim uma prenda especial: a sua ausência. Era o meu dia e assim podia passar a primeira parte só com a minha mãe. A presença dele não iria assombrar um dia que considerava meu.

Os meus olhos pousaram no medalhão e na volta de ouro que a jovem Mrs. Givern me tinha oferecido e, com uma onda de tristeza, desejei que ela e a sogra pudessem estar presentes. A minha mãe dissera-me, durante as férias grandes, que eu podia ter uma festa naquele ano.

Recordei o dia em que levei os convites para a escola. Todas as raparigas da minha turma tinham aceitado e eu estava entusiasmada com a ideia de lhes mostrar a minha casa. Para mim e para a minha mãe, Cooldaragh era a minha casa.

Eu e os cães acabávamos sempre os nossos passeios na plantação de árvores de Natal, onde eu recordava os jovens Givern a escolher a sua própria árvore de Natal, ano após ano, e transportando-a depois para o amplo salão. Imaginava-os com os trajes mais formais que vira nas fotografias sépia, na sala de visitas, a subirem a um escadote para a decorar. Imaginava-os também na manhã do dia de Natal, em frente da lareira acesa a abrir os presentes, enquanto os criados se mantinham em segundo plano a aguardar a hora em que seriam dispensados, para poderem festejar também.

Deitada na cama, estiquei os dedos dos pés, desejando permanecer assim mais alguns momentos. Era esta a Cooldaragh que eu queria partilhar com as minhas colegas de turma.

Desejava partilhar com elas a magia que eu sentia.

A voz da minha mãe, a chamar do fundo das escadas, quebrou as minhas fantasias. Vestindo a minha roupa velha, dobrada na cadeira ao lado da cama, fui ter com ela ao andar de baixo.

Aromas deliciosos fluíam pelo corredor, informando-me que ela já estava a trabalhar.

Sabia que o meu bolo, com uma cobertura cor-de-rosa e dez velinhas brancas dispostas entre as palavras “Feliz Aniversário”, tinha sido confeccionado no dia anterior. Quando entrei na cozinha, vi mais filas de pequenos bolos a arrefecer em tabuleiros. Ao lado, estava a cobiçada tigela, que depois do pequeno-almoço sabia que poderia lamber, assim que a cobertura arrefecida, cheia de cores brilhantes, fosse espalhada nos bolos.

A mesa havia sido posta para duas pessoas; um bule coberto com o abafador tricotado ao centro, ovos castanhos em omeiras brancas e, ao lado dos pratos, um pequeno monte de embrulhos.

- Feliz aniversário, querida - disse a minha mãe, dando-me um beijo.

Senti que ia ser um dia perfeito. Desembrulhando os presentes, deparei-me com um par de sapatos novos, pretos e brilhantes, com uma pequena tira sobre o peito do pé, oferecidos pelos meus pais; uma camisola de lã grossa dos meus avós irlandeses; e três livros da Louisa M.

Alcott: Mulherzinhas, Homenzinhos e Os Rapazes de Jo da minha avó inglesa, que eu havia dado a entender, em inúmeras ocasiões, que queria.

Atirei-me ao pequeno-almoço com entusiasmo, passando discretamente pedaços aos cães, e sentime alegre por estar um dia de sol, feliz por estar sozinha com a minha mãe e encantada com os meus presentes.

Passara toda a semana ansiosa pela minha festa. Imaginei-me a mostrar a casa às raparigas da escola. Imaginei-as depois impressionadas com a minha sorte por viver numa casa assim. A expectativa de convidar as minhas colegas de turma havia tornado o regresso às aulas, após as longas férias de Verão, mais agradável. Embora as férias tivessem sido divertidas, também se revelaram solitárias. Depois da partida da jovem Mrs. Givens, senti uma solidão que a companhia dos cães nunca conseguiu verdadeiramente dissipar. De calções, T-shirt e sapatilhas, passava os dias a explorar a propriedade com eles. Munida de uma pequena garrafa de sumo e algumas sanduíches, por vezes desaparecia durante quase todo o dia, e regressava

com ramos e galhos mortos, que usávamos para acender o fogão na cozinha cavernosa.

Usufruí das minhas tarefas diárias, que incluíam, agora que era um pouco mais velha, serrar os ramos apanhados na mata para fazer toros. Mas era raro ver outras pessoas ou sair da propriedade de Cooldaragh, e fazia-me falta a convivência com outras crianças. Sem nenhuma quinta na vizinhança, as lojas mais próximas em Coleraine e as carreiras de camioneta apenas duas vezes ao dia, era raro saírmos. Como alternativa, dependíamos da entrega diária do leite e da chegada da carrinha da mercearia duas vezes por semana.

Contudo, aquelas férias tinham-me aproximado da minha mãe, pois só nos tínhamos uma à outra. Nos dias de chuva, sentávamo-nos na cozinha, abríamos a porta do forno e regalávamo-nos com os bolos caseiros que ela gostava de fazer. Eu, com um livro que me absorvia, e ela com o seu tricô. O tinido constante das agulhas produzia um ruído de fundo tranquilizante enquanto, de cabeça baixa, ela se concentrava na criação de cada peça.

Fizera-me uma camisola verde-escura, com um decote em bico debruado a preto e branco, para o regresso às aulas. Outras vezes, colocava uma das minhas meias de lã num ovo de madeira para pontear os buracos que surgiam com regularidade, ou suspirava perante uma saia que precisava de ser descida até já não haver pano para a bainha. Era sempre preciso fazer trabalhos escolares adicionais porque a minha escola defendia que se devia estudar nas férias.

Logo que terminei o pequeno-almoço, e quando acabei de ajudar a minha mãe a cobrir os bolos, fui lá para fora com os cães. A advertência da minha mãe para não me aventurar muito longe, pois tinha de me preparar atempadamente para a festa, impediu-me de ir até à mata. Em contrapartida, fui cumprimentar os póneis. Depois de lhes dar um abraço e algumas guloseimas que tinha no bolso, voltei para casa.

Quando entrei no pátio pela porta de trás, e depois na cozinha, o reflexo do sol nos tijolos vermelhos da casa dava-lhes um brilho quente e suave. Já havia panelas de água ao lume, prontas para eu levar para cima para o meu

banho. Foram precisas três viagens, pelas íngremes escadas de serviço, para a banheira ficar suficientemente cheia.

Vesti-me com os presentes da jovem Mrs. Givern. A minha mãe começou por me enfiar o vestido de xadrez, com uma saia rodada e uma fila de botões nas costas, abotoando-os. Depois calçou-me os sapatos pretos novos sobre meias brancas e, por fim, colocou-me o medalhão de ouro ao pescoço. Penteou-me para trás o cabelo acabado de lavar, prendendo-o de lado com um gancho. Depois de me olhar ao espelho, mantive a pose por alguns momentos, agradada com o que vi.

Meia hora antes de as raparigas chegarem, permaneci nos degraus, de olhos fixos no caminho, a aguardar a chegada do primeiro carro. Os cães estavam nas proximidades, determinados em fazer-me companhia ao pressentirem que andava qualquer coisa no ar. Tal como eu, estavam atentos ao caminho.

Minutos depois da hora indicada nos convites, uma coluna de carros pretos começou a subir o caminho poeirento. Cuspindo cascalho, pararam diante dos degraus onde eu esperava, sentindo-me tão senhora da casa como a minha mãe. As portas abriram-se e as raparigas pré-

adolescentes, imaculadamente vestidas, começaram a sair, todas com embrulhos. Depois de garantirem à minha mãe que viriam buscá-las às seis e meia, os pais partiram.

A minha mãe serviu canecas de sumo assim que nos sentámos na relva com o meu monte de prendas. Rostos ansiosos fitavam-me enquanto eu abria, um a um, os seus presentes.

Removendo os papéis de embrulho, ia revelando caixas de rebuçados que eram alegremente passadas de mão em mão, até a minha mãe, que não queria que perdêssemos o apetite, as levar para dentro. Outros embrulhos revelavam ganchos e fitas para o cabelo. Uma caneta num estojo arrancou-me um suspiro de prazer, assim como o embrulho que continha um diário com capa cor-de-rosa, onde nada viria a ser escrito, pois, a partir daquele dia, achei que não havia nada para escrever. Mas, no princípio dessa tarde, rodeada pelas minhas colegas de turma, com o sol a aquecer-nos, não podia prever o futuro.

A minha mãe ajudou-me a reunir todos os presentes e, a seguir, disse-me que mostrasse a casa às minhas amigas, tarefa para a qual não foi preciso convencer-me. Levei-as ao salão onde, apontando para as recordações americanas, captei uma alteração na atmosfera. Soou um murmúrio, uma ou outra palavra sussurrada e uma gargalhada desprevenida e, de repente, vi a minha amada Cooldaragh através dos olhos delas.

Em lugar da imponência que tantas vezes lhes descrevera, vi as lareiras tapadas com jornais, para bloquear as correntes de ar, teias de aranha penduradas nos cantos e a passadeira empoeirada nas escadas que levavam aos quartos vazios, lá em cima. Na sala de jantar, senti os seus olhares pousarem na prataria suja e baça desde a morte de Mrs. Giveen. Vi as cortinas puídas penduradas há muito e reparei nos candeeiros a petróleo, colocados em cima do aparador, que lhes indicava que esta enorme relíquia de outra década não tinha electricidade.

- De onde é que vem a água quente? - ouvi uma sussurrar.

As minhas colegas eram produtos de casas independentes, com jardins arrançados, mobiliário moderno e pratas reluzentes. Viviam em edifícios onde as empregadas de limpeza exorcizavam firmemente quaisquer vestígios de pó e onde os banhos diários não eram postos em causa. Não se apercebiam da magia que eu via. Deparavam-se simplesmente com um edifício decrépito. Dotadas do infalível instinto próprio das crianças, reforçaram a informação que já tinham obtido dos pais. Sabiam que a minha mãe era a governanta. Sabiam que eu não era o produto de uma família com formação superior e que, por isso, não pertencia à mesma classe.

Voltei a sentir uma distância entre nós e apercebi-me de que era uma estranha. Havia sido a curiosidade, e não a amizade, que as levava até ali naquele dia. A amizade em que eu quisera acreditar iria escapar-me. Senti que tinha passado para o outro lado de uma vidraça. Observei através de uma janela enquanto as minhas colegas se riam e conversavam, sendo apenas capaz de imitar as suas palavras e copiar os seus risos. Permanecia do lado de fora, a observar a festa de outra pessoa, a ver-me a mim mesma.

Nessa tarde, entretivemo-nos com jogos. Com tantas salas, o jogo das escondidas foi o mais popular, mas quando chegava a minha vez de me

esconder, apercebi-me de que não me procuravam com a mesma diligência com que tentavam encontrar uma das amigas. Senti a sua união, enquanto aguardavam os carros que as libertariam e as levariam de volta às suas casas desinteressantes.

O banquete da minha mãe de sanduíches, gelatinas de fruta e pequenos bolos glaceados foi recebido com entusiasmo e acompanhado de mais sumo. O bolo de aniversário veio e, antes de ser cortado, a minha mãe mandou-me soprar as velas; se conseguisse apagá-las de uma vez, poderia pedir um desejo. Enchendo ao máximo os pulmões e de olhos muito fechados, soprei. Ouvi os aplausos e abri-os. Todas as velas estavam apagadas e, fechando os olhos, pedi o meu desejo.

“Faz com que gostem de mim, faz com que sejam minhas amigas”, pedi e, quando abri os olhos, pensei por momentos que o meu desejo se havia realizado. Agora, pensei, será um bom momento para distribuir os rebuçados que me foram oferecidos. Dirigi-me ao sítio onde os meus presentes estavam empilhados e descobri, consternada, que tinham desaparecido.

Deviam ter sido comidos quando estávamos a brincar às escondidas, na altura em que, acocorada numa das salas desocupadas e poeirentas, esperara uma eternidade que me encontrassem. Sem saber o que dizer, olhei para a minha mãe.

Ela riu-se.

- Querida, tens de aprender a partilhar.

Vi-a trocar olhares cúmplices com as raparigas e percebi que estavam todas a rir-se de mim.

Observei os rostos sorridentes e o meu sentimento de solidão regressou.

Quando a festa terminou, observei dos degraus de Cooldaragh as minhas “amigas” a partir numa coluna de carros, depois de me agradecerem educadamente o dia e fazerem vagas promessas de convites. Desejando acreditar nelas, acreditei e acenei alegremente aos carros que se afastavam até o último desaparecer de vista.

Com as sete horas, chegou também o meu pai, cuja cara afogueada me disse que tinha estado a beber. Os seus olhos fixaram-me. Desejei sair, escapar, mas como sempre o seu olhar teve o condão de me colar à cadeira.

A minha mãe, numa voz mais aguda do que o habitual, um sinal que denunciava o seu nervosismo, instruiu-me a mostrar-lhe os meus presentes.

- Olha, Paddy, o que ela recebeu.

Mostrei-lhos, um a um.

- E não tiveste rebuçados? - Ao obter a resposta através da minha expressão, protestou. - E

não te lembraste de guardar alguns para o teu pai?

Analisei o seu rosto. Seria este o pai jovial que era possível persuadir ou o outro?, interroguei-me, com o terror avolumando-se-me no peito.

O último presente que lhe mostrei foi a caneta preta, com um clipe prateado. Ao estendê-la para ele ver, senti um tremor na mão e pelo seu sorriso depreendi que ele também tinha reparado.

- Onde está a tua outra caneta, a que eu e a tua mãe te comprámos? - perguntou ele e, com o coração apertado, vi que nessa noite ele não era o pai jovial.

- Na minha sacola - foi tudo o que consegui balbuciar.

Ele soltou uma gargalhada desagradável.

- Então, vai buscá-la... agora já não precisas de duas.

- Preciso, sim - protestei. - Preciso de uma a mais, foi por isso que a Marie me deu esta.

Ele pareceu inchar diante dos meus olhos, como os sapos que eu vira no bosque. O seu peito avolumou-se e os olhos ficaram injectados. Distingui

aquela tremura reveladora na sua boca e, tarde de mais, percebi que não deveria tê-lo contrariado.

- Não discutas comigo, minha menina - gritou, agarrando-me pela gola do vestido e arrancando-me da cadeira. Bati no chão, ficando sem fôlego, e as mãos dele apertaram-me a garganta; indistintamente, ouvi a minha mãe berrar.

- Paddy, pára com isso, ainda a matas.

As minhas mãos lutavam contra as dele, na tentativa de me libertar dos dedos que me apertavam, sufocando-me e obrigando-me a espernear no chão.

Ouvi-o gritar: - Fazes aquilo que te mando, minha menina. - Depois, entre as súplicas da minha mãe, senti-o afrouxar a pressão.

Levantei-me, desorientada e aturdida.

- Tira-a da minha vista - berrou ele à minha mãe. - Leva-a para o quarto.

Ela, sem dizer uma palavra, pegou-me no braço, arrastou-me pelo corredor e pelas escadas acima e de repente largou-me. Com um olhar hostil, ordenou-me que não saísse dali.

- Porque o aborreces constantemente? Já sabes que ele tem mau feitio. - O seu tom era de cansaço. - Não podes fazer, por mim, um esforço para não criar problemas? - Apercebi-me de uma nota de súplica na sua voz e compreendi que ela tinha tanto medo como eu.

Mais tarde, ela voltou ao meu quarto onde, ainda atordoada, eu tentava acalmar-me, refugiando-me nas Mulherzinhas.

Olhámo-nos nos olhos e eu percebi que a protecção que sentira quando as Giveen estavam presentes havia desaparecido. Sabia que ela tinha preferido fazer a vontade ao meu pai e que eu acabara relegada à condição de criança malcomportada.

- Tenta não aborrecer mais o teu pai, Antoinette - foram as suas únicas palavras antes de retirar o candeeiro a petróleo do meu quarto e sair. Fechei os olhos. Como agora não podia ler, inventei mentalmente uma história. Uma história em que era novamente amada, estava rodeada de amigas e era convidada para muitas festas.

De regresso ao hospital, fiz café e acendi um cigarro, tentando impedir as recordações, mas a Antoinette, o fantasma da minha infância, continuava presente. Ouvi-a mais uma vez.

“Toni, recorda por ti, recorda a verdade.”

Estava convencida de que havia resolvido o passado, mas o rosto da Antoinette não se cansava de me assombrar. Destruíra quase todas as fotografias muitos anos antes, imagens que revelavam a vida de uma criança que outrora fora eu, mas naquele momento, uma a uma, desfilaram diante dos meus olhos.

Vi-a como a criança de colo rechonchuda, de cabelo encaracolado e olhos brilhantes, a sorrir confiante para a objectiva, sentada de pernas cruzadas a agarrar um joelho com as mãozinhas roliças. Nessa fotografia, usava o seu vestido preferido, com franzidos aplicados pela mãe.

Alguns anos mais tarde, tinha um vestido axadrezado, demasiado curto para a sua constituição franzina, sem meias e com sandálias em segunda mão. Os seus olhos mortiços fitavam-me com enormes olheiras. Encontrava-se no relvado de Cooldaragh, a segurar na Judy, com os seus outros amigos, os cães, junto aos pés.

Numa outra fotografia, estava ao lado dos rododendros de Cooldaragh com a mãe que tanto amava. Não havia fotografias suas com outras crianças ou colegas de brincadeira.

Afastei as fotografias da memória e voltei para a cabeceira da minha mãe. Mal fechei os olhos, dei por mim a recuar no tempo e recordei a criança infeliz e isolada que vivera em Cooldaragh. Uma criança cujo aniversário fora destruído, não apenas pela brutalidade do pai e pela indiferença da mãe ao seu sofrimento, mas também pela sua incapacidade de interagir e se

relacionar com os seus pares. Recordeia a observar as crianças, como se permanecesse atrás de uma janela, a brincar, a rir e a pairar. Ao tentar juntar-se a elas, não fazia mais do que imitá-las.

Era demasiado tarde para ela comungar da sua alegria, a sua infância já havia sido aniquilada.

Quando completou dez anos, já sabia que qualquer felicidade que experimentasse não passaria de uma ilusão passageira.

Sentada ao lado da minha mãe, recordei um acto de rebeldia dissimulada que me trouxe um sorriso irónico aos lábios. Aconteceu pouco depois dos meus anos e provou que a rapariguinha ainda era capaz de sentir fúria e não era um completo brinquete.

Em Cooldaragh, todas as lareiras fora de uso estavam tapadas com jornais, não só para impedir a entrada do frio mas também de pássaros e morcegos. Quando ao crepúsculo ia buscar água, via com frequência os morcegos a voar no exterior da casa, explorando o seu mundo oculto enquanto a noite caía.

Observando-os, lembrei o dia na igreja, quando o repicar do sino tinha perturbado um deles.

Assistira ao medo que o seu voo cego induzira nas mulheres da congregação.

Escolhi com cautela a minha noite, sabendo que, sempre que o meu pai levava o carro para Coleraine numa sexta de manhã, voltava tarde e bêbado. Conhecia a rotina da minha mãe nessas ocasiões. Quando finalmente desistia de esperar por ele, percorria o longo e escuro corredor, entre a sala de jantar e a cozinha, com uma vela para iluminar o caminho. Aqui, preparava um bule de chá antes de subir a escada de serviço para o quarto.

Naquela noite, sabendo que a minha mãe estaria convencida de que eu dormia, levantei-me sorrateiramente da cama, determinada em permitir o acesso total dos morcegos à casa. Fiz buracos nos jornais que tapavam as lareiras. Depois, abri a porta das traseiras, no local onde um pequeno pátio separava a casa dos estábulos fora de uso habitados pelos morcegos.

Pacientemente, acocorei-me ao cimo da escada de serviço, à espera dos visitantes nocturnos, instrumentos da minha insignificante vingança. Em breve, fui recompensada. Um corajoso rato voador, em voo rasante, entrou pela porta dos fundos. Ao certificar-me de que ele estava realmente dentro de casa, desci as escadas nas pontas dos pés descalços e fechei a porta, em silêncio.

A tiritar de frio, regressei ao meu posto nas escadas, aguardando os resultados. Não precisei de esperar muito tempo.

Distingui um halo cor de laranja quando a porta da sala de estar dos meus pais se abriu.

Desenhou-se então o tremeluzir da chama da vela, iluminando o trajecto à minha mãe. Ouvi-a gritar quando o morcego, com o seu radar sensorial, voou em redor da sua cabeça.

Sabia que ela estava paralisada de medo na semiobscuridade. Rapidamente desci as escadas, abracei-a, tirei-lhe a vela dos dedos trémulos e conduzia à sala de estar, onde a ajudei a sentar-se. Disselhe que estava na casa de banho quando a ouvi gritar.

Enquanto ela ficou ali sentada com as lágrimas a rolar-lhe pelas faces, encaminhei-me com a vela até à cozinha, onde os cães adormecidos mal se mexeram e preparei-lhe um chá.

Coloquei uma chávena, uma caneca de leite e açúcar num tabuleiro, onde havia pousado cuidadosamente a vela, e depois conduzia pela escadaria principal até ao quarto dela, evitando assim o morcego. Depositei o tabuleiro à sua cabeceira e abracei-a porque ainda amava a minha mãe.

Através dos meus olhos de adulta, tentei compreender o que a vida da minha mãe deveria ter sido durante esses anos. Era capaz de entender as razões que a levaram a escapar para um mundo de fantasia, feito de “famílias felizes”, onde não havia nada de errado nas nossas vidas. Afinal, que mais é que ela tinha? Depois da morte de Mrs. Givern, não tinha praticamente qualquer contacto com outras pessoas. Não tinha amigos nem família na Irlanda do Norte e muito menos independência financeira. Sem transportes, o seu

isolamento deve ter-se agravado, pois eu sentia a depressão que se abatia sobre ela.

Uma mulher nos nossos dias teria opções que eram negadas à minha mãe, mas, se ela as tivesse tido, teria aceitado seguir um rumo diferente? O que aconteceu anos depois levava-me a duvidar.

Permaneci sentada à sua cabeceira, a luz nocturna projectando sobre ela um débil halo. Olhei para a sua forma pequena e indefesa e reparei que o sono suavizara algumas das rugas provocadas pelo sofrimento. Experimentei as mesmas emoções contraditórias que a rapariguinha sentira quando abraçara a mãe nessa noite: perplexidade, revolta e um forte desejo de a confortar e proteger.

CAPÍTULO 11

Agora que as Giveen tinham partido, o meu pai começou a visitar-me, novamente, no quarto.

Nos dias em que sabia que chegaria tarde a casa, levava o carro para a cidade. Quando regressava, eu e a minha mãe estávamos a dormir em lados opostos da casa. O quarto estava às escuras, a única luz era a da lua que parecia, em noites claras, flutuar do lado de fora da minha janela. Muitas vezes, adormecia procurando visualizar o rosto amigo e reconfortante do homem na lua. Há muito que perdera a minha lanterna e, agora que a minha mãe me tirava o candeeiro, só tinha a vela que me iluminava o caminho para o quarto. Ali deitada no escuro, de punhos cerrados, fechava os olhos com toda a força, na esperança de que, se não os abrisse, ele não viesse. Mas vinha sempre. Eu tentava encolher-me debaixo dos cobertores. Depois sentia o frio no corpo quando ele os puxava para baixo e a minha camisa de dormir de flanela para cima.

Ele sussurrava-me ao ouvido.

- Gostas disto, não gostas, Antoinette?

Eu não respondia.

Ele dizia: - Queres que te dê uma semanada, não queres?

Pegava em meia coroa e metia-na na mão. Depois tirava as calças. Nunca me hei-de esquecer do cheiro dele. O hálito a whisky, o odor entranhado a tabaco e o cheiro do corpo -

desodorizante não era com ele. Punha-se em cima de mim. Agora que eu era um pouco mais velha, embora ainda tivesse cuidado, dava-se ao luxo de ser um pouco mais bruto. E

penetrava-me à força. Eu sentia o seu olhar, mesmo de pálpebras fechadas. Ele mandava-me abrir os olhos. Eu nunca queria obedecer. Com aquela idade, doía-me. Ouvia-o soltar um arquejo quando saía de cima de mim; levantava-se da cama, vestia-se rapidamente e ia para o quarto da minha mãe. Eu ficava com meia coroa na mão.

À medida que a frequência das suas visitas ao meu quarto ia aumentando, também a violência física se agravava. Uma noite, eu estava a brincar naquele que fora o salão de Mrs. Giveen.

Fora para ali para estar sozinha, longe dos meus pais. Ele apareceu com um jornal e sentou-se.

Eu tinha um daqueles brinquedos que pareciam rãs e saíam nos crackers de Natal. Estava sentada a brincar distraídamente com ele e a ouvir o estalido que produzia. Senti então os olhos dele pousados em mim.

- Antoinette - disse ele -, pára já com isso.

Estremeci de medo. O brinquedo saltou-me da mão com um estalido final. Era a única desculpa de que ele precisava. Pegou em mim e atirou-me de costas para o chão.

- Quando te mando parar, paras, minha menina - gritou.

Muitas vezes, durante a noite, eu despertava com o meu pesadelo habitual. Sonhava que caía interminavelmente na escuridão. Depois a presença do

meu pai fundia-se nesse pesadelo logo que ele me acordava. Mal ele saía, tinha dificuldade em voltar a adormecer. De manhã, sentia-me cansada quando entrava na cozinha para ir buscar água quente para me lavar. Nessas manhãs, tinha sempre o cuidado de me lavar bem entre as pernas. Era-me muito difícil recordar o que sentia mas, tanto quanto me recordo, era muito pouco.

Agora, com a frequência das visitas que ele fazia ao meu quarto, estava a receber “semanada”

com regularidade e podia, mais uma vez, comprar rebuçados para fazer amigas. As crianças, como os animais, pressentem quando alguém é fraco, diferente ou vulnerável. Apesar de serem bem-educadas, oriundas de ambientes onde a crueldade não tinha lugar, nutriam uma aversão instintiva por mim. Assim, ao fim da tarde, quando comia com as alunas internas, evitava tanto quanto possível as da minha idade. Tentava sentar-me junto das mais novas, com quem podia brincar, ou com as mais velhas que me tratavam bem. Excluindo as horas das refeições, passava o tempo na biblioteca a fazer os trabalhos de casa. Sabia que não era popular e percebia que as professoras também o sabiam. O pessoal naquela escola era aparentemente bondoso comigo, mas eu sentia uma certa indiferença. Aos dez anos, deixei de esperar que as pessoas gostassem de mim.

A viagem de camioneta para casa demorava cerca de trinta minutos e eu tentava acabar o trabalho de casa, lendo parágrafos sobre os quais sabia que me seriam colocadas perguntas no dia seguinte. Uma noite, o meu pai entrou na paragem seguinte. Não se sentou ao meu lado, mas praticamente à minha frente para poder olhar para mim. Exibiu o sorriso do bom pai. Mas eu já não acreditava na sua existência. Nesse dia, não consegui encontrar o meu bilhete. Senti os olhos do meu pai fixos em mim e um medo paralisante enquanto procurava nos bolsos e na sacola. Tentei murmurar ao revisor.

- Não consigo encontrar o bilhete. Por favor, não diga nada ao meu pai.

Mas o revisor limitou-se a rir. Sabia que eu tinha um passe semanal porque trabalhava naquela camioneta todos os dias.

- Não faz mal - disse ele. - O teu pai certamente não fica zangado contigo. Olha para ele. Está a sorrir-te. Não sejas tola.

Estava consciente de que o meu pai ia ali sentado com os seus olhos injectados a brilhar.

Depois, piscou-me o olho. Reconheci aquele gesto. Pareceu-me que a viagem nunca mais acabava, embora fossem poucos quilómetros. Estava escuro nessa noite e, quando saí da camioneta, estava frio. Assim que esta desapareceu, ele deitou-me a mão como eu já esperava.

Bateu-me. No rabo e nos ombros, prendendo-me brutalmente pelo pescoço com a outra mão.

Abanou-me com violência e sacudiu-me para um lado e para o outro. Não chorei. Nesse momento, não. Não gritei. Deixara de gritar há muito. Mas, enquanto ele me arrastava para casa, senti as lágrimas correrem-me pela face. A minha mãe deve ter visto as marcas, mas não disse nada. Debiquei o jantar, demasiado perturbada para ter apetite e demasiado assustada para não comer. Terminei o resto dos deveres e fui deitar-me. Já nessa altura sabia que não era uma criança que tentava enfurecer os pais, mas que tinha um pai que procurava todos os pretextos para me colocar defeitos e me bater.

Nessa noite, ele apareceu no meu quarto quando eu ainda estava acordada. Descobriu-me com brutalidade. Apercebi-me de que estava mais violento do que o normal. Senti um medo terrível e comecei a chorar.

- Não quero dinheiro nenhum - disse eu. - Não quero que me faças isto. - Ao sentir a histeria a crescer, continuei a suplicar. - Por favor, por favor, não me faças mais isto. Magoas-me.

Foi a primeira e última vez que chorei quando ele apareceu no meu quarto. A minha mãe estava no corredor e ouviu-me.

Perguntou do lado de fora: - Que é que se passa?

O meu pai respondeu: - Nada. Ela estava a ter um pesadelo. Vim só ver o que se passava. Ela já está bem.

Ao sair, sibilou-me ao ouvido: - Não digas nada à mamã, minha menina.

Minutos mais tarde, ela entrou no meu quarto e eu estava encolhida debaixo dos cobertores.

- Que aconteceu, Antoinette? - perguntou.

- Nada - respondi. - Tive um pesadelo.

Foi-se embora. Nunca mais me perguntou nada.

Havia outras noites em que eu ouvia o cascalho estalar quando o carro dele chegava.

Tremendo de medo, ficava na cama a ouvir o rangido das tábuas do soalho enquanto ele se aproximava do meu quarto com passos furtivos. Nessas noites, fingia-me adormecida, sempre na esperança de que ele não quisesse acordar-me. Mas acordava.

Não me dava meia coroa sempre que vinha mas pelo menos duas vezes por semana sim.

Depois da primeira noite em que me abriu os dedos à força e me enfiou a moeda na mão, começou em jeito de chacota a metê-la na jarra de porcelana onde eu guardava o meu medalhão de ouro, no toucador. Dizia-me: - Aí tens a tua semanada, minha menina.

Nas noites em que chegava cedo a casa, enroscava-me no sofá com os cães aos pés e abria um livro. Muitas vezes, ao ler histórias de crianças que eram amadas e acarinhadas pelos pais, as lágrimas escapavam-se dos meus olhos, deslizavam-me pelas faces e davam ao meu pai a oportunidade de que estava à espera. Levantava os olhos.

- Porque é que estás a chorar, minha menina? - perguntava.

Eu procurava evitar o olhar dele, murmurando: - Por nada.

Nesse momento, ele levantava-se da cadeira, agarrava-me pelo pescoço, sacudia-me e depois batia-me, normalmente nos ombros.

- Pois então - dizia em voz baixa -, agora já tens motivos para chorar, não tens?

A minha mãe não abria a boca.

Desde então, deixei de ler histórias infantis sobre famílias felizes. Comecei a ler os livros da minha mãe. Não lhe disse porquê. Ela nunca perguntou. Os primeiros livros para adultos que li integravam a série White Oak. Não eram livros tristes. Mas não havia crianças.

Um dia, um homem estava à minha espera quando saí das aulas. Apresentou-se como sendo um amigo do meu pai. Obteve autorização da professora que supervisionava as alunas internas para me levar a tomar chá. Acompanhei-o a um salão de chá onde ele me ofereceu scones e bolo, seguidos de um gelado. As guloseimas predilectas das raparigas mais novas.

Conversou comigo sobre a escola. Aos poucos, levou-me a falar-lhe dos meus cães. Depois perguntou-me o que eu gostava de ler. Disselhe que ia a meio de um livro chamado Jalna, que pertencia à série White Oak.

- És muito adulta para a tua idade se te interessas por livros desses - comentou ele.

Fiquei radiante com a sua simpatia, evidente interesse e os elogios que me fez. Depois de comermos e conversarmos, acompanhou-me de volta à escola e disse-me que apreciava muito a minha companhia. Perguntou se eu gostava que me levasse a passear outra vez. Respondi que sim.

Depois disso, visitou-me várias vezes. Disse às professoras que ele era amigo do meu pai e elas davam-me sempre autorização. Aguardava com ansiedade as suas visitas. Percebia que ele se interessava pelo que eu dizia, o que me fazia sentir crescida e importante. Deixava-me sempre pedir o que quisesse. Parecia fascinado com a minha conversa infantil. E eu, por quem nunca ninguém se interessou, convenci-me de que tinha um amigo adulto, até ao último dia em que o vi.

Nesse dia, no regresso à escola, levou-me para uma zona relvada. Disse mais uma vez que apreciava a minha companhia. Acrescentou que gostava de

rapariguinhas, sobretudo tão maduras como eu. Depois olhou-me, com o que de súbito me pareceu ser a expressão do meu pai. Apanhou algumas folhas e alisou-as com os dedos, para cima e para baixo, de um modo sugestivo.

- Antoinette, sabes o que eu gostava que fizesses agora?

Eu sabia.

- E tenho a certeza de que também ias gostar, não ias, Antoinette?

Como um coelho apanhado de súbito pela luz ofuscante de dois faróis, paralisei.

- Eu sei que fazes isso com o teu pai - disse ele. - Diz à professora que da próxima vez que eu vier, levo-te a casa. Depois podemos passar a tarde juntos antes de apanharmos a camioneta.

Gostavas, não gostavas?

Só consegui assentir com a cabeça tal como tinha sido treinada a fazer.

Nessa noite, falei ao meu pai do amigo dele. Com a cara vermelha de fúria, deu-me um abanão.

- Não faças isto com ninguém a não ser comigo, minha menina - sibilou ele, de punhos erguidos.

Mas, desta vez, baixou-os sem me bater e saiu do meu quarto. Nunca mais vi o amigo do meu pai e nunca descobri como ele soubera do que se passava entre mim e o meu pai. Só poderia ter sido ele que lhe contara. Parecia que até os monstros sentiam a pressão de viver uma mentira e precisavam de alguém que conhecesse e aceitasse o seu verdadeiro “eu”.

A minha vida em Cooldaragh continuou por mais alguns meses. Entretanto a minha mãe deu-me a notícia de que a casa tinha sido vendida e que mais uma vez teríamos de nos mudar, agora para o Kent, do outro lado do mar da Irlanda. Ela e o meu pai precisavam de trabalhar, pois, agora que já não podíamos viver sem pagar renda, o salário dele não chegaria para nos

sustentar. No seu caso, ela estava certa de que seria mais fácil arranjar emprego em Inglaterra.

Depois, a minha mãe contou-me que, nos dois anos passados em Cooldaragh, ela tinha conseguido poupar dinheiro suficiente para dar o sinal para uma casa. As rugas marcadas que, nos últimos anos, lhe surgiram nos contornos da boca pareceram atenuar-se enquanto falava, pois geralmente via que o seu sonho - ser dona da sua própria casa - se concretizaria em breve.

Detectei o entusiasmo na sua expressão, mas não fui capaz de comungar dele pois tinha-me habituado a amar Cooldaragh.

CAPÍTULO 12

A minha ansiedade, suscitada pela partida de Cooldaragh, agravou-se quando a minha mãe disse que eu não iria viver com eles quando mudássemos de casa. Mandar-me-iam para casa da minha madrinha em Tenterden. Já me tinham matriculado na escola local. Embora me tivesse garantido que não passava de uma situação temporária, até arranjam casa, sentime abandonada. A vida familiar podia ter sido terrível, mas ser entregue aos cuidados de estranhos era ainda mais assustador.

Longe de mostrar preocupação por se separar de mim, a minha mãe estava apenas triste por ter de encontrar um lar para o Bruno, o seu cão favorito, que seria mandado para o Sul da Irlanda, onde residia a filha de Mrs. Giveen.

Como se não bastasse, os meus pais haviam decidido que a Sally, apesar de ser feliz connosco, teria de ser abatida. A minha mãe explicou-me, com serenidade, que a cadelinha nunca se refez da sua vida anterior. Havia começado a ter ataques, pelo que seria uma injustiça arranjar-lhe uma nova casa.

A chorar, perguntei qual seria o futuro da Judy e dos gatos. Os gatos iam ficar em Cooldaragh e a Judy seria acolhida por um lavrador vizinho, até nos instalarmos definitivamente.

Fiquei devastada por ter de partir de Cooldaragh e abandonar a única escola onde tinha sido feliz. Senti a minha vida terminar quando me despedi, a chorar, dos animais. Comecei pelo Bruno, que partiu feliz no carro da nova dona. Vi o carro a afastar-se até ao fim do caminho, desejando que eles o amassem tanto como eu.

A segunda e mais difícil despedida foi a da Sally. Senti uma dor insuportável quando, ao julgar que iria passear, ela saltou, confiante, para o carro do meu pai. Enfie a mão através da janela para a afagar uma última vez, tentando esconder as lágrimas que ameaçavam asfixiar-me. Sabia que seria a sua última viagem ao veterinário porque, nesse mesmo dia, o meu pai já mo dissera.

Recordo a dor e interrogo-me por que razão um homem que era um mentiroso compulsivo dissera a verdade. Tinha de assumir que a minha mãe também me dissera a verdade. Que mal teria feito, naquelas circunstâncias, dizer uma mentira inocente para me proteger, quando toda a nossa vida familiar era feita de mentiras? Embora tivesse procurado consolar-me, a minha mãe não me fez sentir melhor. Sentia que havia ditado a sentença de morte a um dos meus amigos.

Nas semanas seguintes, ajudei a minha mãe a embalar, uma vez mais, os baús e fiz a minha mala para partir rumo à casa da minha madrinha, de quem não tinha a mais pequena lembrança. Como só me era permitido levar uma mala pequena, foi necessário prescindir de alguns dos objectos que me eram mais queridos e o Jumbo foi a primeira baixa.

Dias antes da partida, todos os nossos haveres foram transportados para um armazém. No dia seguinte, o meu pai levou a Judy para casa do lavrador. Queria acompanhá-la mas o meu medo de ficar sozinha com ele sobrepôs-se ao desejo de ir. Fiz-lhe festas e abracei-a, quando ela já estava sentada no carro e ela, pressentindo a minha infelicidade, limitou-se a lambêr-me a mão.

Ao ver o carro a afastar-se, sentime mesmo sozinha. Todos os meus amigos haviam partido.

Sabia que a minha mãe também estava triste, mas, dessa vez, não senti amor por ela, apenas um ressentimento surdo.

Chegou o dia em que os nossos poucos objectos pessoais foram colocados no carro e, apertada no banco de trás, dirigimo-nos para oferry de Belfast. Este levar-nos-ia até Liverpool, de onde, após uma travessia de doze horas, continuaríamos a longa viagem até ao Kent. Desta vez, após a travessia, ao chegarmos a Liverpool não houve qualquer entusiasmo da minha parte, apenas uma sensação sombria e deprimente.

Durante a etapa seguinte, a longa viagem de automóvel para o Kent, tentei ler, mas uma sucessão de imagens vívidas assaltava-me o espírito. A Sally a fitar-me, com os seus confiantes olhos castanhos, de partida para a sua última viagem. Ainda tinha presente a sensação do pêlo sedoso da sua cabeça, quando a tinha acariciado. Recordei os pôneis à minha espera junto da vedação, no momento em que me despedira deles pela última vez, dando-lhes guloseimas. Recordei ainda o toque, o cheiro deles, ao abraçá-los pela última vez. Vi o leal Bruno, a olhar pela janela enquanto desaparecia ao longe, e tive saudades insuportáveis da Judy.

Olhei para a parte de trás da cabeça dos meus pais enquanto avançávamos; a minha mãe virava-se para ele com frequência e falava-lhe em voz baixa. Às vezes, voltava-se para mim mas eu escondia-me atrás do livro para que a minha expressão não deixasse transparecer os meus sentimentos, o ressentimento perante o meu abandono iminente e a revolta por ter sido separada dos meus amigos.

Parámos algumas vezes na berma da estrada para comer sanduíches e beber chá. Sabia que não as podia rejeitar, mas a comida ficava-me presa na garganta. Só o líquido da garrafa-termo parecia humedecê-la o suficiente para permitir que eu a engolissem.

Quando anoiteceu, estacionámos à porta de uma grande casa cinzenta. A relva do pequeno jardim da frente não tinha flores. Em vez disso, um enorme letreiro anunciava vagas para dormida e pequeno-almoço. Seria ali, disseram-me, que pernoitaríamos, antes de a minha mãe me levar a casa da minha madrinha. Depois de um jantar servido pela dona da pensão numa sala de jantar pequena e pouco acolhedora, fui deitar-me num estado de apatia.

Era uma cama de armar, instalada no quarto dos meus pais, onde me enfiei e adormeci de imediato.

Na manhã seguinte, depois de me lavar e vestir, tomei o pequeno-almoço na mesma sala de jantar tristonha. Depois saímos para apanhar a camioneta. A minha mãe transportava a minha mala e eu seguia-a, desanimada.

Durante a viagem de camioneta, que durou uma hora, a minha mãe ia falando, sem que eu respondesse. Conhecendo-a bem, concluí que aquele tom animado disfarçava o nervosismo.

Disse-me que a minha madrinha estava ansiosa por me ver. Pediu-me para me portar bem. E

garantiu-me que a nossa separação não seria longa e que eu sentir-me-ia feliz lá.

Incrédula, limitei-me a ouvir, sem reagir, até que, pouco a pouco, as suas palavras animadas esmoreceram e, por fim, terminaram. Senti que o meu destino seria semelhante aos dos cães.

Estavam a dar-me um novo lar. Não era capaz nem tão-pouco queria compreender por que razão não podia viver com os meus pais quando eles iriam residir tão perto. Sentada na camioneta, pressenti que não ia gostar da minha madrinha e, quando chegámos a casa dela, confirmei esse pressentimento.

Depois dos aconchegantes tijolos vermelhos de Cooldaragh, a casa geminada, em tons de cinzento, pareceu-me verdadeiramente sombria. Olhei com aversão para o minúsculo jardim da frente, que tinha uma hortênsia rosa-escura plantada numa pequena área com terra. Quando a minha mãe levantou o batente de ferro para anunciar a nossa chegada, lancei um olhar às janelas com cortinas de rede que escondiam o interior. Vi a da janela superior mexer, mas não consegui ver a pessoa. Ouvi passos a descer as escadas, a minha madrinha abriu a porta e, com um sorriso amarelo, mandou-nos entrar.

O meu “eu” adulto ensinou-me a compreender e a sentir compaixão. Hoje teria visto uma mulher de meia-idade, sem amigos, que não estava habituada a crianças. Aos meus olhos preconceituosos de criança, o seu corpo alto e ossudo lembrou-me uma bruxa. Estava assim formada a minha opinião.

Eu e a minha mãe fomos convidadas a sentar-nos na austera sala de estar, nuns práticos cadeirões de espaldar direito com capas imaculadas para os braços. Minutos depois, chegou o obrigatório tabuleiro do chá, sem o qual aparentemente não poderia haver qualquer tipo de diálogo entre adultos.

Enquanto equilibrava um pequeno prato nos joelhos, com um scone seco, e segurava com dificuldade a chávena de porcelana, eu e ela avaliámo-nos mutuamente. Enquanto eu via uma bruxa, ela, tenho a certeza, via uma criança taciturna e séria, alta para a idade e demasiado magra. Conseguiu ver a minha própria antipatia reflectida nos seus olhos.

Ouvi-as falar sobre mim como se eu fosse um mero objecto inanimado. Pela primeira vez, fiquei verdadeiramente ressentida com a minha mãe, e permaneci ali sentada num silêncio sombrio.

Como seria capaz de me deixar ali?, pensei.

Apercebi-me de que a conversa terminou quando o silêncio constrangedor foi quebrado pela voz da minha madrinha, que disse, antes de se erguer de repente para levantar o tabuleiro do chá: - Deixo-as sozinhas para se despedirem.

Eu e a minha mãe olhámo-nos, desconfiadas, enquanto eu esperava que ela desse o primeiro passo. Entretanto, ela abriu a carteira, retirou um envelope e entregou-mo.

- Antoinette - disse ela em voz baixa -, tenho de ir andando. Ficas com algum dinheiro. Tem de durar até eu te vir buscar.

Permaneci ali, paralisada, quando ela me deu um rápido abraço e partiu apressadamente. Mal ouvi a porta da rua fechar-se, dirigi-me à janela. Afastei a cortina de rede e observei-a, consumida pela tristeza, até ela desaparecer. A minha mãe não olhou para trás.

A raiva e o rancor corroíam-me. Sentia umas saudades avassaladoras da Judy. À noite as lágrimas corriam-me pelas faces ao relembrar o destino dos animais. Estava a ser castigada, mas não sabia porquê. Escondia a minha profunda infelicidade atrás de uma expressão taciturna e a minha madrinha, que não tinha qualquer experiência com crianças, não compreendeu que a criança à sua frente estava desnorteada. Aos seus olhos eu era apenas uma rebelde.

Em casa dos meus pais, a minha crescente instabilidade não se notava porque eles funcionavam como uma tampa que continha a pressão. Aí eu dominava-me, reprimia as emoções e programava o meu comportamento. Agora, sem esses limites, a minha segurança havia desaparecido. Um animal amestrado através do medo retoma o mau comportamento logo que o medo desaparece. Eu não era uma criança que tivesse sido criada com elogios e afecto, de forma a que a confiança fosse estimulada a desenvolver-se. Era uma criança cujas noites eram assoladas por pesadelos e cujos dias eram confusos. Uma criança que não só tinha saudades de tudo o que era familiar, mas que receava ter sido abandonada para sempre. Sem nunca me ter sido dada a independência para dominar as minhas próprias emoções, sentia-me agora mais insegura e detestava todas as regras de conduta que a minha madrinha tentava impor.

Os meus pais eram os meus proprietários: o meu pai controlava-me através de ameaças e a minha mãe com uma penosa manipulação dos meus sentimentos. Naquele momento a revolta era a emoção que me enchia o espírito. Funcionava como a minha defesa contra a infelicidade e a minha madrinha tornou-se o alvo. Observava-me impotente enquanto eu, determinada em não ceder um milímetro, me insurgia contra todas as suas ordens.

“Não corras, Antoinette”, dizia ela quando saíamos da igreja. Por isso eu corria. “Vem para casa depois das aulas.” Então eu demorava-me. “Come os legumes”, e eu arrastava a comida à volta do prato até ela me deixar sair da mesa para ir ler para o meu quarto. Escreveu à minha mãe a contar-lhe que eu andava infeliz e que, por isso, achava melhor que eu voltasse para casa. A minha mãe, que na minha opinião esperara que a minha madrinha se afeiçoasse a mim e insistisse para que eu ficasse, acabou por me ir buscar.

Mais tarde, descobri que a minha madrinha havia sentido que fracassara tanto na sua tarefa de olhar por mim que se culpabilizara do meu comportamento, salvaguardando-me. O resultado foi que se absteve de comunicar à minha mãe o meu mau comportamento, o que me salvou de um castigo.

Fiquei feliz por deixar aquela casa que considerava tão tristonha. Estava ansiosa por me despedir da velha senhora que sabia nunca me ter desejado nem gostado de mim. Talvez, se conseguisse adivinhar o futuro, sabendo o que os anos seguintes me reservavam, tivesse reconsiderado, mas aos onze anos nada sabia.

CAPÍTULO 13

Durante a viagem de Tenterden para Old Woking, que fizemos de camioneta e comboio, a minha mãe falou-me da casa que ela e o meu pai tinham comprado e como ela a havia decorado.

Nos anos 50, antes de os pátios se tornarem moda, as casas tinham quintais onde havia uma casa de banho exterior, um estendal da roupa e era muito provável que a bicicleta do marido estivesse encostada às paredes de tijolo por pintar. Contudo, a minha mãe, que adorava as flores de Cooldaragh, vira a fotografia de uma casa rural em França e tentara copiar, tanto quanto possível, o seu exterior.

Pintou as paredes de branco e as portas e as janelas de azul. Não só havia floreiras nas janelas da frente como também em cima dos muros que ladeavam o quintal, repletas de nastúrcios.

Disse-me que as suas flores cor de laranja contrastavam com as paredes brancas, pintadas de fresco.

O interior da casa, revelou-me, ainda precisava de ser decorado. A sua ideia era remover o papel de parede, pintar a cozinha de amarelo e o resto da casa de creme, enquanto o pavimento dos andares inferiores seria modificado com linóleo.

Enquanto a minha mãe explicava cada pormenor, apercebi-me do prazer enorme que ela sentia em planear a nova casa, a primeira que conseguiam comprar ao fim de praticamente doze anos de casamento.

Terminada a viagem, percorremos uma curta distância até a uma rua onde casas geminadas, pequenas e sombrias se prolongavam até ao passeio, sem uma sebe ou um arbusto para quebrar a monotonia. A nossa casa destacava-se com elegância, de paredes acabadas de pintar, floreiras coloridas nas janelas e a porta azul com um batente reluzente de latão.

Nessa noite, quando o meu pai chegou do trabalho, jantámos juntos. Pareciam os dois tão felizes com o meu regresso que ganhei coragem para lhes dar a minha notícia.

- Agora chamo-me Toni.

A minha madrinha dissera-me que Toni era o diminutivo correcto de Antoinette. Achei boa ideia adoptá-lo, pois parecia-me um nome capaz de tornar uma rapariga popular. A Antoinette era outra pessoa.

A minha mãe sorriu-me.

- Bem, isso simplifica a marcação da tua roupa com o nome quando fores para a escola nova.

Era a sua maneira de expressar aceitação.

O meu pai não fez qualquer comentário e recusou tratar-me por Toni até morrer.

O meu pai passou o fim-de-semana a trabalhar e eu ajudei a minha mãe a remover o papel da parede. Primeiro, humedecia-o com um pano molhado. Depois pegava no raspador e arrancava longas tiras. No sábado consegui retirar o papel de todas as paredes. Vóltei a sentir-me próxima da minha mãe. Ela repetiu, por diversas vezes, que eu estava a ser muito prestável. Tomámos o chá da tarde juntas lá fora, no quintal repleto de flores, onde ela respondeu às perguntas que não ousei fazer.

- O teu pai vai visitar os teus avós dentro de duas semanas e traz a Judy - garantiu-me ela. -

Na segunda-feira, vou levar-te à nova escola onde poderás conhecer o director.

Apercebi-me de que não era uma escola exclusivamente feminina, a que me tinha habituado, mas uma escola mista.

- O que é que vou vestir? - perguntei.

- Ah - respondeu ela -, o director deu autorização para usares o teu antigo uniforme até deixar de te servir.

A minha felicidade com a notícia do regresso da Judy não tardou a esmorecer. Fiquei destroçada, pois mais uma vez ia andar vestida de forma diferente das outras crianças.

O domingo chegou e terminou muito depressa. Na segunda-feira, a minha mãe levou-me à nova escola. Nessa manhã, pus, com cuidado o meu vestido verde, a camisa branca e a gravata verde e preta, calcei meias cinzentas pelo joelho, os velhos sapatos de cordões e, por fim, coloquei o blazer verde.

Quando cheguei, sentime desmoronar por dentro. No recreio havia raparigas de saias cinzentas, blusas brancas e meias pelo tornozelo, com sabrinhas. Ao ver grupos de crianças da minha idade a brincar e de adolescentes a conversar uns com os outros, a minha confiança abateu-se. Munida apenas do meu novo nome, segui a minha mãe até ao interior do edifício para conhecer o novo director.

Consultou os meus boletins escolares, interrogou-me sobre as duas últimas escolas onde tinha andado e sobre o que mais me agradara nelas. Quis saber quais eram os meus passatempos preferidos; mas como podia eu explicar a um inglês da cidade como era a vida rural na Irlanda do Norte? Levou-me à minha sala de aula e apresentou-me à professora. Não me deparei com a figura de toga preta a que estava habituada, mas com uma mulher forte e loira de rosto bonito. Disse-me que naquele dia era a aula de Inglês. Deu-me um

livro para ler, que já havia estudado na Irlanda do Norte. Concluí que até a minha disciplina preferida seria enfadonha.

Ao longo do dia, aula após aula, ficava cada vez mais desanimada perante a estranheza do programa. Os intervalos sucediam-se. Os pré-adolescentes confiantes, com os seus uniformes casuais, pareciam ignorar-me. A minha aparência deve ter-se afigurado muito estranha, com o meu vestido e meias altas presas com ligas, o cabelo com uma risca impecável e preso com um gancho, enquanto as outras raparigas usavam rabos-de-cavalo. Fiquei no recreio agarrada aos livros, na expectativa de que pelo menos uma rapariga me dirigisse a palavra.

Ninguém se aproximou de mim.

Nessa tarde, fui a pé para casa e apercebi-me das outras crianças a tagarelarem em grupos.

Aos seus olhos era certamente uma criança distante. Com tão poucos atributos sociais, era uma marginal.

Em casa, a minha mãe anunciou alegremente que tinha arranjado emprego e, duas semanas após o começo das aulas, o meu pai foi à Irlanda do Norte visitar a família e buscar a Judy.

Ao longo das semanas seguintes, soube que tinha de fazer um exame, designado por 11+, um facto que desconhecia. Os professores deram-me trabalhos de casa a mais para me familiarizar com o programa curricular do inglês, mas, por faltarem tão poucas semanas, comecei a sofrer de insónias.

Embora o meu pai fosse indiferente à minha educação, a minha mãe mostrava-se interessada em que eu passasse. Os professores tinham confiança em mim, mas eu não me sentia assim tão segura. Nas semanas seguintes, tive sentimentos contraditórios, que oscilavam entre uma expectativa agitada com o regresso da Judy e o terror face a um exame iminente.

Mas, por fim, aconteceu. Primeiro a Judy, que tremeu de alegria quando me viu. Embora não tivesse bosques e campos para caçar coelhos, não tardou a

ambientar-se à nova vida na cidade e aos passeios de trela, com os quais a brindava três vezes por dia.

Tinha saudades da minha antiga escola e de grande parte da minha vida em Cooldaragh.

Parecia que a Judy se estava a adaptar melhor do que eu.

Depois chegou o dia do temido exame; as folhas foram distribuídas em silêncio aos jovens alunos, que estavam bem cientes da importância daquele dia. Duas das provas correram-me bem, mas a aritmética parecia-me completamente diferente. Desanimada, ergui o olhar na direcção da minha professora, que observava por cima do meu ombro as minhas respostas, mas ela não reagiu.

Depois de a campainha tocar e de termos entregado as provas, fiquei desesperada, pois sabia que, se reprovasse, não entraria no secundário e permaneceria eternamente no departamento dos alunos mais velhos daquela escola básica.

Ao longo das semanas seguintes, enquanto aguardava os resultados dos exames, poucas vezes estive com o meu pai, que parecia trabalhar horas a fio; pelo menos era o que me dizia a minha mãe. Ia directamente para casa, ajudava nas tarefas domésticas e, depois, sentava-me a fazer os deveres.

Entretanto, os turnos do meu pai mudaram do dia para a noite. Na mesma altura, a minha mãe começou a trabalhar. Como tinha de apanhar o autocarro para o escritório e a minha escola ficava a poucos minutos a pé, ela saía de casa antes de mim. Na primeira manhã desta nova rotina, tomei rapidamente o pequeno-almoço enquanto uma panela de água fervia ao lume para eu levar até ao meu quarto e lavar-me.

Atendendo a que apenas um patamar minúsculo separava o quarto dos meus pais do meu, tentei subir as escadas no máximo silêncio para não acordar o meu pai que, regressando do turno da noite, fora logo deitar-se.

Despejei a água numa bacia de loiça velha, despi a camisa de dormir, peguei no pano de flanela, comecei a ensaboar-me e, pela primeira vez, ao olhar-me

ao espelho reparei que o meu corpo estava a mudar. Formavam-se pequenos seios no meu peito, que em tempos fora liso. Continuei a olhar-me ao espelho e passei as mãos sobre eles, sem saber muito bem se a mudança me agradava. Foi então que vi outro reflexo.

O meu pai, apenas com a camisola interior manchada de suor e as cuecas, saíra do quarto e ficara agachado à porta do meu quarto, que devia ter aberto em silêncio. Com um sorriso, observava-me. Estremeci de medo e tentei logo agarrar na toalha para me tapar.

- Não, Antoinette - esclareceu ele. - Quero admirar-te. Vira-te.

Obedeci-lhe.

- Agora lava-te - ordenou ele.

Enquanto cumpria a sua ordem, senti um rubor ardente de vergonha cobrir-me o rosto. Ele levantou-se, aproximou-se de mim e colocou-me de frente para o espelho.

- Olha para o espelho - sussurrou ele ao meu ouvido.

Enquanto a sua mão acariciava os seios que despontavam, sentia o seu bafo no ouvido e a outra mão a deslizar para baixo. Depois largou-me.

- A partir de agora vens das aulas directa para casa. Traz-me uma chávena de chá quando chegares. Estás a ouvir, Antoinette? - perguntou enquanto eu fixava o chão em silêncio.

- Estou, papá - murmurei.

Depois, saiu repentinamente do meu quarto, piscando-me o olho ao sair. Ainda a tremer, vesti-me depressa, penteiei o cabelo e desci para levar a Judy a passear antes de ir para a escola.

Nesse dia, mantive-me ainda mais calada do que o habitual nas aulas, deixei de ser a primeira a levantar a mão para responder às perguntas da professora, pois sabia o que sucederia quando chegasse a casa e levasse o chá ao meu pai. Logo que a campainha tocou às quatro horas, arrumei sem

pressa a sacola, fui sozinha para casa, ignorei as minhas colegas que faziam o mesmo trajecto em pequenos grupos. Sabia que, no caso delas, as esperavam mães carinhosas, até porque as crianças cujas mães trabalhavam só se tornaram comuns anos mais tarde.

Entrei com a minha chave e fui recebida por uma esfuziante Judy que me aguardava, como todos os dias, para eu a levar a passear. Nesse dia, senti a presença dele lá em cima mesmo antes de me falar.

- És tu, Antoinette? - perguntou do cimo das escadas.

Respondi-lhe que sim.

- Vá, faz-me uma chávena de chá e sobe. Põe a cadela no quintal.

Procedi à rotina de pôr a chaleira ao lume, aquecer o bule durante alguns minutos, colocar as folhas de chá lá dentro, deixar o chá abrir, deitar leite e açúcar na chávena, ao mesmo tempo que sentia a impaciência dele e o meu medo crescente. Já não podia demorar mais. Pus a chávena num tabuleiro, com duas bolachas, e levei-lho lá a cima. Ao entrar no quarto escurecido, com as cortinas corridas, vi-o deitado na cama que partilhava com a minha mãe.

Mais uma vez, senti o odor do seu corpo e apercebi-me da sua excitação. Pousei o tabuleiro ao lado da cama.

- Vai lá tirar esse uniforme e volta aqui - disse ele, pegando na chávena.

Vóltei de camisola interior, sapatos e meias.

- Tira isso - ordenou ele, apontando para a camisola interior e para as cuecas do uniforme.

Depois acendeu um cigarro e lançou-me aquele sorriso que eu tão bem conhecia. Ao lado da cama, vi o boião de vaselina que, por norma, estava no toucador, ao lado da escova do cabelo.

Enterrou nele os dedos, sempre a fumar. Senti o medo invadir-me, consciente de que ainda faltavam duas horas para a minha mãe chegar a casa, e percebi

que o que havia sucedido na Irlanda do Norte agora seria muito pior. Percebi que o meu corpo em mutação o excitava mais do que quando era mais nova.

Ele puxou-me para a cama e sentou-me em cima dos seus joelhos. Tirou os dedos do boião e enfiou-os dentro de mim à força. Depois saiu da cama e colocou-me na mesma posição em que me colocava no carro, todos aqueles anos antes, com as pernas suspensas da borda da cama. Penetrou-me com uma brutalidade maior do que nunca. Podia fechar os olhos, mas não os ouvidos.

- Gostas disto, não gostas, Antoinette? - sussurrou ele.

Como não respondi, ele investiu com mais força e o meu corpo retesou-se de dor.

- Diz agora ao teu pai que gostas - insistiu ele, tirando uma última fumaça do cigarro. - Diz “Sim, papá, gosto”.

Obedeci num sussurro. Depois senti aquela substância viscosa escorrer-me pelas coxas quando ele, ainda a segurar na ponta do cigarro, ejaculou sobre mim.

- Agora vai limpar-te e arrumar tudo lá em baixo antes de a tua mãe chegar do trabalho - disse ele, empurrando-me brutalmente para fora da cama.

Vesti uma saia velha e uma camisola, fui à casa de banho no quintal e esfreguei-me várias vezes com papel higiénico húmido, na tentativa de remover a substância pegajosa e o cheiro dele. Depois entrei para limpar as cinzas deixadas na salamandra na noite anterior, acendendo um novo lume com jornais enrolados e pequenos galhos. Fui lá fora buscar carvão, lavei a loiça e, minutos antes da chegada da minha mãe, pus a chaleira ao lume para ela ter chá fresco à sua espera.

CAPÍTULO 14

Ouvi ao longe a voz da minha mãe a chamar-me do fundo das escadas, penetrando a onda de dor que se escondia atrás dos meus olhos. Era uma dor

que se apoderava da minha cabeça enquanto garras invisíveis me apertavam a nuca.

Sabia que estava na altura de descer e ir buscar água para a minha higiene matinal. Abri a boca para responder à minha mãe, mas dos meus lábios apenas saiu um som áspero. Os meus olhos pareciam colados, como se quisessem proteger-se da claridade da luz matinal que me queimava dolorosamente as pálpebras. Ergui a mão, que se tornara pesada da noite para o dia, e com dedos inchados e hirtos, tentei esfregar os olhos, sentindo apenas o calor ardente da minha testa.

Forçando o meu corpo a sentar-se, senti uma tontura que pôs o quarto a girar, com pontos negros a dançar à minha frente e suor a escorrer-me pela testa. Gelada, sentia o corpo a tremer e os dentes a bater, e o pânico acelerou o meu ritmo cardíaco ao ponto de ouvir pulsar o sangue que me corria nas veias.

Coloquei as pernas de fora da cama e a cambalear dirigi-me ao espelho. O rosto de uma estranha fixou-me: tinha pele amarelada e esticada sobre uma cara rechonchuda. Durante a noite formaram-se olheiras em torno dos meus olhos, enquanto o cabelo escorrido e húmido se me colara ao crânio. Mais uma vez, levei a mão à cabeça para afastar o cabelo e reparei que os meus dedos estavam tão amarelos como a cara e o dobro do tamanho normal. A tremer, descí as escadas. As minhas pernas estavam demasiado fracas para sustentar o peso do meu corpo, por isso deixei-me cair numa cadeira. As lágrimas corriam-me pelas faces quando me deparei com o olhar gélido da minha mãe.

- Que é que se passa agora, Antoinette? - ouvi-a perguntar, e entretanto um tom de preocupação manifestou-se-lhe na voz. - Olha para mim, Antoinette. - Tocou-me ao de leve na testa. - Credo - exclamou ela -, estás a arder.

Apressou-se a mandar-me ficar quieta, se bem que não houvesse qualquer possibilidade de eu me levantar dali, e ouvi-a atravessar a sala até ao pequeno corredor onde estava o telefone.

Marcou um número e falou muito depressa.

Minutos mais tarde, voltou com um cobertor, envolveu-me os ombros com ternura e informou-me que o médico estava a caminho. Não sei quanto tempo passou, pois fiquei aturdida com a febre. Permaneci ali sentada, ora a tiritar, ora cheia de calor. Ouvi uma pancada na porta e a voz do nosso médico de família e tive uma sensação de alívio, segura de que ele me iria ajudar.

Enfiaram-me um termómetro frio na boca, tomaram-me o pulso e, durante esse tempo, as figuras diante dos meus olhos não passavam de formas desfocadas. O médico informou a minha mãe que eu estava com quase 40 graus de febre e que sofria de uma inflamação nos rins.

- Nefrite - disse ele, insistindo em chamar de imediato uma ambulância.

Ouvi o carro chegar, senti a minha mãe segurar-me a mão durante a viagem. Mas praticamente não me recordo de ter sido transportada numa maca para a enfermaria de pediatria, nem de ter sido deitada na cama a aguardar um exame. Só me apetecia dormir.

Os dias seguintes não passam de uma recordação indistinta, uma vaga lembrança de me sentir sempre enjoada, de agulhas afiadas a injectarem-me nas nádegas uma substância que mais tarde soube que era penicilina, de mãos a virarem-me e de um pano húmido a limpar-me o corpo febril, várias vezes. Noutras alturas, o meu sono era interrompido para me segurarem na cabeça e me enfiarem uma palha na boca, pela qual deitavam um líquido fresco na garganta seca, ou para me meterem uma bacia de metal debaixo das nádegas e me ordenarem que não me sentasse, deixando-me ficar deitada até recuperar as forças.

Esses primeiros dias pareceram fundir-se num só, em que apenas os cuidados das enfermeiras marcavam o meu sono. A hora das visitas era o único momento em que eu sentia a necessidade de manter os olhos abertos.

As crianças que estavam ao meu lado vigiavam a porta ao fundo da enfermaria e, impacientes, olhavam para o relógio onde os ponteiros avançavam sem pressa até à hora em que a porta abria. Surgia então um fluxo de adultos sorridentes com brinquedos, livros e fruta.

Eu virava a cara na almofada, de olhos fixos na porta, e esforçava-me para ver a minha mãe entrar. Assim que a porta abria, ela corria para junto de mim, numa nuvem de perfume, sentava-se à minha cabeceira, pegava-me na mão, afastava-me o cabelo do rosto e beijava-me numa demonstração pública de afecto. O sorriso do meu pai, ao olhar para mim, revelava a sua preocupação, ao passo que aquele que dirigia às enfermeiras lhe valia reacções entusiásticas da parte delas.

A minha mãe disse-me que eu a afligira e que lhe tinha pregado um susto. Mas, naquele momento, estava em boas mãos e devia ser boa menina e pôr-me boa. Informou-me que teria de ficar no hospital várias semanas, não só no hospital como de cama. Continuou, explicando-me que eu estava com uma grave infecção renal e que só me era permitida uma dieta de glicose e água de cevada. Disse que a casa sem mim era tristonha, que a Judy sentia saudades minhas e que sabia que eu ia melhorar depressa. Fitava-a, deitada na cama, enquanto ela falava, e os meus olhos focavam o seu rosto até que a intensidade do olhar do meu pai me obrigava a desviá-los para ele.

O sorriso nos seus lábios era sempre o do bom pai, mas, no seu olhar, eu via o mau pai, o que era invisível ao resto das pessoas e que habitava a sua mente.

À medida que os dias se transformaram em semanas, aos poucos fui recuperando as forças e o interesse pelo ambiente que me rodeava. Embora continuasse na cama, podia sentar-me e apoiar-me nas almofadas que tinham passado de uma a três, no mesmo número de semanas.

Agora que já não sentia os olhos cansados, insistindo em fechar-se, retomei o prazer da leitura. Esperava ansiosa, duas vezes por semana, pelo carrinho que transportava livros interessantes. Na primeira visita, quando pude informar a bibliotecária que os meus livros preferidos eram os romances policiais, obtive um olhar consternado perante gostos tão pouco infantis e um som de reprovação. No entanto, acordámos que eu leria as histórias da Agatha Christie sobre as aventuras de Tommy e Tuppence, seguidas de Miss Marple e Hercule Poirot.

A minha sorte foi a de Agatha Christie ser uma escritora dotada de uma vasta obra, e a fonte parecia inesgotável.

A inalterável rotina da enfermaria proporcionava-me algum conforto. Primeiro, de manhã bem cedo, havia a ronda das arrastadeiras para as crianças acamadas. Ali ficávamos, como filas de frangos de aviário, conscientes de que o conteúdo desses recipientes de metal seria escrutinado antes de o levarem. Em seguida, chegavam bacias de água para a nossa higiene matinal “à gato”, altura em que por pudor as cortinas em nosso redor se fechavam.

Seguia-se o pequeno-almoço. Os ovos ricos em proteínas e o pão integral que serviam nas camas ao lado faziam-me crescer água na boca, mas eu só recebia uma chávena de glicose viscosa, cinzento-clara.

Só depois de retirarem os tabuleiros é que eu podia pegar no meu livro e procurar a solução dos mistérios antes de o detective da história em causa revelar com a maior das facilidades o criminoso.

Abstraía-me do zumbido constante de actividade que me rodeava na enfermaria. O frufu dos uniformes azuis e brancos das enfermeiras, o andar suave dos seus sapatos brancos de cordões sobre o linóleo cinzento, o tagarelar das crianças em convalescença e o ruído metálico das argolas das cortinas, que eram fechadas em redor da cama de alguma criança mais doente do que eu, produziam um ruído de fundo enquanto eu, absorvida, virava as páginas.

Os aromas do almoço invadiam-me as narinas e o facto de estar privada de proteínas tornava todos os odores agradáveis. Olhava com inveja para os tabuleiros ao ser-me entregue a minha bebida viscosa.

- Bebe tudo, Antoinette - era a alegre ordem que me davam enquanto eu olhava com um sentimento de rebeldia para o líquido repugnante. - Faz-te bem.

Eu queria comida.

- É para ficares boa e ires para casa.

Eu desejava bolo, gelado, rebuçados e um prato cheio de torradas, a nadar em manteiga, misturadas com colheradas de Marmite castanha-escura. Estas

imagens pairavam diante dos meus olhos, enquanto ficava com água na boca ao recordar os seus sabores. Depois, com uma colher, metia à boca a massa repelente, forçando-me a engolir. O empenho em me curar, com a dieta rigorosíssima e as injeções incessantes, parecia uma viagem árdua e interminável.

Depois do almoço faziam as camas, e os lençóis eram esticados de tal maneira que ficávamos imobilizadas. A seguir, com os braços bem presos e o cabelo muito bem penteado, aguardávamos a visita da enfermeira-chefe.

A porta abria de rompante e uma figura imponente entrava, seguida de um séquito de médicos, da enfermeira de uniforme azul responsável pela nossa enfermaria e de uma enfermeira auxiliar. Uma gola engomada mantinha erecta a colossal cabeça de touca branca da enfermeira-chefe, cuja capa esvoaçava atrás de si. Detinha-se numa postura arrogante aos pés de todas as camas e perguntava às crianças mumificadas como se sentiam.

Ao ouvir “Muito bem, obrigada, senhora enfermeira”, passava à cama seguinte até terminar a visita. Entretanto, a porta voltava a fechar-se e, com a sua majestosa saída, ouvia-se um suspiro de alívio colectivo, tanto do pessoal como das doentes. Viam-se braços a contorcer-se para afastar os lençóis e corpos a descair para posições mais confortáveis, preparando-se para a sesta que precedia a hora da visita.

A noite chegava sempre demasiado cedo para mim; interrompia sempre o meu detective no seu processo de desmascarar o vilão mais improvável mas, por mais que me desagradasse a pausa na minha aventura vivida por interposta pessoa, por norma depressa sucumbia a um sono quase sempre sem sobressaltos. Apenas a admissão rara de uma doente a meio da noite me perturbava. Foi numa dessas ocasiões que vi o bebé.

Ouvi o leve restolhar das argolas das cortinas a duas camas de mim, abri os olhos, sonolenta, e vi uma pequena forma que, na minha imaginação de criança, tinha uma cabeça monstruosa.

Era careca e tão grande que me pareceu que o mais suave movimento lhe partiria o frágil pescoço. Uma lâmpada projectava um vago halo laranja sobre o berço. Uma mulher estava debruçada sobre ele e tocava nos dedos

minúsculos do bebé. A seguir, as cortinas foram fechadas e eu voltei a adormecer em desassossego.

Durante dois dias, as cortinas daquela cama permaneceram corridas, enquanto médicos e enfermeiras entravam e saíam, escondendo-nos o que se passava ali dentro. Na terceira noite, como se num sonho, vi a mulher e pela sua postura apercebi-me de que estava a chorar.

Reparei que a enfermeira da nossa enfermaria levava ao colo uma pequena trouxa em direcção ao exterior. A luz apagou-se e depois os meus olhos fecharam-se.

Na manhã seguinte, as cortinas foram abertas e os lençóis estavam imaculadamente alisados no berço vazio.

Com aquela certeza instintiva que as crianças por vezes têm, percebi que a criança havia morrido. E percebi também que não devia fazer perguntas.

Todas as tardes, observava as crianças de olhos fixos na porta, ansiosas à espera das famílias.

Reparava nos seus rostos a iluminarem-se, via-as estender as mãos para os abraços, ouvia os seus gritos de excitação e sentia o meu próprio tremor de medo. Deitada naquela cama de hospital, não conseguia evitar o olhar do meu pai nem o terror que sentia dele.

Seis semanas depois da minha entrada no hospital, ele chegou sozinho. As recordações, que a branda rotina do hospital haviam em parte suavizado, assaltaram-me de novo o espírito e os meus dedos apertaram os lençóis com força.

Interroguei-me onde estaria a minha mãe quando ele me pegou na mão e se baixou para me beijar na face. Em resposta à minha pergunta tácita, disse-me que ela estava com uma forte constipação e não queria trazer os germes para a enfermaria. Nesse dia, o seu cabelo espesso e ondulado reluzia com brilhantina e foi pródigo em sorrisos com as enfermeiras. Mas o mau pai escondia-se atrás dos seus olhos e escapava-se-lhe da boca a cada palavra que proferia.

Sempre a agarrar-me na mão, enquanto eu me afundava na cama, disse: - Antoinette, tenho tido saudades tuas. Tens tido saudades do teu papá?

O meu lado de marioneta assumiu o seu papel: - Tenho - sussurrei e as energias que recuperara pareceram abandonar-me.

- Então, quando voltares para casa, tenho um presente à tua espera. Vais gostar, não vais, Antoinette?

Não lhe perguntei que presente era; já o sabia. Senti a pressão da sua mão enquanto ele esperava pela minha resposta. Olhei-o e dei-lhe a resposta que ele queria.

- Sim, papá.

Ele lançou-me um sorriso radioso e eu entrevi um brilho de satisfação no seu olhar.

- Agora sê boa menina, Antoinette. Eu volto amanhã. - E voltou.

As enfermeiras estavam sempre a dizer-me que ele era um ótimo pai, que amava a sua menina, e que não faltava muito para eu voltar para casa.

Depois da sua terceira visita, esperei que as outras crianças adormecessem. Peguei no cordão do meu roupão e ateí uma ponta em volta do pescoço e a outra ponta à cabeceira da cama. A seguir, lancei-me para o chão.

Claro que me apanharam. A enfermeira da noite pensou que eu estava deprimida porque queria regressar a casa. Assegurou-me de imediato que já não faltava muito. Voltou a deitar-me na cama, aconchegou-me e sentou-se ao meu lado enquanto eu tentava adormecer. No dia seguinte, tiraram-me o cordão do roupão.

Na visita seguinte, os meus pais vieram juntos. A minha mãe pegou-me na mão e o meu pai permaneceu de braços cruzados.

- Antoinette - disse ela -, tenho a certeza de que ontem à noite houve um mal-entendido. A enfermeira-chefe ligou-me hoje. Estou certa de que não me queres voltar a afligir assim.

Apercebi-me do sorriso radioso e depreendi que o incidente tinha sido guardado em segurança na caixa marcada “Assuntos sobre os quais não se fala”. O jogo das famílias felizes continuava e ela era a personagem central do drama.

- Eu e o teu pai estivemos a conversar - continuou ela, incluindo-o no seu sorriso. - É evidente que vais estar muito cansada quando saíres daqui. Por isso, decidimos mandar-te para casa da tia Catherine. - Eu mal conhecia a tia Catherine mas, nas nossas raras visitas, tinha gostado dela. - Algumas semanas no campo irão fazer-te muitíssimo bem. Não se fala mais nesta história idiota, querida, e é claro que não vamos dizer nada à tua tia Catherine. Seria má ideia apoquentá-la, não achas ?

Senti o olhar do meu pai pousado em mim enquanto eu observava a minha mãe e a sentia puxar pela corda que me ligava a ela. Desejosa da sua aprovação, respondi: - Obrigada, é muito boa ideia.

Cumprida a missão, os meus pais puderam descontrair até ao fim da visita e depois, quando a campainha anunciou a saída, despediram-se com muitos beijos. Limpei o queixo, onde os lábios do meu pai haviam pousado, e peguei no meu livro, absorvendo-me na leitura.

Fiel à sua promessa, a minha mãe nunca mais mencionou o incidente com o cordão do roupão. O seu estilo de resolver os problemas estava bem enraizado: “Se não falarmos sobre isso, nunca aconteceu.” Como se a sua negação fosse contagiosa, nenhum dos membros do pessoal hospitalar tocou no assunto.

O meu pai só me visitou sozinho mais uma vez.

- Antoinette, lembra-te do que eu te disse. Não te ponhas a falar sobre a nossa vida, minha menina, ouviste?

- Sim, papá - respondi, deslizando na cama e tentando evitar o seu olhar fulminante. Nas profundezas dos seus olhos, vislumbrava as sementes da raiva que seria desencadeada se eu me atrevesse a desobedecer-lhe.

Todos os dias esperava que a minha mãe voltasse a entrar pela porta da enfermaria, mas ficava sempre desiludida. Quando, por fim, reapareceu, desfez-se em desculpas, nas quais fiquei a remoer e, desejando acreditar nela, assenti com a cabeça nos momentos oportunos. O

trabalho, disse ela, tinha-a esgotado. Era muito longe para vir de autocarro, continuou. Disse-me que a tia Catherine estava ansiosa pela minha visita e que, como pertencia a uma família abastada, ela não precisava de trabalhar. Desejava poder tirar férias para cuidar de mim, mas sabia que eu compreendia por que razão não era possível. Eu também devia estar ansiosa pela visita.

Eu, com onze anos, só sabia que queria regressar a casa, para junto da minha mãe, mas o meu desejo de agradar mantinha-se tão forte como sempre.

- Vai ser bom ver a tia Catherine - respondi, sendo recompensada com um sorriso radioso e dois beijos em cada face.

Os últimos dias no hospital passaram numa névoa enquanto eu lia, brincava com as outras crianças e esperava que me informassem que o dia seguinte seria o último ali. Por fim, esse momento chegou.

CAPÍTULO 15

A minha mãe acompanhara-me, de comboio e camioneta, à grande casa cheia de cantos e recantos na costa do Kent, onde vivia a minha tia. Tinha-me sido destinado um bonito quarto: o papel de parede condizia com o edredão, num padrão estampado com raminhos de flores, que cobria a minha cama pintada de branco. A tia Catherine disse-me que aquele quarto tinha pertencido à filha, Hazel, que era agora adolescente e se mudara para um quarto maior. Assim ele seria meu durante a estadia.

A minha tia Catherine não era uma parente de sangue, mas a maior amiga da minha mãe. Nos anos 50, as pessoas com menos de vinte e um anos tratavam muitas vezes os adultos por “tio”

ou “tia”. Ela era uma mulher bonita, com cabelo pelos ombros, de um tom castanho-claro que estava na moda, e pertencia a uma geração que confiava pouco nas aptidões dos cabeleireiros.

O seu perfume sugestivo, o misto de uma leve fragrância floral e deliciosos aromas a bolo, permanecia na sala depois de ela sair. As suas unhas, ao contrário das da minha mãe, eram curtas, pintadas de uma tonalidade de rosa muito clara, e usava sandálias rasas. Reparei que só usava saltos altos em ocasiões especiais, como nos dias em que me levava ao salão de chá, que evocavam a minha primeira infância.

O primeiro passeio que dei na sua companhia foi a um grande armazém onde ela me pediu que escolhesse algum tecido.

- Cresceste no hospital, Antoinette, e emagreceste tanto que a roupa já não te serve.

Assim, com delicadeza, pôs de parte a minha mala de roupa em segunda mão, que a minha mãe aceitara com gratidão e que eu desprezava.

- Vamos escolher uma coisa bonita.

Pegou-me na mão e conduziu-me ao elevador onde o ascensorista, um veterano de guerra, que usava orgulhosamente o uniforme da loja e prendia a manga vazia ao peito, estava encostado a um banco, enumerando os artigos

disponíveis em cada piso até chegarmos à secção de fazendas. Estávamos na Inglaterra do pós-guerra, antes de a automatização tornar essas profissões redundantes.

Depois de atravessarmos a secção dos botões, lãs e vários apetrechos de tricô, chegámos à secção de fazendas. Contemplei, encantada, rolos de tecido em todas as cores do arco-íris; algo que nunca tinha visto antes. Rolos de tecidos delicados, em tons de prata, e de chiffon chamaram-me logo a atenção. Pensei em correr para examinar todos, mas a tia Catherine segurou-me com delicadeza na mão e orientou-me para os algodões mais apropriados.

- Olha - exclamou ela ao pegar numa peça delicada às riscas rosa e brancas -, este fica-te muito bem. - E antes que eu pudesse responder, apontou para outro tecido azul-claro. - Gostas daquele?

Indiquei que sim, com medo que o encantamento se quebrasse. A excitação tinha-me atado a língua e cortado a respiração.

- Então levamos os dois - exclamou ela feliz. - Agora precisamos de um tecido para a roupa de sair.

Viu os meus olhos pousar sobre um belíssimo tecido axadrezado, semelhante ao tecido do meu vestido favorito que já não me servia.

- Levamos esse também - disse ela. Depois, com as compras guardadas em sacos, levou-me a tomar chá. Senti que podia morrer de felicidade: oferecera-me não um vestido novo, mas três.

Acompanhei-a a um passo rápido, com um sorriso tão rasgado que quase me magoava as faces.

Como era um dia especial, ela deixou-me comer uma fatia de bolo apesar da minha dieta rigorosa. Ao engolir aquela textura esponjosa e macia, sentindo a doçura da cobertura na boca, invadiu-me um sentimento de felicidade que me fez desejar ficar com ela para sempre.

Tive acesso a uma vida de que até então só tivera vislumbres, através das conversas de outras crianças. Parecia ter “passado para o outro lado do espelho”, como Alice, e não desejava regressar. Nesse dia, esqueci-me da Judy, das saudades que tinha, e permiti-me saborear todos os momentos. A minha evidente alegria animou a tia Catherine, que enumerava as diferentes excursões que tinha planeado.

- Não podemos exagerar - advertiu-me ela -, ainda não estás completamente restabelecida, mas, dentro de algumas semanas, estava a pensar levar-te ao circo. Gostavas de ir?

Arregalei os olhos: isso era um prazer que só conhecia das leituras. Tinha sonhado em ir ao circo, mas nunca fora.

- Claro que sim - consegui dizer. Não podia haver, pensei, dia melhor do que aquele.

Ao longo das semanas, compreendi que proporcionar felicidade à família era o que mais prazer dava à tia Catherine e senti que fazia parte daquela casa. Os seus dois filhos - o Roy, que só tinha mais um ano que eu, e a Hazel, cinco anos mais velha - por norma ignoravam-me. O Roy ignorava-me porque eu ainda não tinha força suficiente para brincar e a Hazel por causa da diferença de idades. Por isso fiquei surpreendida, se bem que muito contente, quando duas semanas depois da minha chegada a Hazel se ofereceu para me mostrar o seu cavalo.

Estes animais eram a sua paixão. Montava-os desde menina e tivera um pônei até este se ter tornado demasiado pequeno para ela. O seu novo cavalo fora um presente dos seus quinze anos e era a maior alegria para ela.

Tratava-se de um capão, informou-me, um baio claro de catorze mãos. Compreendi que ela sentia por ele o mesmo que eu pela Judy, embora ela tivesse frisado que um cão era um bom companheiro, ao passo que um cavalo era muito útil, pois também se podia montar.

A tia Catherine deu-nos um molho de cenouras para o animal, advertiu a Hazel para não me deixar andar muito e eu, começando a admirá-la profundamente, segui-a até ao campo. Aí, um cavalo de um castanho-claro e

dourado, muito maior do que os póneis de Cooldaragh, aproximou-se de nós a trote. A Hazel disse-me para abrir e estender a palma da mão com as cenouras e fi-lo com algum receio. Fiquei doida de alegria quando senti o bafo suave do animal na mão, e a minha confiança aumentou quando lhe afaguei a cabeça.

A Hazel selou-o e, para meu entusiasmo, perguntou-me se gostaria de o montar.

- Sim, claro - respondi de imediato. Afinal, só me haviam advertido para não andar muito; ninguém me falara em montar.

Tive de me esticar para apoiar o pé no primeiro estribo, enquanto a Hazel o mantinha quieto.

Depois, com um novo impulso, subi. De repente, o chão pareceu-me muito distante, olhei em frente e peguei nas rédeas. Ele começou por avançar a passo e eu, excessivamente confiante, dei-lhe uma pancadinha com os calcanhares como havia visto os cavaleiros fazer. Senti-o aumentar um pouco a velocidade e, quando tentei mover-me ao ritmo dele, ele, com a vivacidade de um cavalo jovem, rompeu num leve galope. O vento humedeceu-me os olhos, a minha visão ficou turva e, ao sentir que perdia o controlo, o meu entusiasmo transformou-se em medo. Ouvi a Hazel chamar-me enquanto ele galopava pelo campo. Ela gritou-me para puxar pelas rédeas, mas eu concentrava todas as minhas forças em manter-me firme em cima do animal.

Depois, com prazer, ele ergueu as patas traseiras e eu voei por cima da sua cabeça. O ar abandonou-me os pulmões de uma golfada e, por momentos, vi estrelas, estendida no chão com as pernas dobradas e os olhos abertos mas com a visão turva.

A voz aflita da Hazel deixou-me menos atordoada e a adoração por ela deu-me força. Enchi-me de coragem até o mundo deixar de rodopiar e com cuidado levantei-me. A expressão aflita da Hazel dissipou-se ao sacudir-me, grata por eu não ter partido nenhum osso, o que teria exigido explicações.

Para minha angústia, ela disse: - Tens de voltar a montar o cavalo. Se não o fizeres agora, nunca mais conseguirás montar, terás sempre medo.

Olhei para o capão que, indiferente ao meu desconforto, mastigava com prazer a última cenoura, e vi um gigante. A Hazel garantiu-me que o conduzia e, não acreditando muito nela, voltei a montar. Idolatrar heróis pode tornar-nos em soldadinhos corajosos. Acabei recompensada porque, nesse dia, eu e ela tornámo-nos amigas, unidas pelo pacto de nada contar à tia Catherine sobre a pequena aventura.

A vida em casa da minha tia, ao longo do Verão, foi tranquila. Mais ligada à casa do que os seus dois filhos, passava o tempo sentada no jardim a ler, ou então ajudava-a na cozinha. De manhã, ela colocava a máquina de costura na grande mesa de madeira, e como que por milagre surgiam roupas para toda a família. Mas, antes de tudo, fez-me três vestidos. Eu ficava de pé enquanto ela, com a boca cheia de alfinetes e de fita métrica na mão, dava forma ao tecido até só faltar fazer a bainha, que, à noite, cosia à mão.

O almoço era sempre ligeiro e decorria no calor da cozinha, mas o jantar era servido na sala de jantar.

À tarde, a costura era posta de lado, logo que começavam os preparativos para a refeição da noite. Eu picava legumes, descascava batatas e fazia chá para as duas enquanto ela preparava estufados e guisados deliciosos, os pratos predilectos da família; era sempre assim, excepto à segunda-feira, dia em que comíamos as carnes frias do assado de domingo, servidas com pickles e puré de batata.

O tio Cecil, marido da tia Catherine, um homem alto e magro, com um sorriso afectuoso e olhos brilhantes, era gerente do banco local. Todos os dias, ao chegar, trocava o fato de risquinhas por umas calças de bombazina mais informais, uma camisa e um casaco de lã debruado a couro, que era o seu preferido. A seguir, relaxava com um gin tónico que a minha tia preparava para ambos, algo que fazia parte do ritual de fim de tarde.

Mal terminavam a segunda bebida, sentávamo-nos à mesa. Ele ocupava o seu lugar à cabeceira e ela servia o jantar. Era sempre o momento dedicado à família, em que tomava conhecimento das actividades dos filhos e da mulher

durante o dia. Nunca se esquecia de mim, perguntava pela minha saúde e comentava que eu estava a ficar com bom aspecto.

Muitas vezes, logo que a cozinha ficava arrumada, jogávamos cartas ou jogos de tabuleiro, como o jogo-da-glória, depois seguia-se um banho e cama. Deixavam-me ler todas as noites durante meia hora, antes de a minha tia aparecer no meu quarto, me aconchegar e apagar a luz. Eu adormecia então com a recordação do meu beijo de boas-noites.

Finalmente chegara o dia de irmos ao circo. Com o meu novo vestido cor-de-rosa e branco e um casaco branco de lã, entrei para o banco de trás do carro. O Roy, de impecável risca ao meio no cabelo loiro penteado para trás, calças compridas cinzentas e blazer azul-marinho, sentou-se ao meu lado, procurando manter um ar despreocupado enquanto eu tagarelava de entusiasmo.

A grande tenda estava iluminada com luzes brilhantes, havia filas e filas de crianças, de mãos dadas com os pais, os seus rostos animados reflectindo a emoção que sentiam. Ao entrar na enorme tenda, o cheiro a serrim invadiu-me as narinas e ocupámos os nossos lugares e as bancadas. Eu estava hipnotizada. Primeiro apareceram os palhaços com as caras pintadas, as bocas esticadas em sorrisos permanentes; seguiram-se os cães dançarinos, pequenas criaturas enérgicas, pretas e brancas, com folhinhos brancos em volta do pescoço. No final do número, cada animal sentava-se num pequeno banco, à espera dos merecidos aplausos. Estava rodeada de crianças de olhos arregalados e faces rosadas devido ao entusiasmo, que se esticavam para ver os palhaços reaparecer, e depois ouvi o arquejo colectivo quando àquele número se seguiu a aparição dos grandes felinos. Com as mãos apoiadas para me equilibrar, tentei erguer-me o máximo possível para ver melhor e não perder um segundo da actuação. Partilhei o entusiasmo das outras crianças, sustive a respiração ao mesmo tempo que elas, no momento em que aquelas belas e enormes criaturas douradas saltaram através do anel de fogo. Com toda a energia bati palmas quando o domador agradeceu com uma vénia, mas não tardei a parar quando, quase em transe, fixei o olhar no cimo da tenda. Finalmente soltei uma exclamação com o resto dos espectadores ao ver os trapezistas começar os seus incríveis voos.

Depois foi a vez dos majestosos elefantes, cada um deles a segurar na cauda do da frente com a tromba e um elefante bebé a fechar a procissão. Imaginei que os pequenos bancos se fossem partir quando, no grande final, eles lá pousaram as suas maciças garupas, e suspirei de tristeza quando abandonaram a arena. Entretanto, os palhaços fizeram uma nova aparição para anunciar o fim do espectáculo. Mal conseguia mexer-me. Sentia-me presa numa bolha mágica de felicidade, algo que se experimenta apenas na infância. Anos mais tarde, quando assinei uma petição contra o uso de animais no circo, ainda recordava a magia dessa noite com triste nostalgia.

Duas semanas mais tarde, a tia Catherine deu-me o que pensou ser uma boa notícia. Os meus pais viriam passar o fim-de-semana e eu regressaria com eles. Era necessário fazer um exame no hospital e, desde que estivesse tudo bem, retomaria as aulas no primeiro trimestre.

Os meus sentimentos, ao ouvir isso, foram contraditórios; por um lado, tinha saudades da minha mãe e da Judy mas, por outro, habituara-me a viver num lar feliz, a andar bem vestida e a sentir-me parte da família da tia Catherine. Querendo agradecer-lhe, esbocei um sorriso e garanti-lhe que teria saudades dela, mas que estava, naturalmente, ansiosa por ver os meus pais.

O fim-de-semana chegou. Ouvi o carro parar e fiquei à porta com a minha tia para os receber.

Entre beijos e abraços, exclamaram que eu estava crescida e com bom aspecto. Nessa noite, foi a minha mãe que me aconchegou na cama e me deu um beijo de boas-noites. Um beijo cujo calor se manteve na face enquanto pensava, deitada na cama, no que a semana seguinte me reservaria.

CAPÍTULO 16

O exame no hospital tinha corrido bem e disseram que estava pronta para regressar à escola, se bem que tenha sido dispensada das actividades desportivas e das aulas de Educação Física, pois ainda não tinha forças suficientes. Recebi esta notícia com prazer; nessa escola em particular, um aluno ganhava popularidade não pelo seu aproveitamento académico, mas

pelo seu talento no campo de hóquei, velocidade no campo de voleibol e agilidade na ginástica. Eu não era boa em nenhum desses desportos. Tinha agora uma boa desculpa para escapar a aulas que detestava e ao ridículo que inevitavelmente se seguia.

A minha mãe tinha tirado uns dias de férias do trabalho para me ajudar a ambientar-me e, durante as duas semanas seguintes, senti prazer em voltar para junto dela. Havia sempre à minha espera scones quentes, acabados de sair do forno, e um bule de chá e, às sextas-feiras, bolo de café caseiro, o meu favorito. Mas o meu maior prazer era ter a minha mãe só para mim, poder conversar com ela sem sentir o olhar furtivo do meu pai sempre atrás de mim.

Depois de comer e de brincar com a Judy, sentava-me à mesa da cozinha a fazer os deveres, que eram agora mais complicados, pois estava no ensino secundário e tinha perdido um trimestre que precisava de recuperar. A minha mãe preparava o jantar enquanto eu trabalhava e, sentada ali no calor da cozinha, desejava que esses dias nunca mais terminassem.

Nessa altura, tomei a decisão de fazer frente ao meu pai quando a minha mãe retomasse o trabalho. Ia dizer-lhe que sabia agora que o que ele me fazia estava errado. Embora sempre tivesse odiado o que ele me fazia, até então tinha-o aceitado como uma inevitabilidade. Ao cabo de seis semanas num lar feliz, começara a compreender a enormidade da sua perfídia.

Instintivamente, sempre soubera que não devia discutir o “nosso segredo”, que era um acto vergonhoso, mas ainda era demasiado nova para compreender que a vergonha era dele e não minha. Achava que, se dissesse às pessoas o que se estava a passar, nunca mais me considerariam uma criança normal e, de algum modo, me considerariam culpada.

Embalada por uma falsa sensação de segurança, conseguira readaptar-me à escola. A minha reputação de criança delicada tornou-me uma raridade ainda maior, mas pelo menos as outras crianças deixavam-me em paz. As suas provocações e piadinhas acabaram porque, depois de uma doença tão prolongada, as professoras tinham tornado claro que não tolerariam esse tipo de maus-tratos.

Chegou o último dia de férias da minha mãe, trazendo consigo a reaparição do pai jovial. Ele entrou em casa com um sorriso deslumbrante na cara e um leve cheiro a whisky no hálito.

Tentei não me retrair quando ele me fez uma festa debaixo do queixo, fazendo deslizar a mão pela minha face para me pousar na cabeça.

- Olha, Antoinette, tenho um presente para ti. - Desabotoou a parte de cima do casaco e mostrou-me uma pequenina e irrequieta bola de pêlo cinzento. Libertando com cuidado as garras pequeninas da camisola, tirou-a para fora e eu estendi os braços para pegar nela. O

corpinho quente aninhou-se contra mim e o primeiro ronronar satisfeito vibrou na barriga dele. Afaguei-lhe o pêlo, incrédula, um gatinho só para mim.

- É teu. Vi-o na loja de animais e quis comprá-lo para a minha filhinha. - E eu, ainda querendo acreditar no bom pai, deixei-me convencer que ele existia de novo e sorri-lhe, contente. Pus o nome de Oscar à bolinha cinzenta e a minha mãe deu-lhe um caixote forrado com um cobertor velho; da Judy recebeu uma fungadela. Na manhã seguinte, estava confortavelmente enroscado ao lado da Judy, refastelando-se no calor do corpo dela enquanto ela reagia com absoluta indiferença.

Nessa semana, o meu pai começou a trabalhar no turno da noite e, quando eu chegava a casa, era ele, e não a minha mãe, que encontrava. Pus em prática a minha coragem recentemente adquirida: disselhe que não. Ele sorriu-me e depois atirou-me aquela piscadela de olho característica.

- Mas tu gostas, Antoinette; tu própria o disseste, não te lembras? Mentiste ao teu papá? Hein?

Senti a armadilha fechar-se à minha volta porque uma mentira desmascarada era punível com uma sova. Muda de medo e confusão, fiquei diante dele a tremer como varas verdes.

A sua disposição alterou-se abruptamente.

- Vai fazer um chá ao teu velhote - ordenou-me e eu, aliviada, aproveitei para escapar.

Alguns minutos mais tarde, estava a beber o líquido quente de olhos semicerrados, com uma expressão que não fui capaz de definir, mas que sabia que não augurava nada de bom para mim.

- Sabes, Antoinette, eu e a tua mãe fazemos o mesmo. Estamos sempre a fazê-lo. - Olhei para ele, horrorizada, incapaz de desviar os olhos do seu olhar escarninho. - Ainda não sabes como se fazem os bebés?

Eu não sabia mas não tardei a saber e ele, percebi, regozijou-se com a minha repugnância perante o que me contou. Recordei todas as mulheres grávidas que tinha visto, mulheres que pareciam felizes com o seu estado, fiquei enjoada só de pensar que participavam num acto tão abjecto. A tia que eu tanto amava devia ter feito aquilo, pensei, pelo menos duas vezes, e a minha mãe... Como era possível? Dando voltas à cabeça, senti um novo terror instalar-se.

Toda a minha percepção dos adultos se alterou nessa tarde e os últimos resquícios de segurança, como eu a conhecia, desvaneceram-se, deixando-me à deriva, apenas com a perplexidade por companhia.

Ele disse-me que eu não podia engravidar, como se o meu único medo fosse esse, mas eu continuei a dizer que não. Ele riu-se de mim.

- Deixa-me dizer-te uma coisa, Antoinette. A tua mãe gosta. - Depois, aparentemente cansado de me atormentar, encolheu os ombros e afastou-se.

Perguntei-me se teria ganho o primeiro assalto. Tinha sido realmente assim tão fácil?

Não, tinha apenas ganho uma pequena escaramuça, nem sequer uma batalha, e a guerra estava prestes a começar. No dia seguinte, fui ao escritório da minha mãe. Pensei em fazer-lhe uma surpresa, ir buscá-la ao trabalho e evitar assim os avanços do meu pai, avanços que me tinham impedido de dormir com as perturbadoras imagens que desfilavam no meu cérebro.

Quanto mais me esforçava por expulsá-las, mais obstinadamente elas persistiam enquanto eu dava voltas na cama.

- Que bonita surpresa, querida - exclamou ela, indicando-me uma cadeira onde eu podia esperar por ela. Quando acabou de trabalhar, levantou os olhos, lançou-me um sorriso afectuoso e apresentou-me aos colegas, assumindo o papel de mãe orgulhosa. Depois, com o braço nos ombros de uma filha que desejava acreditar nela, conduziu-me para a rua.

O meu pai estava à nossa espera. Não sei como, mas quando eu não voltei das aulas, adivinhara onde eu tinha ido e rapidamente quis levar a melhor sobre mim. Disse à minha mãe que havia um filme no cinema local que sabia que ela gostaria de ver e tinha vindo buscá-la para a levar. O cinema era um dos meus prazeres e, pensando estar incluída no convite, olhei esperançosa para eles.

- Então, Antoinette, já fizeste o trabalho de casa? - perguntou ele, sabendo perfeitamente a resposta antes de eu falar.

- Não.

- Então vai para casa. Eu e a tua mãe chegamos mais tarde. Se quisesses acompanhar-nos, devias ter ido logo para casa.

Falou-me com um sorriso nos lábios, um sorriso que me disse que eu começava novamente a perder.

- Deixa lá, querida - acrescentou a minha mãe. - Não hão-de faltar oportunidades. Come qualquer coisa e faz os deveres todos.

Virei-me na direcção de casa enquanto eles, absorvidos na companhia um do outro, se afastavam noutra direcção.

Três dias mais tarde, quando cheguei a casa da escola, vi o Oscar deitado no cesto da Judy, completamente inerte. Percebi que estava morto antes de pegar nele ao colo. Tinha a cabeça num ângulo esquisito e o seu corpinho já estava rígido quando lhe peguei e olhei desesperada para o meu pai.

- Deve ter partido o pescoço quando andava a brincar - foi a explicação que ele me deu, mas eu não acreditei.

Anos mais tarde, pensando nesse dia, concluí que ele devia estar inocente porque nunca o vi ser cruel com um animal. Talvez tenha sido um acto de que o acusei injustamente.

Convencida da sua culpa, fiquei abatida e ele, reparando nisso, aproveitou a oportunidade para tirar partido do meu desgosto. Pegou-me na mão e conduziu-me para o quarto.

As lágrimas corriam-me pelas faces e, num tom terno, um tom que contradizia as suas intenções, deu-me uma pequena garrafa e mandou-me beber. Um líquido ardente desceu-me pela garganta, engasgando-me antes de eu sentir o seu calor alastrar-se pelo meu corpo. Não gostei do sexo que se seguiu, mas gostei do whisky.

Assim, aos doze anos, descobri que o álcool podia entorpecer a dor e considerei-o um amigo.

Só anos mais tarde compreendi que a amizade com uma garrafa pode transformar-se de um momento para o outro numa relação com o inimigo.

Acordei, sabendo que ia acontecer uma coisa boa. A minha cabeça, ainda dormente, procurou recordar-se do que seria e depois percorreu-me uma onda de excitação. Íamos receber a visita da minha avó inglesa. Ia passar várias semanas connosco, dormir no sofá-cama do andar de baixo e estar todos os dias à minha espera quando eu voltasse das aulas. E o melhor de tudo era que, enquanto ela estivesse em nossa casa, o meu pai não se atreveria a aproximar-se de mim. Durante a sua estadia, o bom pai estaria em acção e a minha mãe podia brincar às famílias felizes.

Espreguicei-me com prazer, pensando na liberdade que as semanas seguintes me trariam e depois, com relutância, vesti-me para ir para a escola. Queria estar em casa para a receber, mas quem estaria no meu lugar era o meu pai. Contudo, como ele estava ciente de que as visitas dela o restringiam, eu sabia que havia uma vantagem acrescida porque, como já tinha acontecido

antes, ele ia mudar para o turno do dia e assim eu ia vê-lo com muito menos frequência.

Pela primeira vez, tive imensa dificuldade em concentrar-me na escola e o tempo passou muito devagar. Ansiosa por ir para casa, esperei, impaciente, pelo último toque da campainha.

Quando o ouvi, saí a correr pelo portão e caminhei num passo rápido para casa.

Ao entrar, chamei por ela e ela apareceu com um sorriso de amor no rosto e os braços abertos para me abraçar.

Devido à sua postura e ao facto de andar sempre com sapatos de salto alto, sempre pensara nela como sendo alta mas, ao abraçá-la, tive subitamente consciência de que era pequenina.

Com os meus sapatos rasos de cordões, descobri que a minha cabeça já lhe dava acima dos ombros.

Sentada à mesa da cozinha, alguns minutos mais tarde, enquanto ela servia chá, estudei o seu rosto através da nuvem de fumo que parecia sempre cercá-la, a ponta de um cigarro permanentemente colada aos lábios. Em miúda, tinha observado fascinada, à espera que o cigarro caísse, mas nunca caía.

Tinham passado vários meses desde a sua última visita e reparei que haviam surgido mais rugas na sua pele de porcelana e que a nicotina tinha deixado uma mancha amarela na parte da frente do seu cabelo vermelho dourado, agora a perder a cor. O seu sorriso, ainda cheio de afecto, que eu considerava especial e reservado apenas a mim, dançava-lhe no rosto enquanto me enchia de perguntas; perguntas sobre a minha saúde, as aulas e os meus planos, se é que os tinha, para quando saísse da escola.

Tranquilei-a a respeito da minha saúde e disselhe que já estava completamente restabelecida, apesar de ainda não poder participar nas actividades desportivas. Disselhe que, embora não gostasse desta escola, mantinha as notas altas e confiei-lhe a minha ambição de ir para a universidade e me tornar professora de Inglês.

Durante a hora seguinte, levou constantemente a chávena de porcelana de osso aos lábios enquanto conversávamos. A nossa conversa só era interrompida para pôr mais água a ferver para enchermos o bule. Recordei, ao vê-la beber, que ela me dizia repetidamente que a única porcelana indicada para uma chávena de chá era a fina, de osso, enfurecendo a minha mãe sempre que tirava a chávena dela da carteira e a pousava na mesa.

Eu ficava fascinada com o bonito objecto e, da primeira vez que ela a ergueu contra a luz, olhei-a com admiração, espantada por conseguir ver o contorno dos seus dedos através da porcelana. Interroguei-me como era possível que um objecto tão delicado pudesse ser tão resistente e não partir quando ela o enchia tantas vezes com o chá a ferver, quase preto, de que tanto gostava.

Agora que a minha avó estava lá em casa, os meus pais comportavam-se como se tivesse chegado uma babysitter permanente e as suas noitadas, normalmente no cinema local, tornaram-se cada vez mais frequentes. Não lhe disse que os meus pais me teriam deixado na mesma sozinha, se ela lá não estivesse, embora não com tanta frequência para os vizinhos não notarem. Se o temperamento violento do meu pai para comigo não assustava a minha mãe, a ideia da má-língua dos vizinhos assustava sempre.

Os meus pais saíam depois de me darem uma chuva de instruções: acabar o trabalho de casa, portar-me bem, ir para a cama quando a minha avó mandasse. Seguia-se um beijo rápido da minha mãe. A sua boca cuidadosamente pintada emitia um vivo “Até amanhã, querida”.

Depois a porta fechava-se e eu e a minha avó olhávamos furtivamente uma para a outra; eu a perguntar-me o que ela pensaria de eu ser ignorada e ela a pensar se eu me importava.

Eu e a minha avó passávamos essas noites a jogar cartas. Agora que eu tinha deixado para trás jogos infantis como o snap, progredi rapidamente para o gin rummy e para o whist. Havia noites em que ela tirava da mala jogos de tabuleiro como o jogo-da-glória e o monopólio. O

tempo voava enquanto eu, determinada em ganhar, me concentrava nas jogadas que tinha de fazer. Ela, aparentemente com igual determinação, semicerrava os olhos através do fumo dos seus cigarros suspensos.

A hora de deitar chegava sempre cedo de mais e eu tomava uma última bebida quente antes de subir as escadas e me enfiar na cama. Ela deixava sempre passar meia hora antes de aparecer no meu quarto. Dava-me um abraço e eu inalava o cheiro do seu pó-de-arroz, misturado com a fragrância de lírios-do-vale que, ao longo dos anos, o familiar odor a tabaco tinha praticamente anulado.

Só uma vez na minha presença manifestou a sua reprovação relativamente aos meus pais.

Eles, mais uma vez vestidos para sair, com aquela cumplicidade que os tornava um casal, nunca uma família, referiram o título do filme que iam ver nessa noite. Era um filme de Norman Wisdom que eu tinha ouvido as minhas colegas de turma comentar e que queria ver.

A minha expressão deve ter revelado a esperança que eu sentia de ser, pelo menos uma vez, incluída no programa. A minha avó notou e tentou ajudar.

- Então, Ruth - disse ela à minha mãe -, esse filme é para todas as idades. Não te rales de me deixar sozinha... amanhã é sábado, podes perfeitamente levar a Antoinette.

A minha mãe paralisou por momentos antes de se recompor e responder alegremente: - Oh, desta vez não, ela tem deveres para fazer. - Depois virou-se para mim com uma promessa em que eu já não acreditava. - Há-de haver outras oportunidades, querida - disse ela, num tom destinado a confortar-me mas que não o fez. Depois, afagou-me o cabelo e saiu, deixando-me para trás, desolada.

- Não é justo - ouvi a minha avó resmungar. - Mas anima-te, Antoinette - disse, pondo a chaleira ao lume para fazer mais chá.

Deve ter dito qualquer coisa aos meus pais porque, na noite seguinte, eles ficaram em casa, e quando chegou a hora de deitar, foi a minha mãe que me aconchegou os cobertores e não a minha avó. Sentou-se na beira da cama, desempenhando com afinco o papel de mãe extremosa em que acreditava cegamente.

- A tua avó disse-me que ficaste triste ontem à noite por não te termos levado connosco, mas já sabes que não te podemos levar para todos os sítios onde vamos. Pensei que gostavas de passar tempo com ela. No fundo, é a ti que ela vem visitar.

- Mas ela vem visitar-nos a todos - balbuciei.

- Não, querida, o meu irmão é o predilecto dela, sempre foi. E a mulher dele é muito parecida com ela. Não, querida, se não fosses tu, duvido que alguma vez a visse. E por isso que acho que seria egoísta deixá-la sozinha. Não concordas?

- Concordo - respondi, pois que outra resposta lhe podia dar?

Ela sorriu-me, satisfeita por eu compreender.

- Muito bem, nunca mais se fala então neste assunto, combinado? - Olhou para mim à espera da promessa que sabia que ia ouvir.

- Combinado - sussurrei finalmente e, com um beijo rápido que mal me aflorou a face, deixou-me às escuras e eu adormeci a pensar que tinha sido egoísta para com a avó que adorava.

Da vez seguinte em que eles saíram, disse à minha avó que só quisera ver aquele filme e que a minha mãe me ia levar a ver um filme de Norman Wisdom nas férias. Disselhe que gostava que eles nos deixassem porque adorava estar com ela. Esta parte era verdade, mas continuava a desagradar-me que me excluíssem. Sabia que era mais um sinal do pouco amor que me tinham. Acho que a minha avó pensava o mesmo, mas pareceu acreditar nas minhas palavras e, mais tarde, jogámos alegremente uma partida de gin rummy, que eu ganhei, o que sugeria que ela não estava tão concentrada como devia.

Nessa noite, preparou-me um leite com chocolate e deu-me uma bolacha a mais. No dia seguinte, foi-me esperar ao portão da escola. Informou-me que tinha decidido levar-me a tomar chá fora e que tinha dito à minha mãe que eu faria os deveres mais tarde.

Orgulhosa, dei-lhe o braço. Ela tinha posto o seu mais elegante casaco de tweed azul e um pequeno chapéu azul sobre a cabeça. Eu queria que as outras crianças vissem que eu tinha uma pessoa de família que não só gostava de mim, como também era bonita.

No dia seguinte, fui recompensada quando as minhas colegas comentaram que a minha mãe era muito atraente. Agradou-me a admiração delas quando lhes disse que a atraente senhora ruiva que tinham visto comigo era a minha avó.

As semanas com ela passaram num instante e não tardou a chegar o dia da sua partida. Vendo a minha expressão acabrunhada nessa manhã, ela prometeu que nos visitaria em breve; aliás, tinha decidido voltar antes das férias de Verão. Pareceu-me uma eternidade porque estavam a aproximar-se as férias da Páscoa e nem a ausência daquela escola que eu detestava compensava as três semanas em que estaria de novo, como bem sabia, em poder do meu pai, semanas em que sabia que ele voltaria a mudar para o turno da noite e em que não teria escapatória.

CAPÍTULO 17

No último dia de aulas, vi-me rodeada pela tagarelice excitada das minhas colegas. Estavam a fazer planos para se encontrarem e a falar das férias divertidas que iam ter. Desta vez, pelo menos, fiquei satisfeita por não participar, pois que podia eu ter dito?

Ao partir, a minha avó tinha-me metido algumas notas na mão com instruções para eu comprar qualquer coisa para mim. Depois, para ter a certeza que eu o fazia, mandou-me escrever-lhe a dizer o que era. Eu já tinha decidido: queria uma bicicleta e sabia onde estava uma à venda. Tinha visto um letreiro afixado na loja local, a informar quem estivesse interessado que estava à venda uma bicicleta de senhora por £2.10. Agora que tinha o dinheiro, estava determinada em comprá-la. Já me imaginava a pedalar para a escola depois das férias e a estacioná-la ao lado das outras.

Com um rápido telefonema, fiquei a saber que ainda estava disponível, e assim, no primeiro dia de férias dirigi-me à morada indicada. A transacção demorou poucos minutos e eu vim-me embora triunfante já com a bicicleta. A roda da frente oscilava perigosamente com o meu inexperiente pedalar mas, uma hora mais tarde, já dominava as três velocidades e conseguia equilibrar-me. Deliciada com a sensação de liberdade que me proporcionava, decidi ir de bicicleta até à povoação seguinte, que era Guildford, e explorar as ruas empedradas que tinha visto quando lá fora de camioneta com a minha mãe.

Como me tinha sobrado algum dinheiro, não só pude visitar os muitos alfarrabistas da vila, como a confeitaria predilecta da minha mãe. Aqui, cresceu-me água na boca assim que inalei o aroma quente do pão acabado de sair do forno. Decidi comprar um dos pães estaladiços que a minha mãe adorava e voltar com ele para o chá.

Tinha planeado mentalmente as minhas férias. Ia dar grandes passeios com a Judy, visitar a biblioteca, onde podia passar horas apenas a folhear livros, e explorar o campo de bicicleta.

Se conseguisse concluir os trabalhos de casa enquanto o meu pai dormia, podia escapar antes de ele acordar.

Todas as noites ao jantar, comunicava à minha mãe os meus planos para o dia seguinte e sentia a tensão do meu pai. Mas se eu promettesse ir a Guildford buscar o pão de que ela gostava, ele não podia proibir-me de ir. Pelo menos, era o que eu pensava.

No fim da minha primeira semana de férias, já me sentia mais aventureira, demorando-me em Guildford até ao princípio da tarde. Voltava alegremente com a intenção de levar a Judy a passear e preparar depois o chá para a minha mãe. A minha felicidade rapidamente se dissipou quando, mal entrei em casa, ouvi o meu pai berrar furioso.

- Antoinette, chega aqui.

Tremendo de medo, obedeci.

- Onde é que estiveste, minha menina? - gritou ele, a cara vermelha e contorcida de raiva. - Há uma hora que estou acordado à espera do chá. Nesta casa, tens de dar o teu contributo, estás a ouvir, Antoinette? Não passas duma preguiçosa. Vai imediatamente lá a baixo fazer-me o chá.

Desci a correr as escadas, pus a chaleira ao lume com as mãos a tremer e olhei para o relógio.

Passava das quatro horas, a minha mãe chegaria dentro de pouco mais de uma hora. Era tarde de mais para ele me tocar, mas eu sabia que esse momento tinha sido apenas adiado.

Assim que a água ferveu, fiz-lhe apressadamente o chá, pus uma bolacha no pires e levei-lho.

Quando ia a sair do quarto, ouvi o tom ameaçador da sua voz.

- Onde julgas que vais? Ainda não acabei.

Senti as pernas ceder, os pensamentos fervilhavam-me na cabeça. Era impossível que se referisse ao que eu pensava quando a minha mãe estava prestes a chegar.

- Passa-me os cigarros e depois vai mas é preparar o chá para a tua mãe. E não penses que vais passar a noite sentada numa cadeira.

Olhou para mim com hostilidade e eu sentime aterrada, sabendo que ele estava a ponto de explodir.

Nessa noite, levou a minha bicicleta. Alegou que era para poder chegar mais depressa ao trabalho, lançando-nos um sorriso rasgado e uma piscadela de olho e afastando-se no objecto que eu mais estimava. A minha mãe não se manifestou.

Na manhã seguinte, a bicicleta estava no quintal com o pneu da frente furado e eu tive a minha primeira menstruação.

Confinada dentro de portas, sem transporte e com dores paralisantes na barriga, não tinha maneira de escapar e ele demonstrou a sua fúria ao ver-se

privado de prazer. Primeiro, obrigou-me a limpar a casa e depois pôs-me num corruio escada acima, escada abaixo, com numerosas chávenas de chá. Assim que me deitava, ele chamava-me outra vez. Dava ideia de que precisava de muito poucas horas de sono ou, ainda que precisasse de mais, o desejo de me torturar era mais forte. Foi a segunda semana das minhas férias.

Na última semana, a minha avó voltou e, com ela, a minha vida mudou de novo porque ela tinha chegado com um propósito.

Eu não era feliz na escola, disse ela aos meus pais. Não acreditava que eu conseguisse lá ficar mais seis anos, caso contrário ia desistir antes de entrar na universidade. Sabia que o meu pai não gostava de Inglaterra e por isso queria ajudá-los a regressar à Irlanda. As propinas no ensino particular eram mais baixas lá e ela estava disposta a pagar para que eu voltasse para a minha antiga escola. Pagaria mesmo um uniforme novo. Tinha reparado que eu não tinha amigas de quem viesse a sentir saudades, e pelo menos na Irlanda, havia a família numerosa do meu pai.

O meu pai queria regressar. Sentia a falta da família que o admirava e aos olhos da qual era um homem de sucesso, ao passo que os parentes da minha mãe, como ele sabia, o consideravam um “Paddy” inculto.

A minha mãe concordou, esperando com o seu optimismo de sempre que fosse pelo melhor.

A pequena casa foi posta à venda e rapidamente vendida, os baús apareceram outra vez e, no princípio das férias de Verão, fizemos a nossa última viagem em família.

Também eu esperava que fosse um novo começo. Tinha saudades da Irlanda e as visitas da minha avó eram demasiado esporádicas para que o seu amor compensasse a minha vida em Inglaterra. Partimos assim os três de Inglaterra, com diferentes expectativas, empreendendo a viagem de regresso a Coleraine.

Mais uma vez, os meus familiares irlandeses receberam-nos com entusiasmo. A minha avó irlandesa estava à nossa espera na rua com lágrimas de

felicidade nos olhos. A minha mãe, a quem desagradavam as manifestações públicas de emoção, deu-lhe um abraço frio enquanto eu fiquei timidamente atrás. Sabia agora que as casas deles tinham a classificação de “pardieiros” e o seu estilo de vida era completamente diferente daquilo a que a minha mãe estava habituada, mas, para mim, o calor e o afecto que ali encontrava sobrepunham-se totalmente à falta de dinheiro.

Agora que penso nisso, a sala de estar era claustrofóbica e excessivamente aquecida. E a pequena mesa, coberta de jornal novo, era um sinal evidente de miséria. Quando fui à casa de banho exterior, fiquei comovida ao ver um rolo de papel higiénico, sabendo que tinha sido lá colocado por minha causa e por causa da minha mãe. Num prego estavam pendurados quadrados de jornal para aqueles cuja sensibilidade era menos delicada.

A minha família irlandesa deve ter-me considerado uma versão mais jovem da minha mãe. Eu falava como ela, tinha uma postura semelhante à dela e as maneiras da classe média inglesa tinham-me sido inculcadas à nascença. Agora que eu já não era uma criança pequena, devem ter procurado semelhanças entre mim e o meu pai mas não terão encontrado nenhuma. Viam a filha de uma mulher que toleravam por causa do meu pai mas que nunca viam como uma pessoa de família. Como ela, eu era uma hóspede em casa deles, amada por consideração para com o meu pai mas não por mim mesma. Acho que foi por essa razão que chegaram facilmente à decisão final que tomaram a meu respeito dois anos mais tarde.

Estávamos na Irlanda do Norte no final dos anos 50. Estávamos no Ulster, onde nas pequenas vilas cinzentas as pessoas pintavam as bermas dos passeios de vermelho, branco e azul e penduravam orgulhosamente bandeiras nas janelas.

Em casa da minha família, os homens vestiam-se de fato preto e chapéu para marchar no Dia de Orange. Protestantes ferrenhos, os habitantes de Coleraine levantavam-se para cantar o hino nacional, mas detestavam os Ingleses, “os seus senhores decadentes do outro lado do mar”. A Irlanda do Norte estava imbuída de preconceitos e as pessoas conheciam mal a sua própria história. Apesar de a sua aversão aos Ingleses derivar de relatos de horrores durante a fome da batata no século XIX, os professores de História irlandeses deviam ter-lhes ensinado que muitos deles tinham antepassados

católicos que haviam renunciado à fé católica para salvar a pele, comendo a sopa servida pelos protestantes. Fora essa recompensa de caldo aguado para mudarem de religião que criou muitos deles. Mas todos, sem exceção, detestavam os católicos ainda mais do que os Ingleses. Os católicos, que tanto haviam perdido sob o domínio inglês e que ainda eram considerados cidadãos de segunda classe, podiam continuar a sentir orgulho na sua história. Embora as famílias que, como a nossa, descendiam dos chefes tribais que outrora governavam a Irlanda e a defenderam contra a invasão, não o sentiam porque tinham renunciado aos seus antepassados. Nos anos lá passados, durante os quais passei de menina a jovem mulher, aprendi que a religião tem muito pouco a ver com o cristianismo.

Mas era também um país onde as pessoas nas pequenas comunidades procuravam ajudar-se umas às outras. Durante a infância do meu pai, quando a vida era difícil, partilhava-se a comida com quem não tinha que comer. Um país que conhecera anos de crise era também um país, como vim a descobrir, onde uma comunidade inteira era capaz de se unir e a bondade podia dar lugar a uma intolerância inflexível. Aos doze anos, nada disto era visível aos meus olhos; eu via apenas o lugar onde fora mais feliz.

Embora soubesse que a minha família já não me via com os mesmos olhos de três anos antes, continuava a sentir afecto por ela. Fiquei encantada quando os meus avós me disseram que, até os meus pais arranjam casa, eu e a Judy podíamos ficar com eles enquanto os meus pais iam viver com a minha tia, na vila balnear de Portstewart. As casas deles eram demasiado pequenas para nos acolher a todos e portanto, assim que fui de novo matriculada na minha antiga escola, os meus pais partiram e eu procurei adaptar-me às ruas sórdidas da zona degradada de Coleraine.

As crianças eram simpáticas; pareciam sentir-se mais fascinadas do que agressivas em relação às minhas diferenças. Talvez fosse porque sonhavam um dia deixar as suas casas e partir à procura desse quimérico pote de ouro em Inglaterra. Sendo muito novas, viram uma oportunidade preciosa para me encherem de perguntas. Os salários eram tão altos como as pessoas diziam? Havia trabalho em abundância? Assim que saíssem da escola, iam apanhar oferry e viajar para Liverpool ou, os mais aventureiros, para Londres.

Entre as crianças que, com uma simpatia rude, me aceitaram e os meus numerosos parentes que fizeram os possíveis por me fazer sentir bem-vinda, as semanas que ali passei foram tempos felizes. Tinha a liberdade de brincar ao ar livre desde o pequeno-almoço até à hora de deitar, de levar a Judy a passear no parque e jogar críquete, jogo em que desenvolvi um talento para lançar a bola. Semicerrava os olhos, focava aquela bolinha branca e depois apontava para os wickets desenhados nas paredes das casas. Conseguia sempre dois feitos, marcar pontos e obrigar adversários a abandonar o jogo e, o que era mais importante para os adultos, nunca falhava a parede e uma vez acertei numa janela. Com cada bolada, gritava de alegria enquanto a minha equipa me dava palmadas nas costas e me dizia que eu jogava bem “para uma rapariga”.

Sim, foi um Verão feliz, em que a Judy se esqueceu que era uma cadela de raça e se tornou numa cadela de rua, correndo e brincando com a multidão de cães rafeiros que viviam nas ruas da vizinhança, e nunca fui repreendida por aparecer suja à hora do jantar. Ao mesmo tempo, estava ansiosa por voltar para a escola. Lembrar-se-iam de mim?, pensava. Estariam lá as mesmas raparigas? A resposta às duas perguntas era sim.

Adaptei-me sem problemas, sentindo-me parte desta escola. Podia não ser a rapariga mais popular da turma, mas era aceite.

Pouco antes do meu décimo terceiro aniversário, uma semana depois de ter começado o primeiro trimestre, os meus pais foram buscar-me a casa da minha avó. Tinham alugado temporariamente um pré-fabricado em Portstewart enquanto procuravam uma casa para comprar.

CAPÍTULO 18

Embora as professoras tivessem uma relação um pouco distante comigo, não sabendo porquê mas pressentindo em mim qualquer coisa de diferente das minhas colegas, o facto de, no fim dos exames trimestrais, eu ter ficado em primeiro lugar em quase todas as disciplinas mereceu o seu respeito. A minha ambição era ir para a universidade. Na minha opinião, a educação

dar-me-ia liberdade e, sem conhecerem as minhas razões, compreenderam a minha ambição.

Desde a minha hospitalização, ainda me consideravam demasiado delicada para participar nas aulas de Educação Física, períodos estes que podia aproveitar para estudar. Fazia-o na familiar biblioteca da escola que albergava uma extensa colecção de livros de consulta. Ter notas altas era importante para mim; era a única área da minha vida que sentia que dominava, a única parte em que sentia orgulho.

A Dr^a Johnston, a nossa directora, fazia visitas frequentes às salas de aula e funcionava sempre como uma inspiração. Gostava de alargar os horizontes das alunas de formas diferentes. Encorajava-nos a ler sobre política e história, a ouvir música e a escolher livros na biblioteca de autores que recomendava. Ajudava-nos a formar as nossas próprias opiniões e a não ter medo de as expressar.

No início do trimestre, daquele que, sem que eu na altura soubesse, viria a ser o meu último ano na escola, ela anunciou um concurso. Duas listas de tópicos tinham sido afixadas no quadro de informações no grande átrio de entrada. Uma era destinada às alunas com menos de catorze anos, a outra às mais velhas. Fomos aconselhadas a lê-las cuidadosamente, a escolher um tópico que nos interessasse e depois, durante o trimestre, pesquisar e escrever uma composição sobre ele. Teríamos de apresentá-la oralmente perante um colectivo de professores e também os outros concorrentes. O prémio era um vale para um livro, algo que eu cobiçava imenso.

No intervalo dirigi-me ao quadro de informações e li com um certo desdém a lista para as mais novas. Há vários anos que não lia um livro para crianças e todos os tópicos sugeridos pareciam absurdamente infantis. Depois um dos tópicos da lista das mais velhas saltou-me à vista: “O apartheid na África do Sul”, parte de um continente pelo qual eu já começara a desenvolver um fascínio a partir de artigos que lera em enciclopédias.

Fui falar com a vice-directora, uma pessoa sempre mais disponível, pedindo autorização para escolher esse tópico em lugar de qualquer dos temas da categoria inferior. Pacientemente, ela explicou que, se eu escolhesse um tópico das mais velhas, teria de competir contra raparigas, em alguns casos,

mais velhas do que eu cinco anos. Vendo que eu continuava determinada, começou a perder a paciência e informou-me de que não abririam excepções para ninguém.

Continuei, porém, decidida, pois sabia o que queria.

Ela chamou a Dr^a Johnston e explicou-lhe, com uma gargalhada levemente paternalista, a minha pretensão. Surpreendentemente, em lugar de concordar com a vice-directora, a directora desautorizou-a e disse que, se eu estava preparada para trabalhar nas horas livres a pesquisar um tópico ainda não abordado no currículo, me dava licença.

Fiquei satisfeita com a minha vitória, satisfeita por desta vez, pelo menos, ter conseguido o que queria. Contudo, sem que na altura soubesse, tinha arranjado uma inimiga na pessoa da vice-directora, um facto que me viria a causar dissabores no ano seguinte.

Ao iniciar a minha pesquisa, a minha paixão pelo tópico escolhido fortaleceu-se. Li textos sobre o modo como as equipas de operários eram recrutadas para as minas quando se descobriu ouro e diamantes e foi por aí que comecei a minha composição. Escrevi que, quando o homem branco descobriu ouro, também descobriu que era necessário mover muitas toneladas de terra para produzir trinta gramas desse precioso metal. Para realizar a extracção com sucesso, era imperativo dispor de mão-de-obra barata, o que implicava operários negros.

Mas o que motivaria, interrogaram-se, os aldeãos a trabalhar horas intermináveis, em condições duríssimas, quando desconheciam o valor do metal enterrado no solo? Durante séculos, tinham funcionado numa economia de troca e a moeda não tinha para eles qualquer valor. O governo aprovou então uma nova lei declarando que as aldeias seriam tributadas.

Agora que a terra já não pertencia aos habitantes primitivos, o ouro também não, o que os tornou incapazes de pagar os impostos. A única opção que lhes restava era despachar os jovens aos magotes para trabalhar nas minas. As mulheres chorosas foram separadas dos maridos e os filhos dos pais. Eram metidos em camiões que os conduziam aos comboios com destino a futuros incertos, por vezes durante centenas de quilómetros.

Como é que esses homens se sentiriam? Já não podiam experimentar a felicidade de ver os filhos crescer, de sentir o calor dos sorrisos das suas mulheres nem de ouvir as histórias narradas pelos anciãos, histórias que eram transmitidas de geração em geração, mantendo viva a sua cultura e ajudando-os a conhecer a sua história.

Do mesmo modo, também não podiam ao fim do dia sentar-se agradavelmente a observar, maravilhados, a beleza do céu africano, esperando que o sol desaparecesse gradualmente, deixando atrás de si um céu tingido de leves tonalidades róseas, realçadas por tons de escarlata e laranja.

Também não podiam sentir o aroma da comida que as mulheres preparavam em panelas pretas no fogo. Tinham perdido a segurança e o companheirismo das suas aldeias. A própria essência das suas vidas desvanecera-se. Em seu lugar, os seus dias eram passados a trabalhar durante horas intermináveis, esgotantes e muitas vezes perigosas, ouvindo o som estranho de muitas línguas, até regressarem aos seus dormitórios desoladores e sem alma. O despertar era agora controlado pelos seus senhores e não pelo acordar normal das suas aldeias com o nascer do sol.

Aqui rapidamente aprenderam que o orgulho de celebrar o dia em que atingiriam a maioridade lhes era negado. Para o homem branco, tornaram-se para sempre “moços”, nome por que eram tratados.

À medida que eu ia lendo, dei por mim a condenar veementemente a injustiça do apartheid, um sistema exclusivamente criado para beneficiar as raças brancas. Estas tinham começado por se apropriar das terras. Depois dominaram os seus ocupantes originais, restringindo a sua liberdade em todos os sentidos, desde a liberdade de movimento à liberdade que as vantagens da educação podem trazer. Estas ideias e opiniões constituíram a base da minha composição quando eu tinha treze anos.

Porque é que me sentiria tão fascinada com um país sobre o qual até então pouco sabia?

Olhando para trás, compreendo que me identificava com as vítimas, pois era assim que as considerava, percebia o controlo que os europeus exerciam

sobre elas. Reconhecia a arrogância dos homens que acreditavam que, pelo simples facto de existirem, pertenciam a uma raça superior. Já sabia que os adultos também se julgavam superiores às crianças.

Também as controlavam, lhes restringiam as liberdades e as vergavam aos seus desejos.

Os africanos negros, para poderem ter comida nos pratos e tectos sobre a cabeça, dependiam, como eu, de pessoas que, por estarem numa posição de poder, abusavam deles. No meu caso e no caso de muitos deles, recorriam à crueldade para nos fazer sentir impotentes e a nossa impotência dava-lhes uma sensação de superioridade.

Visualizei as pessoas, a quem o país outrora pertencera, a terem de pedir salvo-condutos para visitar as famílias, a terem sempre de desempenhar um papel de subserviência em relação aos seus senhores. Senhores que, em muitos casos, eles desprezavam tanto como eu desprezava o meu. Conseguia imaginar o desespero e a humilhação que deviam ter sentido e identificava-me com esses sentimentos. No entanto, sabia que um dia partiria de casa. Quando fosse adulta, poderia refazer a minha vida mas, para eles, suspeitava, não havia esperança.

No final do trimestre, chegou o dia em que o meu ensaio seria ouvido. Entrei no salão onde os juízes de toga preta estavam sentados à esquerda. As alunas do décimo e do décimo primeiro ano estavam viradas para mim enquanto as do décimo segundo, com as suas elegantes camisas verdes e meias de nylon, estavam sentadas à direita.

Consciente do meu vestido encorruilhado e meias pelo joelho, subi os dois degraus para o estrado, agarrada ao ensaio para o qual tinha passado o trimestre a pesquisar. Por ser a mais nova fui a última concorrente nesse dia.

Nervosamente, abri o trabalho e senti a voz falhar-me ao começar a ler. À medida que a paixão que eu sentia pelo tópico escolhido me ia acalmando os nervos, senti o ambiente na sala passar da impaciência e indiferença divertida ao interesse. Pelo canto do olho, vi os juízes debruçarem-se para me ouvirem melhor. Percebi que tinha ganho antes do anúncio da Dr^a

Johnston.

A minha cara abriu-se num sorriso triunfante. A expressão gélida dos olhos negros da vice-directora não estragou a felicidade e o orgulho que senti naquele momento.

A directora felicitou-me ao entregar-me o prémio e romperam então mais palmas quando desci do estrado. Nunca me tinha sentido tão apreciada.

Nessa tarde, apanhando o autocarro para casa, reconfortada com a alegria do sucesso, entrei na casa vazia, onde o ambiente era sempre frio. Fiz algumas festas na cabeça da fiel Judy, relatando-lhe o meu dia, e depois abri-lhe a porta para ela ir brincar no pequeno jardim.

O meu pai, que eu sabia não estar nesse dia a trabalhar, tinha saído. Ia buscar a minha mãe, como era seu hábito nos dias de folga, e voltariam juntos. Comecei a minha rotina de tirar o uniforme, pendurando cuidadosamente o vestido e trocando-o por uma saia velha e uma camisola grossa. Esvaziei as cinzas da noite anterior da bojuda salamandra preta e acendi cautelosamente um fogo. Quando este pegou, dirigi-me à pequena e sombria cozinha, onde lavei a loiça do dia anterior. Por fim, preparei um tabuleiro de chá para que os meus pais tivessem chá à espera assim que entrassem em casa.

Terminadas estas tarefas, tencionava chamar pela Judy para ela se sentar aos meus pés enquanto fazia os deveres. Queria contar à minha mãe a minha proeza, queria que ela me abraçasse com orgulho, coisa que há muito tempo não fazia.

Ouvi o carro do meu pai estacionar e rapidamente deitei a água que estava a ferver sobre as folhas de chá no bule. Quando eles entraram, comecei a dar-lhes a notícia.

- Mamã - disse eu -, ganhei o prémio. O meu ensaio foi o primeiro da escola toda.

- Que bom, querida - foi a sua única resposta ao sentar-se a tomar o chá.

- Que prémio foi esse? - perguntou o meu pai.

- O meu ensaio sobre o apartheid na África do Sul - quase gaguejei, sentindo a felicidade dissipar-se quando reparei no seu olhar escarninho.

- Qual foi o prémio? - insistiu ele.

- Um vale para um livro - respondi, percebendo ao mesmo tempo, com um desalento terrível, qual seria o resultado.

- Dá-o à tua mãe - ordenou ele. - Pode ajudar a pagar os teus livros escolares. Uma rapariga crescida como tu tem de contribuir.

Olhando para ele, tentei disfarçar o desprezo que sentia pois não só vi o meu pai, mas também aquilo que ele representava: um crasso abuso de autoridade. Observando a minha mãe, que com o seu silêncio concordava com ele, compreendi como ela se vergava à sua tirania. Olhei para a cara presumida e superior dele e senti uma tal onda de ódio que mal consegui aguentar-me de pé. Dei comigo a dirigir uma oração silenciosa a um Deus em que já não acreditava para que pusesse fim à sua vida.

Por um fugaz momento, veio-me à mente a imagem de uma vida sem ele, em que eu e a minha mãe éramos novamente felizes. Continuava convencida de que as acções da minha mãe eram completamente controladas por ele. Observando a mãe que adorava, pensei que a vida seria com certeza melhor sem ele. Vi-a cumulá-lo de atenções e depois apercebi-me de um sorriso íntimo de amor na sua cara, um sorriso que guardava só para ele. A mim nunca dirigia sorrisos daqueles.

Foi nesse momento que finalmente compreendi que a razão por que a minha mãe continuava com ele era porque era esse o seu desejo. De repente percebi que ela sacrificaria tudo para ficar com o homem com quem tinha casado, para o agradar e fazer feliz.

Nessa noite, eu, que durante anos sempre culpara o meu pai e nunca vira defeitos na minha mãe, vi-a apenas como uma pessoa fraca. Parecia ser uma mulher que não só deixara passar a oportunidade de uma vida normal e feliz, mas que se tinha perdido por causa do amor que nutria pelo meu pai. Percebi nesse momento que não era fraca como a minha mãe. O meu sucesso nesse dia tinha-mo provado. Só venci porque fiz frente à vice-directora para

defender o que queria. Fiz então a mim mesma a promessa de que ninguém controlaria as minhas emoções. Guardaria o meu amor para os filhos que esperava ter e para os meus animais.

Nunca deixaria que isso me enfraquecesse, nunca permitiria que ninguém se aproximasse tanto de mim. Foi uma decisão que viria a ensombrar a minha vida durante muitos anos.

CAPÍTULO 19

As rotinas entorpecedoras do hospital faziam com que os dias se sucedessem indistintamente, e os primeiros dez passaram sem que eu me desse realmente conta.

O sono abandonava-me cedo quando o desconforto da cadeira me recordava onde estava.

Recuperando a consciência, antes de abrir com relutância os olhos, ouvia a respiração da minha mãe e interrogava-me se, durante o sono, ela teria finalmente renunciado ao frágil fio que a prendia à vida. Em parte, esperando e, em parte, temendo a resposta, fazia um esforço para olhar, dando com os seus olhos a fixar pacientemente os meus, à espera que eu acordasse.

Tinha de a ajudar a ir à casa de banho. Com um braço em volta do seu ombro e outro debaixo do braço, percorríamos lentamente a distância de dois metros. O regresso da casa de banho implicava outra caminhada agonizante de tão vagarosa para a cadeira dela onde, uma vez sentada, ela se reclinava com um suspiro, esgotada ainda antes de o dia começar.

À minha volta, eu ouvia o murmúrio de vozes, as passadas discretas de solas de borracha, o rangido de uma porta a abrir e um rádio a tocar música enquanto o hospital ganhava vida.

Esperávamos, a minha mãe na cadeira, eu na beira da cama, pelo som de um carrinho. Era a chegada e a partida desses objectos inanimados, empurrados

por enfermeiras sorridentes ou benévolas voluntárias, que marcavam a passagem do tempo.

Quatro pares de olhos abriam e focavam a porta quando se ouvia o som do primeiro. Vinha com a medicação que anulava a dor adormecida que a consciência havia despertado.

O segundo era o ansiado carrinho com o chá. Com as mãos em redor da chávena quente, eu bebericava o líquido fumegante enquanto esperava pelo terceiro, o que me trazia a mim uma breve pausa e o pequeno-almoço às doentes.

Quando este chegava, aproveitava para escapar. Primeiro para um balneário, onde a minha tensão se dissipava um pouco sob um jacto de água potente. Depois ia até ao salão onde, armada com uma caneca de café forte, lia o jornal diário numa agradável solidão. Não havia letreiros de proibição de fumar porque para estes doentes o tabaco já não constituía um problema.

Ninguém comentava quando um doente de dedos amarelados retirava a máscara de oxigénio para substituir o ar por nicotina, levando com dedos trémulos um cigarro aos lábios exangues e tirando uma profunda fumaça. Eu retirava um maço do bolso e, aliviada, inalava com um suspiro de prazer. A ideia de que talvez estivesse no lugar certo para abandonar o vício desaparecia-me do espírito enquanto satisfazia momentaneamente o meu desejo.

O ruído do carrinho a regressar penetrava a minha solidão. Sabia que viria carregado de pratos ainda cobertos com os resíduos das corajosas tentativas para comer quando já não restava qualquer sombra de apetite.

Seguiam-se as muito ansiadas visitas dos médicos. Quando eu voltava para a enfermaria, via como quatro das senhoras em fase terminal se animavam visivelmente na presença de um jovem atraente. Qualquer esperança de voltar para casa desvanecera-se dos seus espíritos: tanto elas como ele sabiam que qualquer hipótese de cura tinha cessado no dia em que foram admitidas. A única coisa que lhes restava eram as perguntas diárias sobre o controlo da dor e os ajustes, quando necessário, à medicação. Aqui, com bondade e compaixão, a última viagem era suavizada.

Pequenas vitórias proporcionavam-me momentos fugazes de triunfo, como um brilho nos olhos da minha mãe depois de a ter convencido a ir na cadeira de rodas à cabeleireira que estava de visita, a receber uma massagem com óleos aromaterapêuticos ou a deixar que uma esteticista voluntária lhe arranjasse as unhas. O prazer de uma hora, em que era temporariamente apapericada, eclipsava a memória da dor e a expectativa do desfecho inevitável.

As tardes traziam consigo a visita diária do meu pai. Não aparecia o bom pai nem o mau pai, mas, em seu lugar, um velho agarrado a um ramo de flores, comprado à pressa numa estação de serviço, mais competente a abastecer automóveis do que a fazer arranjos de flores. Um velho que olhava com ternura e desespero para a única pessoa que, tanto quanto era capaz, amara e que, por sua vez, tanto sacrificara para ficar com ele. Ele abrandava o passo e o seu rosto cobria-se de tristeza ao ver a mulher morrer, pouco a pouco, dia a dia.

A piedade que sentia por ele misturava-se com as minhas recordações nocturnas e o meu passado e o meu presente colidiam.

Ao décimo primeiro dia, a minha mãe estava demasiado fraca para se deslocar à casa de banho.

Ao décimo segundo, já não era capaz de comer sozinha.

Como, nesse passado distante, implorara secretamente que um adulto lesse nos meus olhos a necessidade desesperada que sentia, também agora lhe implorava secretamente que me pedisse perdão. Sabia que só isso a ajudaria a soltar esse delgado fio que a ligava à vida.

O passo lento do meu pai redobrava quando ele se aproximava da cama, esboçando somente para ela um sorriso que disfarçava os seus sentimentos. O laço palpável que os unia era uma força com energia própria que sugava a minha. Considerava o salão como o meu santuário, um livro como meu companheiro, enquanto o café e os cigarros eram os meus sedativos.

O meu pai veio finalmente ter comigo.

- Antoinette - ouvi-o dizer com um registo de súplica na voz de que nunca o julgara capaz -, ela nunca mais vai voltar para casa, pois não?

Olhei para os olhos marejados de lágrimas daquela alma atormentada, onde a perfídia se albergava adormecida, substituída pela mágoa perante a sua perda iminente.

Fatigada, não procurando nem desejando este confronto, respondi: - Não.

Quando vi a dor que os seus olhos revelavam, sentime involuntariamente invadida de compaixão; a minha memória viajou décadas através do passado até à lembrança do bom pai, do pai alegre e atraente que há tantos anos nos tinha ido esperar ao cais. Recordei com tristeza como o amara então, quando ele me erguera no ar e beijara a minha mãe. Como se esse fugaz momento estivesse congelado no tempo, vi novamente a minha mãe a irradiar optimismo e como, ao longo dos anos, as suas esperanças se haviam esboroadado. Uma terrível tristeza ameaçou tomar conta de mim enquanto pensava como era possível que duas pessoas, capazes de tanto amor uma pela outra, tivessem acabado por sentir tão pouco pela filha que haviam trazido ao mundo.

- Eu sei - continuou ele -, cometi actos terríveis. Mas será que podemos ser amigos ?

Muitos anos tarde de mais, pensei. No passado desejara amor. Estava sedenta dele. Agora nunca to poderia dar.

Uma lágrima escapou-lhe do olho e correu livremente pela sua face. A sua mão salpicada de manchas senis tocou ao de leve na minha e, por um momento, cedi e disse simplesmente: - Sou a tua filha.

CAPÍTULO 20

A Páscoa chegara, trazendo consigo um Verão precoce que projectava uma aura dourada sobre a paisagem e encheu a nossa casa de uma sensação de optimismo. Durante várias semanas, o meu pai manteve o mau génio sob

controlo e o homem jovial, que os amigos e a família viam sempre, pareceu uma presença constante. A minha mãe, feliz com a sua boa disposição, tornou-se mais terna e calorosa comigo. No fim de contas, eu devia estar a fazer alguma coisa bem, pois era sempre o meu comportamento que suscitava os seus ataques de fúria; embora ela nunca tivesse explicado exactamente o que eu fazia de mal.

Pouco antes das férias, os meus pais foram viver para uma casa própria. Tinham finalmente encontrado uma pequena casa, acessível aos recursos que possuíam, nos arredores de Coleraine. A minha mãe tinha agora um emprego de que gostava e o meu pai tinha finalmente comprado o carro dos seus sonhos - um Jaguar em segunda mão que poliu com amor antes de ir a casa da família exibilo. A agitação que provocou na rua dos meus avós cobriu-lhe as faces de um rubor de prazer, como acontecia quando era alvo da admiração que nunca deixou de desejar.

O contentamento da minha mãe reflectia-se no seu trautear constante das famosas melodias de Glenn Miller da sua juventude. Como o optimismo é contagiante, eu própria tinha partido à procura de trabalho para as três semanas de férias. Arranjei emprego numa padaria local.

Queria independência e queria dinheiro para gastar.

Sentime tão orgulhosa de mim mesma quando o meu primeiro salário me foi pago num envelope castanho que, no meu dia de folga, comprei uma colecção de enciclopédias em segunda mão e uns jeans. Era o começo da era da moda adolescente e eu queria trocar o meu uniforme escolar pelo da cultura jovem. A seguir, foram as sabrinas e uma blusa branca.

Quando as férias da Páscoa terminaram, a loja acedeu em dar-me trabalho aos sábados. Sabia, com essa promessa, que poderia poupar o suficiente para comprar uma bicicleta. Desta vez, estava determinada em não a emprestar ao meu pai. Como ele agora tinha um carro que adorava, achei que não tinha grandes motivos de preocupação. Os meus pais pareciam satisfeitos com a minha actividade e, embora estivesse sempre com medo que me pedissem para lhes dar o dinheiro ganho a custo durante esse período de contentamento, nunca o fizeram. A minha mãe até admirava a roupa que eu comprava.

Reinava em casa um ambiente de felicidade como não acontecia há muito tempo; eu fizera amizades na escola e, pensando nisso mais tarde, acho que os meus pais consideravam importante que a minha vida parecesse a de uma adolescente normal. Por fora, era. Mas por dentro continuava a ser muito longe do normal. Tinha-me habituado a gostar de whisky; uma bebida que entorpecia a dor e me levantava o ânimo. Mas também causava uma certa falta de energia. “Humores adolescentes” e “aquela altura do mês” tornaram-se os eufemismos da minha mãe para os meus frequentes acessos de depressão e letargia. Sobrepunham-se à felicidade que eu sentia por ter amigas e à independência proporcionada pelo trabalho, tornando os dias cinzentos e as noites, com os seus recorrentes pesadelos, assustadoras.

Sonhos aterradores em que era perseguida, caía e ficava indefesa obrigavam-me a acordar, e eu permanecia deitada, alagada em suor, não querendo voltar a adormecer com medo que voltassem.

As exigências frequentes do meu pai eram agora uma constante na minha vida; um acto repelente que eu tentava expulsar da ideia enquanto engolia a bebida que sempre se lhe seguia. Ele divertia-se com o facto de eu rejeitar o sexo e pedir sempre mais whisky. Era um pedido que ele geralmente recusava pois detinha o controlo da garrafa e distribuía a bebida em pequenas doses várias vezes por semana, permitindo que o meu gosto por ela fosse aumentando. Eu ainda era demasiado nova para poder comprar whisky; ainda tive de esperar três anos para isso.

Os domingos começaram a ser um “dia de passeio em família”. O meu pai metia-nos no carro com a Judy, agora uma cadela de meia-idade, ao meu lado no banco de trás. Os vizinhos viam a nossa família feliz a afastar-se pela rua fora e a virar em direcção à vila balnear de Portstewart. O meu pedido para ficar em casa, apenas proferido uma vez à minha mãe, suscitara uma ira tão grande que nunca mais o repeti.

- Quando o teu pai trabalha tanto - exclamou ela - e, neste único dia de folga, quer fazer qualquer coisa de agradável connosco. És uma ingrata. Nunca te hei-de entender, Antoinette.

E foi provavelmente uma das coisas mais verdadeiras que ela alguma vez me disse.

Quando chegávamos a Portstewart, fazíamos um piquenique que consistia em chá, conservado quente numa garrafa-termo, e sanduíches embrulhadas em papel-manteiga.

Depois de alguns momentos para digerir a comida, fazíamos uma caminhada revigorante. A Judy, convencida de que era uma cachorrinha, corria livremente, latindo excitada a todas as gaivotas que via, enquanto eu corria atrás dela e os meus pais caminhavam vagarosamente atrás.

Depois de cada passeio, a minha mãe emitia sempre a mesma ordem.

- Já disseste obrigada ao papá, querida? - E eu resmungava o meu agradecimento ao homem sorridente que tanto detestava e temia.

Naquele tempo, antes de haver uma televisão em todos os lares, as idas ao cinema eram comuns enquanto entretenimento familiar, pelo menos eram-no na nossa família. Eu adorava filmes. Sempre que os meus pais decidiam ir ver o filme mais recente, esperava que me convidassem. Era raro isso acontecer.

Aos catorze anos, ainda não me deixavam sair à noite a não ser que fosse tomar conta dos filhos de algum dos nossos parentes. Por vezes, conseguia ir às escondidas a uma matinée, a pretexto de ir fazer pesquisa para a biblioteca sobre um tópico qualquer, e sentava-me extasiada, apreciando o tempo que tirava para mim mesma.

As férias da Páscoa tinham mais uma vez chegado ao fim quando a minha mãe me surpreendeu com um convite.

- Antoinette, o papá quer levar-nos a sair às duas logo à noite, vai depressa arranjar-te - foi assim que se dirigiu a mim quando voltou do trabalho com ele ao seu lado.

Ele tinha-se levantado da cama uma hora antes, deixando-me ainda no quarto, para ir buscá-

la. No momento em que a porta da rua se fechou, fui lavar-me, escovando insistentemente os dentes e a língua para eliminar o cheiro a whisky antes de

arranjar a cama e preparar o tabuleiro do chá. Depois, mais uma vez com o uniforme escolar vestido, esperei que chegassem. Guardava a minha melhor roupa para sair e, como não tinha muita mais, era o uniforme que usava em casa durante o tempo de aulas; só mudava de roupa quando saíamos.

Nessa tarde, ele descuidara-se na dose de bebida que me tinha dado porque estava bem-disposto. Tinha ganho uma aposta nas corridas de cavalos e, como vim a saber mais tarde, o seu acesso de boa disposição tornara-o descuidado em mais do que um aspecto.

Sentindo-me indolente e levemente enjoada, despi rapidamente o vestido do uniforme e atirei-o para cima da cama, onde me apetecia enfiar-me e dormir. Nem a ideia de uma ida ao cinema me cativava.

O filme, um dos preferidos do meu pai, era um western, mas eu mal conseguia concentrar-me na acção. Uma dor de cabeça, que tinha começado como um ligeiro incómodo atrás dos olhos, avançara para o pescoço, fazendo-me retrair com as detonações das armas sempre que rebentava um tiroteio. Queria tapar os olhos quando o volume da música subia a anunciar um momento de suspense; cada novo ruído era como uma faca a espetar-se-me na cabeça. Foi um alívio quando as luzes se acenderam e o hino nacional tocou. Só queria escapar para ir dormir.

Mas, no regresso a casa, a minha escapadela foi adiada porque os meus pais me mandaram ir fazer chá. Sobre o assobio da chaleira, ouvi um ruído que me paralisou de medo. Foi um rugido terrível de fúria que chegou do meu quarto.

- Antoinette, anda já cá acima, minha menina - foram as palavras carregadas de raiva que ouvi o meu pai atroar do alto das escadas. Sem saber o que tinha feito de mal, subi, com a cabeça ainda a latejar e uma sensação de agonia no estômago.

Ele estava aos pés da minha cama a apontar para o objecto ofensivo, o vestido do meu uniforme.

- Achas que andamos a nadar em dinheiro para enxovalhares assim roupa boa como essa? -

gritou ele, preparando-se para me bater.

Quase tropeçando com a pressa, furtei-me, dei meia-volta e desci as escadas a correr. Tinha esperança de que, desta vez, a minha mãe me protegesse, pois sabia que esta explosão dele não era normal. Os seus olhos estavam arregalados de ódio. Percebi que tinha perdido o controlo; queria magoar-me a sério. Alcançou-me mais depressa do que imaginei, escorregando no último degrau, o que intensificou a sua fúria. Com mais um passo, esticou o braço e apanhou-me. Agarrou-me pelo cabelo que me dava pelos ombros; o meu corpo retesou-se de dor quando ele me levantou no ar e eu senti madeixas de cabelo desprenderem-se-me do couro cabeludo. Gritei e senti depois o ar sair-me dos pulmões quando ele me atirou de costas para o chão. Ainda estava aos berros, a saliva a acumular-se nos cantos da sua boca e a cair-me para a cara. Vi-lhe os olhos vermelhos, agora vidrados com a ira, senti-o pôr-me as mãos em volta do pescoço e percebi que me queria estrangular.

Imobilizou-me com o joelho e, largando-me uma mão do pescoço, enquanto a outra mantinha a pressão, começou a dar-me murros atrás de murros. Atingiu-me nos seios e na barriga e a frase “Precisas de aprender uma lição, minha menina” tornou-se uma espécie de cântico entoado uma e outra vez.

Vi estrelas à frente dos olhos e depois ouvi a voz da minha mãe a gritar num misto de medo e fúria: - Paddy, larga-a.

Os seus olhos desanuviam-se e ele afrouxou a pressão à volta do meu pescoço. Aturdida e chocada, registei a cena; vi a minha mãe com o rosto branco, os olhos carregados de fúria, a faca do pão firmemente segura na mão. Estava apontada para ele e ela repetiu a ordem até os olhos dele focarem a lâmina. Por um momento, ficou completamente imóvel, o que me deu alguns segundos para me afastar de rastos.

Por um breve instante, tive esperança. Era impossível que ela não fizesse agora o que a tinha ouvido ameaçar nas suas muitas discussões - deixá-lo e levar-me com ela. Ou, melhor ainda, mandá-lo embora a ele. Mas então, mais uma vez, a esperança morreu. Em lugar de ouvir o que esperava, ouvi palavras que, no meu torpor, mal compreendi.

- Sai daqui para fora, Antoinette! - gritou ela.

Mesmo assim, continuei agachada, convencida de que, se não me mexesse, eles não me veriam. Vendo que eu não me mexia, ela arrastou-me pelo braço com toda a força de que foi capaz, abriu a porta e, com um empurrão, atirou-me para a rua.

- Não voltes esta noite - foram as suas últimas palavras antes de me fechar a porta violentamente na cara. Fiquei na rua, o meu corpo dorido da força dos golpes dele, tiritando de medo e do frio da noite. O choque e o terror deixaram-me paralisada por alguns segundos e apoderou-se de mim um pânico impotente. Para onde havia de ir? Sabia muito bem que não me adiantava ir pedir ajuda a um familiar. Se pedisse, recebia um castigo pior ao regressar.

Ele era o filho, o irmão, o sobrinho, que nunca fazia nada de mal e eu seria considerada uma mentirosa, uma desordeira, e ninguém acreditaria em mim. Limitar-se-iam a levar-me outra vez para casa. Compreendi isto, pensando durante alguns momentos, até que o medo me pôs asas nos pés e desatei a correr na noite.

Fui para o apartamento que Isabel, uma das nossas professoras, partilhava com uma amiga.

Entre soluços e lágrimas, disselhes que tinha tido uma discussão terrível com os meus pais por ter deixado o quarto desarrumado e estava com medo de voltar para casa. Elas foram compreensivas; eram professoras recém-formadas e sabiam como os pais, na Irlanda, podiam ser tiranos. Os seus esforços para me tranquilizarem, dizendo que tudo passaria naturalmente e que, no fundo, os meus pais deviam estar preocupados comigo, só provocaram um novo acesso de choro. Ligaram à minha mãe para a informar do meu paradeiro. Disseram-me que ela não estava zangada, apenas aliviada por eu estar em segurança, mas como era muito tarde, deu-lhes autorização para eu lá ficar. O meu pai tinha saído para o trabalho, disselhes ela, transtornado com o meu comportamento e o meu desaparecimento. Pensou que eu tinha ido para casa dos meus avós e que estaria portanto tudo bem. Eu estava naquela idade em que não lhe demonstrava respeito nenhum. Devia ir imediatamente para casa de manhã e ela trataria de mim e, claro, depois iria

como sempre para a escola. Pediu desculpa pelo inconveniente, dizendo-lhes que eu só arranjava sarilhos em casa, enchendo-a de constantes preocupações e insónias.

Se elas ficaram surpreendidas que uma criança, conhecida pelo seu bom comportamento na escola, pudesse ser tão malcomportada fora dela, não fizeram qualquer comentário.

Prepararam uma cama no sofá para mim e eu caí rapidamente num sono profundo. De manhã, emprestaram-me o dinheiro para o bilhete de autocarro para a minha viagem de regresso a casa. Lembrando-se de que eram adultas responsáveis e eu pouco mais que uma criança, fizeram-me recomendações para que me portasse bem, enquanto eu, com uma sensação agonizante de terror, abandonei a segurança do apartamento delas e me dirigi para a paragem do autocarro.

O meu pai tinha voltado do seu turno da noite e já estava na cama quando cheguei a casa e bati à porta. A minha mãe deixou-me entrar em silêncio, com um olhar de reprovação na cara, e depois preparou-me o pequeno-almoço. Disse-me que tinha dormido mal por minha causa; depois pediu-me para me esforçar mais por me dar bem com o meu pai.

- Não aguento muito mais - disse ela. - Estou farta das consumições que me dás; farta das coisas que fazes para o aborrecer.

Sob a superfície, pensei entrever o medo dela; nessa noite, o meu pai tinha ido longe de mais.

Só a intervenção dela tinha impedido um potencial escândalo ainda pior do que aquilo que se seguiria.

Embora, durante todos esses anos em que me espancava, ele nunca lhe tivesse posto as mãos em cima, ela deve ter finalmente compreendido aquilo de que ele era capaz. Foi a única vez em que ela mencionou os acontecimentos dessa noite e, à tarde, voltei para casa, encontrando o meu pai à minha espera.

- Vou contar às pessoas - disse eu, num fio de voz, tentando fazer-lhe frente. - Vou contar se me tornares a bater.

Ele riu-se de mim; uma gargalhada que não denunciava qualquer medo. Depois respondeu calmamente: - Antoinette, ninguém ia acreditar em ti. Se deres à língua, minha menina, quem se arrepende és tu. Toda a gente vai deitar as culpas para cima de ti. Nunca abriste a boca, pois não? Não abriste a boca durante muitos anos.

O meu silêncio foi suficiente para ele continuar com uma nota de triunfo na voz.

- Por isso, és tão culpada como eu. A tua família vai deixar de gostar de ti. Se trouxeres a desonra a esta casa, a tua mãe não te há-de querer mais. Vais ser posta daqui para fora, vais para um lar e nunca mais vais ver a tua mãe. Vais viver com estranhos; estranhos que sabem que és má. É isso que queres? É?

Vi mentalmente a imagem de pessoas zangadas, olhando-me com desdém, e senti a desolação de um mundo estranho sem a minha mãe.

- Não - sussurrei, com medo do futuro que ele acabara de me pintar. Tinha ouvido histórias sobre o tratamento dado a pessoas nos lares depois de os pais as entregarem. Sabendo que tinha vencido mais uma vez, ele sorriu de satisfação.

- Portanto, se não queres mais do que apanhaste ontem à noite, porta-te bem. Agora desaparece-me da vista. Vai lá para cima até eu sair. Não tenho mais nada a dizer-te.

Obedeci-lhe.

- E não deixes o teu quarto desarrumado, ouviste, Antoinette? - A voz dele continuou a zombar de mim do fundo das escadas e eu sentei-me na beira da cama até que a respiração dele me fez saber que tinha adormecido.

Dominada pela inércia, sentindo que a minha força interior me tinha abandonado desde a tarefa, tentei o mais possível evitar os meus pais. Tinha

o meu emprego de sábado e as minhas visitas aos meus avós, que ele não me podia negar. Mas os pedidos para estar com as minhas amigas em Portrush eram frequentemente recusados e os passeios de bicicleta, que sempre me haviam acalmado no passado, eram agora muito controlados. Reinava em casa um ambiente estranho e o temperamento imprevisível do meu pai, que tantas vezes degenerava em raiva, parecia ter-se transformado em algo ainda mais sinistro. Sentia muitas vezes os olhos dele fixos em mim, em parte uma expressão que me era familiar, mas atrás da qual se escondia uma outra que me era desconhecida e me enchia de medo.

Um dia, estava eu em casa há uma semana nas férias de Verão, a minha mãe estava a preparar-se para sair para o trabalho. Sabia que o meu pai tinha voltado para casa mais cedo e estava na cama. No meu quarto, imediatamente do outro lado do patamar em relação ao deles, tinha-o ouvido primeiro entrar na casa de banho, urinar sem fechar a porta e depois dirigir-se ruidosamente para o quarto. Quando ouvi o estalido da porta a fechar, que anunciava a partida da minha mãe, desci sorrateiramente ao andar de baixo. O mais silenciosamente que pude, acendi o fogão para ferver água para me lavar e tomar o chá da manhã e depois liguei o grelhador para fazer uma torrada. Nesse momento, a voz dele ribombou lá de cima.

- Antoinette, anda cá a cima.

Senti o pânico crescer enquanto subia, estacando em silêncio à porta dele.

- Faz-me um chá e trá-lo cá a cima.

Virei-me para ir.

- Ainda não acabei, minha menina.

Senti um nó na garganta, que ameaçava sufocar-me, tornando as palavras impossíveis, ao virar-me para olhar para ele e dar com o seu olhar escarninho. Ele sorriu-me sem ponta de humor.

- Também me podes trazer umas torradas.

Como um robô, preparei-lhe o chá e as torradas. Levei-lhe o tabuleiro ao quarto. Afastando para o lado o cinzeiro a transbordar e o maço de cigarros, pousei o tabuleiro na pequena mesinha-de-cabeceira e rezei para que ele não quisesse mais nada, sabendo que isso não ia acontecer.

Pelo canto do olho, reparei, com uma sensação de repulsa, no seu peito pálido e cheio de sardas, nos pêlos agora grisalhos a sair da sua camisola interior suja e senti o cheiro desagradável do seu corpo que se misturava com o cheiro entranhado a tabaco a pairar no ar.

Depois senti a sua excitação.

- Despe-te, Antoinette. Tenho um presente para ti. Despe a roupa toda e devagar.

Virei-me para olhar para ele. Ele nunca me tinha pedido isto. Os olhos dele zombavam de mim e aviltavam-me.

- Antoinette, estou a falar contigo, tira já a roupa - repetiu ele entre ruidosos goles de chá.

De súbito, levantou-se da cama, só com a camisola interior suja vestida e a erecção a projectar-se por baixo da grande barriga. Vendo que estava relutantemente a obedecer-lhe, sorriu, aproximou-se de mim e deu-me uma violenta estalada nas nádegas.

- Toca a despachar - sussurrou.

Sempre a olhar para mim, enquanto eu estava ali paralisada como um coelho apanhado num clarão repentino, a minha roupa num monte no chão, sentindo um impulso irresistível para fugir mas não tendo a força de vontade nem qualquer sítio para onde ir, ele pegou no casaco, tirando uma pequena embalagem do bolso, como todas as outras que eu tinha visto antes.

Abriu-a, tirou o pequeno objecto em forma de balão e enfiou-o no membro inchado. Durante alguns segundos, agarrou-me na mão, segurando nela enquanto colocava o preservativo e forçando depois os meus dedos rígidos a moverem-se para cima e para baixo até ele ficar bem encaixado.

De súbito, largou-me, agarrou-me firmemente pelos ombros e atirou-me para a cama com tal violência que o colchão abanou e rangeu nas velhas molas de espiral. Segurou-me nas pernas, abriu-as e levantou-as, e penetrou-me até ao fundo, causando-me uma dor lancinante. Os meus músculos esticavam-se a cada movimento seu. As mãos calejadas agarraram-me nos seios, que ultimamente estavam muito doridos, torcendo-me os mamilos com uma fúria que o excitava cada vez mais, enquanto me babava a cara e o pescoço. Senti os pêlos ásperos do seu queixo por barbear a arranhar-me a pele. Mordi o lábio para não lhe dar a satisfação de me ver a chorar. Todo o meu corpo tremia com os seus movimentos e, com os punhos cerrados, fechei os olhos com força para não deixar escapar as lágrimas. O seu corpo foi tomado de espasmos quando atingiu o orgasmo e, com um gemido, separou-se de mim.

Apressei-me a sentar-me. Ao baixar-me para apanhar a roupa, vi o seu pénis murcho; pendurado na ponta estava o pequeno bocado de borracha esbranquiçada. Senti um nó na garganta que, quando corri para a casa de banho, se transformou em bÍlis quente, queimando-me a garganta e jorrando num jacto para a retrete. Quando percebi que já não havia nada dentro do meu corpo para expulsar, e não querendo esperar que a água fervesse, enchi o lavatório de água fria.

Olhando para o espelho, vi um rosto pálido, com olhos cheios de lágrimas e manchas vermelhas no queixo e no pescoço, a fitar-me com uma expressão de desespero. Lavei-me repetidas vezes, mas o cheiro dele continuava entranhado em mim ao ponto de me convencer que se tinha apoderado para sempre do meu corpo.

O ruído dos seus roncos satisfeitos ressoava do quarto dos meus pais quando descí ao andar de baixo, pensando que pelo menos ele passaria várias horas a dormir, o que me permitia escapar de casa.

Abrindo a porta ao ar fresco, deixei a Judy sair. Sentada na relva, pus os braços à volta do pescoço dela, encostei a face à sua cabeça e deixei as lágrimas correr. A Judy, pressentindo o meu desespero, lambeu-me várias vezes a cara para me demonstrar que me amava. Era muito diferente da baba do meu pai.

Quando é que isto vai acabar? - perguntei a mim mesma num desânimo desesperado.

Incapaz de suportar estar perto dele, peguei na bicicleta, que ainda pouco tempo antes me transmitira uma enorme sensação de vitória quando a tinha comprado com o meu próprio dinheiro, e apática afastei-me a pedalar.

Andei sem rumo, até as ruas e as casas darem lugar aos campos. Tive de desmontar duas vezes, deixando a bicicleta na berma da estrada, sentindo a bÍlis subir-me de novo à garganta e fazendo-me vomitar até as lágrimas me rolarem pelas faces, mesmo depois de o fio amarelo de bÍlis ter secado.

Passei parte desse dia sentada num campo, com um vazio na cabeça, até que por fim, fatigada, voltei para casa para me ocupar das lides domésticas antes de a minha mãe regressar do trabalho.

CAPÍTULO 22

Tinha a certeza de que estava doente. Parecia que a náusea não me abandonava em nenhum momento do dia. Ao levantar-me, corria para a sanita e vomitava até nada restar dentro de mim. A noite, ficava com o cabelo empastado, com a cabeça e o pescoço cobertos de suor.

Formavam-se-me na testa e no lábio superior gotas de humidade e todo o meu corpo era percorrido por arrepios de frio. Havia dentro de mim um medo, uma sensação de desgraça iminente, enquanto o meu corpo parecia mais pesado e mais fraco. Os meus seios doÍam ao toque, o meu estômago rejeitava a comida, mas parecia inchar com a falta dela. Agora, o cós das minhas calças novas apertava-me, causando-me o aparecimento de vergões vermelhos na pele clara.

A fúria da minha mãe tornou-se uma presença constante e palpável, sempre que eu andava por perto, enquanto os olhos do meu pai pareciam seguir todos os meus movimentos. À noite, quando ele estava a trabalhar, instalava-se um silêncio constrangedor até que finalmente a minha mãe admitiu saber que eu estava doente.

- Antoinette - disse ela um dia, quando me sentei para tentar ler -, vai ao médico amanhã.

Levantei os olhos para ela, esperando ver preocupação, mas vi apenas um rosto inexpressivo em cujos olhos se escondia uma emoção que não consegui definir.

No final dos anos 50, quando se ligava para um consultório médico, conseguia-se imediatamente consulta. A minha chamada logo de manhã cedo resultou numa espera nervosa, na sala de espera do médico, às onze horas. A enfermeira que me acompanhou lançou-me um sorriso amável que, quando saí, menos de meia hora mais tarde, fora substituído por uma expressão de gélido desdém.

O médico de serviço nesse dia não era o homem idoso que me tinha examinado em ocasiões anteriores, mas um homem novo e atraente, com cabelo loiro caído e espantosos olhos azuis.

Apresentando-se como um substituto do médico de família, fez-me sinal para que me sentasse numa cadeira colocada à sua frente. Separava-nos uma secretária de madeira escura, despida à excepção do meu fino dossier clínico, que ele abriu, passando-lhe brevemente os olhos.

- O que te traz aqui hoje, Antoinette? - perguntou, lançando-me um olhar brando e profissional. O sorriso abandonou-lhe rapidamente o rosto quando lhe expliquei os meus sintomas. Interrogou-me sobre os meus períodos, quando tinha sido o último, e eu tentei lembrar-me de quando tinha pedido à minha mãe toalhas absorventes. Tinha-me sentido demasiado doente para dar conta que haviam passado três meses, mas também não teria compreendido a importância deste facto.

- Achas que podes estar grávida? - foi a sua pergunta seguinte.

- Não - respondi sem hesitar um momento.

Os anos tinham-me ensinado a avaliar as reacções dos adultos e, por detrás dos seus modos profissionais, pressenti uma atitude antagónica quando

passei de uma paciente adolescente para alguém que ele encarava como um potencial problema.

Mandou-me passar para trás do biombo, despir-me da cintura para baixo e tapar-me com o lençol que me deu. Quando fiz o que me pediu, ouvi-o chamar a enfermeira.

Fiquei deitada, a olhar para o tecto, com os dois joelhos levantados e as pernas abertas, enquanto ele examinava o meu interior com uma mão protegida por uma luva de látex.

Alguns minutos depois, ouvi-o deitá-la ao lixo. Reparei no olhar que trocou com a enfermeira que mandou discretamente embora.

Pela segunda vez, fez-me sinal para me sentar, mas o seu rosto exibia agora uma expressão austera.

- Conheces os factos da vida? - perguntou num tom frio.

Consternada, sabendo o que ele se preparava para dizer mas continuando a não o aceitar, respondi: - Conheço.

- Estás grávida de três meses - foi tudo quanto ouvi através da nuvem do meu desespero.

- Não pode ser, nunca dormi com um rapaz - balbuciei, negando o que sabia ser verdade.

- Deves ter dormido com alguém - retorquiu ele, impaciente perante uma mentira óbvia.

Olhei-o fixamente, esperando entrever alguma sombra de ajuda, mas deparando-me apenas com a opinião que ele já tinha formado sobre mim estampada nos seus olhos.

- Só com o meu pai - respondi finalmente.

Um silêncio paralisante abateu-se sobre a sala enquanto as palavras do meu segredo pairavam no ar, proferidas em voz alta pela primeira vez.

- Ele violou-te? - perguntou ele com uma súbita nota de simpatia na voz.

Ao ouvir um resquício de bondade, por mais leve que fosse, as lágrimas não tardaram a surgir. Balbuciei, entre soluços: - Sim.

- A tua mãe sabe?

As lágrimas começaram então a correr-me pelas faces, mas consegui abanar a cabeça e murmurar: - Não.

- Tens de lhe pedir que me telefone - disseme passando-me lenços de papel sobre a secretária. - Vou ter de falar com ela.

Quando me levantei para sair do consultório, as minhas pernas tremiam. Na rua, o terror paralisou-me. Para onde podia ir? Para casa não, pensei. Como podia ir para casa? Ele estava lá. No meio do meu terror, um rosto surgiu no meu pensamento, o da Isabel, a minha professora que me dera abrigo depois do espancamento. Ela abandonara a escola, no início das férias de Verão, para se casar, mas eu sabia que já tinha voltado da lua-de-mel. Já me ajudara uma vez... decerto que me ajudaria de novo.

Precipitei-me de bicicleta para a cabina telefónica mais próxima, onde descobri o nome e a morada do marido dela na lista. Sem parar para lhe ligar, rezando somente para que ela estivesse em casa, dirigi-me de bicicleta para lá.

Entrei numa das novas urbanizações que tinham sido construídas nos últimos anos, e rapidamente encontrei a morada. Era uma casa imponente a imitar o estilo georgiano.

Desmantei e encostei a bicicleta à parede.

“Ela há-de ajudar-me”, murmurei para comigo. “Há-de deixar-me ficar em casa dela. Não me vai mandar embora.” As palavras repetiam-se na minha mente como um mantra enquanto percorria o caminho recentemente construído, flanqueado por terra escura com os rebentos verdes de relva recém-plantada.

A Isabel abriu a porta com uma expressão surpreendida, mas não mal-encarada, e eu senti as lágrimas deslizar-me livremente pelo rosto. Mandou-me logo entrar e sentar num sofá cor de laranja, na sua nova sala de estar pintada de castanho e creme.

- O que se passa, Antoinette? - perguntou ela num tom meigo, passando-me um lenço branco lavado.

Como confiava nela, contei-lhe o que o médico tinha dito. Expliquei por que razão estava tão assustada e como me sentia doente. O mesmo silêncio que se tinha instalado no consultório do médico instalou-se então na sua sala de estar e, no seu rosto, vi que a expressão preocupada dera lugar ao medo.

- Antoinette - disse ela -, fica aqui. O meu marido vem almoçar a casa. Dá-me só alguns momentos, está bem?

Dito isto, saiu da sala, o silêncio apenas quebrado pelo tiquetaque de um relógio pousado na prateleira do fogão de sala, enquanto eu esperava, sentada, que ela regressasse.

Mas não regressou; em seu lugar, entrou na sala o marido. Percebi pela sua expressão grave e séria que não seria em casa deles que eu encontraria refúgio.

- É verdade o que acabas de contar à minha mulher? - começou ele.

Toda a sensação de segurança anterior abandonou-me e só consegui acenar tristemente com a cabeça e sussurrar: - É.

Sem ligar ao meu embaraço, ele continuou: - Pois é, ela está muito transtornada. Está grávida e não posso consentir que a perturbem. Não sei que vantagem viste em vir aqui mas tens de ir para casa e falar com a tua mãe.

Encaminhou-se para a porta, fazendo-me sinal para que o seguisse. Em silêncio, obedeci e depois olhei mais uma vez para ele, esperando um gesto de tolerância. Não o recebi.

- A minha mulher não quer voltar a ver-te nesta casa - foram as suas últimas palavras antes de fechar a porta com uma determinação que, ao longo das semanas seguintes, viria a habituar-me a esperar de todos, apesar de não a compreender .

Ouvi o aviso do meu pai ecoar-me nos ouvidos. “Toda a gente vai deitar as culpas para cima de ti. A tua mãe vai deixar de te amar se abrires a boca.”

Peguei na bicicleta e voltei para casa. O meu pai estava na cama quando entrei, mas não estava a dormir.

- Antoinette - chamou assim que fechei a porta -, chega aqui!

Com um mau pressentimento, subi as escadas para o enfrentar.

- O que disse o médico? - perguntou ele e, quando o encarei, percebi que ele já sabia a resposta.

- Estou grávida - respondi corajosamente.

Pelo menos desta vez, o seu rosto não deixou transparecer os seus sentimentos; limitou-se a levantar a roupa da cama e a convidar-me a entrar.

- Eu livro-te disso, Antoinette. Chega aqui agora. - Mas dessa vez limitei-me a abanar a cabeça. O meu terror habitual abrandou e nasceu uma nova raiva quando lhe respondi.

- Não te livraste, pois não, quando meteste essa coisa dentro de mim. Estou grávida de três meses. Quantas vezes me obrigaste a fazer isso durante esse tempo?

Experimentei uma expressão fugidia de satisfação ao ver que o medo que me abandonara por momentos se tinha apoderado dele.

- Disseste ao médico que fui eu? - foi a sua pergunta seguinte.

- Não - menti, novamente cheia de medo.

- Pois lembra-te do que eu te disse, minha menina, se falares quem apanha com as culpas és tu. Vais ser levada daqui e internada num lar. A tua mãe não há-de levantar um dedo para o impedir. Toda a gente vai deitar as culpas para cima de ti.

Já tinha visto na cara de três pessoas que o que ele estava a vaticinar era verdade.

- Agora vou dizer à tua mãe que me disseste que foste a Portrush, conheceste uns rapazes ingleses e foste para a cama com eles. Estás a ouvir, Antoinette? Que vais então dizer à tua mãe?

As forças abandonaram-me e respondi o que ele queria que eu respondesse.

- Vou dizer-lhe que dormi com um rapaz inglês e que ele já se foi embora.

Ele mandou-me para o quarto esperar até falar com ela. Submissa, obedeci.

Depois do que me pareceram horas, o som da porta da rua a abrir anunciou a chegada dela.

No quarto, ouvi o murmúrio das suas vozes embora não conseguisse distinguir as palavras, e depois ouvi o som do meu pai a sair. Continuei sentada com a mão pousada na barriga saliente, desejando que um adulto resolvesse o meu problema mas sem uma ideia clara sobre o modo de o conseguir.

Sabia que não devia sair do quarto enquanto não recebesse autorização. A fome roía-me por dentro. Sentia-me fraca e enjoada, mas continuei a esperar que a minha mãe estivesse pronta para falar comigo.

Ouvi o assobio da chaleira. A voz dela chamou-me lá a baixo. Receosa, obedeci. Ela tinha servido duas chávenas de chá. Reconhecida, peguei na minha, levei-a aos lábios e bebi. A chávena quente permitiu que os meus dedos trémulos se agarrassem a qualquer coisa e o líquido doce acalmou-me. Senti os olhos dela fulminar-me mas recusei-me a encará-la. Fixei antes a chávena e esperei que ela falasse, o que acabou por acontecer.

- Quem é o pai? - perguntou ela numa voz fria e neutra.

Olhei para ela e percebi que seria inútil mentir, mas mesmo assim tentei. Ela nem sequer me deixou terminar.

- Antoinette - ordenou -, conta-me a verdade. Conta-me que eu não me zango.

Olhei-a nos olhos, cuja expressão ainda não conseguia decifrar.

- O papá - foi tudo o que consegui deixar escapar.

A isto ela respondeu: - Eu sei.

Mesmo assim, continuou a olhar para mim com os seus grandes olhos verdes e eu compreendi que a sua força de vontade, muito mais poderosa do que a minha, me arrancaria toda a verdade. Perguntou-me quando tinha começado e eu disselhe que tinha sido na casa de colmo. Falei-lhe dos “passeios”, mas continuei a não ver grande reacção na sua cara.

- Tantos anos - foi o seu único comentário.

Não me perguntou por que razão É que nunca falei nem por que razão me uni com o meu pai para lhe mentir. Meses mais tarde, lembrar-me-ia disto e viria a formar a minha própria opinião sobre a razão.

- O médico sabe? - perguntou ela.

- Sabe - respondi e disselhe que ele queria falar com ela. Mal sabia que a mentira que disse quando ela fez a sua última pergunta quase me custaria a vida. Perguntou-me se eu tinha contado a mais alguém, e eu reprimi a dolorosa lembrança de ter contado à Isabel e respondi que não.

Vi uma expressão de alívio surgir-lhe no rosto quando ela se levantou da cadeira para se dirigir ao telefone. Depois de falar por breves momentos, virou-se para mim.

- Marquei encontro com o médico depois das consultas dele. Tu ficas aqui. - Com estas palavras de despedida, vestiu o casaco e saiu.

Pelo que me pareceu uma eternidade, fiquei sentada numa cadeira, como que em transe, só me mexendo para deitar mais carvão no fogo ou para afagar a cabeça da Judy. Ela, pressentindo o meu absoluto desespero, não saiu de ao pé de mim, enquanto eu esperava pelo regresso da minha mãe e pela notícia do que me estaria reservado.

O estalido da porta da rua a abrir alertou-me para o regresso da minha mãe e, quando levantei os olhos, não vi uma, mas duas pessoas. O médico tinha voltado com ela. Durante a hora seguinte, tornaram-se os juízes que me julgaram e a minha sentença foi o silêncio. O meu pai seria admitido por um curto período de tempo no hospital para recuperar de um “esgotamento”, eu seria submetida a um aborto legal e depois, por recomendação do médico, seria internada num lar para adolescentes difíceis. Ficaria aí até à idade de sair da escola, altura em que me arranjariam um emprego adequado. Seria impossível eu e o meu pai vivermos debaixo do mesmo tecto. Entretanto, enquanto o aborto não fosse agendado, a vida continuaria normalmente. Foi a minha mãe quem me explicou tudo isto, com o apoio silencioso do médico que, segundo ela me informou, lhe disse que era a única alternativa.

Exausta e sem compreender, ouvi os seus planos para pôr fim à única vida que eu conhecia.

Depois o médico interpelou-me directamente.

- Só te estou a ajudar por causa da tua mãe... no meio disto tudo, ela é a única vítima inocente.

Esta manhã mentiste-me. Levaste-me a pensar que só tinha acontecido uma vez. - Fez uma pausa e lançou-me um olhar de desdém. - Encorajaste a situação com o teu silêncio durante estes anos todos, não me digas portanto que és inocente.

Depois saiu, deixando-me a enfrentar a minha mãe. Esperei em vão por alguma palavra de compreensão da parte dela e, não sendo capaz de suportar mais o gélido silêncio, ainda sem ter comido nada, fui deitar-me.

Os dias seguintes passaram indistintamente. Houve entrevistas em dois lares, durante as quais permaneci calada, rotulada agora de adolescente difícil,

com catorze anos e grávida de alguém cujo nome não podia admitir que sabia.

Seguiu-se a isto a minha pequena audiência em tribunal, onde médicos de expressões severas me entrevistaram a fim de determinar o destino do meu filho por nascer e o meu. Com o fundamento de eu sofrer de instabilidade mental, foi decidido que o aborto teria lugar num hospital na vila mais próxima, numa cedência à necessidade de manter segredo. A Irlanda do Norte, no final dos anos 50, era contra o aborto; em breve, viria a saber que os médicos e os enfermeiros, que se dedicavam a salvar vidas, se opunham veementemente a que um tribunal médico determinasse uma interrupção da gravidez.

Os meus pais, unidos pelo seu laço de cumplicidade, ignoraram-me durante essa semana enquanto eu aguardava o dia da minha “operação”, como se lhe referia agora a minha mãe.

No dia em que o meu corpo iria ser purgado da prova da culpa do meu pai, a minha mãe foi trabalhar e eu, com uma pequena maleta, apanhei o autocarro para o hospital.

Uma enfermeira de rosto grave conduziu-me a uma enfermaria lateral, onde estava a minha cama e uma mesinha-de-cabeceira. Percebi sem perguntar por que razão me tinham posto ali.

Encontrava-me na enfermaria da maternidade e o hospital queria privacidade para a operação que me iam fazer. Às oito horas da manhã seguinte, a enfermeira apareceu à minha cabeceira.

- Tenho de te preparar - disse ela, colocando uma bacia de água ao lado da minha cama, com uma navalha ao lado. - Despe-te da cintura para baixo.

Para minha humilhação, rapou-me rapidamente os pêlos na zona sensível entre as pernas, passando sem cerimónias a navalha pela pele e deixando-a semeada de pequenos lanhos.

Enquanto ali estive, foram essas as únicas palavras que me dirigiu. Quando terminou, pegou silenciosamente na bacia e na navalha e saiu.

A sua visita seguinte destinou-se a injectar-me apressadamente a pré-medicação anestésica nas nádegas, deixando-me a dormir e a pensar. Eu queria a minha mãe; queria que alguém me dissesse que ia correr tudo bem. Queria saber o que me iam fazer porque ninguém me tinha dito nada. Acima de tudo, queria que alguém me segurasse na mão. Estava cheia de medo. Depois, felizmente, adormeci.

No meu torpor semiconsciente, senti mãos a mexer em mim e ouvi uma voz que disse: - Vamos, Antoinette, rola para a maca agora. - Sentime a ser suavemente movida. Cobriram-me com um cobertor e senti a maca a ser lentamente empurrada. A maca parou então e uma luz intensa penetrou-me as pálpebras. Taparam-me o nariz com um objecto e uma voz mandou-me contar de trás para a frente, mas sei que, quando comecei a perder os sentidos, chamei pela minha mãe...

A náusea mais forte que alguma vez senti interrompeu-me o sono. Abrindo os olhos, vi que tinha sido colocada na minha mesinha-de-cabeceira uma bacia de metal. Peguei nela para vomitar, com as lágrimas a correr-me descontroladamente pelas faces. Por momentos interroguei-me onde estaria. Então lembrei-me e pus a mão entre as pernas, encontrando uma toalha absorvente. Apesar de mal informada sobre os factos da vida, compreendi que o bebé já lá não estava.

Voltei a adormecer até que a enfermeira chegou com um tabuleiro de chá e sanduíches.

Quando o pousou na minha mesinha-de-cabeceira, reparei que uma bacia limpa tinha substituído a anterior e interroguei-me quanto tempo teria estado a dormir.

- O chá, Antoinette - disse ela desnecessariamente, virando-se para se ir embora. Depois olhou para trás e lançou-me um olhar de intensa aversão. - Ah, hás-de querer saber: o bebé era um rapaz.

Depois saiu e o bebé tornou-se real para mim. Fiquei ali deitada, já sem apetite, e chorei pelo meu menino desaparecido até que sucumbi de novo ao sono, um sono sobressaltado em que sonhei mais uma vez que estava a cair.

Amanheceu e, com os primeiros raios de luz, uma enfermeira chegou com um tabuleiro de chá e um ovo cozido. Desta vez, sentindo-me esfomeada, ataquei a comida, não deixando uma migalha. Olhando para o meu prato vazio, ela manifestou a sua reprovação.

- Estou a ver que recuperaste o apetite. - Depois, mal-encarada, informou-me que, depois da visita do médico, me seria dada alta. - Alguém te vem buscar? - foi a sua única pergunta, e a sua única reacção quando respondi que não foi um sorrisinho desagradável.

Sentindo-me pegajosa e suja, perguntei-lhe onde podia tomar banho e lavar o cabelo.

- A enfermeira já te traz água para te lavares. Podes tomar banho quando chegares a casa. O

teu cabelo pode esperar; isso não passa de vaidade. - Fez uma pausa, olhando para mim com a mesma expressão de fria aversão. - Se não fosse a vaidade, às tantas nem sequer estavas aqui.

- E afastou-se.

Doía-me a barriga, mas não tencionava pedir mais nada. Lavei-me o melhor que pude, com a pequena bacia de água que me foi dada, vesti-me e esperei pela chegada do médico que me tinha operado.

Quando ele apareceu, acompanhado pela enfermeira principal, praticamente não olhou para mim nem me perguntou como me sentia. Limitou-se a informar-me que me podia ir embora.

Assim, pegando na minha maleta, saí do hospital e dirigi-me para a paragem do autocarro.

CAPÍTULO 23

Qualquer coisa me tinha despertado, mas do lado de fora da pequena janela do meu quarto, era apenas noite e ali dentro tudo estava calmo, e por alguns

segundos fiquei sem saber o que me teria perturbado. O meu cérebro forçou o meu corpo a acordar. Foi então que me apercebi de algo quente e viscoso entre as pernas. Enfiei as mãos dentro das calças do pijama e quando a tirei estava quente e molhada. Senti o pânico aumentar quando pus as pernas de fora da cama de metal, pisando o chão revestido a linóleo, e me dirigi para o interruptor da luz.

O brilho amarelo da lâmpada de baixa potência, suspensa sem qualquer quebra-luz, incidiu mortício sobre a minha cama. Um charco de sangue vermelho-escuro formava uma mancha no lençol. Sem compreender, olhei para o pijama, reparando que também estava ensopado. Tinha sangue nos dedos; sentindo-o a escorrer-me pelas pernas, gritei pela minha mãe.

Segundos mais tarde, ela apareceu, registou num relance o que estava a passar-se e mandou-me voltar para a cama. O meu pai apareceu a seguir, sonolento e com o pijama em desalinho.

- Que é que se passa? Que barulho vem a ser este? - murmurou.

Com uma expressão de repugnância, a minha mãe apontou para mim.

- Tens de chamar uma ambulância - disselhe ele, e eu apercebi-me de uma nota de medo na sua voz.

- Vou chamar o médico - respondeu ela. - Ele há-de saber o que fazer.

Vagamente, como se à distância, ouvi a minha mãe descer as escadas e depois a sua voz a falar ao telefone. Alguns minutos mais tarde, ouvi a voz do médico como se através de um nevoeiro. Abrindo os olhos, distingui os seus contornos indefinidos.

Como num sonho, a conversa sussurrada entre eles penetrou-me os ouvidos e flutuou até ao meu cérebro.

- É grave - ouvi-o dizer. - Ela tem de ir para o hospital. A Ruth é que decide qual. O da vila ou onde ela foi operada?

No meu aturdimento, tive consciência do silêncio e depois ouvi a minha mãe dizer: - Onde ela foi operada.

Depois as vozes sumiram-se e eu sentime flutuar num limbo, nem desperta nem adormecida, mas consciente de movimento à minha volta. Ouvi a minha mãe mandar o meu pai para o quarto, ouvi a voz do médico falar com ela à porta do meu quarto e compreendi, indiferente, que estava a morrer.

Um ruído estridente que reconheci como sendo a sirene de uma ambulância penetrou o nevoeiro em que me encontrava e, pela janela, vi a luz azul intermitente. Fui levantada suavemente por várias mãos. Senti os solavancos pelas escadas abaixo enquanto me transportavam de maca, sentime a ser metida na ambulância e depois ouvi de novo a sirene quando arrancámos.

A imagem da minha mãe com o médico, lado a lado na rua, vendo a porta fechar-se assim que me puseram lá dentro, ficou para sempre gravada na minha mente.

O hospital que a minha mãe tinha escolhido ficava a vinte quilómetros. As únicas estradas até lá eram estreitas e sinuosas porque, no final dos anos 50, não havia auto-estradas nas imediações de Coleraine.

Sentia-me fria, gelada, embora o meu corpo estivesse coberto de suor, e o sangue escorria-me por entre as pernas. Diante dos meus olhos dançavam manchas negras e um zunido nos meus ouvidos quase apagou o ruído da sirene.

Uma mão afagou-me a cabeça e depois pegou-me na mão quando um espasmo me sacudiu o corpo e um fio de bÍlis me começou a sair da boca.

- Ela está a ir-se! Mais depressa, homem - ouvi uma voz gritar.

A ambulância abanou com os esforços do motorista e eu ouvi o walkietalkie começar a funcionar enquanto alguém berrava instruções através dele.

- Aguenta, Antoinette, não adormeças agora - suplicou a mesma voz sobre o zunido que me martelava nos ouvidos; em seguida, senti um solavanco

quando parámos com uma chiadeira de pneus. Senti a maca a ser levantada, ouvi passos a correr enquanto corpos invisíveis a transportavam e depois fui encandeada por luzes fortes. Senti uma picada no braço e os meus olhos deixaram de tentar focar os corpos vestidos de branco que me rodeavam.

Uma figura de azul estava à minha cabeceira quando voltei a acordar. Os meus olhos cruzaram-se com os olhos castanhos da enfermeira. A sua hostilidade tinha desaparecido e dado lugar à compaixão, agora que eu era uma doente carente dos seus cuidados. Suavemente afagou-me a cabeça, segurou na bacia para eu vomitar e depois passou-me uma esponja fresca e húmida pela cara.

Ao lado da minha cama, vi um saco plástico transparente pendurado numa haste de metal; dentro estava um fluido vermelho que percebi tratar-se de sangue. Um tubo ligava o saco ao meu braço onde uma agulha estava presa com fita.

- Porque é que te mandaram outra vez para aqui, Antoinette? - estava ela a perguntar, incrédula. - Porque não para o hospital mais próximo? - Tive a sensação de que ela conhecia a razão tão bem como eu.

Sem lhe responder, fechei os olhos, mas mentalmente continuava a ver a imagem da minha mãe a ver-me ser colocada na ambulância quando parti na que deve ter sido para ela a minha última viagem. Não querendo aceitar o que sabia ser verdade, fechei essa recordação numa caixa que nunca mais abri.

“Pára”, gritei no hospital, tentando bloquear o murmúrio dessa voz de criança. “Pára. Quero que a tampa dessa caixa de recordações continue fechada!”

“Não, Toni, tens de recordar tudo”, murmurou num tom firme a voz suave enquanto eu me sentia dividida entre dois mundos: aquele em que a Antoinette vivia e aquele que eu havia criado.

Contra a minha vontade, o jogo de “pertencer a uma família feliz” que herdara estava a chegar forçosamente ao fim.

A caixa permaneceu aberta e eu vi a imagem da minha mãe, ao lado do médico, junto da ambulância quando a minha maca foi enfiada lá dentro.

Quando acordei da vez seguinte, a enfermeira estava de novo ao meu lado.

- Vou morrer? - ouvi-me perguntar.

Ela debruçou-se, pegou-me na mão e apertou-a com ternura. Vi o brilho das lágrimas nos seus olhos.

- Não, Antoinette, pregaste-nos um susto mas agora vais ficar boa. - Depois aconchegou-me os lençóis ao corpo e eu sucumbi a um sono profundo.

Passei mais dois dias no hospital. Os médicos apareciam, diziam palavras reconfortantes e voltavam a sair. Nas minhas horas de vigília, ficava a olhar com esperança para a porta, à espera da mãe que ainda amava, até compreender amargamente que ela nunca iria aparecer.

Traziam-me comida apetitosa, procurando em vão que eu comesse. Sentindo-me deprimida e rejeitada, limitava-me a empurrá-la no prato, deixando a maior parte por tocar. Ao terceiro dia, a enfermeira sentou-se mais uma vez à minha cabeceira, pegou-me na mão e afagou-a suavemente.

- Antoinette, hoje podes ir para casa. - Fez uma pausa e eu percebi que ela não tinha acabado.

- Nunca devias ter feito essa operação... a tua gravidez estava demasiado avançada. - Senti na sua voz uma raiva que, pela primeira vez, não era dirigida contra mim. - Quase morreste, Antoinette. Os médicos fizeram um grande esforço para te salvar mas eu tenho de te dizer uma coisa. - Continuei à espera que ela encontrasse as palavras certas para me transmitir uma coisa que sabia que seria devastadora para mim. - Oh, minha filha, o que quer que tenhas feito, não merecias isto. Antoinette, nunca mais vais poder ter filhos.

A princípio, fitei-a sem compreender e depois assimilei as suas palavras. Sentindo abandonar-me a esperança de um dia vir a ter alguém que me amasse, uma família minha por quem olhar, desviei o rosto para esconder o sentimento de vazio absoluto que me invadiu.

Ela voltou mais tarde nessa manhã.

- Vamos, Antoinette, anda tomar um banho antes de ires para casa - disse ela com uma alegria que eu sabia que não sentia. Não sei porquê, mas percebi que havia qualquer coisa que ela não me tinha dito, mas o meu estado de letargia amortecia a minha curiosidade e limitei-me a segui-la em silêncio.

No banho, lavei o cabelo e tentei limpar as recordações que me conspurcavam e depois, com relutância, saí da banheira, enxuguei-me e vesti a roupa que ficava agora larga no meu corpo mais franzino.

Tinha-me sido mandado um saco, suponho que pela minha mãe, contendo um par de calças, uma camisa, artigos de toilette e uma pequena quantia em dinheiro. Quando perguntei, fui informada de que tinha sido entregue pelo médico.

Sentindo que fora completamente abandonada, embalei os meus poucos haveres e, ainda fraca das pernas, saí do hospital em direcção à paragem do autocarro onde apanhei o primeiro dos dois autocarros que me levariam para casa. À porta estava o Jaguar do meu pai, pelo que fiquei a saber que ele estava em casa. Ao lado deste estava estacionado um carro que não reconheci.

Nervosa, abri a porta. Os meus pais estavam à minha espera com o médico. Foi este o primeiro a falar.

- A tua amiga professora contactou os serviços sociais, que por sua vez informaram a polícia... devem estar a chegar.

Ditas estas palavras, saiu e abateu-se um silêncio. Sentia-me doente e fraca, doía-me o estômago e a minha cabeça começou a latejar com a acumulação da pressão. Ouvimos o carro estacionar à porta e a minha mãe levantou-se da cadeira e, com má cara, foi abrir a porta aos agentes da polícia.

- No futuro - disse ela quando os agentes entraram -, quando precisarem de falar com o meu marido ou a minha filha, agradeço que tenham a decência de vir numa viatura mais discreta.

Não fiz nada de mal e recuso-me a passar por estas vergonhas.

O polícia que se apresentou como o sargento encarregado da investigação lançou-lhe um olhar inescrutável, limitou-se a informar o meu pai dos seus direitos e depois pediu-nos aos dois que os acompanhássemos, a ele e à mulher-polícia que vinha com ele, à esquadra da polícia.

Perguntou à minha mãe, já que eu era menor, se ela queria estar presente quando eu fosse interrogada. Ela declinou o convite. Foi então informada de que uma assistente social estaria presente no lugar dela.

Eu e o meu pai fomos conduzidos à viatura e partimos. Eu sabia que, apesar de um pesadelo ter chegado ao fim, outro tinha começado. Mas nessa altura não tinha maneira de saber como seria terrível.

CAPÍTULO 24

Tinham passado treze dias desde a minha chegada ao hospital. O ruído do carrinho do pequeno-almoço deixara de anunciar a minha libertação, pois tinha agora uma nova e meticulosa obrigação. Tinha de dar de comer à minha mãe, colher a colher. Começava por lhe prender um guardanapo à volta do

pescoço e depois aproximava-lhe uma chávena dos lábios para que ela bebericasse o chá da manhã. Ela ficava sentada com as mãos cruzadas. Os seus olhos, agora mortiços, fitavam os meus à medida que o nosso círculo de inversão de papéis se fechava. Dava-lhe então colheres com pequenas porções de ovos levemente mexidos ou iogurtes de fruta. Após cada colherada, limpava-lhe suavemente os lábios com um pano húmido, impedindo que o fio de líquido lhe escorresse pelo queixo.

A visita dos médicos sucedia-se à partida dos carrinhos. “Quanto tempo?” era a minha pergunta muda, mas as suas expressões nada denunciavam.

Agora era pela visita do meu pai que eu esperava. Ao ouvir os seus passos, levantava-me e dirigia-me para o salão onde o café e os cigarros me aguardavam. Nesse dia, não estava destinada a encontrar a solidão neste espaço, pois estava sentada na zona de fumadores outra mulher com um livro por abrir no regaço.

Ela sorriu timidamente e depois apresentou-se como Jane. Durante a hora seguinte, ficámos ambas a saber que estávamos a dormir no hospital. Para ela, eram os últimos dias do que fora um casamento feliz e a sua dádiva de amor final ao marido. Informou-me que ele sofria de cancro dos ossos, que agora se espalhara até ao cérebro, e que mal a reconhecia. A sua perda iminente havia-lhe gravado rugas na cara e deixado sombras escuras sob os olhos.

Aplaudi em silêncio a sua coragem; deparava-se-lhe o fim da vida que conhecia, ao passo que eu tinha a minha à minha espera.

A nossa conversa tomou esse rumo em que se fazem perguntas que constituem os primeiros passos de uma amizade, embora ambas soubéssemos que seria apenas temporária. Ela perguntou-me qual era o meu apelido e de que parte da Irlanda eu era. Sem pensar, disselhe.

- Que coincidência, eu nasci em Coleraine - exclamou com um prazer momentâneo ao descobrir um laço que nos unia. - A sua cara não me é estranha... tem uma prima chamada Maddy?

Regressando por momentos a Coleraine, vieram-me à memória recordações da minha família irlandesa e dos meus numerosos parentes, que não via há muitos anos. Enquanto procurava as palavras certas, apercebi-me de sinais passageiros de reconhecimento e embaraço na sua expressão. Sabendo que, num hospital, as amizades não passam de breves acasos, forjadas para prestar apoio durante momentos difíceis e dolorosos, não senti qualquer constrangimento. Respondi-lhe simplesmente.

- É prima do meu pai.

Os seus olhos fixaram-se num ponto acima do meu ombro e, sem o ouvir ou ver, senti a presença do meu pai. Não tendo alternativa, apresentei-os.

Ela reagiu à saudação e ao olhar interrogativo dele, preenchendo o silêncio com uma vivacidade artificial que eu tinha a certeza que não sentia.

- É, eu e a sua filha estávamos precisamente a falar de Coleraine... também sou de lá.

O silêncio que se seguiu à sua observação inocente ficou a pairar opressivamente no ar até o meu pai conseguir encontrar uma resposta delicada.

- Prazer em conhecê-la. Peço desculpa mas agora preciso de falar com a minha filha.

Senti os dedos dele apertarem-me o cotovelo. Ele impeliu-me para o canto mais afastado de Jane e depois abruptamente largou-me. Olhei para a sua cara, para os seus olhos hostis e injectados e notei que todos os vestígios do velho triste de alguns dias antes tinham desaparecido. No seu lugar, estava o pai “mau” da minha infância. Não vi o homem que caminhava rapidamente para os oitenta anos, mas o colérico de quarenta que foi para a prisão.

Os anos retrocederam, levando consigo o meu ser adulto e deixando para trás essa criança pequena e assustada que eu já fora.

No meio daquele meu medo, ouvi a sua voz ameaçadora: - Nada de dar à língua sobre a nossa vida, minha menina. Não tens nada que andar a dizer

que viveste em Coleraine. Que não te passe pela cabeça dizeres em que escola andaste. Estás a ouvir, Antoinette?

A menina de seis anos que habitava em mim acenou com a cabeça e murmurou: - Estou.

A minha parte adulta compreendeu que o momento para subterfúgios tinha passado. O medo dos meus pais de serem reconhecidos, se saíssem das suas vidas insulares, tinha-se agora concretizado. Como era irónico, pensei, que tivesse sido o medo da minha mãe da morte a torná-lo uma realidade.

Procurei controlar o medo e o ódio da minha infância, forçando-me a envergar a máscara da Toni, a mulher de negócios bem-sucedida. Lançando-lhe um olhar de desprezo, afastei-me.

Ao voltar à enfermaria da minha mãe, vi uma jarra com flores frescas orgulhosamente pousada na sua mesinha-de-cabeceira. Sorrindo com o ânimo que as visitas do meu pai muitas vezes lhe transmitiam, apontou para elas.

- Olha, querida, o que o papá trouxe.

Que comece o jogo das famílias felizes, pensei fatigada, mas a sensação dos dedos dele no meu braço ficou-me gravada na memória enquanto me prestava ao papel da filha cumpridora.

A rotina da tarde já não incluía a lenta e agonizante caminhada até à casa de banho. Essa necessidade fora substituída por tubos e um saco. Eu ajudava-a a meter-se na cama, lavava-a e depois empilhava um monte de almofadas. Exausta, ela fechava os olhos e adormecia. Eu abria então um livro e tentava absorver-me nas suas páginas enquanto esperava pelos carrinhos que traziam chá, refeições e analgésicos. Depois de os analgésicos serem administrados, podia finalmente escapar para o salão.

Entre cada carrinho, havia muitos familiares que se sentavam à cabeceira dos entes queridos, mas, assim que a visita do meu pai terminava, só eu velava junto dela. Havia uma música que vinha tocar melodias que acalmavam e entretinham as pacientes e a minha mãe pedia sempre a sua

canção favorita. “Pede-lhe que toque Londonderry Air”, dizia ela todas as tardes. A mulher dedilhava então ternamente as cordas da lira, deixando flutuar os acordes evocativos para uma audiência formada por mim e quatro senhoras de idade.

Na décima terceira noite, quando estava sentada no salão, senti as lágrimas correrem-me pelas faces e, irritada, limpei-as. O controlo das minhas memórias fugiu-me, abrindo a caixa de recordações do ano de 1959 e permitindo que o seu conteúdo transbordasse. Nesse ano, acabara um pesadelo e outro começara.

Nessa noite, as duas pessoas dentro de mim debateram-se para assumir o controlo: a criança assustada e a mulher de sucesso que tão arduamente trabalhara para me tornar. A minha visão nublou-se e senti a familiar sensação de queda, embora desta vez estivesse acordada. Senti um aperto no peito e o pânico tornou a minha respiração dolorosa. A luz estava a sumir-se e senti então uma mão no ombro e ouvi uma voz perguntar: - Toni, está a sentir-se bem?

Levantei os olhos e vi a Jane a fixar-me com um olhar meigo. Não, pensei, quero chorar, quero que me abracem, quero ser confortada, quero que as minhas recordações desapareçam.

- Estou - respondi, limpando as lágrimas; depois perguntei, levada pela curiosidade: - Sabe quem eu sou, não sabe?

Os seus olhos bondosos não se desviaram dos meus ao assentir com a cabeça. Apertou-me levemente o ombro e deixou-me para voltar para a cabeceira do marido.

Como ondas fustigadas para a praia por um violento temporal, as minhas recordações inundaram-me, ameaçando submergir-me. A máscara atrás da qual eu escondera a criança sumira-se; já não era a pessoa que tanto me esforçara por me tornar. Nas duas semanas em que estivera no hospital, a Toni, a mulher de negócios calma, tinha-se gradualmente evaporado. A Antoinette, a criança assustada, o brinquedo obediente às mãos dos pais, começara a retomar o controlo.

Tinha emagrecido imenso e, quando olhei para o espelho, os olhos da Antoinette, rodeados de círculos escuros, devolveram-me o olhar, repletos de medo e de pânico, sentimentos que ameaçavam agora afogar-me.

Não conseguindo escapar às minhas recordações, senti o passado arrastar-me e eu própria vacilar à beira da loucura, como já me acontecera duas vezes antes. Senti de novo a tentação de atravessar esse limite porque, do outro lado, esperava-me a segurança. E uma segurança em que toda a responsabilidade pela nossa vida nos é retirada e, como crianças, a entregamos a outras pessoas. Depois, como embriões, podemos enroscar-nos e deixar os dias passar-nos ao lado até o espírito se tornar um espaço vazio e ser para sempre liberto dos seus pesadelos.

O meu sono, umas vezes à cabeceira da minha mãe, outras vezes numa cama articulada no consultório do médico, era interrompido por pesadelos constantes nos quais eu perdia o controlo e ficava sem defesas. Soavam-me no espírito campainhas de alarme ao sentir o meu lado adulto regredir. Precisava de ajuda e precisava dela depressa. Isto não podia voltar a acontecer-me, não podia. Não ia deixar, não podia deixar.

Fui falar com o padre. Ele, pensando que era uma oportunidade para descansar por momentos de prestar cuidados aos moribundos, de pegar em mãos esqueléticas e passar lenços de papel aos familiares dos mortos, conduziu-me, sorridente, ao seu gabinete. Não sabia que não era este o seu dia de sorte.

- Preciso de falar - consegui dizer, sentando-me, e ele viu que todos os sinais da mulher estóica e controlada que conhecia se tinham evaporado. A expressão de apreensão no seu rosto revelava que sabia que ia ter de lidar com mais do que apenas uma mulher que estava a perder a mãe. A minha mãe, com oitenta anos, vivera afinal aquilo que, na opinião de muitas pessoas, seria considerada uma longa vida e eu tivera mais de um ano para me preparar para o desfecho final do seu cancro. Em breve se apercebeu de que não era essa a razão pela qual eu precisava de falar com ele.

Ele, um homem compassivo e bem-humorado, era o padre por quem a minha mãe chamara várias vezes a meio da noite antes de descobrir que faltava a derradeira coragem para lhe confiar os seus medos. Como podia ela afinal

arrepender-se do que ainda se recusava a admitir? Compreendia agora que a minha mãe ia morrer com a sua convicção inabalável; a convicção de que a vítima que era ela continuaria a dominar o seu espírito e ela continuaria a reprimir com firmeza quaisquer dúvidas que tivesse.

Ele olhava agora para mim na expectativa enquanto eu acendia o meu escape de nicotina com mãos trémulas. Hesitante, contei-lhe a minha história, disselhe que estava a reviver as emoções que sentira em criança, mas que, à mistura, me assaltava um sentimento próximo da vergonha; vergonha por ter consentido que o seu domínio sobre mim persistisse durante tantos anos. Se a minha mãe orquestrara o jogo das famílias felizes quando eu era criança, eu, enquanto adulta, perpetuara o mesmo mito.

Perguntei-lhe por que razão o tinha feito. Por que razão tinha inventado um passado em que os meus pais me amavam? Por que razão criara uma ilusão para mim mesma e nunca encontrara coragem para me libertar?

- Porque pensa que não foi capaz? - perguntou ele, deixando então o silêncio intensificar-se para me dar tempo para pensar enquanto esperava pacientemente pela minha resposta.

- Queria ser como as outras pessoas quando falavam da sua infância - respondi. - Queria que me vissem a visitá-los na Irlanda do Norte e a pertencer a uma família.

- Isso aconteceu? Alguma vez voltou a sentir que pertencia a uma família?

Nesse momento, reflecti sobre a verdade, as coisas que tinha tolerado, as coisas que aceitara e nunca questionara.

- Não, tentava sempre lá ir quando o meu pai estava em casa da família dele. Depois do dia em que me proibiram de entrar em casa deles, nunca mais os vi. Os meus avós, tias, tios e primos continuaram a ser a família dele mas deixaram de ser a minha.

Fiz uma pausa momentânea e admiti o que nunca tinha aceitado até então.

- No fundo, quando era adolescente, sentia tantas saudades deles que me recusava a pensar nisso, nunca admitia a que ponto me sentia só. Nunca me permiti sentir azedume mas, quando a minha avó me disse que eu já não era bem-vinda em sua casa, fiquei paralisada com o desespero.

Fiz uma breve pausa, recordando esses sentimentos de profunda rejeição.

- O que eu sentia era mais profundo do que a solidão, era o sentimento de ser estranha para toda a gente no mundo. Mais tarde, quando ele ia a um dos vários casamentos de família, e eu não era convidada, nunca questioneei a situação. Aceitei o facto de não ser desejada. Nunca comentei a injustiça que era. Sabia que tinham tomado colectivamente uma decisão; não havia qualquer possibilidade de voltar atrás porque me tinham repellido a mim dos seus corações e não a ele. Fui mesmo impedida de ir ao funeral da minha avó. No passado ela tinha-me amado e eu a ela. Foram os actos dele, não os meus, que me privaram de tudo isso e a minha mãe nunca falou do assunto. Limitou-se a aceitar.

- E os seus familiares em Inglaterra? Teve uma relação próxima com eles no passado.

- Os anos em que o meu pai esteve preso, os anos que eu passei num hospital psiquiátrico, deixaram demasiados hiatos para que fosse possível eu conversar de forma natural com eles.

Nunca me senti à vontade, porque eles, os poucos com quem estive quando abandonei a Irlanda do Norte, não eram capazes de compreender a razão pela qual eu tinha vivido longe de casa e tido os empregos que tive para sobreviver. Creio que me viam mais como a filha do meu pai, um homem que sempre haviam considerado socialmente inferior, e eu tinha tanta coisa a esconder, claro, que devo ter-lhes dado a impressão de ser uma pessoa cheia de segredos. Era alguém que não encaixava. Suponho que podia tê-los visitado, mas preferi não o fazer.

Mesmo a minha avó, de quem fora tão chegada quando estava em Inglaterra, fora separada de mim pelos segredos da família. Não a deixaram saber por que razão eu tinha abandonado a escola mais cedo e desistido dos planos de

ir para a universidade que lhe havia descrito com tanto entusiasmo. Só a vi em mais algumas ocasiões antes de ela morrer.

O padre olhou para mim compassivamente.

- Então, enquanto adolescente, não tinha ninguém para quem se virar, irmãos, outros membros da família, tias e tios, apenas os seus pais. - Lançou-me então uma pergunta inesperada. - Amava-os ?

- Amava a minha mãe. Isso nunca se alterou. Nunca amei o meu pai. Em pequena, ele estava tanto tempo ausente que não parecia mais do que uma visita que me levava presentes. Era capaz de ser extremamente encantador quando queria, mas eu tinha sempre medo dele. Ainda hoje tenho sentimentos contraditórios. É isso que é tão confuso. Ora vejo um velho que ainda ama a mulher, como sempre amou, sabendo como tratou bem dela quando ela adoeceu, ora me recordo do monstro da minha infância. Ainda agora tem o poder de me intimidar - acabei por admitir.

- O amor é um hábito difícil de quebrar - disse ele suavemente. - Pergunte a qualquer mulher que tenha ficado numa má relação muito depois de ela ter deixado de funcionar. Muitas mulheres que tiveram de escapar para refúgios aceitam muitas vezes os companheiros de volta. Porquê? Porque amam não o homem que as maltratou mas o homem com quem julgaram ter casado. Não cessam de procurar essa pessoa. Os laços de amor formam-se quando se é bebé: a união entre mãe e filha é forjada nessa altura. Se o seu pai tivesse sido cruel com ela, talvez tivesse vindo a odiá-lo, mas não era e a sua mãe conseguiu convencê-la, e a si própria também, de que era vítima do seu comportamento. As suas emoções estão em conflito com a sua lógica. Emocionalmente carrega com a culpa da sua infância; racionalmente, sabe que os seus pais não a merecem e sabe que tão-pouco os merecia a eles, nenhuma criança merecia. Eu sou um homem de Deus, prego o perdão mas, Toni, tem de ser muito clara a respeito dos papéis que os seus pais desempenharam, tem de aceitar a participação da sua mãe, a fim de se libertar, porque foi isso que nunca foi capaz de conciliar.

As palavras dele pareceram levantar as barreiras que eu tinha erguido em redor da verdade.

As minhas, uma vez proferidas, pareceram sair de mim numa torrente. contei-lhe como ela havia sempre dito que eu devia “dar-me bem com o meu pai”, que “já tinha sofrido que chegasse”, que tinha de “tomar constantemente medicamentos” para os nervos. Que eu só lhe tinha “causado preocupações”.

- Odiava ligar para casa mas fazia-o quase todas as semanas e sabia que ia ouvir o seu refrão habitual: “Só um momento, querida, o papá quer falar”, e durante todos esses anos fiz-lhe a vontade, receosa de que me negasse o seu amor se eu a obrigasse a enfrentar a realidade.

E finalmente contei-lhe o que nunca tinha explicado a ninguém, o que sentia a respeito da Antoinette, a criança que já fora eu.

- Ela teria sido muito diferente se a tivessem deixado crescer normalmente, ir para a universidade, fazer amigos. Nunca teve a mais pequena hipótese e, sempre que alguma coisa corre mal na minha vida, culpo essa infância. Quando era muito mais nova, ela apoderava-se de mim e eu revivia de novo todas as suas emoções. Era então que me metia em relações em que era psicologicamente maltratada, com a sensação confortável de um ambiente conhecido.

Ou que recomeçava a beber. Toda a vida lutei contra esses demónios e quase sempre ganhei, mas agora sinto que estou a perder.

O cinzeiro foi-se enchendo à medida que eu falava, as minhas ideias ordenando-se enquanto aceitava a realidade final.

- Ela nunca me amou. Agora precisa de mim para poder morrer em paz, com o seu sonho intacto; o sonho de um marido atraente que a adora, de um casamento feliz e de uma filha. Eu não passo de uma figurante no seu último acto. É o meu papel aqui.

- E vai destruir esse sonho?

Pensei na forma pequenina da minha mãe, tão dependente de mim agora.

- Não - suspirei. - Como podia fazer uma coisa dessas?

CAPÍTULO 25

Tinham-me mandado entrar para uma sala pequena e abafada, na esquadra da polícia, mobilada apenas com uma mesa com tampo de fórmica castanho e algumas cadeiras de madeira. Sob os pés, vi linóleo castanho estalado e a única janela era pequena, demasiado elevada na parede manchada de nicotina para oferecer qualquer vista. Sabia que o meu pai estava por perto. Sabia que o meu pesadelo tinha de estar próximo do fim mas, em lugar de alívio, sentia apreensão. Não sabia o que o futuro me reservava.

A porta abriu-se e, quando olhei para trás, vi a mulher-polícia anterior, acompanhada por uma mulher nova em traje civil. Perguntaram-me se eu já tinha comido. Quando abanei a cabeça, a mulher-polícia saiu, voltando alguns minutos depois com um tabuleiro com chá, sanduíches e algumas bolachas de chocolate que colocou à minha frente com um sorriso amigável.

Pegaram em blocos de notas e informaram-me que, por mais informal que procurassem tornar o ambiente, se tratava de um interrogatório oficial. A mulher à civil foi-me apresentada como uma assistente social, chamada Jean, e foi-me perguntado se eu sabia por que razão estava ali.

Depois perguntaram-me se eu estava consciente de que aquilo que eu e o meu pai tínhamos feito era um crime. Respondi afirmativamente a ambas as perguntas num sussurro.

Num tom brando, a mulher-polícia explicou que o meu pai também estava a ser interrogado noutra sala e que eu só tinha de contar a verdade. Explicaram ainda que, sendo eu menor, o criminoso era ele e que iria, sem dúvida, para a prisão por isso.

- Antoinette, tu não fizeste nada de mal mas vamos ter de te fazer algumas perguntas. Estás preparada para responder? - perguntou a mulher-polícia.

Olhei-a fixamente. Como ia encontrar voz para falar de um segredo que durante tantos anos escondera? Um segredo pelo qual, como o meu pai me

tinha dito repetidamente, eu seria culpada. Já tinha descoberto que, uma vez revelado, levaria à fúria e à censura que ele vaticinara.

A assistente social falou então pela primeira vez.

- Antoinette, quero ajudar-te mas só posso fazer isso quando conhecer a tua versão da história.

Sei que é penoso mas estamos do teu lado.

Estendeu os braços sobre a mesa e pegou-me suavemente na mão.

- Por favor responde às nossas perguntas.

Foi a mulher-polícia quem colocou a primeira pergunta a ser registada oficialmente.

- Que idade tinhas quando o teu pai te tocou pela primeira vez?

Senti o calor da pressão da mão da Jean na minha.

- Seis - murmurei finalmente e, nesse momento, vieram-me as lágrimas aos olhos.

Começaram a rolar-me pelas faces, numa torrente silenciosa. Passaram-me lenços de papel sem uma palavra. Nenhuma das mulheres falou até eu serenar.

- Porque ficaste calada todos estes anos? Não disseste pelo menos à tua mãe? - foram as primeiras perguntas da Jean.

Nenhuma palavra saiu da minha boca. A caixa das recordações manteve-se firmemente fechada; a única ocasião em que tinha tentado contar à minha mãe permaneceu obstinadamente bloqueada, e abanei a cabeça. A minha vida teria sido diferente se me tivesse então lembrado e lhes tivesse dito? Teria sido sem dúvida arrancada à sua guarda e os acontecimentos que mais tarde me destruíram não se teriam passado. Ou esse amor por ela ter-me-ia sempre influenciado e afectado a minha vida? Ainda hoje não encontrei uma resposta para essa pergunta.

Cuidadosamente, elas obtiveram de mim o relato dos passeios a que ele me levava aos fins-de-semana, como me dizia que me tiravam de casa se eu falasse, como as pessoas me iam deitar as culpas a mim e a minha mãe deixaria de me amar. Notei que, ao ouvirem isto, as duas mulheres trocaram um olhar que compreendi. Ambas sabiam melhor que eu que todas as ameaças dele (e até pior) se tornariam realidade, como eu própria viria a aprender, e que quaisquer vestígios da minha infância me haviam finalmente abandonado.

Gradualmente a minha história foi-me arrancada com perguntas compassivas a que respondi com sinceridade. Mas tive dificuldade em prestar informações adicionais de livre vontade.

Haveriam de passar muitos anos antes de eu conseguir falar livremente sobre a minha infância, sem vergonha nem culpa. Perguntaram-me se eu não tinha tido medo de engravidar.

Respondi que achava impossível ficar grávida do meu pai.

O tiquetaque do relógio ia marcando a passagem célere do tempo. Estava cansada e desesperada, enquanto me interrogava constantemente sobre o que me iria acontecer.

- Quais são os teus planos para o futuro? - perguntou a assistente social. - Vais poder continuar na escola agora?

Olhando para ela sem compreender de início, não tardei a perceber o que queria dizer. Eu pagava propinas, o meu pai ia ser preso e, embora a minha mãe trabalhasse, o salário dele era maior. De súbito, apercebi-me da enormidade do que tinha feito, do mal que tinha causado; os meus pais tinham comprado a casa com um empréstimo bancário, a minha mãe não tinha carta de condução e não havia dinheiro para as minhas propinas. A ideia do lar em que os meus pais tinham querido esconder-me abandonou-me por completo, sendo substituída por uma sensação de pânico e de culpa. Tinha arruinado a vida da minha mãe, compreendi.

Vendo a minha expressão atónita transformar-se numa de compreensão enquanto parte do que me esperava me penetrava o espírito, ela tentou

tranquilizar-me.

- Antoinette, tu não tens culpa nenhuma disto. É impossível que a tua mãe não tenha adivinhado durante estes anos todos.

Acreditar que assim era teria sido mais do que eu era capaz de suportar. Como podia lidar com a ideia de uma tal traição por parte da única pessoa que eu amava sem reservas?

Desesperadamente, neguei, como negava a mim mesma, e mais uma vez não me escapou o olhar que elas trocaram, um olhar que combinava a compaixão e a incredulidade.

- Antoinette - disse a mulher-polícia, com um misto de piedade e determinação em cumprir a sua tarefa nos olhos -, vais ter de prestar declarações no julgamento do teu pai... compreendes o que isso significa?

Antes de ter tempo para digerir o que significava, ela reforçou o meu medo, informando-me de que ele seria libertado sob fiança e que voltaríamos os dois para casa juntos. Depois saiu da sala, deixando-me com a assistente social. Fiquei sentada em silêncio enquanto assimilava os factos e depois o meu terror encontrou voz.

- Não posso ir para casa - gaguejei. - Por favor.

Senti a piedade da Jean ao responder.

- A não ser que a polícia declare que corres riscos, não há nada que eu possa fazer.

Passaram minutos intermináveis antes de a porta se abrir e a mulher-polícia entrar acompanhada do sargento. Sentaram-se ambos à minha frente com expressões sérias.

- O teu pai confessou-se culpado - informou-me o sargento sem rodeios. - Isso torna o julgamento mais fácil para ti. A audiência terá lugar à porta fechada porque tu és menor.

Sabes o que quer dizer?

Abanei a cabeça, tentando sussurrar que não.

- Quer dizer que não serão admitidos jornalistas nem membros do público sem ligação com o processo. A data do julgamento ainda não foi marcada, mas não demorará mais que umas semanas. Agora vamos levar-te com o teu pai para casa.

Rompi em lágrimas. Ainda fraca da perda de sangue e da operação de emergência, todo o poder de resistência me abandonou. Estava paralisada de medo.

- Por favor, não me mandem para casa - consegui articular entre soluços, recordando a tarefa que tinha apanhado por não ter pendurado o vestido do uniforme. Se ele me tinha espancado por um delito tão insignificante, que castigo me infligiria por isto? Aterrada, agarrei-me à borda da mesa como se pudesse assim adiar o momento de regressar a casa.

A mulher-polícia foi a primeira a falar.

- Não temos nenhum sítio para onde mandar uma rapariga da tua idade, Antoinette, mas os teus pais não vão voltar a magoar-te. O sargento vai comigo e com a Jean falar com a tua mãe.

O sargento tentou tranquilizar-me ainda mais.

- Já falámos com o teu pai. Ele sabe quais são as consequências se te tocar outra vez.

As palavras deles pouco serviram de consolo, porque me lembrava da fúria da minha mãe, do desdém do médico e dos muitos actos de crueldade do meu pai. Sabia que me estavam a mandar para uma casa onde ninguém me desejava, para junto de uma mãe que já não me amava e de um homem que me culparia de tudo o que ia agora acontecer à família.

Fomos conduzidos em dois carros, discretos, como a minha mãe tinha pedido. Estacionámos à porta de casa, onde as luzes ainda estavam acesas. A minha mãe abriu a porta com má cara e depois, misericordiosamente, deixou-me escapar para o meu quarto, de onde ouvi o murmúrio das vozes

sem distinguir as palavras. Estava cheia de fome, lembrando-me que, além das sanduíches que a mulher-polícia me tinha dado, não tinha comido nada desde o pequeno-almoço no hospital. Interroguei-me se a minha mãe se lembraria disso mas, depois de finalmente ouvir a porta fechar-se quando os agentes saíram, não ouvi passos a aproximarem-se do meu quarto. Quando acordei a casa estava mergulhada em silêncio.

CAPÍTULO 26

Tinha chegado o dia que eu aguardara com temor. O dia em que o meu pai seria julgado e condenado pelo crime que cometera contra mim, o crime de múltiplo estupro.

A minha mãe, que continuava a protestar que era a vítima neste triângulo, recusara-se a acompanhar-me ao tribunal. Em vez disso, tinha ido trabalhar como se fosse um dia igual aos outros. O sargento, vendo que eu precisava de apoio feminino, tinha-me dito que levaria a mulher para olhar por mim. Em pé junto à janela de minha casa, demasiado apreensiva para me sentar, esperei que chegassem.

O meu pai já tinha saído para ir pelo seu pé para o tribunal, deixando o carro em casa, o que não me deixou dúvidas de que, independentemente do que o advogado dele dissesse, ele sabia que não voltaria para casa no fim do dia. Pelo menos, nessa manhã, tinha sido poupada à sua presença.

Incapaz de relaxar, estava pronta desde que acordara, várias horas antes. Vestira uma saia cinzenta e uma blusa com o blazer da escola por cima. Pensei se ainda teria o direito de o usar mas, como não tinha outro casaco, não tive alternativa.

Tinha levado a Judy à rua como todas as manhãs. Há muito que terminara o pequeno-almoço, em que quase não tinha tocado, quando o ruído de um motor anunciou a chegada do sargento.

Envergando o seu traje de todos os dias, um casaco de tweed e calças cinzentas, abriu a porta do carro para eu entrar e apresentou-me a mulher,

uma senhora pequena e roliça, que me cumprimentou com um sorriso leve e tenso. Percorremos então o curto trajecto até ao tribunal.

A conversa durante a viagem foi forçada. A única coisa que me preenchia o espírito era o olhar gélido da minha mãe sempre que era obrigada a olhar para mim. Finalmente agora o meu desejo de uma casa onde só eu e a minha mãe habitássemos ia tornar-se realidade; mas há muito que sabia que não seria um lar feliz.

Por fim, o edifício cinzento e austero do tribunal surgiu à vista. Com pernas que me pareciam de chumbo, transpus a porta de dois batentes, penetrando no intimidante interior. Vi advogados, solicitadores e alegados criminosos sentados em grupos, em bancos que não tinham sido desenhados com preocupações de ordem estética e de conforto. Sentei-me, ladeada pelo sargento e pela mulher dele, interrogando-me onde estaria o meu pai, mas grata por não o ver. Estava à espera que me chamassem para prestar depoimento contra ele.

Nessa manhã, o espelho tinha-me revelado um rosto pálido e fatigado, que parecia mais velho que os meus quinze anos, emoldurado pelo cabelo até aos ombros, cortado à pajem. Não tinha qualquer maquilhagem que disfarçasse a minha palidez ou as olheiras escuras por baixo dos meus olhos, dos quais estava ausente o jovial optimismo ou a alegre expectativa de uma adolescente com toda a sua vida diante de si. Era o rosto de uma rapariga que perdera toda a esperança e confiança, senão para sempre, pelo menos nesse dia.

Serviram-me chá enquanto esperávamos e depois a porta da sala de audiências abriu-se e apareceu o escrivão do tribunal, de fato escuro, que eu já conhecia de vista. Aproximou-se apressadamente de mim e informou-me que o meu pai já tinha prestado depoimento e se tinha declarado culpado e, por essa razão, não seria necessário contra-interrogarem-me. Disse-me que o juiz tinha, contudo, algumas perguntas para me fazer e depois mandou-me entrar.

Jurei sobre a Bíblia “dizer toda a verdade e nada mais que a verdade”. Indicaram-me o banco das testemunhas e eu virei-me para encarar o juiz que, com um sorriso bondoso, me perguntou se me queria sentar, o que fiz,

aliviada. Tinha a boca seca e o juiz mandou que me dessem um copo de água. Bebi pequenos goles, deixando o líquido deslizar-me pela garganta subitamente seca.

- Antoinette - começou ele -, quero apenas fazer-te algumas perguntas e depois podes ir-te embora. Responde o melhor que puderes. E lembra-te de que não estás sob julgamento.

Sentes-te capaz?

Atemorizada pela sua peruca branca e toga escarlate, sussurrei: - Sinto.

- Alguma vez contaste à tua mãe?

Respondi que não.

A sua pergunta seguinte apanhou-me de surpresa e senti uma atenção na sala que não se manifestara antes.

- Conheces os factos da vida? Sabes de que maneira as mulheres engravidam? - perguntou.

Mais uma vez sussurrei: - Sei.

- Então deves ter tido medo de engravidar?

Olhei para a cara dele e compreendi, sem saber porquê, que a resposta a esta pergunta era importante.

- Ele usava sempre uma coisa - respondi, ouvindo um suspiro do advogado do meu pai.

- O que é que ele usava? - foi a sua última pergunta.

- Parecia um balão - foi a minha resposta. Com a minha falta de interesse por rapazes, não tinha qualquer necessidade de conhecer o termo “preservativo”.

Na altura, não compreendi que a minha resposta tinha acabado de confirmar um acto de premeditação. Aquelas curtas palavras tinham garantido uma

pena de prisão ao meu pai, e não o internamento num hospital psiquiátrico, como o advogado dele esperava. O juiz dispensou-me e eu, evitando o olhar do meu pai, saí do tribunal para reocupar o meu lugar na sala de espera, onde teria de ficar até o juiz proferir a sentença e esta me ser transmitida.

Observando a porta do tribunal durante o que me pareceram horas, mas não podem ter sido mais de quinze minutos, vi-a abrir-se e o advogado do meu pai aparecer. Aproximou-se de mim.

- O teu pai apanhou quatro anos - disse ele. - Com bom comportamento, sai dentro de dois e meio. - Falou sem o menor traço de emoção na voz perante a sorte do seu cliente. - O teu pai quer falar contigo. Está numa das celas... a decisão de falares com ele é tua. Não és obrigada.

Treinada como estava para obedecer, concordei em ir. Ele conduziu-me para junto do meu pai. O medo abandonou-me ao ver o homem que me atormentara durante tantos anos, e esperei que ele falasse.

- Agora olha pela tua mãe, Antoinette, estás a ouvir?

- Sim, papá - respondi pela última vez durante muitos meses. Depois virei-me e afastei-me para ir ter com o sargento da polícia e a mulher.

- O juiz quer falar contigo por alguns momentos - informou-me o sargento quando o escrivão do tribunal se dirigiu a nós e me fez sinal para que o seguisse.

Momentos mais tarde, pela segunda vez nesse dia, enfrentei o juiz. Desta vez, ele estava no seu gabinete e já tinha retirado a peruca e a toga. Mandou-me sentar. Olhando para mim com uma expressão grave, disse-me por que razão queria falar comigo em privado.

- Antoinette, hás-de descobrir, como sei que já descobriste, que a vida não é justa. As pessoas vão culpar-te, como já fizeram. Mas eu quero que me ouças com muita atenção. Li os relatórios da polícia. Li os teus boletins clínicos. Sei exactamente o que te aconteceu e digo-te que a culpa não é tua. Não fizeste nada de que devas envergonhar-te.

Guardei zelosamente estas palavras dentro de mim para fazer uso delas quando precisasse.

Um processo julgado à porta fechada pode limitar o número de pessoas que é admitido na sala do tribunal, mas não silencia as que se encontram no exterior. Condutores de ambulâncias, enfermeiras, a própria polícia, para não falar nas assistentes sociais e em duas professoras, passaram todos para a lista de suspeitos da minha mãe quando ela teve conhecimento de que toda a vila falava do caso.

Não só falavam, como tinham tomado partido. Coleraine, a terra natal firmemente protestante do meu pai, culpava a filha.

Eu era uma criança desenvolvida, a minha timidez dava-me um ar de indiferença e falava com um sotaque inglês da classe média, um sotaque que era muito pouco popular no Ulster dessa época. O meu pai, por outro lado, era um homem da terra, que tinha combatido na guerra, regressado com medalhas e era considerado um herói pela família. Não havendo serviço militar obrigatório na Irlanda do Norte, todos os homens que tinham combatido na Segunda Guerra Mundial eram voluntários corajosos. Os seus familiares achavam que o seu único erro fora a escolha de mulher, uma pessoa não só cinco anos mais velha do que ele, mas que desprezava os amigos e a família dele. Ele era boa companhia nos pubs, um golfista amador exímio e um brilhante jogador de snooker, um homem amado e respeitado em igual medida por homens e mulheres.

“Pedófilo” não era então um termo badalado e tão-pouco seria o termo que aplicariam ao meu pai. Diziam que eu tinha consentido e que, para me safar quando engravidei, o tinha acusado de estupro. Tinha levado o meu pai a tribunal, testemunhado contra ele e lavado em público a roupa suja de uma família numerosa. Como o processo fora julgado à porta fechada, poucos factos tinham transpirado mas, mesmo que todos eles tivessem sido publicados nos jornais, duvido que a vila tivesse acreditado. As pessoas, aprendi cedo, acreditam sobretudo no que querem acreditar, incluindo a pessoa que mente.

Tomei consciência da reacção da vila pela primeira vez quando visitei uma das primas do meu pai, a Nora, uma mulher com uma filha de cinco anos de

quem eu gostava. Tinha tomado conta da criança e passado muitos bons momentos a brincar com ela. A Nora abriu a porta de casa e ficou ali, de mãos na cintura e um olhar de hostilidade na cara, enquanto a filha se escondia atrás das saias dela a espreitar do lado.

- Tens cá uma lata em vir aqui. Achas que deixávamos a nossa filha brincar com gente da tua laia? Sabemos muito bem o que fizeste... sabemos de ti e do teu pai. - A fúria, aliada à repugnância, quase a fez engasgar-se ao lançar-me as últimas palavras à cara. - Desaparece daqui e não tornes a aparecer.

Recuei como se tivesse sido agredida e a última imagem da menina com quem tinha brincado foram os seus desconcertados olhos azuis a olhar para mim antes de a porta me ser batida na cara. Atordoada, voltei para casa, para a frieza da minha mãe. Ela disse que tinha desistido do emprego e que nunca mais sairia de casa. Não era capaz de suportar a desonra - estava tudo nos jornais. E era verdade. O meu nome não era mencionado e, ingenuamente, eu ainda pensava que isso, de algum modo, me protegia, mas toda a gente sabia e agora fora oficialmente confirmado.

A minha mãe disse-me então que ia pôr a casa à venda e que nos íamos mudar, não para Inglaterra como eu esperava, mas para Belfast. Mudar-nos-íamos assim que a casa fosse vendida. Entretanto, eu podia encarregar-me das compras. Ela recusava-se a confrontar a vila e a bisbilhotice - eu que arcasse com isso. Podia continuar na escola até partirmos, pois assim estaria fora de casa. Enganou-se a esse respeito: no dia seguinte fui expulsa.

Fez-se silêncio quando entrei no átrio da escola: as raparigas evitaram o meu olhar; raparigas que eu julgava amigas afastaram-se de mim, excepto uma. A Lorna, a minha amiga de Portstewart, em cuja casa tinha estado muitas vezes, olhou-me nos olhos e sorriu. Lançou-me um olhar embaraçado, pois tinha sido nomeada porta-voz do grupo. Embora não parecesse nada satisfeita com a incumbência, vi a sua determinação em debitar o discurso preparado.

- A minha mãe diz que não posso dar-me contigo. - Fez uma pausa. - Tenho muita pena, mas todas nós recebemos as mesmas instruções.

Em pé no jardim da escola, apertando a sacola contra o peito, demasiado entorpecida para sentir qualquer emoção, vi a vice-directora aproximar-se de mim.

- Antoinette, não contávamos contigo hoje. Já escrevemos à tua mãe. Ela não recebeu a carta?

Disselhe que o correio chegava sempre depois de eu sair para a escola e a sua única resposta foi franzir os lábios, desviando os seus pequenos olhos escuros para um ponto por cima do meu ombro. Mantive-me em silêncio na esperança vã de poder adiar o que sabia ser inevitável. Por fim, ela falou novamente.

- Não podes frequentar esta escola. A tua mãe há-de receber a carta hoje. - Deve ter visto a expressão acabrunhada no meu rosto ao olhar para mim com repugnância, mas a sua única reacção à minha súplica muda foi outra pergunta. - O que esperavas depois da pouca-vergonha em que te meteste? Sabemos o que fazias com o teu pai. Já recebemos chamadas de muitos pais, a direcção foi consultada ontem à noite e tivemos uma reunião a teu respeito. A decisão é unânime: tens ordem de expulsão. Já esvaziámos a tua carteira e o teu cacifo. Vem agora comigo ao escritório buscar as tuas coisas.

Abatida com a desonra, revoltei-me e interpelei-a.

- A culpa não foi minha - protestei. - Ele obrigou-me.

- Ai sim, todas as vezes? Não piores as coisas.

Depois, cumprido o seu desagradável dever, ela acompanhou-me ao portão.

- Não tentes contactar nenhuma das alunas... os pais não querem que elas se dêem contigo -

foram as suas palavras de despedida e eu afastei-me do edifício onde tinha feito, durante oito anos, a maior parte dos meus estudos. Fora aqui que havia tentado, a medo, fazer as primeiras amizades, o género de amizades que esperamos que, uma vez forjadas, durem a vida inteira.

Mordi as bochechas para reprimir as lágrimas, pensando no que podia fazer para atrasar o regresso a casa.

Sabia que a minha mãe já teria recebido a carta. Perguntei-me, desanimada, qual seria a sua reacção, temendo voltar para junto dela e para a fria barreira que ela erguera entre nós. Um muro que eu nunca aceitara tinha sido firmemente construído, tijolo a tijolo, ao longo dos últimos oito anos. Agora era impossível escalá-lo. Desde que lhe contara da minha gravidez, tinha sido assente o último tijolo e a frieza mostrava que, com ele, os últimos vestígios de qualquer amor que ela pudesse ter sentido por mim no passado se tinham agora desvanecido.

Caminhei agarrada à sacola, agora cheia com o resto dos livros da minha carteira. Era impossível, pensei tristemente, que a minha avó não me recebesse, porque me amava.

Animada por essa esperança, os meus passos levaram-me até sua casa.

Ela deixou-me entrar e depois foi para a cozinha fazer chá. Não me fez qualquer pergunta sobre a razão pela qual eu estava em casa num dia de aulas, e isso avisou-me daquilo que me reservavam os minutos seguintes. Serviu-me uma chávena de chá à mesa e sentou-se à minha frente. Estava com um aspecto desgastado, acabrunhado pela culpa do filho e pela decisão que entendeu ser seu dever tomar. Comunicou-me o mais brandamente que pôde a conclusão da família a respeito da melhor maneira de lidar com a situação.

- Já sabia que ias aparecer aqui hoje. Sei o que a Nora tenciona dizer-te. - Deve ter visto pela expressão na minha cara que eu já tinha visitado a prima do meu pai. Suspirou e estendeu a mão sobre a mesa para cobrir a minha. - Ouve bem, Antoinette. O teu pai é o meu filho mais velho e o que ele fez é errado... eu sei disso, mas não podemos voltar a receber-te nesta casa.

Olhei para ela, desolada. Estava a pronunciar as palavras que, no meu íntimo, tinha temido ouvir. Pousei a chávena e fiz-lhe uma pergunta de que já conhecia a resposta.

- É essa a opinião de todos?

- Volta para a tua mãe. Seria melhor se ela te levasse para Inglaterra. É a vossa terra.

Foi assim que se despediu de mim, porque nunca mais voltei a vê-la.

Endireitei os ombros e, pela primeira vez, não a beijei ao sair. Saí de sua casa e avancei pela rua onde nem uma só pessoa me cumprimentou. Pensei no calor da casa dos meus avós, no amor que lá recebera. Recordei os sorrisos de boas-vindas da minha avó quando regressámos de Inglaterra e vi os seus ombros descaídos depois de assimilar a enormidade do que o filho fizera. Já sentia a perda da minha família, pois sabia que nunca mais a veria. Compreendi que com o tempo ele seria perdoado, ao passo que eu, um dia amada mas não tanto como ele, nunca o seria. Sem mais nenhum sítio para onde ir, releguei esta perda final para o meu subconsciente e fui para casa confrontar a minha mãe.

As semanas antes de a casa e o carro do meu pai serem vendidos passaram num clima de frieza ao ponto de se ter tornado preferível suportar os olhares e os cochichos da vila quando ia às compras. Tinha contado, pelo menos, com alguma compreensão, piedade até, do mundo dos adultos mas, no fim, os únicos gestos de bondade que recebi vieram dos lugares mais inesperados. Os nossos vizinhos do lado, que deviam ter ouvido no passado alguns dos ataques de mau génio do meu pai, convidaram-nos para jantar. O marido ofereceu-se para ajudar em certas tarefas que pudessem ser necessárias em nossa casa, para conseguirmos o melhor preço possível por ela, e a mulher ofereceu-se para ajudar a embalar as coisas. A pessoa seguinte foi o dono da loja local, a única pessoa que falou directamente comigo.

- És sempre bem-vinda aqui - disseme ele. - Ouvi as histórias e quero que saibas que a minha opinião é diferente da maioria das outras. Se alguém te tratar mal aqui, pode sair da minha loja. As pessoas já o sabem.

Ninguém me tratou mal - as pessoas faziam de conta que eu não existia enquanto, de queixo levantado, sem olhar para nenhum lado, eu seleccionava as nossas compras.

A minha mãe foi fiel à sua palavra e, à excepção de uma ou outra visita aos nossos vizinhos, a quem até então sempre se sentira superior, nunca saiu de

casa para se aventurar em Coleraine.

Só quando a casa foi vendida e pudemos partir para Belfast é que ela me comunicou os seus planos. Tinha tratado do arrendamento de uma pequena casa em Shankhill, um distrito de má fama, pois não tinha dinheiro para mais. Não podia voltar para Inglaterra: não desejava que a família descobrisse onde estava o marido e, pela mesma razão, eu não podia ir. Teria de arranjar trabalho em Belfast, uma inevitabilidade a que já me tinha resignado. Decidi que ia procurar um emprego em que me dessem alojamento, o que teria duas vantagens. Dar-me-ia independência e afastar-me-ia da minha mãe. Percebi que a Judy não poderia acompanhar-me e sabia que ia ter imensas saudades dela, mas a minha mãe também lhe tinha afeição e eu sabia que ela olharia pela cadela na minha ausência. A minha necessidade de escapar à culpa constante que sentia sobrepunha-se a qualquer outra emoção. O sonho que alimentava há muito de viver com a minha mãe sem o meu pai tornara-se um pesadelo. Ainda a amava, ansiava pela sua compreensão e afecto, mas ela, mergulhada na sua própria depressão, não tinha compreensão nem afecto para me dar. Dois meses depois do julgamento, mudámo-nos para Belfast.

Achei que as ruas de pequenas casas de tijolo vermelho, com portas a abrir directamente sobre a rua, eram semelhantes à área onde residiam os meus avós, mas maiores e mais interessantes.

Havia inúmeras lojas, um pub em cada esquina e um fluxo permanente de pessoas.

Previsivelmente, a minha mãe odiou Belfast à primeira vista. Sentia que era o fim do seu sonho irlandês; batera no fundo e a culpa não era dela. Agora, uma raiva surda, alimentada pelo seu ressentimento contra a vida, parecia consumi-la por dentro. Um ressentimento não apenas contra a situação em que se encontrava, mas também contra mim. Deixei passar dois dias e depois disselhe que, agora que tínhamos desembalado tudo, ia começar a procurar emprego no dia seguinte.

CAPÍTULO 27

No dia seguinte, de manhã, li ansiosamente a secção de oferta de emprego no jornal, fazendo um círculo em volta de todos os anúncios que incluíam alojamento. Queria sair de casa o mais depressa possível. Depois, armada com um saco de moedas, dirigi-me à cabina telefónica mais próxima.

No primeiro número para que liguei, atendeu-me uma senhora simpática que me informou que precisava de ajuda com os dois filhos pequenos. Ela e o marido tinham uma vida social muito activa, haveria em média quatro noites em que teria de tomar conta das crianças e era essa a razão por que era oferecido alojamento. Perguntou-me se isso seria um problema.

Garanti-lhe que não tinha qualquer desejo de sair à noite, excepto para visitar a minha mãe.

Combinámos uma entrevista para o fim do dia.

Experimentando uma sensação de realização, não só por ter conseguido uma entrevista, mas por vir talvez a conseguir um local onde viver, fui para casa escolher roupa apropriada.

Decidi-me por uma saia de um tom azul-marinho com um conjunto de malha a condizer que pousei na cama depois de verificar se estavam encorvilhados. Engraxei os meus sapatos de salto baixo até me ver reflectida neles e depois escolhi roupa interior lavada e verifiquei se as meias tinham malhas.

Quando fiquei satisfeita com a indumentária, desci à cozinha, onde fervei panelas de água para lavar o cabelo bem cortado e também o corpo. Olhando para o espelho manchado da idade, encostado à parede junto ao lava-loiça na cozinha, apliquei cuidadosamente a maquilhagem.

Um pouco de base cuidadosamente espalhada, rímel e por fim um bâton rosa-claro.

Sabendo que era pouco provável que a minha antiga escola me desse uma carta de recomendação, meti na carteira, assim que me vesti, o meu último boletim escolar, que elogiava as minhas capacidades académicas e o meu comportamento exemplar. Esperei que fosse o suficiente para convencer a minha potencial empregadora e que ela não visse necessidade de pedir mais

referências por escrito. Tinha ensaiado várias vezes, com o maior dos cuidados, a minha história para justificar a razão pela qual uma excelente aluna estava à procura de trabalho como au pair, e fi-lo até me parecer que soava credível.

Lançando uma olhadela final para o espelho para me certificar da minha aparência, peguei na carteira e, armada do meu sotaque de escola privada, dos meus boletins escolares e das minhas mentiras bem ensaiadas, saí de casa.

O primeiro autocarro que tinha de apanhar levou-me até ao centro de Belfast, de onde fiz uma curta caminhada até outra paragem e daqui viajei até à zona mais chique de Malone Road.

Nas proximidades ficava a universidade que já tinha aceitado que nunca frequentaria.

Quando cheguei ao meu destino, percorri a curta distância até à casa indicada. Antes de ter tempo de bater à porta, esta foi aberta por uma mulher nova, bonita e sorridente, com vinte e poucos anos. Tinha um bebé rechonchudo ao colo, de cujo sexo só o seu baby-grow azul me deu uma ideia. A segunda criança, uma menina pequena, a chupar o dedo, estava a agarrar uma prega da saia da mãe com a outra mão e a estudar-me com curiosidade.

- Não posso apertar-lhe a mão - disse a jovem mulher, rindo, afastando-se para o lado para eu entrar. - Deves ser a Toni. Eu sou a Rosa. Entra.

Segui-a para uma bonita sala em tons pastel, dominada por um grande parque infantil.

Dobrando-se, ela colocou suavemente o bebé no parque, indicou-me uma cadeira e ela própria sentou-se, avaliando-me atentamente.

A Rosa, por mais afável que fosse, tinha claramente uma lista de perguntas para a pessoa a quem tencionava confiar parte dos cuidados dos filhos. Esperei passar neste teste. Já contava com a primeira pergunta, que escola

tinha frequentado, e respondi objectivamente. À segunda, por que razão tinha deixado de estudar tão cedo, tinha pronta a minha resposta ensaiada.

Omiti as numerosas escolas que havia frequentado e dei-lhe a impressão de que só tinha andado numa. Expliquei que não tinha tido uma bolsa de estudos, o que me preparou para a maior de todas as mentiras. O meu pai morrera tragicamente alguns meses antes, deixando muito pouco dinheiro. Embelezei um pouco mais esta história, dizendo-lhe que a única razão para eu e a minha mãe termos trocado Coleraine por Belfast tinha sido a de arranjar trabalho.

Vendo a compreensão formar-se-lhe no olhar, lancei o resto das explicações com confiança.

A minha mãe não só tinha perdido o marido, mas também a falta de dinheiro tinha-a obrigado agora a abandonar a casa agradável que possuía e a fixar-se em Shankhill Road, uma zona menos salubre. Expliquei que a minha vontade era ajudá-la a pagar a renda, o que achava que só conseguiria com um emprego interno para a libertar da responsabilidade de me sustentar.

Funcionou melhor do que eu esperava. Antes de colocar a cereja no bolo, mostrando-lhe os meus boletins escolares, já sabia que o lugar seria meu e o meu receio de que ela pedisse referências escritas da escola era infundado. Depois de mais uma hora a conversar e a travar conhecimento com as duas crianças, o David, o bebé, e a Rachel, ficou combinado que me transferiria para lá com os meus haveres no dia seguinte. A Rosa explicar-me-ia então quais seriam os meus deveres.

À noite, ela e o marido, que era, como me tinha orgulhosamente explicado, um médico muito ocupado, jantariam fora com frequência. Quando se ausentassem, as minhas funções consistiriam em deitar as crianças e depois poderia ver televisão na sala de estar.

Quando voltei para casa nessa tarde, experimentava uma sensação de liberdade. Sabia que a Rosa e os filhos tinham gostado de mim. Pela primeira vez em muitos meses, conhecera pessoas que me tinham julgado por quem eu era e não pelo que sabiam a meu respeito. O que não compreendi foi que, enquanto as crianças gostaram de mim por quem eu era, a Rosa tinha

gostado da pessoa que eu tinha inventado para ela: a Toni, a adolescente bem-educada, que nem um namorado, como lhe tinha dito, tivera. Tinha gostado de uma rapariga cujos interesses eram a leitura e os animais, cuja única ambição era aprender a ser ama de crianças e cujo único desejo era ajudar a mãe viúva. Eu descrevera-lhe a minha numerosa família irlandesa, onde tinha aprendido a tratar de crianças, mas omiti a informação de que me tinham proibido de entrar nas suas casas.

A sensação de segurança acompanhou-me durante as duas viagens de autocarro e não esmoreceu quando entrei na nossa pequena casa. A minha mãe já tinha chegado e eu percebi, com um desânimo total, que o seu ar desalentado significava que a sua entrevista para um emprego devia ter corrido mal.

- Mamã - disse eu impulsivamente -, arranjei um emprego. Fico lá a viver e começo amanhã.

Vou ganhar três libras por semana, mais alojamento, e assim já te posso ajudar.

Ela olhou para mim sem compreender.

- O que é que vais fazer? - perguntou ao fim de alguns minutos.

- Vou olhar por crianças e ajudar nas lides da casa - respondi, sabendo o que viria a seguir.

- Oh, Toni, e eu que tinha tantas esperanças para o teu futuro - exclamou ela, fazendo-me sentir culpada por tê-la desiludido mais uma vez.

Foi esse sentimento de culpa que aumentou a minha vontade de partir. Assim, ignorando a sua última observação, falei, com um entusiasmo que começava a esmorecer, da Rosa, das crianças e da bonita casa onde ia viver.

- Como à mesa com a família quando estiverem em casa - continuei.

- Se soubessem quem és, não comias - declarou sem rodeios.

- Mas hás-de gostar de ver televisão. Eu também gostaria, se pudesse comprar uma.

À superfície, recusei deixar que a depressão da minha mãe me afectasse, mas por dentro ainda ansiava por afecto e calor; mas não os recebi. A adolescente cumpridora aos olhos da Rosa era agora a filha egoísta aos olhos da mãe.

Sentámo-nos em silêncio na exígua sala de estar, a ouvir rádio e a ler. Depois de um jantar ligeiro, subi para embalar os meus parcos haveres.

A Rosa tinha-me dado algumas moedas para a viagem e, assim, não precisei de pedir dinheiro à minha mãe na manhã seguinte. A porta, olhei para ela, debatendo-me com emoções que ainda não aprendera a reprimir, mas que não conseguia demonstrar.

- Venho visitar-te para a semana no meu dia de folga - acabei por dizer, pegando na mala e abrindo a porta, e saí. Ela, como sempre, não disse nada.

Chegando à minha nova casa, a Rosa mostrou-me o meu quarto, onde me apressei a desfazer a mala antes de descer ansiosamente à cozinha ao encontro das crianças à minha guarda.

Recebi a minha primeira lição sobre como lhes dar de comer, o que me trouxe lembranças de ajudar com a minha prima pequena quando ela tinha a mesma idade.

Em breve descobri que os meus deveres eram simples. Na primeira noite, antes de dar banho às crianças, fui apresentada ao marido da Rosa, também chamado David, que me apertou a mão com firmeza e me disse que esperava que eu fosse feliz com eles.

O banho às crianças resultou em gargalhadas de prazer enquanto eu transformava brinquedos flutuantes em submarinos e os fazia mergulhar por baixo das crianças ensaboadas. Ouvindo o barulho, o David e a Rosa, vestidos para sair, apareceram a despedir-se. Evitando a espuma, beijaram os dois filhos e depois deixaram-nos ao meu cuidado.

Nessa primeira noite, como nas seguintes, tirei os dois pequenos corpos, roliços e inquietos, da banheira, envolvi-os em toalhas macias e enxuguei-os vigorosamente. Pensei se, com a promessa de uma história, aceitariam deitar-se sem protestos. Primeiro, deitei o bebé no berço e depois aconcheguei a menina na cama, lendo-lhes uma história escolhida pela Rachel.

Quando começaram a fechar os olhos, beijei-os na cabeça e fui para baixo ver televisão.

Durante as semanas seguintes, afeiçoei-me profundamente às crianças. Quando brincava com ele, o bebé David agarrava-me num dedo com a mãozinha gorducha e lançava-me um sorriso desdentado. A Rachel sentava-se no meu regaço com uma expressão séria e concentrada enquanto eu lhe lia. Quando levava o carrinho do David para o parque, ela ajudava-me a empurrar, mas sempre de mão dada comigo.

Seis dias por semana, preparava-lhes o almoço que comia com eles. Muitas vezes à tarde, quando as crianças dormiam a sesta, eu e a Rosa conversávamos. Por vezes, sentávamo-nos no quarto dela, onde ela vestia roupa recentemente comprada, pedindo a minha opinião.

Tranquilizada pelo afecto desta família, comecei a fantasiar que fazia parte dela. Permitia-me esquecer que a Rosa, embora fosse simpática comigo, não era minha amiga e que ela e o marido eram meus patrões. Procurava conquistar o afecto da Rosa, oferecendo-me para fazer outro tipo de tarefas, como preparar-lhe o chá ou ajudá-la a passar a ferro. Ela, por outro lado, parecia vagamente divertida com o meu desvelo; era certo que não fazia nada para o desencorajar.

O ambiente na casa era sempre alegre. Era evidente que o David e a Rosa não eram simplesmente pais extremosos, mas também se amavam profundamente. Faziam-me lembrar a família da minha tia Catherine e, à medida que os dias passavam, sentia-me uma felizarda por viver ali. Quando o David chegava a casa, eu tratava sempre de estar no andar de cima ou na cozinha com as crianças, pois sentia que ele e a mulher apreciavam algum tempo a sós depois do seu regresso. Tinha observado que, assim que ouvia o

ruído do carro dele a subir o curto caminho privado, ela se precipitava para lhe abrir a porta.

Sabendo disto, fiquei surpreendida quando, uma noite em que não faziam planos para sair, apareceram os dois na casa de banho. Eu estava ajoelhada a dar banho às crianças. Pressenti a sua presença antes de ouvir a voz do David.

- Antoinette - ouvi indistintamente. - É o teu nome, não é?

Levantei os olhos para ele e ele viu neles a verdade.

- A minha mulher ocupa-se das crianças. Eu falo contigo lá em baixo.

Pareceu-me que tudo se passava em câmara lenta. Levantei-me com pernas trémulas, tentando captar o olhar da Rosa na esperança de encontrar ajuda, mas ela, com as faces coradas, esquivou-se ao meu olhar. Sentindo a tensão dos adultos, as duas crianças olharam para mim, confusas, sem saberem por que razão eu tinha deixado subitamente de brincar com elas.

Pousei lentamente a esponja ensaboada que estava a pingar para o chão e segui-o em silêncio até à sala de estar no andar de baixo. Não sendo convidada a sentar-me, fiquei em pé diante dele, vendo no seu rosto a expressão mal-encarada que tantas vezes vira no rosto de outras pessoas.

- O teu pai não morreu, pois não? - perguntou-me, num tom de voz que me disse que conhecia a resposta. - Está na prisão e tu tens sorte por não estares num lar. Pois é, uma coisa é certa, aqui não ficas nem mais uma noite. Vai imediatamente para o teu quarto fazer as malas e fica lá até eu te chamar. Eu levo-te a casa da tua mãe.

Tentei defender-me.

- A culpa não foi minha, o juiz disse isso mesmo - balbucieei, desesperada para que ele acreditasse em mim e me deixasse ficar.

Surtiu-lhe no rosto uma expressão de tal repugnância e desprezo que me senti desfalecer por dentro.

- Pois, mas não são os filhos dele que estão à tua guarda, pois não? Guardaste silêncio durante sete anos; foi só porque precisavas de fazer um aborto que falaste. Mentiste mesmo ao teu médico, com quem falei esta tarde. Foste expulsa da escola porque os outros pais, e com toda a razão, te acharam indigna de te dares com os seus filhos. - Senti a fúria dele crescer. -

Quero-te fora desta casa esta tarde. - Falou num tom de tal modo categórico que compreendi que os dias felizes naquela casa tinham chegado ao fim.

Ao sair da sala, ouvi de novo a voz dele atrás de mim.

- A Rosa está de acordo comigo, para o caso de teres uma ideia diferente. Não quer falar contigo, por isso vai directamente para o teu quarto.

Obedeci, esforçando-me por não chorar. As lágrimas viriam mais tarde, em privado, disse a mim mesma.

A porta do quarto da Rosa estava fechada, mas ouvi do outro lado o murmúrio da voz dela, intercalada com a voz aguda da Rachel. Percebi que tinha levado as crianças para ali para me evitar.

A meia hora seguinte passou num aturdimento enquanto embalava os meus parques haveres, sentando-me em seguida na borda da cama à espera que o David me chamasse.

- Tens tudo? - foram as únicas palavras que ele me dirigiu quando me foi chamar ao meu quarto; depois conduziu-me ao carro, onde me sentei no banco de trás com a mala, e afastou-se do frondoso subúrbio de Malone Road em direcção às ruas estreitas e mal iluminadas da zona de Shankhill Road.

Quando chegámos a casa da minha mãe, agarrando-me firmemente no braço, ele bateu à porta e esperou que ela abrisse antes de me largar. A luz da lâmpada solitária suspensa à entrada, uma expressão resignada estampou-se no rosto da minha mãe.

- Trago-lhe a sua filha, Mrs. Maguire - foi tudo quanto ele disse antes de voltar para o carro e arrancar.

Mais uma vez incapaz de dormir, sentime submergida por uma onda de infelicidade. Ouvi a voz do meu pai: “A tua mãe vai deixar de gostar de ti, se falares. Todos vão deitar as culpas para cima de ti.” Sabia agora sem sombra de dúvida que não se enganara nas suas previsões.

Evoquei um rosto simpático, o do juiz, ouvindo a sua voz dizer-me: “A culpa não é tua, nunca te esqueças, porque as pessoas vão culpar-te.”

Fatigada, saí da cama, atirei água fria para a cara e vesti-me à pressa. Pela segunda vez em poucos meses, encaminhei-me para a tabacaria para comprar o jornal local. Levando-o para um café próximo, fiz um círculo à volta dos pedidos de emprego que não exigiam qualificações e ofereciam alojamento, com medo de ligar para alguém que conhecesse o David e a Rosa.

Destacou-se um anúncio: “Grande casa de campo precisa de aupair para apoiar duas crianças em idade pré-escolar. Oferece-se alojamento e um bom ordenado para a pessoa com o perfil certo.”

Depois de contactar a marcar uma visita para o fim da tarde desse dia, vesti a mesma roupa que tinha posto, meses antes, para a primeira entrevista. Desta vez, não experimentei qualquer excitação, qualquer sensação de começar uma vida nova, apenas uma surda aceitação do que sabia agora que o futuro me reservava. Mais uma vez, apanhei o autocarro para o centro de Belfast, mudando depois para o que me levaria ao meu destino no campo. À chegada, não vi as sebes demasiado crescidas e as árvores altas das minhas recordações de Cooldaragh, mas sebes bem aparadas de buxo, ladeando um caminho privado que conduzia a uma casa georgiana quadrada, de cor cinzenta, com janelas altas e estreitas viradas ao relvado bem tratado. Não havia grandes rododendros onde as crianças podiam brincar, nem um riacho habitado por rãs. Em vez disso, círculos de terra plantada com roseiras proporcionavam as únicas manchas de cor que quebravam a uniformidade do verde.

Tão-pouco fui recebida por uma sorridente Rosa com os seus olhos brilhantes, mas por uma mulher loira, com uma expressão fria, tão bem arranjada como os relvados, que me abriu a porta. Ao conduzir-me através do vestíbulo até à sala de estar de tons agradáveis e com rosas em jarras de cristal sobre pequenas mesas de mogno, interroguei-me onde estariam as

crianças. Ela respondeu à minha pergunta tácita, dizendo-me que estavam no quarto de brincar com uma ama temporária.

Mais uma vez, a minha história ensaiada operou o milagre; mais uma vez, ficou combinado que eu me instalaria num quarto que funcionava também como sala de estar e que o meu salário seria de três libras por semana. Desta vez, tinha uma televisão no quarto, não faria parte da família, mas ficou acordado que jantaria à mesa com eles. Após estas formalidades, fui levada à presença das crianças que estariam ao meu cuidado, igualmente um rapaz e uma rapariga, mas loiras e bonitas como a mãe. Pensei naquele momento que, numa casa tão bem organizada, era quase como se, tivessem chegado por encomenda, primeiro um rapaz e depois uma rapariga.

Enquanto esperávamos pelo marido dela, uma criada trouxe para a sala de estar pratos de sanduíches sem côdea. Serviu chá de um grande bule de prata em pequenas chávenas de porcelana, adicionando o açúcar com uma pequena pinça de prata, enquanto permaneci sentada na ponta de uma poltrona de orelhas estofada a veludo. Ela disse-me que o marido era banqueiro de negócios, que a última au pair tinha partido para Inglaterra e que precisava de alguém até os filhos atingirem a idade escolar, dentro de um e dois anos, respectivamente.

Concordei - afinal que alternativa tinha? Mas compreendi imediatamente que eu e ela nunca nos tornaríamos amigas. Aos seus olhos, eu não passava de uma criada assalariada. Depois pensei se não seria melhor assim. Pelo menos, não alimentaria qualquer ilusão de que pertencia a uma família que não era a minha.

Antes de partir, fui brevemente apresentada ao marido, um homem alto e magro de trinta e poucos anos, cujo sorriso cortês não se estendia aos seus olhos.

Voltei a apanhar os dois autocarros para casa da minha mãe, voltei a fazer a mala e falei-lhe do meu novo emprego. Pelo menos desta vez, ela pareceu contente: finalmente tinha arranjado trabalho, informou-me, como gerente de um café. Disse-me que o dono lhe tinha agradado muito, um jovem entusiástico de vinte e oito anos que acabara de se lançar nos negócios.

Na elegante casa georgiana, a fria solidão do meu isolamento parecia penetrar-me os ossos. A cada dia que passava, sentia-me mais e mais entorpecida. Comia à mesa com a família quase todas as noites e depois ia para o meu quarto ler ou ver televisão. Não sentia quaisquer laços com esta família. Continuava a ter saudades da Rosa e dos filhos e do calor que sentira em casa dela.

No meu quarto dia de folga, sabendo que a minha mãe estava a trabalhar, fui visitá-la ao café.

Ela estava transformada: um novo penteado curto, maquilhagem cuidadosamente aplicada, bâton vermelho a condizer e verniz nas unhas conferiam-lhe uma aparência juvenil e moderna. Dirigiu-me um sorriso radioso, mas o amor por que eu ansiava não se espelhou nos seus olhos.

- O que estás aqui a fazer? - perguntou.

- Podemos tomar um café juntas? - disse eu, mas estava a pensar: “Estou aqui porque estou com saudades tuas.”

- Oh, querida - respondeu ela -, claro que podemos tomar um café rápido mas daqui a nada é hora do almoço e isto fica um inferno.

Instalámo-nos nos bancos e fomos servidas por uma jovem empregada com um uniforme cor-de-rosa velho e creme, completamente diferente dos uniformes da maioria das empregadas de mesa em Belfast nessa época, que ainda vestiam de preto e branco. A minha mãe perguntou-me se eu gostava do novo emprego e da família. Descrevi-lhe tudo em pormenor, a casa, os jardins, as crianças, mas omiti que, apesar de ser muito mais imponente, faltava o ambiente caloroso e descontraído da casa da Rosa e do David.

Sabia que tinha descrito a casa dos sonhos da minha mãe mas, para mim, era um edifício e não um verdadeiro lar. Menos de uma hora mais tarde, depois de um breve abraço e de outro sorriso radioso da minha mãe, estava de novo na rua com o resto do meu dia de folga estendendo-se à minha frente.

Um caleidoscópio de caras com variadas expressões, desde o desdém à fúria, flutuou diante de mim e as suas vozes ecoaram-me nos ouvidos.

Primeiro chegou a do meu pai, o seu sorriso escarninho dizendo-me vezes sem conta: “A tua mãe vai deixar de te amar, se falares. Toda a gente vai deitar as culpas para cima de ti.” Em seguida, o olhar colérico e tenebroso da minha mãe, na noite em que quase me esvaí em sangue, o seu sussurro ao médico ao dizer-lhe que me mandasse para o hospital mais distante. A expressão severa da minha avó, que já não revelava qualquer vestígio de amor. A aversão que se estampou no rosto da minha prima Nora quando me abriu a porta, protegendo a filha de mim. O coro das suas vozes reverberava-me nos ouvidos.

“Antoinette, não és bem-vinda. Sabemos o que se passou entre ti e o teu pai. Vai-te embora e não voltes aqui. Nunca mais voltes aqui.”

Senti de novo a dor de cada rejeição. Os meus olhos marejaram-se de lágrimas ao reviver a última, quando o David me expulsou de sua casa. O desespero contra o qual tinha lutado enquanto esperava com os meus parques haveres, apressadamente embalados na pequena maleta, voltou e instalou-se dentro de mim. O orgulho, a única arma que me restava, abandonou-me, dando lugar à dor e à autocomiseração. Já não via essa vaga luz ao fundo do túnel da minha vida. Tinha simplesmente desaparecido.

Pensei que nunca mais ninguém me poderia amar. Nunca ninguém tinha amado a verdadeira pessoa que eu era. Sim, tinham amado a menina bonita, de vestidos de alças, a criança inteligente que tirava boas notas, a adolescente prestável, sempre pronta a tomar conta dos filhos dos outros. Mas quem me tinha amado quando eu fiquei grávida, quando conheci o sexo, quando me tornei numa criança assustada? Nem sequer a minha mãe.

Por todo o lado, via grupos de amigos ou casais felizes. Pessoas que tinham famílias, pessoas que eram amadas. Era uma adolescente solitária, uma estranha invisível num mundo hostil, um mundo em que só fora feliz nos primeiros seis anos dos meus quinze de vida. Conhecera momentos fugazes de felicidade que nunca perduraram. A rejeição, a mais penosa emoção com que um ser humano tem de arcar, encarcerara-me numa jaula mental. Não havia nenhuma porta que me levasse de novo ao convívio das pessoas. A única porta que vislumbrava dizia “Saída”.

Seria possível ficar para sempre nessa jaula desprovida de amor, camaradagem ou até aceitação? A única resposta era “não”, a única opção era partir.

Sabendo que o whisky entorpecia a dor, encaminhei-me para o pub mais próximo. O meu lado invisível pediu uma dose dupla, nesse refúgio dominado por homens, e sofregamente engoliu-o. O empregado do bar reconheceu o perigo e recusou-me o segundo.

- Que é que se passa, linda? Problemas com o namorado? Bonita como és, hás-de arranjar outro.

As suas palavras soaram como que vindas de muito longe. A paranóia juntou-se ao desespero e, em lugar de ouvir a bondade na sua voz, ouvi um tom de escárnio.

Deixando o pub, tomada de uma fria determinação, encaminhei-me para a farmácia mais próxima. Aí comprei um frasco grande de aspirina e uma embalagem de lâminas de barbear.

O meu lado invisível dirigiu-se então a uma loja de bebidas e fez a sua última compra, uma garrafa de whisky Bushmills. Armada com os instrumentos da minha libertação, fui para uma casa de banho pública.

Uma cara pálida olhou-me do espelho enquanto eu brindava a mim mesma com a garrafa, engolindo o whisky e as aspirinas. A mistura voltava a subir-me pela garganta e os meus olhos deitavam lágrimas sempre que me engasgava. Bebi mais whisky e engoli mais comprimidos até esvaziar os dois recipientes. Atirei-os para o balde do lixo e entrei num cubículo. Baixei o assento da sanita e sentei-me, abrindo lentamente a embalagem de lâminas de barbear. Escolhendo uma, golpeei-me sucessivamente, começando pelo pulso e avançando cinco centímetros para cima. Quinze cortes, um por cada ano da vida que já não desejava. O

sangue começou a derramar-se lentamente para as minhas mãos, deslizando-me por entre os dedos e pingando em seguida para o chão. Hipnotizada, observei o seu percurso, pensando quanto tempo o meu corpo demoraria a esvair-se. As pálpebras começaram a pesar-me e a fechar-se enquanto o

mundo ia escurecendo e um zunido me invadia os ouvidos. Sentime deslizar para o lado, senti o frio da parede a que encostei a cabeça. Depois deixei de sentir.

CAPÍTULO 28

Palavras indistintas de duas vozes diferentes penetraram na minha consciência. A primeira era uma voz masculina e gutural; a segunda mais aguda, de mulher.

- Sabemos que estás acordada. Vamos, abre os olhos - disse a voz masculina.

Uma mão fria e macia pegou na minha e eu ouvi a voz feminina.

- Vamos, minha linda, queremos ajudar. Abre lá os olhos.

Relutantemente, obedeci.

Estava deitada numa cama, num pequeno quarto branco. Os meus lábios debateram-se para formar palavras e experimentei uma estranha sensação na boca; um objecto impedia o som de sair. A minha língua tocou em qualquer coisa sólida e dura. Apercebi-me então de que esse objecto duro vinha do fundo de mim, atravessando-me a garganta e saindo pela boca.

Distingui duas pessoas e reconheci que uma era uma enfermeira e a outra, com um casaco de tweed e uma volta era um padre. Vagamente, percebi que estava num hospital e depois engasguei-me quando um vômito, quente e ardente, me subiu na garganta. Alguém me colocou uma bacia debaixo da cara e, agora que o objecto em forma de tubo, que mais tarde vim a saber que era uma bomba gástrica, tinha desempenhado a sua função, o meu corpo sacudia-se com o esforço de esvaziar todas as toxinas.

Quando o acesso finalmente terminou, reclinei-me, ouvindo um zunido constante nos ouvidos. O desejo de voltar a adormecer levou-me a fechar os olhos, mas as vozes não tencionavam deixar-me dormir tão facilmente.

Ouvi-os perguntar quem era e onde vivia, mas eu própria mal sabia as respostas a essas perguntas. Um deles pegou-me na mão e, gostando da sensação de conforto que essa mão me transmitia, agarrei-a com força.

- Vamos, abre outra vez os olhos - disse o padre. - Deixamos-te dormir quando responderes a algumas perguntas.

Forcei as pálpebras a abrir mais uma vez, deparando-me com os seus benevolentes olhos azuis a fitar-me, com uma expressão apenas de preocupação. Foi a bondade que vi no seu rosto que me fez chorar, soluços convulsivos que me sacudiram tanto o corpo como o esforço de vomitar. A enfermeira continuou a segurar-me na mão enquanto ele me limpava a cara.

Ouvi sons de consolação como os que as mães normalmente dirigem aos filhos bebés.

Gradualmente sentime acalmar, deixei de chorar e, quando ele voltou a perguntar-me o nome, disselhe que era Antoinette, apesar de já então detestar o nome. Antoinette era o nome por que “ele” me tratava, o nome por que a mãe dele me tratava e o nome que a escola usara quando me expulsou. Toni, a pessoa que eu queria ser, conseguira escapar-me.

A pergunta seguinte foi: que idade é que eu tinha?

- Quinze anos - respondi, preparando-me para a pergunta que sabia que viria a seguir.

- Antoinette, porque é que fizeste isto?

Baixei os olhos para as mãos e vi os pulsos ligados. A compaixão na sua voz fez-me chorar de novo, desta vez em silêncio. As lágrimas rolaram-me livremente pelas faces até que consegui balbuciar parte da minha história. Contei-lhes que o meu pai estava preso porque me tinha engravidado, que não tinha casa e que ninguém me queria. Não queria viver porque não tinha razão nenhuma para viver.

Não me senti capaz de abrir todas as feridas, de lhes falar de toda a rejeição que experimentara e me fazia sentir inútil e indesejada. Nem da culpa que

sentia porque a vida da minha mãe fora destruída e eu sabia que era a mim que ela culpava. Tão-pouco falei do sonho que habitualmente me assaltava, em que o meu pai era descoberto e os adultos me rodeavam de amor e carinho. Como não lhes falei de ter sonhado que a minha mãe me arrancava às garras dele e me levava para um lugar seguro. A realidade do que se seguiu à descoberta do “nosso segredo” fora mais do que eu era capaz de suportar. Não expliquei a constante sensação de formigueiro na nuca, nem descrevi as sensações de desalento e agonia que me invadiam o estômago sempre que entrava numa loja e o silêncio se adensava. Sabia sempre que o burburinho de vozes que aumentava mal eu saía era sobre mim.

Gradualmente tinha começado a ver-me através dos olhos dos outros, como alguém que devia ser ignorado ao ponto de desaparecer. Eu era uma pessoa de tal modo contaminada que os outros temiam que a simples admissão da minha existência os conspurcasse.

Não só não tinha nada como não era nada. E, no entanto, persistia um pequeno farrapo de orgulho que me impedia de falar sobre esses sentimentos. Nunca falei; era quase como se esperasse que, se não os exprimisse, eles deixassem de existir.

Ouvi a enfermeira suspirar profundamente e fazer a pergunta seguinte.

- O que aconteceu ao bebé? - Talvez ela imaginasse que eu tinha dado à luz e abandonado o bebé na soleira de uma porta qualquer. Sentime furiosa por ela poder achar-me capaz de tal coisa.

- Fizeram-me um aborto - respondi sem rodeios; não era um termo que se esperasse de uma rapariga de quinze anos.

- Antoinette, se receberes alta, vais tentar uma coisa destas outra vez? - perguntou a enfermeira, mas nenhum deles se incomodou a esperar pela minha resposta: sabiam qual seria.

O padre anotou o endereço do local onde eu trabalhava e prometeu ir buscar a minha roupa enquanto a enfermeira me deu uma bebida fresca; voltei a adormecer, ainda com o zunido constante nos ouvidos, resultado das substâncias com que tinha intoxicado o corpo.

Quando voltei a acordar, estava outro homem sentado na minha cama.

- Antoinette, queres beber alguma coisa? - perguntou ele num tom afável quando me viu pestanejar.

- Chá - respondi num fio de voz. A língua parecia-me demasiado grande para a boca e doía-me a garganta.

Os zunidos eram mais fracos, mas sentia a cabeça latejar dolorosamente.

- Posso tomar um analgésico? - pedi débilmente.

- Tens de melhorar naturalmente - respondeu ele. Depois, como se achasse que eu merecia uma justificação, continuou: - Passámos algum tempo a extrair aspirina do teu corpo. - Fez uma breve pausa antes de prosseguir: - Antoinette, eu sou médico, mas trato de doenças mentais, sou psiquiatra. Sabes o que é um psiquiatra?

Assenti com a cabeça. Não estava minimamente interessada no que ele era: só queria tomar o meu chá e adormecer. Mas ele não tinha terminado o que pretendia dizer.

- Tomei providências para que fosses transferida para o hospital psiquiátrico local. Aí podes receber um tratamento especializado. Sofres de uma doença; chama-se depressão profunda.

Era uma declaração com que eu estava plenamente de acordo. Ele deu-me uma palmadinha no ombro, garantiu-me que em breve me sentiria melhor e saiu. Era uma garantia em que eu não depositava qualquer fé. Alguns minutos mais tarde, ainda envolta nas roupas do hospital, agarrada à minha mala, que o padre me fora buscar, fui colocada numa ambulância e percorri a curta distância até ao hospital psiquiátrico de Purdysburn.

Passámos pela maciça estrutura de tijolo vermelho que, na época vitoriana, fora um asilo para pobres mas que agora albergava os pacientes crónicos, e dirigimo-nos a um edifício de um andar. Era a unidade mais recente do hospital, o departamento de psiquiatria, onde eu seria admitida. Era a doente mais nova, com uma diferença de vários anos.

Nessa primeira noite, mal assimilei o ambiente em que me encontrava. Ainda sonolenta da medicação, dormi até me acordarem no dia seguinte. As cortinas à volta da minha cama foram corridas e uma voz alegre mandou-me levantar, lavar e ir tomar o pequeno-almoço. Olhei para ver de onde vinha a voz e vi uma jovem enfermeira com um sorriso tão rasgado e amistoso que dei por mim a retribuí-lo. Ao lado dela, estava uma rapariga magra e loira, alguns anos mais velha do que eu, que a enfermeira apresentou.

- Esta é a Gus. Ela mostra-te os cantos à casa.

Dito isto, desapareceu, deixando-nos sozinhas. A constante tagarelice da Gus, que agradeci, entrava-me por um ouvido e saía-me pelo outro. Podia refugiar-me no silêncio porque ela só se calava para recuperar o fôlego ou soltar uma gargalhada nervosa e estridente.

Em breve viria a compreender que este era simplesmente o reverso da depressão.

Ela indicou-me os lavabos, esperou que eu me lavasse e vestisse e depois conduziu-me à pequena sala de jantar. A medida que a minha desorientação me ia gradualmente abandonando, comecei a registar o meio à minha volta. Tanto a enfermaria como a sala de jantar estavam pintadas de cores claras e grandes janelas deixavam entrar o sol, criando um espaço arejado e sereno. Todos os outros doentes já estavam sentados e a Gus apresentou-me às vinte e tal pessoas que ali estavam. Tinha ouvido histórias horríveis sobre manicômios; histórias sobre a forma como, uma vez admitidas, o sistema assimilava as pessoas e elas nunca mais se libertavam dele. Mas nunca tinha ouvido falar da unidade psiquiátrica, que era relativamente recente.

As pessoas tinham todas um ar perfeitamente normal. Os doentes de ambos os sexos tinham idades entre a adolescência e os cinquenta e poucos anos e, como em breve fiquei a saber, pertenciam a todos os estratos sociais. A depressão e o alcoolismo, as principais causas para ali estarem, não respeitavam a idade nem a classe social.

Durante as semanas que ali passei, fiquei a conhecer quase todas as suas histórias. Havia a mulher de um agente imobiliário endinheirado, que o marido, um mulherengo incorrigível, humilhava e que bebia secretamente.

Como eu, tinha tomado uma overdose. Mas, ao contrário de mim, no caso dela foi um acidente. Com o cérebro entorpecido pelo gin, esqueceu-se da quantidade de calmantes que tinha tomado e repetiu a dose. Havia também um jovem casal que se conhecera na unidade um ano antes. Estavam ambos a receber tratamento para o alcoolismo quando se conheceram, se apaixonaram e assinaram o termo de responsabilidade para sair. Só que, em lugar de partirem de mãos dadas em direcção à felicidade, encaminharam-se para o bar mais próximo.

Alguns doentes estavam sossegadamente sentados, os calmantes mantendo os seus cérebros indolentes, enquanto os médicos esperavam que a depressão passasse e se tornasse controlável para se poderem concentrar na pessoa e não na medicação. Uma mulher, em particular, chamou-me a atenção. Com uma farta e brilhante cabeleira ruiva, uma pele leitosa e olhos verdes, era o membro mais atraente e reservado do grupo.

Senti os meus olhos constantemente atraídos por ela durante a refeição. Mas ela nunca me encarou de frente, comendo de olhos baixos. Parecia completamente alheia ao que a rodeava e aos outros doentes, e a sua inexpressiva indiferença despertou o meu interesse.

No final da refeição, uma enfermeira acercou-se da mesa dela, pegou-lhe suavemente pelo braço e conduziu-a de volta à enfermaria. Aí, sentou-a numa cadeira, cobriu-lhe os joelhos com uma manta e ela ficou a contemplar silenciosamente o espaço enquanto as horas passavam.

Espicaçada a minha curiosidade, na primeira oportunidade perguntei à Gus quem ela era.

- É mulher de um médico - respondeu-me. - Se não fosse, já não estaria nesta enfermaria.

- O que é que ela tem? - quis eu saber.

- Não sei, mas há mulheres que entram em depressão profunda quando dão à luz e ela está aqui há mais de um ano. Quando cá chegou ainda falava mas agora já nem isso faz.

- Vai melhorar? - perguntei, mas percebi, mal a pergunta me saiu dos lábios, que não ia.

Por qualquer razão, era uma questão importante para mim. Esta mulher que eu não conhecia despertara a minha curiosidade e a minha compaixão. Eu conhecia esse espaço onde uma pessoa pode refugiar-se, onde o mundo deixa de nos tocar e a realidade nos abandona, mas instintivamente sabia que o espaço dela pertencia a uma região muito mais remota do que o meu jamais pertencera.

- Bem, se não melhorar, é transferida; é o que acontece quando não reagimos ao tratamento. -

A Gus parecia indiferente à sorte da mulher e, não desejando saber para onde ela seria levada, pus fim às minhas perguntas.

Depois do pequeno-almoço, a enfermeira principal interrogou-me a respeito do meu historial clínico e mandou-me ficar na enfermaria porque o médico ia querer examinar-me para avaliar o meu tratamento e receitar, se necessário, uma medicação. Uma hora mais tarde, tive a primeira de muitas conversas com um psiquiatra. Ele tomou muitas notas enquanto eu falava, mas depois, precisamente quando comecei a sentir-me à vontade na presença dele, fez a única pergunta que tornou impossível qualquer relacionamento futuro entre nós.

- Antoinette, alguma vez sentiste prazer com as solicitações do teu pai?

Mesmo quando respondi “nunca”, ele continuou a insistir.

- Mas és uma adolescente - disse ele -, deves ter sentido desejo.

Nesse momento, desliguei, deixando a voz dele pairar no ar, a minha cabeça esvaziando-se para que as suas palavras não me afectassem. Não lhe falei da vila que me havia proscrito, da minha humilhação e falta de auto-estima, do meu contínuo desejo do amor da minha mãe, do meu desespero na vida. Nem lhe confiei que, por dentro, gritara de dor perante todos os actos de rejeição e os inúmeros vexames de que fora vítima. Não lhe disse que esquecera temporariamente as palavras do juiz e me vira através dos olhos dos meus

acusadores como uma pessoa desprezível. Enverguei, pelo contrário, outra máscara - já não a da estudante bem-comportada e a da filha feliz, mas a de alguém que desconfiava da autoridade e era indiferente à ajuda.

Fizeram-me testes para medir o meu QI e perguntaram-me se ouvia vozes na cabeça, vozes que me ordenavam várias acções. A última pergunta foi se eu achava que as pessoas falavam de mim.

- Não acho - respondi. - Sei que falam.

Mas a resposta apenas suscitou um sorriso superior no médico e um gesto vago da sua mão, ocupada a escrever. Mais tarde, descobri que o relatório dele dizia que eu era mal-encarada, pouco cooperativa e paranóica.

Devido à minha idade, decidiram não me tratar com drogas e, o que foi ainda mais importante, sem choques eléctricos. Foi-me antes prescrita uma terapia diária.

Em cada sessão de uma hora, um dos três psiquiatras afectados ao meu caso fazia-me perguntas sobre os meus sentimentos e ideias, a que eu respondia o mais sucintamente possível. Escondia a minha depressão sob uma capa protectora de indiferença. A única pergunta a que nunca lhes dava a resposta que queriam era se tinha tido prazer no sexo.

Insistiam sempre nesta pergunta. Acho que pensavam que eu tinha sentido prazer e que só confessando poderia começar a melhorar. Sabia que não era por mal que perguntavam; tinham apenas ideias preconcebidas e recusavam-se a aceitar a verdade. Imaginariam mesmo que eu achava que ser espancada, obrigada a beber whisky e submetida a tortura mental era agradável?

Outra pergunta recorrente era há quanto tempo andava deprimida. Há quanto tempo acham?, era o que me dava vontade de lhes gritar. Quando a minha vida mudou, aos seis anos, teria sido a resposta correcta; mas sabia que não era a que queriam ouvir. Algumas semanas, respondi. Tinha aprendido exactamente o que podia acontecer a um doente que considerassem que representava um risco para si próprio ou que era incurável: a transferência para uma enfermaria fechada a sete chaves e o fim de uma vida normal.

Do lado de fora da nossa unidade isolada ficava o edifício de tijolo vermelho do antigo asilo para pobres, com as suas janelas pequenas, deprimentes e gradeadas e os seus longos e sombrios corredores que cheiravam a desinfetante e a bafio. A rodear esta massa de tijolos, havia construções térreas onde residiam, consoante a gravidade da sua doença mental, doentes crónicos, envergando uniformes hospitalares. Víamo-los com frequência a serem conduzidos em grupos para os seus períodos de exercício diário por enfermeiras armadas de bastões.

Nessa época, um hospital psiquiátrico era uma comunidade isolada do mundo exterior onde se considerava que todas as necessidades dos internados estavam asseguradas. Tinha uma loja e uma cantina que tínhamos autorização para visitar. Mas sempre que eu lá ia, voltava desanimada. Parecia uma aldeia de almas perdidas: pessoas que ninguém desejava e que há muito tinham sido esquecidas.

O enorme hospital ficava a uma certa distância da estrada principal, eclipsando os edifícios de construção mais recente dispersos pela extensa propriedade. Por vezes, quando as portas se abriam para deixar sair uma coluna de doentes de expressões vazias que iniciavam os seus passeios ou se dirigiam para as salas de jantar, eu espreitava dentro de uma das enfermarias.

Havia camas de campanha e cadeiras de madeira. Sentados em algumas delas estavam pacientes cujo estado não lhes permitia sequer passear. Baloiçavam-se nas cadeiras, gemendo em surdina.

Foi depois do meu primeiro vislumbre do que era a vida dos doentes cujo estado era considerado demasiado grave para a unidade psiquiátrica que compreendi a felicidade que tínhamos em termos sido internados ali. Não só a decoração era viva e moderna, mas dispúnhamos de televisão, de uma sala de jogos e a cozinha estava aberta vinte e quatro horas por dia, permitindo-nos preparar bebidas quentes sempre que quiséssemos e tomá-las sentados numa das cadeiras confortáveis que havia por perto. Aí podíamos olhar pelas janelas gradeadas, ler livros ou ir passear sempre que nos apetecesse. As únicas restrições eram que devíamos andar em grupos, por uma questão de segurança, e que estivéssemos dentro da unidade à hora do tratamento. Não podíamos sair da propriedade a não ser com autorização especial, que

só era dada se fôssemos acompanhados de um visitante. Nunca nos sentíamos tentados a desobedecer a essa regra e a aventurar-nos no mundo exterior porque não tínhamos desejos de abandonar a segurança e camaradagem do hospital.

As horas de visita na nossa enfermaria eram igualmente flexíveis. Desde que os visitantes partissem antes de serem servidas as últimas bebidas da noite, não havia disposições rigorosas quanto à hora de entrada e saída. Durante os primeiros seis dias que lá passei, aguardei ansiosamente a visita da minha mãe. Teria sido esquecida pela única pessoa que me restava?, perguntava a mim mesma em desespero quando dia após dia chegava ao fim sem ela ter aparecido. Assim que compreendia que era demasiado tarde para que ela chegasse nesse dia, retirava-me para a minha cama, onde, com as cortinas parcialmente fechadas à minha volta, observava as minhas companheiras de enfermaria sentadas na companhia dos seus visitantes em redor das suas camas. Fingia uma atitude de indiferença e reconfortava-me com um livro.

Todas as noites, via o marido da mulher ruiva e os seus dois filhos pequenos, um ainda de fraldas. As crianças tinham o cabelo e os olhos dela. Em todas as visitas, ele pegava-lhe na mão e conversava, enquanto as crianças se sentavam com os seus livros de colorir e os seus brinquedos, e eu sentia o desespero dele e a perplexidade que submergia os três. Ela ficava sentada, imóvel, com um pequeno sorriso inexpressivo nos lábios. Nunca abria a boca. Já não tinha qualquer opção relativamente a estar naquele lugar em que a realidade não fazia qualquer sentido, mas eu comecei a compreender que, no meu caso, ainda tinha. Observando-os, sentia uma pequena centelha de optimismo acender-se dentro de mim e, embora soubesse como seria fácil desistir, refugiar-me em mim mesma até me tornar como a mulher ruiva, já não desejava fazer isso. De algum modo, a força própria da juventude estava a voltar.

A minha mãe apareceu no domingo com fruta, livros de bolso, revistas e flores. Senti uma onda de amor tão grande por ela que doeu. Mais tarde, soube que o hospital lhe tinha telefonado a perguntar por que razão não me tinha visitado. Eu ainda era menor e teria de viver com ela quando tivesse alta. Com modos encantadores, ela transmitira a sua preocupação; a única razão por que não me visitara, disselhes, era por estar a trabalhar.

Sendo gerente, tinha de supervisionar o pessoal à noite mas, claro, estava a planear visitar-me no domingo, o seu único dia de folga. Sendo o salário dela a única fonte de rendimento, não podia dar-se ao luxo de tirar tempo do trabalho e sabia que eu ia compreender.

A enfermeira principal, que procurou mostrar-se tão compreensiva quanto a minha mãe contava que eu fosse, informou-me da situação e eu, na minha lealdade cega à minha mãe, concordei que seria difícil.

Vendo-a entrar na unidade, corri ao encontro dela e recebi um abraço, o primeiro em muito tempo. Ela disse-me que andava consumida por minha causa e que eu não podia, por agora, estar em sítio melhor. Depois contou-me que gostava imenso do seu emprego. Tinha feito planos para nós as duas, continuou. Não permitiria que eu fosse viver com outras famílias.

Tinha sido a maneira como me tinham tratado, estava convicta disso, que precipitara o meu esgotamento. Depois disse o que eu mais queria ouvir: podia trabalhar no café como empregada de mesa quando estivesse melhor e viver com ela até ser mais velha. Tinha visto uma casa, continuou - uma pequena casa que podíamos pagar com os nossos dois salários juntos. Onde ela trabalhava as empregadas de mesa ganhavam mais do que ela como gerente porque o café era frequentado por homens de negócios que davam gorjetas generosas, sobretudo a raparigas bonitas e bem-educadas como eu, acrescentou, com um dos seus calorosos e radiantes sorrisos que eu não via há uma eternidade.

Foi a primeira vez desde a minha infância que a minha mãe me dirigiu um elogio e eu exultei de prazer. Conversei com ela como já não fazia há muito tempo e falei-lhe de alguns dos outros doentes com quem me dava. Quando a hora da visita chegou ao fim, despedi-me alegremente dela, desejando não ter de esperar uma semana inteira pelo seu regresso.

As semanas em que estive no hospital passaram depressa porque, embora os nossos dias não fossem propriamente rotineiros, pareciam estar sempre preenchidos. Foi lá que estabeleci uma amizade que haveria de durar vários anos; o meu amigo chamava-se Clifford. Tinha sabido do meu passado e, como o resto das pessoas, percebeu, ao ver os meus pulsos ligados, o que eu tentara fazer. Era uma relação platónica que nos convinha aos dois. Ele

sentia pouco, se é que algum, interesse sexual por mulheres e reprimia outros desejos que sentia; um facto que levava ao seu abandono pela mulher e ao seu subsequente esgotamento. Confidenciou-me tudo isto durante vários passeios juntos, pressentindo que eu, ao contrário da mulher, consideraria essa confissão tranquilizadora.

A minha depressão começou a passar, com o apoio da companhia permanente, da amizade do Clifford e das visitas da minha mãe, agora mais frequentes. Senti que tinha um rumo na minha vida; tinha uma casa para onde voltar, um emprego à minha espera e uma vida para começar.

Três meses depois de ser admitida no hospital de Purdysburn, a minha mãe foi-me buscar.

CAPÍTULO 29

Poucos dias depois, tive uma entrevista com o proprietário do café, um jovem que, como logo percebi, se sentia feliz por ter a minha mãe como gerente e me ofereceu imediatamente um emprego.

Foi-me dado um uniforme que consistia numa bata cor de pêssego e num avental creme e, para meu alívio, achei o trabalho fácil. Como a minha mãe me tinha dito, as gorjetas eram boas. Podia ir ao cabeleireiro e comprar roupa nova, para além de dar dinheiro à minha mãe.

Ela, vendo que estava a entrar mais dinheiro em casa, avançou com os seus planos de comprar a casa. A pequena hipoteca era facilmente coberta com o meu contributo adicional.

Seguiram-se quase dois anos de paz; o nome do meu pai nunca era mencionado, tal como o meu esgotamento, e mais uma vez eu e ela criámos uma relação próxima. Havia noites em que tínhamos folga as duas. Sendo cinéfilas fervorosas, íamos frequentemente ao cinema juntas e depois passávamos horas a discutir os diferentes méritos de cada filme. Sem a presença do meu pai, já não tínhamos de aguentar os westerns, escolhendo exclusivamente os filmes de que gostávamos.

Noutras ocasiões, ia esperá-la quando ela acabava o seu turno e íamos tomar café num café próximo. Sentávamo-nos e conversávamos como duas mulheres. Eu estava numa idade em que me sentia parte do mundo adulto; pelo menos, sentia que estava a contribuir para ele.

Estava convicta de que, sem a companhia do meu pai, a minha mãe começara finalmente a apreciar a minha, uma sensação que me dava cada vez mais alegria à medida que o tempo passava. Sem a presença sinistra dele e os seus ciúmes das atenções que ela me dava, eu podia demonstrar o amor que sempre sentira por ela. Como uma flor que precisa da luz do sol para se fortalecer, eu precisava da liberdade de mostrar o meu amor para desabrochar. A possibilidade de o fazer de variadíssimas maneiras enchia-me de tal felicidade que não me importava nada de passar todo o meu tempo livre com ela.

Durante esse período, não sentia grande necessidade da companhia de outras pessoas. Por vezes, preparava o nosso jantar, punha a mesa e dava-me prazer ficar ali a vê-la comer uma refeição do meu mais recente livro de receitas. Embora ambas gostássemos de ler e ouvir música, também passávamos muitos serões a ver alegremente televisão, que ainda era uma novidade para nós, pois tínhamos comprado recentemente um aparelho. Só dispunha de dois canais e por isso era raro discordarmos sobre qual ver. Sentávamo-nos diante de um fogo crepitante, ela na sua poltrona de orelhas preferida, eu enroscada no sofá com a Judy ao meu lado. Quando o programa chegava ao fim, eu levantava-me para preparar uma bebida quente para as duas antes de nos deitarmos.

Havia outras ocasiões em que eu esquadrinhava as pequenas lojas de antiguidades que agora proliferavam em Smithfield Market para lhe comprar um ornamento invulgar ou uma peça de joalharia.

Os amigos que eu tinha feito, como o Clifford, aceitavam que não só a minha mãe era uma parte importante da minha vida, mas que eu também queria incluí-la em quaisquer actividades sociais. Apresentava-lhe novos amigos, na esperança de que ela gostasse deles e os achasse divertidos, pois apercebia-me da sua solidão e desejava protegê-la.

A única tristeza que ainda me consumia era a certeza de que não queria ser empregada de mesa toda a vida. Queria conseguir mais e melhor, não só por mim mas também pela minha mãe. Queria que ela tivesse orgulho de mim, queria ter um bom emprego que me permitisse olhar por ela.

Pouco antes do dia dos meus dezasseis anos, resolvi agir nesse sentido. Havia renunciado à minha aspiração de ir para a universidade, sabendo que três anos sem trabalhar criariam extremas dificuldades à nossa situação financeira. Sem o dinheiro indispensável que eu ganhava, a minha mãe não seria capaz de suportar o pagamento do empréstimo bancário.

Outra opção seria tirar um curso de secretariado que me permitisse obter um certificado de conclusão do ensino secundário, indicando a idade de dezoito anos, uma idade que potenciais empregadores achariam mais aceitável do que a minha idade actual de quinze. Já me tinha informado sobre o custo de frequentar uma instituição particular e concluí que, se conseguisse algum tempo livre do café, durante o Verão, para trabalhar em estâncias de veraneio durante esse período, dentro de alguns meses poderia ter poupado o suficiente para as propinas. Não via quaisquer problemas com esta ideia porque Belfast, sendo uma cidade universitária, não tinha falta de estudantes prontos a ocupar as minhas funções no seu tempo de férias enquanto eu trabalhava noutro lado. Sabia que teria de juntar dinheiro suficiente para dois trimestres e depois podia repetir o plano no ano seguinte.

Assim que decidi o que fazer, fui falar com o dono do café.

Ele garantiu-me que não havia problema e, na verdade, até me podia ajudar mais cedo. Tinha uma prima afastada que era dona de uma pensão, com o nome pomposo de “hotel”, na Ilha de Man. Ela ia precisar de pessoal durante a Páscoa e, com a recomendação dele, seria fácil ser ali colocada. O trabalho seria mais árduo do que eu estava habituada, avisou-me: num pequeno estabelecimento como o dela, as duas empregadas não só tinham de servir o pequeno-almoço e o jantar, mas também de limpar os quartos e servir o primeiro chá da manhã.

O salário não era alto, mas as gorjetas eram excelentes e eu devia conseguir mais do dobro do que recebia no café. Se corresse bem, no Verão tornaria a ser contratada.

Duas semanas mais tarde, com promessas de telefonar regularmente, apanhei oferry para a Ilha de Man.

O trabalho no hotel era duro, com apenas duas empregadas que eram pau para toda a colher.

Levantávamo-nos às sete e meia, preparávamos o primeiro chá e depois subíamos os três lanços de escadas para o servir. Em seguida, servíamos o pequeno-almoço e só quando o último prato era levantado é que podíamos tomar o nosso. O almoço não estava incluído na tarifa semanal e partimos do princípio de que seria o nosso tempo livre. A dona, uma mulher baixa e obesa, com cabelo loiro pintado, todo armado à custa de laca, tinha ideias diferentes.

As pratas tinham de ser polidas uma vez por semana, informou-nos. A sua voz, áspera devido ao facto de ser uma fumadora inveterada, seguia-nos para onde quer que fôssemos. Nas suas pernas atarracadas, andava sempre no nosso encalço, aflita e rezingona, com medo de que, sem a sua supervisão, desaparecessem objectos ou o trabalho ficasse por fazer.

Quando chegavam novos hóspedes, ela recebia-os com um sorriso encantador que dava lugar a um olhar hostil de impaciência na nossa direcção, assim que eles viravam a cara. Ainda não lhes tínhamos pegado nas malas, já ela estava a lançar instruções para conduzirmos as famílias recém-chegadas aos seus quartos. Debatíamos-nos para subir as escadas íngremes com a bagagem que parecia tão pesada como nós e, mal descíamos novamente, tínhamos de fazer chá.

Os novos hóspedes precisavam de refrescos para se revigorarem depois das suas viagens, mais do que nós precisávamos de descanso, informou-nos irritada quando uma vez tivemos a ousadia de lhe pedir uma pausa. Nós éramos novas, continuou, ao passo que ela sofria do coração. Não queríamos receber gorjetas?, perguntou-nos, e nós, encolhidas, abstivemo-nos de voltar a mencionar o assunto.

Os seus problemas de coração, reparei, não a obrigavam a abster-se do tabaco nem de grandes doses de doces. Sempre que a ouvia afirmar que não podia carregar nada de pesado, pensava “excepto tu própria”.

Todos os dias olhava para a sua cara corada com maior repugnância e pensava como era possível que uma pessoa encantadora como o dono do café fosse aparentado com esta megera.

Alguns dos maridos protestavam ao ver uma rapariga transportar-lhes as malas, mas ela brindava-os com um olhar gélido, informando-os friamente que éramos pagas para isso.

Assim que dobrávamos a esquina das escadas, ainda ao alcance dos ouvidos dela mas fora do alcance dos seus olhos penetrantes, eles davam-nos por vezes uma palmadinha no ombro para indicar a sua intenção de nos aliviar dos nossos fardos. Gratas, passávamos-lhes as malas, conduzíamos-os aos seus quartos e depois íamos para a cozinha preparar o chá. Lá subíamos de novo, com os tabuleiros, as pernas doridas e a voz da proprietária nos ouvidos a queixar-se de que não estávamos a andar suficientemente depressa. Os jovens não têm direito ao descanso, era certamente o lema daquele hotel. Fosse qual fosse o salário que nos pagava a contragosto, tratava sempre de garantir que a tarifa horária fosse baixa.

Todas as noites caía exausta na cama, pensando se alguma vez iria conhecer a vida nocturna de que tanto ouvira falar. Nessa primeira época, não a conheci de todo. Quando o número de hóspedes diminuiu, ficando apenas alguns resistentes, ela deu-nos finalmente uma tarde livre para fazermos compras, mas acho que foi só porque eu lhe disse que queria comprar um presente para a minha mãe.

Com dias de trabalho em que o primeiro chá era servido nos quartos a partir das oito e o jantar terminava às nove e meia, não fora difícil poupar os salários e as gorjetas. Acabei com mais do que contava, para as minhas propinas, e sabendo a que ponto a proprietária do hotel gostava de economizar dinheiro, pedi para sair alguns dias mais cedo do que o combinado.

Ao recordar essa Páscoa, sentada no hospital, ouvi mentalmente a voz da Antoinette, então com dezassete anos. “Lembra-te, Toni, lembra-te do que ela fez; lembra-te da opção que tomou.”

Tarde de mais, tentei afastar da memória a recordação do dia em que a minha confiança incondicional na minha mãe finalmente morreu.

Quis surpreendê-la com o meu regresso antecipado e, assim, não a informei da minha chegada. Contando com a sua surpresa e prazer ao ver-me e com a mala cheia de presentes que lhe tinha comprado, embarquei no ferry de Belfast. Ao chegar à doca, demasiado impaciente para esperar por um autocarro, apanhei um táxi. Pensei na nossa casa, no reencontro com a Judy e na expressão da minha mãe quando lhe relatasse as minhas aventuras na Ilha de Man, enquanto tomávamos uma reconfortante chávena de chocolate quente.

Memorizara histórias divertidas sobre as pessoas que lá tinha conhecido, incluindo a traficante de escravos que era a dona, pois sabia que a fariam rir. Imaginei os seus olhos a iluminarem-se quando abrisse os presentes que eu tinha comprado. Estava a pensar em particular num saiote cor de malva clara, feito em tule e debruado a seda, que abria num drapeado a partir da cintura, um estilo popular na época, quando era moda usar vestidos de saias rodadas. Quando o vi na loja, achei que era a peça mais bonita que já vira. Resistindo ao impulso de o comprar para mim, mandei-o embrulhar para a minha mãe. Imaginei o prazer que se estamparia no seu rosto quando o desembrulhasse, porque a minha mãe adorava surpresas e presentes e tinha um fraquinho por roupa bonita.

A viagem de quase vinte quilómetros da doca de Belfast até Lisburn, onde a nossa casa ficava, pareceu demorar uma eternidade enquanto, sentada no banco de trás, eu ia desejando, entusiasmada, que ela chegasse ao fim.

Ao apear-me, paguei apressadamente ao taxista, peguei nas malas e percorri o curto caminho.

Enfiei a chave na fechadura, abri a porta e entrei.

- Já cheguei - gritei.

O corpinho peludo da Judy apareceu a correr para me saudar, mas a voz da minha mãe não se fez ouvir. Intrigada, pois sabia que ela não estava a

trabalhar, abri a porta da sala de estar de par em par e estaquei, registrando a cena que se deparou aos meus olhos.

O meu pai estava sentado na poltrona de orelhas da minha mãe, com um ar de superioridade tão triunfante na cara que o sangue me gelou nas veias, incapaz de acreditar no que via. A minha mãe estava sentada aos pés dele, o rosto virado para cima a contemplá-lo com olhos adoradores. Era uma expressão de que me tinha esquecido, uma expressão com que, na nossa vida anterior, a vira muitas vezes brindá-lo, uma expressão que nunca existira para mim.

Nessa fracção de segundo, compreendi que tinha perdido. Era ele quem ela queria, era ele o centro do seu universo e eu só tinha sido a companhia com que ela preencheria o tempo à espera do seu regresso.

Senti uma onda de repulsa, misturada com um sentimento de traição. Acreditara na minha mãe, confiara nela, e agora era confrontada com a realidade. Ali de pé, num estado apático, a voz dela soou-me nos ouvidos, proferindo palavras que eu quis bloquear da minha consciência.

- O papá foi autorizado a vir passar o fim-de-semana a casa - disseme ela. - Regressa amanhã. Não estava à tua espera, senão ter-te-ia dito.

As explicações saíam-lhe dos lábios no tom animado de alguém que anuncia uma surpresa fantástica; uma surpresa que ela queria partilhar comigo. A sua vontade ordenava-me, em silêncio, a participar no jogo, no velho e conhecido jogo das famílias felizes. O seu sorriso permaneceu fixo e o seu tom de voz não vacilou um momento, continuando a falar como se ele tivesse simplesmente estado ausente em trabalho, o que de certo modo suponho que era o caso. Mais tarde descobri que fora realmente essa a história que ela contara aos vizinhos. Fora por isso, apercebi-me então, que ela o tinha proibido de lhe escrever para casa: não queria que o carteiro nos entregasse cartas com o timbre da prisão. Eu alimentara a esperança de que era porque tinha finalmente decidido pôr fim ao casamento. Agora compreendia. Era esta a razão por que nos tínhamos mudado para Belfast e não para Inglaterra: ela estava à espera dele.

Quis fugir dos dois; a sala pareceu encolher com a sua presença malévola, e o som da voz dela tornou-se um ruído doloroso nos meus ouvidos até que, incapaz de suportar um momento mais da sua companhia, levei a mala para o quarto. Desfila lentamente e retirei o embrulho com o saiote cor de malva, que fora escolhido com tanto carinho, escondendo-o no fundo do meu roupeiro. Ali ficou por usar porque nunca lho ofereci e nunca fui capaz de considerá-lo meu.

Na manhã seguinte, ouvi a minha mãe trautear as velhas melodias ao som das quais ela e o meu pai haviam dançado. Pegando na trela da Judy, saí silenciosamente de casa. Quando voltei ele já tinha regressado à prisão. Cumpriria aí o resto da pena, consolado com a certeza reconfortante de que podia sempre voltar para junto da família.

Foi o princípio de mais um jogo inventado pela minha mãe para uma audiência de uma pessoa: “Quando o papá voltar para casa”.

CAPÍTULO 30

Sabia que os meus dias no hospital estavam a chegar ao fim: a minha mãe sentava-se agora, impotente, na sua cadeira, dependendo de mim para lhe dar de comer. Não era capaz de engolir sólidos, por mais suavemente que eu lhos desse. Eu sabia que eram os seus últimos dias, pois só conseguia ingerir líquidos e mesmo assim com a ajuda de uma colher.

Debruçar-me sobre uma cadeira, verter líquido na boca de uma mulher tão doente que a capacidade de engolir quase desaparecera, é uma tarefa cansativa e eu executava-a três vezes por dia. Estava a descobrir que o amor, como o padre me dissera, era um hábito difícil de quebrar. Já sentia a dor da sua perda, sentia vontade de chorar todos esses dias desperdiçados, queria mantê-la neste mundo, mas queria ao mesmo tempo deixá-la partir com o seu sofrimento. Ela já perdera a capacidade de falar. Por mais que tentasse, as palavras não saíam; o seu rosto deformava-se com os seus esforços inúteis. Eu segurava-lhe na mão e dizia-lhe que não tinha importância; não havia nada que precisasse de ser dito entre nós.

Disselhe que a amava, sentindo-me segura ao dizê-lo pois a voz já a tinha abandonado e ela já não podia pedir o meu perdão. Saber que nunca tivera essa intenção era uma ideia que eu relegava para o meu subconsciente e aquele seu silêncio imposto poupava-me à emoção de uma esperança jamais realizada.

Era a sua última noite numa enfermaria colectiva. Sabia que, no dia seguinte, a iam transferir para uma ao lado. A visão de uma pessoa tão devastada e emaciada pelo cancro, mas ainda determinada em resistir era extremamente angustiante. Os seus ossos, sem a protecção da carne, quase rompiam a pele; todas as articulações tinham de ser cobertas com linho e pensos para as proteger. Foi-lhe colocada uma caixa de aço sobre as pernas para evitar o contacto com o algodão fino do lençol. Mesmo a mais leve fricção do tecido na sua pele deixava feridas que sangravam.

Estiquei-me para aliviar a dor nas costas e, nesse momento, ouvi um som que reconheci; um som que já ouvira no hospital. O estertor que precede a morte chegou-me da cama em frente.

Vi a minha mãe olhar para mim assustada: nenhum paciente num hospital para doenças terminais gosta que lhe lembrem a sua própria mortalidade iminente. Embora haja muitos momentos em que rezam pela sua libertação, é o fim da dor que desejam e não da vida.

Dei uma palmadinha suave na mão da minha mãe e fui chamar a enfermeira, que entrou precipitadamente e fechou as cortinas, um acto que, juntamente com o fim do estertor, confirmou que a Mary morrera.

Pensei na robusta mulher de um agricultor, recomeçando a dar de comer à minha mãe. Ela ocupara a cama em frente desde a minha chegada. Uma mulher alegre e, a julgar pelas inúmeras visitas que recebia, muito querida, que apreciava música clássica e amara a vida.

Vira o seu rosto iluminar-se ao mostrar-me fotografias da família, ouvira-a rir perante as lembranças afectuosas que guardava do marido, falecido há vários anos, e senti contentamento por ter partido antes de a necessidade de morfina ter governado as suas horas de vigília.

A paciente na cama ao lado do corpo da Mary, que chegara nesse dia, passou rapidamente por nós em direcção à casa de banho, visivelmente incomodada. Eu continuei a dar à minha mãe, devagarinho, colheradas de líquido que ela já não queria. A nova doente voltou, não dizendo nada ao passar e enfiando-se novamente na cama. Ouvi-a soltar um profundo suspiro e depois apercebi-me do seu silêncio. Nesses breves segundos, a sua resistência à morte extinguiu-se e eu, presente enquanto aconteceu, não sabia sequer o seu nome. Mais tarde soube que também se chamava Mary.

Toquei à campainha para chamar de novo a enfermeira. Ela apareceu e lançou-me um olhar interrogativo. Sem parar de dar o caldo à minha mãe, indiquei com a cabeça a cama número três. Mais uma vez, ouviu-se o leve som das cortinas a serem corridas. Instalou-se na enfermaria um silêncio arrepiante pois, tirando a minha mãe, só restava uma senhora idosa com vida que eu via, pelo canto do olho, que não estava com um ar nada feliz. Chamou por mim e, pousando a colher da minha mãe, acerquei-me da sua cabeceira.

Na sua voz trémula e senil, disse-me que não queria ficar na enfermaria. Pegando-lhe pelo cotovelo descarnado, ajudei-a a levantar-se. Suavemente, vesti-lhe o roupão, passei-lhe o braço pela cintura e conduzia ao salão dos doentes. Liguei-lhe a televisão. Depois, voltei para a enfermaria com os seus dois cadáveres e uma idosa com poucas horas de vida.

Exausta, afastei-me da minha mãe, dando por mim encostada aos pés da Mary. Ela ter-se-ia talvez rido do acidente, se estivesse viva, mas não estava e eu não tinha vontade de repetir a experiência. Chegaram mais enfermeiras. Ajudaram a minha mãe a deitar-se e eu abri a sua mesinha-de-cabeceira e tirei a garrafa de xerez que lá tinha guardado. Sabia que ela nunca mais partilharia uma última bebida comigo antes de se deitar. Com ela na mão, dirigi-me ao salão das visitas, onde, sem me deter para arranjar um copo, bebi pela garrafa.

Acendi um cigarro e liguei para Inglaterra, precisando de ouvir a voz de alguém que não estivesse a morrer nem tivesse qualquer relação com um moribundo.

- Estamos numa jantarada - disse a minha amiga do mundo que eu deixara para trás várias semanas antes; um mundo que parecia agora muito distante. -

O que estás a fazer?

“Estou na companhia de dois cadáveres e da minha mãe”, foi a lacónica resposta que me apeteceu dar, mas acabei por dizer: - A tomar uma bebida. - E terminei assim a conversa, levando novamente a garrafa à boca e bebendo um grande gole.

No dia seguinte, a minha mãe foi transferida e, durante os dois dias subsequentes, praticamente não saí da sua beira. Na terceira noite, ela morreu. Foi ao princípio da noite e eu estava no salão, tendo feito uma breve pausa; o cansaço obrigara-me a fechar os olhos e a dormirar levemente. No meu estado semiconsciente, senti a presença da enfermeira e, sem perguntar, compreendi.

- Ela está a morrer, Toni - anunciou ela, colocando-me a mão no ombro. Levantei-me da cadeira e segui-a para a enfermaria lateral onde a minha mãe agora se encontrava.

Ela estava imóvel, a respiração débil, os olhos fechados. As suas pálpebras não se moveram quando lhe peguei na mão, uma mão cujos dedos se haviam tornado roxos.

- Ela consegue ouvir-me? - perguntei.

- Pensamos que a audição é o último sentido a morrer - foi a resposta. - Não se preocupe, Toni, eu faço-lhe companhia se quiser.

Fui telefonar ao meu pai. Não o apanhando em casa, tentei o segundo número que tinha para contactá-lo, o do Clube da Legião Britânica.

- A minha mãe está a morrer, vai morrer esta noite - consegui dizer e, depois, por ela, perguntei: - Tencionas vir?

- Não posso conduzir de noite, já devias saber - respondeu ele numa voz já entaramelada pelo álcool. Em segundo plano, ouvi sons de música e gargalhadas. Incrédula, olhei para o telefone e repeti que ela estava a morrer. Disse que ela o queria decerto ao seu lado, que ele podia muito bem apanhar um táxi porque ela não passaria dessa noite.

Num tom categórico que reconheci, ele retorquiu: - Pois, mas tu estás aí, não estás? Que é que eu posso fazer?

Atónita, tive vontade de gritar com ele. “Aparece, sacana egoísta, aparece. Despede-te dela, deixa-a morrer sabendo que a amavas, sabendo que o que sacrificou não foi em vão.”

Mas limitei-me a pousar o auscultador, as palavras por dizer, e voltei para junto dela.

- O papá vem aí - menti, abanando a cabeça à enfermeira para lhe transmitir a verdade, e peguei na mão da minha mãe.

De vez em quando, ela parava de respirar e todas as vezes eu sentia esse misto de dor e alívio que acomete quem está de vigília. A sua respiração parava por alguns segundos e depois recomeçava com um leve arquejo enquanto eu a acompanhava nessas horas finais.

Recordando o que a enfermeira me dissera, que a audição é o último sentido a morrer, falei dos primeiros tempos da nossa vida, de tudo o que me ocorreu e que sabia, se ela estivesse acordada, que lhe suscitaria um sorriso. Queria que as últimas palavras que ouvisse fossem sobre os bons momentos. Queria que fossem as suas recordações finais, recordações que pudesse levar consigo.

E, assim, essa última noite passou sem o meu pai, o homem que ela amara perdidamente durante meio século. Em seu lugar, fui eu, a filha que tantas vezes rejeitara, e uma enfermeira que, sentadas à sua cabeceira, sentiram a solidão da sua partida.

Nessa noite, amaldiçoei em silêncio o meu pai. Este era, pensei, o seu derradeiro pecado e rezei para que ela não recobrasse a consciência e não se apercebesse. Que morresse com o seu sonho intacto. O fim chegou ao amanhecer: a sua respiração tornou-se áspera por momentos e seguiu-se um sopro final. A vida abandonou o seu corpo com um suave gemido e eu, sempre a segurar-lhe na mão, compreendi que tinha acabado.

Senti o fantasma da Antoinette mexer-se dentro de mim e esperei que ela pudesse agora dormir em paz.

As minhas recordações abandonaram-me quando, semiadormecida, o meu cérebro registou onde me encontrava: ainda sentada na cadeira à cabeceira da minha mãe. Estava com fome; quase sentia o aroma pungente a levedura que uma piza acabada de sair do forno exala.

Surgiu-me diante dos olhos, tão vividamente que parecia uma alucinação, a imagem de uma, com um recheio de queijo derretido e salame picante, pousada sobre uma toalha de mesa de xadrez ao lado de uma garrafa de vinho tinto. Disse a mim mesma que eram horas de uma saudável sanduíche de atum e, saindo de ao pé da minha mãe, dirigi-me ao salão em busca de café.

Nesse momento, pela primeira vez em muito tempo, pensei objectivamente sobre a minha relação com os meus pais. Perguntei a mim mesma por que razão não tinha quebrado o contacto com eles anos antes. Era uma pergunta sem resposta; talvez, como disse ao padre, tivesse precisado da ilusão de que existia uma família normal. A minha vida teria sido diferente, a estrada que eu escolhera teria sido a mesma estrada se eu tivesse tido a coragem de virar as costas? O amor que sentia pela minha mãe era uma força ou uma fraqueza? A Antoinette ter-me-ia sempre perseguido? Pensei na analogia que tinha dado a uma psiquiatra, numa das minhas sessões de terapia, quando ela fizera perguntas semelhantes.

“Pode construir-se uma casa e torná-la bela. Pode-se dar-lhe o aspecto mais maravilhoso possível e mobilá-la com objectos encantadores. Pode-se transformá-la num símbolo de riqueza e sucesso, como eu fiz com o meu apartamento em Londres, ou pode-se fazer dela um lar e enchê-la de felicidade. Mas, se desde logo não se teve o cuidado de construí-la sobre fundações sólidas, ao longo dos anos as rachas começarão a aparecer. Se não houver tempestades que ameacem a sua estrutura, pode manter-se de pé para sempre, mas, sujeita a pressão, em condições atmosféricas adversas, ruirá porque não passa de uma casa mal construída.

“Tendo o cuidado de usar um verniz de boa qualidade, a sua má construção passará despercebida; cobrindo-a com uma pintura bonita, embelezando-a

com cortinas caras e de bom gosto, a sua falta de alicerces nunca será detectada, excepto por um avaliador”, disse eu, com um sorriso irónico, à minha psiquiatra, “ou por nós, se a casa for humana.”

Esse, pensei, era o meu segredo, um segredo que eu guardava zelosamente, mas era também a minha resposta. Como adulta, vivera a vida que tive de viver por uma questão de sobrevivência. Sempre conhecera as minhas limitações e tentara, ainda que nem sempre com sucesso, não as ultrapassar. Compreendendo-me a mim mesma, adormeci.

EPÍLOGO

Na Irlanda, nas pequenas vilas como Larne, respeitam-se as antigas tradições fúnebres.

Homens de fato escuro, fumos nos braços e gravatas pretas sobre camisas brancas caminham atrás do caixão: um cortejo exclusivamente masculino, demonstrando o seu respeito enquanto o corpo faz a sua derradeira viagem. Atrás deles, seguem os carros com o padre e as mulheres.

Estas vão até ao cemitério antes de voltar para trás, sendo a sua função a de preparar a comida para o regresso dos homens. Nenhuma mulher pega num punhado de terra para espalhar sobre o caixão, não há olhos femininos que o vejam ser descido para a sua última morada. As mulheres visitam a campa no dia seguinte, admiram as flores que lá foram depositadas e fazem as suas últimas despedidas.

Aconchegando o casaco ao corpo contra o vento cortante, pois era o fim de Outubro quando a minha mãe morreu, saí da agência funerária. A minha mãe tinha ali ficado em câmara-ardente durante a missa, o seu rosto reflectindo a paz que eu esperava que ela tivesse encontrado.

Passei os olhos pelas pessoas presentes, amigos que nos eram afeiçoados às duas, e depois pousei-os sobre o meu pai e os comparsas dele. Qual deles, pensei, estivera a beber com ele na última noite que eu passara no hospital? Esses homens que ali estavam para apoiar publicamente o choroso viúvo

sabiam que ela morrerá sem ele. Esses homens formavam o grupo que transportaria o caixão e o seguiria em sinal de respeito.

Ignorei o carro que estava à espera para me levar para o cemitério e passei-lhes à frente para confrontar o meu pai. Com a minha mãe morta, tendo levado consigo os últimos vestígios do fantasma da minha infância, só restávamos nós os dois. Já não sentia qualquer sombra do meu medo de infância quando o olhei de frente, ignorando o seu sorriso envergonhado. Limitei-me a dizer com calma: - Eles podem caminhar atrás de mim. - Com um gesto indiquei a comitiva dele.

Nesse momento, ele afastou-se para eu passar, pois sabia, sem que precisássemos de trocar mais palavras, que perdera finalmente o controlo sobre mim e que toda a minha compaixão morrerá no hospital. Esperei que levantassem o caixão, que o colocassem aos ombros e iniciassem a sua lenta marcha. Endireitei os ombros, como tantas vezes fizera em criança, e sem olhar para a esquerda ou para a direita, caminhei atrás do caixão da minha mãe com os homens atrás de mim.

Foi a minha mão, e não a do meu pai, que espalhou a terra sobre o caixão e, distanciada dele, a única mulher junto da campa dela, fiz as minhas últimas despedidas.

Em seguida, dei meia-volta e, sempre sozinha, afastei-me do túmulo em direcção ao carro que me esperava.

No dia seguinte, regressei a Inglaterra, de volta ao mundo que deixara, sabendo que havia finalmente enterrado a Antoinette, o fantasma da minha infância.

FIM